UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES

LAISE VIEIRA GONÇALVES RIBEIRO

UMA CARTOGRAFIA DE PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS

São João del Rei

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES

Laise Vieira Gonçalves Ribeiro

UMA CARTOGRAFIA DE PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal de São João del Rei, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Processos socioeducativos e Práticas Escolares

Linha de Pesquisa: Discursos e Produção de Saberes nas Práticas Educativas

Orientadora: Profa. Dra. Priscila Correia Fernandes

São João del Rei

2017

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gonçalves, Laise Vieira.
G635c UMA CARTOGRAFIA DE PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS / Laise Vieira Gonçalves ; orientadora Priscila Correia Fernandes. -- São João del-Rei, 2017.
185 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares) -- Universidade Federal de São João del-Rei, 2017.

1. Formação de professores. 2. Educação Ambiental. 3. Experiência. I. Fernandes, Priscila Correia, orient. II. Título.

Laise Vieira Gonçalves Ribeiro

"UMA CARTOGRAFIA DE PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS"

Banca examinadora:

Profa. Dra. Priscila Correia Fernandes – Orientadora

Universidade Federal de São João del-Rei – MG

Prof. Dr. Antonio Fernandes Nascimento Junior – Titular

Universidade Federal de Lavras – MG

Prof. Dr. Gabriel Menezes Viana – Titular

Universidade Federal de São João del-Rei – MG

SÃO JOÃO DEL-REI

maio 2017

Epígrafe

Metade *- Oswaldo Montenegro*

Que a força do medo que tenho
Não me impeça de ver o que anseio
Que a morte de tudo em que acredito
Não me tape os ouvidos e a boca
Porque metade de mim é o que eu grito
A outra metade é silêncio
Que a música que ouço ao longe
Seja linda ainda que tristeza
Que a mulher que amo seja pra sempre amada
Mesmo que distante
Pois metade de mim é partida
A outra metade é saudade
Que as palavras que falo
Não sejam ouvidas como prece nem repetidas com fervor
Apenas respeitadas como a única coisa
Que resta a um homem inundado de sentimentos
Pois metade de mim é o que ouço
A outra metade é o que calo
Que a minha vontade de ir embora
Se transforme na calma e na paz que mereço
Que a tensão que me corrói por dentro
Seja um dia recompensada
Porque metade de mim é o que penso
A outra metade um vulcão
Que o medo da solidão se afaste
E o convívio comigo mesmo se torne ao menos suportável
Que o espelho reflita meu rosto num doce sorriso
Que me lembro ter dado na infância
Pois metade de mim é a lembrança do que fui
A outra metade não sei
Que não seja preciso mais do que uma simples alegria
Pra me fazer aquietar o espírito
E que o seu silêncio me fale cada vez mais
Pois metade de mim é abrigo
A outra metade é cansaço
Que a arte me aponte uma resposta
Mesmo que ela mesma não saiba
E que ninguém a tente complicar
Pois é preciso simplicidade pra fazê-la florescer
Pois metade de mim é plateia
A outra metade é canção
Que a minha loucura seja perdoada
Pois metade de mim é amor ..... E a outra metade também!

A todos os professores que
se dedicam diariamente a esta profissão.
Minha eterna admiração!

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que guiou e iluminou meus passos e sem o qual não haveria de ter chegado á este momento;

A minha mãe Waldinea, irmãs Carol e Cris, sobrinho Pedro e cunhado Ju pela presença constante, por todo amor, confiança, ensinamentos e compreensão pela ausência; Ao meu esposo Michel, por estar ao meu lado, me incentivar e viver junto este sonho que se tornou nosso; Ao meu pai, que sempre torce por mim, sei o quanto está feliz com mais esta conquista;

A minha orientadora professora Priscila Correia Fernandes pela oportunidade, confiança, encontros potentes e ensinamentos compartilhados;

Ao professor e amigo Antonio Fernandes Nascimento Junior por incitar este sonho, pelos diálogos e cumplicidade;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Socioeducativos e Práticas Escolares/PPEDU que contribuíram para minha formação;

A Escola Municipal João Pio pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa e por possibilitar experienciar momentos jamais imaginados;

Aos integrantes da pesquisa Kalu, Isaías, Guilherme e Vinícius agradeço os aprendizados, experiências compartilhados e a disponibilidade em participar deste trabalho;

Aos amigos de longe e de perto que estão sempre na torcida pelo meu sucesso, me apoiando e incentivando;

Aos colegas de turma que estiveram comigo compartilhando momentos de aprendizados e descontrações importantes nesta caminhada, em especial a Rafa, Túlio e Geraldo;

Aos colegas do grupo de estudos GEFI pelas discussões, aprendizados e reflexões;

A Caroline Ruara, eterna aluna e amiga, pelo carinho e compreensão nesse período e à Tayline, Rose e Manuel por viverem comigo esse sonho e se fazerem tão presentes;

A UFSJ - Universidade Federal de São João del Rei pela acolhida e empenho de seus professores, técnicos administrativos e funcionários em geral bem como o auxílio financeiro indispensável para concretização deste trabalho.

Aos professores Giovana Scareli, Antonio Fernandes Nascimento Junior e Gabriel Menezes Viana, por terem aceitado prontamente o convite para integração da banca examinadora, tanto na qualificação quanto na defesa, e pelas relevantes contribuições.

Meu sincero Obrigado!

RESUMO

Uma das questões que passou a povoar meus pensamentos na graduação e se estendeu pelo mestrado foi: Como pensar a formação de professores na contemporaneidade? Como construir uma formação de professores-educadores ambientais de forma diferente, de forma mais inventiva? Com os atravessamentos e encontros nos horizontes do mestrado desejamos compreender de que modo as relações da educação ambiental perpassam a formação de professores. Assim, este trabalho busca cartografar os movimentos da formação docente nos encontros provocados pelo projeto de educação ambiental na Escola Municipal João Pio do município de Tiradentes–MG. Nossa cartografia é resultado das experiências que tivemos nesta escola no segundo semestre de 2015 durante o desenvolvimento uma horta na escola a partir de um projeto de extensão. Produzimos um estudo com a escola, observando o desenvolvimento do projeto, as práticas realizadas, os encontros possibilitados e as experiências construídas em Educação Ambiental, não para trazer respostas e explicações para as contradições inerentes à formação de professores, mas para suscitar reflexões sobre a formação do professor-educador-ambiental que promova encontros, que produza sentidos e que invente novos mundos e a si mesmo. Trata-se do desafio de pensar uma maneira de se formar professores que seja capaz de lidar com o múltiplo, com o complexo e com as diversidades. Neste sentido, acompanhamos os processos de formação de quatro estudantes da Universidade Federal de São del Rei os quais permitiram refletir que formar professores a partir do 'novo', do 'inesperado', da 'invenção' se faz necessário estar aberto aos encontros, aos atravessamentos, ás invenções e reinvenções do fazer pedagógico. Assim, este trabalho suscita importantes reflexões sobre experiências que perpassam a formação desses educadores ambientais.

Palavras-chave: Formação de Professores; Educação Ambiental; Experiência.

ABSTRACT

One of the questions that started to populate my thoughts in undergraduate and extended by the master's degree was: How to think about teacher training in the contemporary world? How to build a teacher-educators environmental education in a different, more inventive way? With the crossings and meetings in the master's horizons, we wish to understand how the relations of environmental education permeate the formation of teachers. Thus, this work seeks to map the teacher education movements in the encounters provoked by the environmental education project at the João Pio Municipal School in the city of Tiradentes-MG. Our cartography is the result of the experiences we had in this school in the second half of 2015 during the development of a school garden from an extension project. We carried out a study with the school, noting the development of the project, the practices carried out, the meetings made possible and the experiences built in Environmental Education, not to provide answers and explanations for the contradictions inherent in teacher training, but to stimulate reflections on training Of the educator-environmental educator who promotes encounters, who produces meanings and who invents new worlds and himself. It is the challenge of thinking of a way to train teachers that is capable of dealing with multiple, complex and diverse. In this sense, we followed the training processes of four students from the Federal University of São del Rei, which allowed us to reflect that to train teachers from the 'new', the 'unexpected', the 'invention' becomes necessary to be open to meetings, Inventions, and reinventions of pedagogical doing. Thus, this work raises important reflections on experiences that permeate the formation of these environmental educators.

Keywords: Teacher Training; Environmental Education; Experience.

SUMÁRIO

O percurso: minha trajetória, alguns conceitos e a pesquisa..... 11

O tornar-se pesquisador 21

Capítulo 1. A formação de professores educadores ambientais 23

1.1 O pensamento rizomático, a educação e a formação de professores 23

1.2 Conhecendo o território da formação de professores..... 26

1.3 Conhecendo o território da Educação Ambiental 32

1.4 Formação do professor educador ambiental 37

Capítulo 2. Aproximações com o território da pesquisa: Cartografando processos.... 41

2.1 Caminhando com a cartografia 42

2.2 O pesquisador cartógrafo 45

2.3 Produzindo os dados da pesquisa: As práticas construídas com a escola e os dispositivos lançados 48

Capítulo 3. Habitando o território e produzindo dados 51

3.1 A Escola João Pio e os caminhos de formação 51

3.1.1 A estrutura da escola e sua pedagogia 55

3.2 Cartografando processos de subjetivação na formação de professores educadores ambientais 57

3.2.1 Experienciar-se: Vivenciando a formação docente 58

3.3 Os compositores da pesquisa e seus processos de ação-(trans)formação 62

3.3.1 Os primeiros encontros com a educação 62

3.3.2 Prática pedagógica e produção de afetos 78

3.3.3 A prática pedagógica como invenção: O diferente na formação de professores.. 87

3.3.4 Atravessamentos na formação de professores: O caso de um aluno da escola e o caso da aranha 99

4. Alguns Apontamentos 106

5. Referências Bibliográficas 109

6. Apêndice 1 - Termo de consentimento livre e esclarecido 116

Apêndice 2 – Roteiro da Entrevista 117

Apêndice 3 - Texto produzido pelos estudantes 119

Apêndice 4 – Transcrição das Entrevistas 124

O percurso: minha trajetória, alguns conceitos e a pesquisa...

Meus encontros e aproximações com a docência se iniciaram na infância. Durante este tempo sempre tive gosto pela 'arte' de ensinar, sendo o 'brincar de escolinha' uma das minhas brincadeiras preferidas. Sempre admirei a profissão do professor e me dediquei muito aos estudos a fim de um dia realizar este desejo de ser professora, pois minha condição social era desfavorável, já que meus pais não tiveram condições de terminarem os estudos, indo somente até a antiga 4ª série. Além disso, os mesmos se separaram quando eu tinha 3 anos e minha irmã mais velha, Crislaine, 6 anos. E, mais ou menos 4 anos depois minha mãe engravidou de outro relacionamento e nasceu minha irmã mais nova, Carol, a qual necessitava de alguns cuidados especiais. Minha mãe precisou parar de trabalhar por um bom tempo e até hoje não conseguiu se inserir novamente no mercado de trabalho. Passamos algumas dificuldades financeiras e tive que começar a trabalhar aos 11 anos pajeando crianças durante meio período do dia. Ganhava pouco e, juntamente com a bolsa escola (projeto do Governo Federal), era possível juntar dinheiro para comprar o material escolar e ajudar um pouco minha mãe nas necessidades básicas. Mesmo que quiséssemos dificilmente teríamos condições de pagarmos uma faculdade. Desse modo, eu sabia que as oportunidades não eram para todos, e minha possibilidade seria estudar com bolsa em instituição de ensino privada ou em uma universidade federal.

Dentre as licenciaturas, aquela a qual sempre tive interesse foi as Ciências Biológicas. Este interesse se deu pelo gosto de estudar o corpo humano e, principalmente, o meio ambiente. Assim, consegui casar a docência com uma área que sempre despertou meu interesse.

No segundo semestre de 2008 ingressei no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas em uma universidade particular com bolsa por meio do Programa Universidade para Todos (ProUni). Sou natural de Três Pontas, sul de Minas Gerais, e o curso era em outra cidade, Campos Gerais, então precisei me mudar. No entanto, o curso ainda não era reconhecido pelo Ministério da Educação e no semestre seguinte estava correndo risco da turma se encerrar devido ao baixo número de alunos. Mesmo sem saber o destino do curso, decidi participar de mais um processo seletivo. E, em 2009, meu desejo em estudar numa universidade federal se realizou. Ingressei na turma

de 2009/2 no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Lavras, MG onde o curso, na modalidade Licenciatura, estava sendo ofertado pela primeira vez.

Durante minha graduação, sempre tive predileção pela área de Educação tendo desenvolvido, desde o início do curso, atividades relacionadas à área. E sabe aquele meu desejo que levou-me a fazer o curso de Ciências Biológicas? Estava a um fio de se efetivar, pois a docência e às questões ambientais estavam prestes a se encontrar na minha formação. Na ocasião, isto aconteceu durante uma palestra que assisti sobre atividades de Educação Ambiental desenvolvidas no Vale do Ribeira - SP ministrada na UFLA pelo professor Doutor Antonio Fernandes Nascimento Junior. Ele estava chegando à universidade como professor do nosso curso e a partir desta palestra me interessei em seguir esta linha de formação e investigação. Comecei a me inteirar cada vez mais dos assuntos referentes à educação ambiental e sua prática no ensino e na formação de professores.

No período de 2010 a 2013 participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) o qual contribuiu para minha inserção na pesquisa em educação e educação ambiental. O PIBID também contribuiu para que o gosto pela docência aumentasse uma vez que me aproximou de discussões e práticas pedagógicas fundamentais para minha formação como educadora. Meus planos era me formar, voltar para minha cidade natal e lecionar pelo resto da vida na educação básica. Mas, em 2012 meu trabalho com a pesquisa em educação se intensificou, pois, passei a ter contato com leituras, oficinas, minicursos, palestras, mesas redondas... etc. que contribuíram para uma formação educacional importante e foi quando comecei a almejar uma pós-graduação.

Também desenvolvi atividades de extensão no Museu de História Natural da universidade no período de 2011 a 2013, sempre realizando minicursos e oficinas voltados para formação de professores por meio do PIBID, sendo, a maioria deles, referente à educação ambiental. Foi neste período que meu encantamento com a educação ambiental se intensificou.

Ambas as atividades, pesquisa e extensão, propiciaram um contato com as teorias e abordagens relativas ao ensino de Ciências e Biologia e à metodologia de pesquisa em educação, mais especificamente à educação ambiental. Neste tempo, adquiri uma experiência relevante na docência e realizei diversos trabalhos dentro e fora da universidade. Participei de vários eventos na área de Educação, sendo, em sua maioria, voltados para o Ensino de Ciências e Educação Ambiental, o que confirmou ainda mais meu desejo em prosseguir os meus estudos nessa linha de investigação uma vez que eles levantavam questões, reflexões e discussões interessantíssimas sobre tais assuntos que me deixava muito motivada. Durante a participação nestes eventos, percebi o quanto a preocupação com a formação de professores e o discurso da educação ambiental permeia a formação do professor de Ciências/Biologia.

Em outubro de 2013, finalizei a graduação e logo já ingressei na docência. Comecei dando aulas de Química, uma área diferente da qual havia me formado, no entanto o aprendizado foi enriquecedor, e as dificuldades, ainda que existentes, iam sendo superadas. Vi que estar à frente de uma sala de aula exigia muito mais do que os estágios e o PIBID ofereciam. Mas se não fossem esses espaços, a experiência poderia ter sido frustrante. Essa experiência me ajudou na percepção sobre a ‘complexidade' das situações existentes na escola, de maneira especial em relação ao processo de formação de professores e as lacunas existentes entre a teoria e a prática de fato. Isto reforçou o meu desejo em desenvolver pesquisas que contribuam para compreensão dessas complexidades nas salas de aula e que possam auxiliar no processo de formação de professores, inclusive a minha.

Dessa forma, a fim de prosseguir na carreira acadêmica, em 2014 me mudei para Belo Horizonte e comecei a ter contato com a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). Optei por este caminho, pois por meio de estudos e experiências, percebi a necessidade em aprofundar meus conhecimentos sobre a epistemologia da ciência, pesquisa em educação e suas interfaces. Lá conheci o professor Doutor Francisco Ângelo Coutinho e comecei a participar do grupo de pesquisa sobre a Teoria Ator-Rede (ANT). Neste mesmo período, também participei de um Curso de Aperfeiçoamento promovido pela FaE/UFMG sobre Complexidades e Práticas Sociais o qual juntamente com as discussões e pesquisas desenvolvidas pelo

grupo sobre a ANT reforçaram minha vontade de pensar a formação de professores uma vez que sempre me deparava com questões de 'despreparo' 'falta de formação' 'falta de experiência' ditas diretas ou indiretamente em muitas de nossas discussões. No entanto, a educação ambiental ficou um pouco de lado neste período.

Já em Belo Horizonte, comecei a lecionar a disciplina de Ciências para turmas do 6º, 7º e 8º ano. Os alunos tinham bastante energia e eram bastante agitados. E o que mais me chamou atenção foram os discursos dos professores e suas práticas, não de todos, mas da maioria. Fiquei me questionando como poderia estar o dia-a-dia dos professores tão distante das discussões que ocorrem nas universidades e em eventos na área de educação/formação de professores/as. Questões urgentes e importantes relacionadas à formação que, a meu ver, eles nem davam conta que existia ou pelo menos a prática que eu observava e as discussões que eu presenciava não refletia tais questões. Isso me levou novamente a refletir sobre a formação de professores, intensificando minha vontade de seguir nesta área de investigação e reafirmando meu interesse em escrever meu projeto de pesquisa voltado para a formação docente. E assim foi.... Em 2014 me inscrevi no processo seletivo do mestrado em Educação da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) e como meu projeto inicial seguia a linha de investigação de formação de professores optei como escolha de orientação a professora Priscila Correia Fernandes. O resultado foi positivo e ingressei no mestrado em 2015. Aos poucos fui percebendo que nossas afinidades eram muitas, e compartilhávamos de interesses comuns: a educação ambiental, a formação de professores, a não disciplina, a transdisciplina, a busca pelo novo, pelo diferente, pela invenção.

Embora o projeto inicial submetido ao processo seletivo do mestrado não estivesse especificamente relacionado à educação ambiental, esta passou a permear meu caminho novamente. Passei a frequentar a Escola Municipal João Pio, no município de Tiradentes-MG. Lá, minha orientadora, a professora Doutora Priscila Correia Fernandes já desenvolvia oficinas de educação ambiental e, no segundo semestre de 2015 passamos a desenvolver um projeto de extensão com os alunos da escola, juntamente com mais 4 integrantes, sendo 2 deles licenciandos em Ciências Biológicas; 1 licenciando em Música e 1 do curso de Ciências Biológicas Bacharelado.

Minha visão de educação ambiental perpassava pela perspectiva da educação ambiental crítica. Neste período, o caminhar da professora Priscila perpassava por alguns atravessamentos os quais passaram a perpassar também o meu caminhar, e a perspectiva pós-crítica começou a constituir nossos pensamentos… nossas ações.... nossas pesquisas. Tive um pouco de receio e por vezes me perguntei se era isto mesmo que queria; Se teria que 'abandonar' minha 'identidade' primeira; Como seria esta transição; Que concepções deveria abandonar ou somar a este outro modo de ver e sentir o mundo, de pensar a educação, a educação ambiental. No entanto, no decorrer da jornada fui me abrindo ao novo e construindo outra visão, outra forma de ver o mundo. Confesso que não foi uma tarefa simples, e ainda hoje penso estar no meio do caminho. Neste momento meu encontro com um trecho do poema "Tempo de Travessia" de Fernando Pessoa foi perfeito:

> Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos" (Fernando Pessoa, 2011).

E comecei a pensar: Por que temos medo das mudanças? Preferimos nos acomodar em situações, profissões ou lugares que já não nos faz bem, ao invés de buscar novos caminhos, novas experiências, novos sentidos? E, mesmo com tantos questionamentos me lancei ao 'novo' e foi um encontro muito potente, um acontecimento muito feliz. Seguimos então nosso caminho... Encontros potentes, desencontros, acontecimentos, vontades, desejos, vibrações, afectos e perceptos.

Uma das questões que passou a povoar meus pensamentos na graduação e se estendeu pelo mestrado foi: Como pensar a formação de professores na contemporaneidade? (onde contemporaneidade diz respeito aos tempos recentes, dos últimos vinte anos, onde o fenômeno da globalização ou da mundialização é considerando a marca desta época). Como construir uma formação de professores-educadores-ambientais de forma diferente, de forma inventiva?

Segundo Kastrup (2005):

> A aprendizagem não é um processo de solução de problemas nem a aquisição de um saber, mas um processo de produção de

> subjetividade. Entendido a partir desta perspectiva, o problema da formação do professor surge ressignificado, envolvendo uma política cognitiva sintonizada com o entendimento da cognição como invenção de si e do mundo. (...) A noção de aprendizagem inventiva inclui então a invenção de problemas e revela-se também como invenção de mundo. Trata-se de dotar a aprendizagem da potência de invenção e de novidade.

Desse modo, é através da experiência que a política da inventividade e da novidade se faz importante para pensar a formação de professores, uma vez que a aprendizagem inventiva inclui a experiência de problematização, que se revela através de perturbações (breakdowns) e responde pelo momento da invenção de problemas, que constituem como uma rachadura, um abalo, uma bifurcação no fluxo recognitivo habitual (KASTRUP, 2004, p.8, KASTRUP, 2005, p.1276).

Sendo assim, com os atravessamentos e encontros nos horizontes do mestrado, desejamos compreender de que modo a experiência na educação ambiental constituiu a formação para docência desses alunos.

Assim, este trabalho cartografou os movimentos que a Educação Ambiental produziu nas práticas de formação inicial de quatro estudantes da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) com a Escola Municipal João Pio do município de Tiradentes–MG. Nossas observações se passaram quando o grupo desenvolveu no segundo semestre de 2015 uma horta na escola a partir de um projeto de extensão. Produzimos um estudo com a escola, observando o desenvolvimento do projeto, as práticas realizadas, os encontros possibilitados e as experiências construídas em Educação Ambiental, não para trazer respostas e explicações para as contradições inerentes à formação de professores, mas para suscitar uma reflexão sobre a formação do professor-educador-ambiental. Trata-se do desafio de pensar outra forma que seja capaz de lidar com o múltiplo, com o complexo e com as diversidades.

Não temos como objetivo fornecer ‘receitas’ de como se deve formar professores, nem muito menos desenvolver uma análise de ‘especialista’ sobre o assunto, mas sim fazer um convite à reflexão e ao debate, que possa romper com as amarras que ancoram nos portos seguros de certo pensamento sobre a formação de professores que, muitas vezes, não promove discussões sobre os afectos e encontros com, e também não promove espaços para que a experiência aconteça. Neste sentido, esta dissertação é uma

construção de como a formação de educadores ambientais se constrói nos encontros com... nas experiências com... os estudantes da UFSJ, com a Escola Municipal João Pio, com as obras de Gilles Deleuze e Félix Guattari, com as de Bernadete Gatti, com as de Sílvio Gallo, com as de Marluce Paraíso, com as de Virgínia Kastrup, com as de Marcos Reigota... entre outras. Um conjunto de intensidades. O nosso rizoma se conecta com este lugar e se abre para uma multiplicidade. Nossa proposta aposta no movimento que surge do encontro, da experiência com. Isso é uma forma completamente alternativa ao pensar a prática como aprendizagem de algo, como exercício. Nós queremos ver a prática como local do encontro e por isso constitutiva do movimento do tornar-se.

Como ressalta Machado (1990) o trabalho filosófico dos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari nascem de um sistema de colagem, ou melhor dizendo, de bricolagem de várias teorias filosóficas. Seus trabalhos também entram em articulação com a literatura, a pintura, a música e com o cinema. O objetivo principal é extrair de cada módulo o potencial de diferença, motor propulsor da filosofia de Deleuze e Guattari, ao invés de mero sincretismo (DINIS, 2008). Neste sentido, ao construirmos nossos caminhos, alguns conceitos fundamentais de Gilles Deleuze, Félix Guatarri e Virgínia Kastrup foram nossos aliados nesta pesquisa, por isso se faz importante destacá-los.

Dentre os conceitos que compõem com esta dissertação e que contribuem para pensarmos a formação de professores estão os conceitos de Rizoma, de Devir e de Invenção. Estes conceitos contribuíram para as reflexões teóricas e analíticas que têm composto esta dissertação e se fazem fundamental em nosso caminhar. Os conceitos de Rizoma e Devir foram desenvolvidos por Deleuze e Guattari e se encontram na coleção ‘Mil Platôs’ (1995), sendo o conceito de Rizoma bastante mencionado pelo autor Silvio Gallo em seu livro 'Deleuze e a Educação' (2013). O conceito de Devir e de Invenção seguirá o que a autora Virgínia Kastrup tem desenvolvido em seus trabalhos, mais especificamente o trabalho 'Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre' (KASTRUP, 2005). Também tomaremos como referência para pensar o 'Devir professor' o trabalho intitulado ' O espaço sempre inacabado do tornar-se professor: a construção do meio' dos autores (FERNANDES;VIANA;SCARELLI, 2016).

O conceito de rizoma nos ajuda a pensar, juntamente com o autor Silvio Gallo, uma proposta de formação de professores que aconteça de forma rizomática, de forma transversal. O rizoma conduz à multiplicidade. Desse modo, pensar a formação de professores na contemporaneidade requer que pensemos a construção do conhecimento a partir de uma nova metáfora, que melhor retrate o mundo hodierno e melhor represente o funcionamento de nossa mente com suas constantes e múltiplas conexões e então vençamos essa visão do conhecimento arbóreo, de decalque, de imitação e cópia. A perspectiva rizomática é proposta como novo paradigma de conhecimento. O rizoma aponta conexões diversas e difusas, com aproximações e cortes, trânsito livre de conhecimentos que se tecem, destecem, retecem, questionam fronteiras, diferente da árvore, hierarquizada.

O paradigma rizomático rompe, assim, com a hierarquização que é própria do paradigma arbóreo e, ao romper com essa hierarquia estanque, o rizoma pede, porém, uma nova forma de trânsito possível que podemos encontrá-la na transversalidade (GALO,1999). Assim, pensar a formação de professores numa perspectiva rizomática significa entender que os saberes do curso e suas práticas estão interligados e fluxos diversos possíveis são criados o tempo todo. Significa perceber a mobilidade, tecer os conhecimentos de forma coletiva e não hierárquica construindo possíveis trânsitos entre eles buscando as relações e interligações que se apresentam.

O conceito de devir nos ajuda a pensar a formação de professores como sendo um meio do caminho, sempre inacabado, sempre tornando-se, como uma continuidade processual, a formação de professores como espaço, muito mais que uma história ou um tempo, uma construção em multiplicidades. Esta perspectiva é alternativa à visão de formação como transformação aguda, expressa pela aquisição de um diploma que licencia a uma prática profissional (FERNANDES; VIANA; SCARELI, 2016).

Já o conceito de invenção é tomado por Kastrup (2001) como referência da filosofia de Bergson (1907/1948). Segundo ele a invenção caracteriza-se por dois aspectos: 1- A invenção é sempre invenção de novidade, sendo, por definição, imprevisível; 2- Para Bergson a invenção, em sentido forte, é sempre invenção de problemas e não apenas invenção de solução de problemas. São esses dois pontos – o caráter imprevisível do

processo de aprender e a invenção de problemas – que necessitam ser incluídos no estudo da aprendizagem inventiva (KASTRUP, 2001).

Ao falarmos em aprendizagem inventiva é interesse pensar a inventividade que perpassa o nosso cotidiano e que permeia o funcionamento cognitivo de todos nós, do homem comum, e não o interesse em entender a invenção como algo raro e excepcional, privilégio exclusivo de artistas ou mesmo de cientistas.

Neste sentido, a noção de aprendizagem inventiva inclui então a invenção de problemas e revela-se também como invenção de mundo. Trata-se de dotar a aprendizagem da potência de invenção e de novidade (KASTRUP, 2005). Este conceito contribui para pensarmos com esta pesquisa o novo, o diferente, o inventivo na formação de professores.

Sendo assim, estes estão foram os caminhos percorridos, e aqui estamos trazendo este nosso caminhar. A tessitura da pesquisa foi assim pensada: No tópico 'O tornar-se pesquisador' relado alguns momentos vivenciados por mim com a pesquisa, ressaltando alguns questionamentos e sentimentos que compõem este processo do tornar-se pesquisador. No Capítulo 1, apresentamos um recorte do campo da formação de professores e do campo da educação ambiental, finalizando o capítulo com um tópico referente ao conceito de rizoma e sua relação com a educação e a formação de professores. Já no Capítulo 2, abordamos os caminhos metodológicos percorridos na construção desta pesquisa apresentando a metodologia utilizada, o território habitado e os dispositivos lançados para construção dos dados. No Capítulo 3, apresentamos as práticas desenvolvidas com a escola, os habitantes do território, as experiências, os dados construídos durante a pesquisa e as reflexões analíticas sobre os mesmos.

Desejo-lhe uma excelente leitura ou, como diria o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz, uma boa viagem ao texto.

O tornar-se pesquisador

O meio pelo qual iniciei minha trajetória teórica com Deleuze foi através dos trabalhos do autor Silvio Gallo, mais especificadamente, o livro Deleuze e Educação (GALLO, 2013). Neste livro, o pensamento de Gilles Deleuze, apresentado por Gallo, traz a possibilidade de nos desalojar de falsas certezas podendo também potencializar o nosso pensamento e "(...) promover no leitor, educador, ou ao menos alguém preocupado com questões educacionais, essas conversações e guerrilhas consigo mesmo (...)" (GALLO, 2013, p.12). Neste sentido, o mestrado foi um período de guerrilhas travadas, e de ausência de certezas.

Ao escrever o texto da dissertação me deparei com alguns questionamentos...

Como dialogar com meu texto? Conseguirei eu escrever o que vivi, o que observei, o que produzi, com a intensidade e potência a qual elas foram experienciadas, experimentadas? Quais autores dialogam com nossas produções?

No caminho das leituras que compõem esta dissertação, algumas afirmações me chamaram a atenção. Uma dela foi durante a leitura do livro do autor Silvio Gallo, segundo ele "pensar a educação pode ser algo perigoso" (GALLO, 2013, p.17). Para Deleuze e Guattari, há "perigos próprios a cada linha" que nos compõe (DELEUZE-GUATTARI, 2004, p.80). Então, comecei a avaliar meus perigos. Em hipótese alguma queria usar a filosofia de Deleuze & Guattari para validar nada em meu trabalho. Muito menos cair naquela ideia da 'escola nova' ao pensar o 'novo', o 'diferente' na formação de professores. Queria que os conceitos vibrassem. Queria fazer movimentos com eles na discussão com a educação. Isso! Queria sim um texto vibrante, que pulsasse imanência.

Assim, fiz alterações. Fiz-refiz, Li-reli. Passei a escrever sobre o que me afetava e o que me faltava, a partir das observações feitas, das vivências e conversas com os estudantes, com a comunidade da escola. Mas escrita por muito tempo foi, e tem sido, um processo árduo. Fiquei por vezes paralisada, e ao mesmo tempo à procura de movimentos. Parecia estar engessada dos pés a cabeça, somente os olhos livres, como janelas para o mundo. Os movimentos custavam a vir. Realmente "O processo dói. Vir-

a-ser é uma lenta e lenta dor" como dizia Clarice Lispector (1998). Esta frase representa bem este momento dolorido da escrita o qual vivenciava.

Gostaria muito de escrever uma dissertação-rizomática, uma dissertação bailarina que dança e balança. Mas, minhas raízes tradicionais e objetivas por vezes me prendiam e por vezes me deixava cheia de incertezas. E o meu caminhar foi assim... intersecções de passado e presente visando um futuro. Uma Laise posterior ainda e sempre agarrada na anterior.

Imaginei que o texto seria esta mistura de mim. Momentos de pensamentos e escritas tradicionais, praticidade, enraizamento e momento de me desprender, experimentar, deixar fluir, delirar (estes momentos talvez menos que os outros, pois ainda tenho sérias dificuldades com devaneios, subjetividades... e a objetividade, por vezes, me consome). O encontro com o poema de Ferreira Gullar 'Traduzir-se', a epígrafe que compõe este trabalho comigo, representa muito deste meu caminhar. Só não sei dizer se eu a escolhi ou se ela quem me escolheu.

Em outro encontro, dessa vez com o texto de Boaventura de Souza Santos, o mesmo descrevia esta sensação que por vezes me encontrei:

> 'Vivemos num tempo atônito que ao debruçar-se sobre si próprio descobre que os seus pés são um cruzamento de sombras, sombras que vêm do passado que ora pensamos já não sermos, ora pensamos não termos ainda deixado de ser, sombras que vêm do futuro que ora pensamos já sermos, ora pensamos nunca virmos a ser' (SANTOS, 1998, p.1).

Sim... via muitas sombras na minha produção. Então como produzir uma Narrativa-tessitura? Seria possível inventar outro jeito de escrever, que escapasse ao modelo 'tradicional' de dissertação? Seria permitido outro formato de se fazer uma dissertação? Como analisar um processo tão.... meu? Tão nosso?

Com os acompanhamentos dos trabalhos do nosso grupo de pesquisas GEFI (Grupo de Estudos em Educação, Filosofia e Imagem) vi que possível seria sim, mas estaria eu 'preparada' para este outro modo de pensar, de criar, de transver o mundo e de escrevê-lo como tal? Será que eu enraizaria na escrita objetiva diminuindo a potência do meu trabalho? Este é mais um dos perigos que corro.

Para Deleuze e Guattari não há algo a decifrar, não há algo por trás das coisas e das pessoas. Somos, professores e alunos, e linhas. Linhas que se conectam, que se

cruzam, que se complementam, que seguem múltiplos caminhos: "(...) somos feitos de linhas. Não queremos apenas falar de linhas de escrita; estas se conjugam com outras linhas, linhas de vida, linhas de sorte ou de infortúnio, linhas que criam a variação da própria linha de escrita, linhas que estão entre as linhas escritas (...)"(DELEUZE-GUATTARI, 2004, p.66 apud Marques, 2007)

> Somos linhas e a todo momento nos deparamos com linhas de segmentação dura. Ser linha é experimentar direções, formas e intensidades. Há linhas que não se deixam aprisionar (as de fuga), mas há as que amarram e levam à segmentação dura (dos territórios). Persistir desejante como professora, desejante de fuga. Escapar ao rosto único de professora. Ficar sem rosto. Não se reduzir a (MARQUES, 2007).

Alguns de meus questionamentos já foram movimentados para outros questionamentos, que se mobilizarão para outros e com a filosofia da diferença serão sempre movimentados, sempre conectando-se, num eterno gerúndio sendo, tornando-se....

Capítulo 1 – A formação de professores educadores ambientais

Este capítulo busca trazer um recorte do campo da formação de professores e do campo da educação ambiental sendo dividido em quatro tópicos. No tópico 1.1 apresentamos algumas reflexões sobre o pensamento rizomático, a educação e a formação de professores trazendo questões importantes para compreensão e fundamentação deste trabalho que contribuirão para pensar outras possibilidades de educação e formação de professores. No tópico 1.2 discorremos sobre alguns aspectos relacionados à formação de professores no Brasil no qual será feito uma breve contextualização dos estudos sobre formação de professores. No tópico 1.3 apresentamos alguns aspectos sobre a educação ambiental, sua constituição e desafios. E, por fim, no tópico 1.4 buscamos trazer um recorte da formação do professor educador ambiental.

1.1 O pensamento rizomático, a educação e a formação de professores.

O ser humano construiu todo o arcabouço de conhecimento de que dispomos na atividade de interpretação da realidade. O saber, inicialmente circunscrito no campo da filosofia, cresceu e ramificou-se dando origem a novos campos e áreas do conhecimento. Essa especialização delimitou campos específicos por meio de uma disciplinarização constituindo disciplinas específicas e independentes (GALLO, 1996).

A metáfora tradicional dessa estrutura do conhecimento é arbórea, representa uma concepção mecânica do conhecimento e da realidade e reproduz a fragmentação cartesiana do saber, resultado das concepções científicas modernas. Uma grande árvore, cujas extensas raízes devem estar fincadas em solo firme (as premissas verdadeiras) representa o conhecimento que é tomado como um tronco sólido que se ramifica em galhos e mais galhos, estendendo-se assim pelos mais diversos aspectos da realidade (GALLO, 1999).

A própria Filosofia seria o tronco da ‘árvore do saber’ que, em sua origem, reunia a totalidade do conhecimento. Seus galhos se desenvolvem e formam as mais diversas especializações que mesmo tendo estreitas ligações com o tronco apontam para as mais diversas direções, não guardando entre si outras ligações que não sejam o tronco comum, ou seja, as ciências relacionam-se todas com seu tronco comum, embora não consigam, no contexto deste paradigma, relacionarem-se entre si. O paradigma arborescente implica numa hierarquização do saber, como forma de mediatizar e regular o fluxo de informações pelos caminhos internos da árvore do conhecimento.

Assim, a perspectiva rizomática é proposta como novo paradigma de conhecimento. O rizoma aponta conexões diversas e difusas, com aproximações e cortes, trânsito livre de conhecimentos que se tecem, destecem, retecem, questionam fronteiras, diferente da árvore, hierarquizada. O rizoma conduz à multiplicidade.

Gallo (2002, p. 29), com base em Deleuze e Guattari, informa:

> A metáfora do rizoma subverte a ordem da metáfora arbórea, tomando como paradigma imagético aquele tipo de caule radiciforme de alguns vegetais, formado por uma miríade de pequenas raízes emaranhadas em meio a pequenos bulbos armazenatícios, colocando em questão a relação intrínseca entre as várias áreas do saber, representadas cada uma delas pelas inúmeras linhas fibrosas de um rizoma, que se entrelaçam e se engalfinham formando um conjunto complexo no qual os elementos remetem necessariamente uns aos outros e mesmo para fora do próprio conjunto.

O rizoma, segundo Deleuze e Guattari (1995, p.4) se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo, não começa nem conclui. O rizoma é aliança, tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Já a árvore é filiação, ela impõe o verbo "ser". No rizoma há um movimento transversal, uma direção perpendicular entre as coisas, um riacho sem início e sem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio ao invés de uma correlação localizável que vai de uma coisa a outra.

Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos, são rizomas e qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo e é muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. Ele pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e

também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. ‘Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar’. A linha de fuga faz parte do rizoma, mas o rizoma se rompe cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga. Estas linhas se remetem uma às outras não contando com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 17).

Segundo os autores, o paradigma rizomático é regido por seis princípios básicos:

a. Princípio de conexão: qualquer ponto de um rizoma pode ser/estar conectado a qualquer outro;

b. Princípio de heterogeneidade: dado que qualquer conexão é possível, o rizoma rege-se pela heterogeneidade;

c. Princípio de multiplicidade: o rizoma é sempre multiplicidade que não pode ser reduzida à unidade, que não possui uma unidade que sirva de pivô para uma objetivação/subjetivação: o rizoma não é sujeito nem objeto, mas múltiplo.

d. Princípio de ruptura a-significante: o rizoma não pressupõe qualquer processo de significação, de hierarquização. Está sempre sujeito às linhas de fuga que apontam para novas e insuspeitas direções. O rizoma é sempre um rascunho, um devir, uma cartografia a ser traçada sempre e novamente, a cada instante.

e. Princípio de cartografia: o rizoma pode ser mapeado, cartografado e tal cartografia nos mostra que ele possui entradas múltiplas; isto é, o rizoma pode ser acessado de infinitos pontos, podendo daí remeter a quaisquer outros em seu território.

f. Princípio de decalcomania: os mapas podem, no entanto, ser copiados, reproduzidos; colocar uma cópia sobre o mapa nem sempre garante, porém, uma sobreposição perfeita (DELEUZE;GATTARI, 1995).

O paradigma rizomático rompe, assim, com a hierarquização que é própria do paradigma arbóreo. No rizoma são múltiplas as linhas de fuga e, portanto múltiplas as

possibilidades de conexões, aproximações, cortes, percepções etc. Ao romper com essa hierarquia estanque, o rizoma pede, porém, uma nova forma de trânsito possível que podemos encontrá-la na transversalidade (GALO,1999). Neste sentido, retomo que pensar a formação de professores numa perspectiva rizomática significa entender que os saberes do curso e suas práticas estão interligados e fluxos diversos possíveis são criados o tempo todo. Significa perceber a mobilidade, tecer os conhecimentos de forma coletiva e não hierárquica construindo possíveis trânsitos entre eles buscando as relações e interligações que se apresentam.

Segundo Gallo, (1999) isso significaria, no contexto rizomático, o desaparecimento da formação tradicional a qual conhecemos, rompendo com todas as hierarquizações e disciplinarizações e que possibilitaria a realização de um processo educacional, e no caso mais específico desta pesquisa a formação de professores, muito mais condizente com as exigências da contemporaneidade. Ao romper com essa hierarquia estanque, o rizoma pede, porém, uma nova forma de trânsito possível por entre seus inúmeros "devires"; podemos encontrá-la na transversalidade (GALLO,1999).

Assim, a perspectiva de formação de professores que comporemos neste trabalho vai ao encontro da perspectiva do tornar-se professor (devir-professor) como uma continuidade processual, a formação de professores como espaço, muito mais que uma história ou um tempo, uma construção em multiplicidades (FERNANDES; VIANA; SCARELI, 2016). Segundo os autores, esta perspectiva é alternativa à visão de formação como transformação aguda, expressa pela aquisição de um diploma que licencia a uma prática profissional somente.

1.2 Conhecendo o território da formação de professores

Ao longo dos tempos, a preocupação com a formação de professores tem estado presente em todos os esforços de renovação pedagógica (CANDAU, 1996). Comenius, no século XVII, já preconizava a necessidade de formação docente. Mas, a questão da formação de professores exigiu uma resposta institucional apenas no século XIX, após a Revolução Francesa, quando foi colocado o problema da instrução popular derivando o processo de criação de Escolas Normais como instituições encarregadas de preparar

professores. A questão do preparo de professores surge no Brasil, de forma explícita após a independência, quando se cogita da organização da instrução popular. O processo de formação de professores acompanhou os momentos históricos vividos no país, além de influências externas passando por mudanças importantes (SAVIANI, 2009).

As questões relacionadas à formação de professores mostram, ao longo dos anos, a necessidade da continuidade de investigações na área, bem como da busca de políticas educacionais e de práticas consistentes para amenizar os problemas atuais vinculados ao próprio movimento humano. A literatura bastante plural sobre formação de professores parece apontar uma tendência de enfoque ora na teoria ora na prática, bem como no aproveitamento de experiências profissionais na área como quesitos essenciais para a docência. Alguns autores (PERRENOUD, 2001; ARROYO, 2000; REALI e MIZUKAMI, 1996) apontam para uma formação de professores que privilegie uma abordagem voltada à função social da escola e de seus agentes educativos.

É recorrente, nos discursos que têm sido produzidos e circulam nos variados contextos produtores das políticas de currículo, aquele que enfatiza que, para promover uma melhoria na educação, há a necessidade de formar mais e melhor os professores, sendo, com frequência, a qualidade da aprendizagem dos estudantes associada ao desempenho dos professores e, consequentemente, à sua formação. Desse modo, a elaboração de várias políticas públicas, que enfocam a formação inicial e continuada desses profissionais, têm sido desenvolvidas em diversos países e acaba por constituir um discurso de reforma que tem como centro a responsabilização do professor e das instituições de ensino superior pela situação atual da educação (VIANA et al, 2015).

As noções de experiência da filosofia de John Dewey (1916, 1973, 1971, 1953, 1952) que deram suporte à formulação as noções de profissional reflexivo de Schön (2000) e de saberes docente de Tardif (2007) têm, atualmente, servido de base às teorias sobre formação de professores. De forma significativa, essas teorias vêm impregnando a literatura sobre formação de professores no Brasil havendo resquícios da mesma em várias pesquisas sobre a formação docente em todas as áreas de ensino (OLIVEIRA, 2010).

No campo da educação em Ciências e Biologia, essa realidade não é distinta. Em relação às investigações sobre a formação (inicial e continuada) e a prática de professores de Ciências e de Biologia, Santos (2016) argumenta que tais investigações têm sido o foco de diversos trabalhos encontrados na literatura da área da Educação em Ciências. Dentre eles: Carvalho e Gíl-Pérez (2007); Campos e Diniz (2001); Brasil (2002); Freitas e Villani (2002); Selles (2002); Rosa e Schnetzler (2003); Diniz e Campos (2004); Brasil (2006); Santos et al. (2006); Bastos (2008); Duarte et al. (2009); Maldaner, Zanon e Auth (2011); El-Hani e Greca (2011); El-Hani et al. (2011); Fernandez (2011); Figueirêdo e Justi (2011); Bonzanini e Bastos (2013); Azevedo e Abib (2013); Carmo (2013); Urzetta e Cunha (2013); Fernandes, Munford e Ferreira (2014) e Viana (2014).

No Brasil, as alterações propostas para a Educação Básica trazem grandes desafios à formação de professores, questionando e redefinindo o 'papel do professor' de diversas maneiras (BRASIL, 2000, p.15). De acordo com os PCN o compromisso da educação com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental. Dessa forma, é fundamental que a formação de professores vá além de uma formação técnica e tradicional (BRASIL, 1997, p. 12).

Em consonância com Valadares; Borges, (2012) 'nos cursos de Pedagogia, ou melhor, na formação de professores, necessitamos de formadores que tenham formação e experiência apropriadas, isso é, algo que atravessará o aprendente e os modificará'. No entanto, a tendência do paradigma moderno em não considerar de modo suficiente as novas visões de mundo resulta, portanto, que 'façamos julgamentos e possamos agir de acordo com experiências muito diluídas' (VALADARES; BORGES, 2012).

Para estas autoras, 'a docência parece se encontrar num processo de transição, em que o modelo tradicional de professor, apesar de considerado ultrapassado, ainda persiste no vocabulário docente, convivendo lado a lado com as novas concepções e propostas'. Há uma resistência ao pensamento de que o aluno deve pesquisar, refletir, se apropriar da construção do conhecimento. A necessidade de transgredir o paradigma velho é evidente, mas há professores que não conseguem fazer diferente e se limitam à

reprodução do saber. E isso não é um problema restrito aos cursos de pedagogia, mas de todos aqueles cujo objetivo é formar professores (VALADARES; BORGES, 2012).

Neste sentido, a autora Bernadete Gatti ressalta que as Diretrizes Curriculares Nacionais existentes sobre formação de professores além de fragmentadas entre si, são frágeis ou são ambíguas, ou complexas em excesso, gerando impasses em sua concretização nas estruturas curriculares de licenciaturas (GATTI, 2015, p. 212). Ainda segundo Gatti há Instituições de Ensino Superior (IES) que se pautam na tradição reificada de que licenciatura é apenas complemento de um bacharelado e não um curso de graduação plena com perfil próprio, conforme dispõe a Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996). E, de outro lado, há IES que assumem a oferta com reducionismos curriculares visíveis numa perspectiva de gestão "rentista" (MONFREDINI, 2013).

Segundo Gatti,

> Conceber licenciatura como curso de graduação pleno, com características particulares, específicas, em um ambiente coletivo em que formar professor é "menor", um ambiente em que dificuldades epistemológicas se põem para escolher o que é necessário um professor saber para iniciar seu trabalho na educação básica, saberes disciplinares, saberes pedagógicos, saberes culturais, acabou por gerar arranjos que evidenciam a valorização apenas da formação disciplinar de modo indiscriminado (GATTI, 2015 p. 212-213).

Constata-se a manutenção de uma tradição formativa que teve origem no século passado, onde o conhecimento disciplinar é tomado como suficiente para a atividade docente como um *habitus* que sustenta a estruturação das licenciaturas em um modo semelhante às primeiras experiências, mesmo que com modificações aqui e ali, ou seja, um clima cultural do passado que atua fortemente no presente (BOURDIEU, 1994; BRUBAKER, 1990; CALDERANO, 2013 apud GATTI, 2014).

Sendo assim, a realização de algo "novo" em culturas cristalizadas de fato, exige ações ousadas que criem rupturas no *status quo*. Também processos de mudança são construções, em geral, em longa temporalidade (GATTI, 2014).

Um panorama realizado por Oliveira (2010) detecta que, no campo da formação de professores, poucos são os trabalhos atrelados à experiência, que buscam explicitar e criticar modelos estabelecidos no qual a noção de experiência e de aprendizagem foram

subjugadas. A autora ressalta ainda que, no entanto, dentro da temática específica da formação de professores de matemática, destaca-se os trabalhos de Clareto;Sá (2006 apud Oliveira, 2010) e Rodrigues (2008 apud Oliveira, 2010) que, numa perspectiva deleuziana, buscam desenvolver trabalhos que minem os territórios já cristalizados de formação docente.

Ainda sim, de um modo geral, percebe-se que poucas estratégias de resistência se têm inventado com o objetivo de promover rupturas em modelos já fixados na formação de professores apesar de se ter algumas iniciativas que busquem pensar a formação docente e as experiências dos professores como possibilidades de ruptura com os modos estabelecidos e padronizados de ensino (OLIVEIRA, 2010).

Diante disso, ao pensar a formação de professores podemos trazer para nossa reflexão um questionamento interessante que autor Silvio Gallo, nos faz provocar: 'Quando pensamos em formação, impõe-se uma pergunta: formar a quem? No registro moderno a resposta era razoavelmente simples: formar o *ser humano*, formar *o sujeito*'(GALLO, 2015, p.193, grifos do autor). Segundo Gallo 'não se nasce plenamente humano ficando a cargo da educação dar forma a essa humanidade de cada um. Desse modo, a formação é central na constituição do humano' (GALLO, 2015, p.194).

Segundo Rousseau, (1995, p.8 apud Gallo, 2015, p.194):

> Nascemos fraco, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação (Rousseau, 1995, p.8).

Neste sentido, Silvio Gallo aponta a educação como um "necessário processo de deformação, para que se possa adequar a uma dada situação. Algo pode ser ganho neste processo, mas perde-se a si mesmo para que o ganho seja possível"(GALLO, 2015 p.197). O autor ainda questiona: 'Ora, não foi exatamente um processo dessa natureza - deformação – aque assistimos no contexto da modernidade (e quem sabe também em outros momentos históricos)?'Assim, 'trata-se de investir então em um novo registro,

pensando a formação como subjetivação, mas subjetivações singulares" (GALLO, 2015 p.197).

Segundo Deleuze (2003, apud Gallo 2015, p.199), o sujeito era a entidade capaz de articular universalidade e particularidade. Pensando numa 'formação de si mesmo' o investimento é feito na multiplicidade de singularidades, alheio a qualquer projeto de educação comum a todos. Estaremos assim, além da perspectiva de formação moderna, que buscava a constituição de um sujeito universal. De acordo com Gallo:

> Uma formação pensada neste registro é de natureza singular, processo pelo qual só pode passar cada um, a partir das relações que lhe constituem como si mesmo. Será possível pensar a educação e a formação nessa chave? Esta parece ser a questão central de uma filosofia da educação que pense os problemas contemporâneos (GALLO, 2015, p.199).

A escola constituída na modernidade como instituição disciplinar se configura como um espaço em que se travam relações de poder. "Mas será possível *escapar* à escola? Fará sentido? E mais: será possível resistir à escola? Ou, em outras palavras, criar uma escola outra na escola mesma?" (GALLO, 2015, p.200). Para Gallo:

> Ora, pensar a escola como lugar de subjetivações singulares implicaria, então, em criar uma escola outra (com seu espaço tempo peculiar) na escola mesma, com seu espaço-tempo administrado e disciplinador. No seio mesmo das relações impostas pela instituição escolar, produzir diferenças, singularidades, fazendo valer esse múltiplo em que habitamos [...] Tempos do acontecimento em sua singularidade atravessando os tempos cronometrados e administrados pelo espaço escolar; isso já é o suficiente para produzir espaços *outros* no mesmo espaço, escolas *outras* na mesma escola (GALLO, 2015,p. 202-203, grifos do autor)

O autor ainda ressalta que:

> Ações deste tipo produzidas no cotidiano de nossas escolas são atos de resistência ao dispositivo pedagógico que nos conforta. Em sua aparente simplicidade e singeleza, estão cheias de potência para produzir uma escola outra, que, se não nos retiram daquele dispositivo nem o neutralizam, operam como linhas de fugas, produção de devires e de outros possíveis (GALLO, 2015, p. 203).

Neste sentido, ‘repensar a formação; repensar a escola; são exercícios urgentes para os quais somos convocados’(GALLO, 2015, p.204). Não há respostas prontas para os problemas que enfrentamos hoje no campo da educação. Somente trabalhando muito o pensamento e as ações será possível criar caminhos de construção de um futuro que valha a pena ser vivido (GALLO, 2015, p.204).

Desse modo, pensar a educação neste sentido é um convite também a pensar a formação dos professores, pensar a formação de professores educadores ambientais. Mas, em que medida a filosofia da diferença pode proporcionar outros modos de se pensar, sentir e fazer uma formação de professores?

Ou ainda, 'em que medida a filosofia de Gilles Deleuze, que cada vez mais demonstra sua potência de contágio e de fecundação de campos diversos, pode contribuir para o tratamento desses problemas no campo da educação?' (KASTRUP, 2015, p.1274).

1.3 Conhecendo o território da Educação Ambiental

Comecemos este tópico incitando a seguinte pergunta: O que o adjetivo ambiental acrescenta no pensamento educacional e, consequentemente, na formação de professores?

Desde os primórdios da história humana o desenvolvimento social sempre produziu impactos diversos e de variável intensidade sobre o mundo natural. Contudo, nunca o fez de uma maneira tão profunda e abrangente que tornasse plausível cogitar sobre a sobrevivência da espécie humana. Essa possibilidade veio a concretizar-se na segunda metade do século XX, quando a humanidade tornou-se ciente do potencial de destrutividade que acumulara (LIMA, 2005). Assim, a questão ambiental, entre outros problemas contemporâneos de alta complexidade, desafia o paradigma científico moderno e expõe sua limitação epistemológica e política, ao demonstrar que não é possível capturar o real a partir de concepções fragmentárias e instrumentais.

A Educação Ambiental (EA) é considerada um campo de produção de conhecimentos e práticas sociais concretas, composta pelo campo ambiental e campo educacional (LIMA, 2005; CARVALHO, 2002; NIETO-CARAVEO, 2001). O adjetivo

ambiental acrescentado à educação vem diferenciá-la da educação moderna, inserindo como eixo de preocupação elementos da relação sociedade/natureza, antes esquecidos nos currículos, nos dizeres de Grün (2007), silenciados. E, mesmo por ser ambiental, ela não deixa de ser considerada educação, mas sim defende outros fundamentos epistemológicos, outros objetivos, outro currículo, outros valores, outra ética, estando voltada para contribuir na formação de uma sociedade sustentável.

Ao longo da história, a EA esteve associada a diferentes valores e interesses, gerando um quadro bastante complexo de educações ambientais com orientações metodológicas e políticas bastante variadas. De acordo com Grün (2007), a necessidade do predicado ambiental na educação surge devido à negação do ambiente durante todo o período da educação moderna. Assim, a utilização do predicado ambiental na educação tem um caráter histórico e a educação ambiental é uma resposta da educação a uma crise da cultura ocidental cartesiana que, durante a modernidade, "esqueceu" o nosso vínculo indissociável com o ambiente, negando, assim, a própria história da humanidade.

No entanto, Pádua e Sá argumentam que os adjetivos adicionados à educação seriam desnecessários se a mesma fosse abrangente e integradora, estando assim às questões ambientais inseridas em todas as situações educativas (PÁDUA e SÁ, 2002, p.4).

No Brasil, em 1991 a Portaria 678/91 do MEC, determinou que a educação escolar deveria contemplar a Educação Ambiental permeando todo o currículo dos diferentes níveis e modalidades de ensino. Foi enfatizada a necessidade de investir na capacitação de professores. Portaria 2421 /91 do MEC: institui em caráter permanente um Grupo de Trabalho de EA para definir com as Secretarias Estaduais de Educação, as metas e estratégias para a implantação da EA no país e elaborar proposta de atuação do MEC na área da educação formal e não formal para a Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Ainda em 1991 acontece no Brasil o Encontro Nacional de Políticas e Metodologias para a Educação Ambiental, promovido pelo MEC e SEMA com apoio da UNESCO/ Embaixada do Canadá em Brasília, com a finalidade de discutir diretrizes

para definição da Política da EA. No Brasil e em alguns países da América Latina, no México, por exemplo, há uma maior aproximação com o campo ambiental, devido a forte influência dos movimentos ambientalistas. A noção da EA constituída pelo campo ambiental e campo educacional vem da ideia de campo social de Bourdieu (1989).

> [...] campo ambiental, se constitui, (...) na disputa pelo poder simbólico de nomear e atribuir sentido ao que seria a conduta humana desejável e um meio ambiente ideal. Em torno desta problemática fundamental, o campo ambiental vai produzir visões de mundo, um circuito de produção de conhecimento, um espaço de comunicação, e uma arena de ação político e educativa. (CARVALHO, 2002, p.89).

Ainda segundo Carvalho,

> [...] Evidentemente que a EA, ao constituir-se enquanto prática educativa adentra o campo da educação e é da confluência entre o campo ambiental e algumas tradições educativas que vão surgir orientações específicas dentro da EA (CARVALHO, 2002, p. 5).

Segundo Layrargues (2004) a Educação Ambiental brasileira, até mesmo quando desenvolvida em espaços educativos similares, não é constituída pelo consenso. Ao olharmos para a história de sua estruturação isso fica evidente, sendo expressa atualmente na literatura uma crescente tipologia de variadas correntes, tendências e identidades, e como completa Reigota (2006) diferentes enfoques políticos em torno dela, diferentes interesses e concepções sobre sociedade, meio ambiente, natureza, educação, em posições políticas e filosóficas estas correntes possuem, portanto, se expressam na prática de diferentes formas.

Assim, uma diversidade de atores, grupos e instituições sociais compõem o campo da Educação Ambiental. Estes compartilham, enquanto membros do campo, um núcleo de valores, de normas e características comuns, mas também se diferenciam entre si por outras concepções que se fundamentam em interesses e posições políticas diversas que oscilam entre tendências à conservação ou à transformação das relações sociais e das relações que a sociedade mantém com o seu ambiente (LIMA, 2005, p.16).

No Brasil, em consonância com diversos autores como Loureiro, Tamoio, Lima, Reigota e Carvalho, a Educação Ambiental, devido às particularidades históricas da

nossa sociedade, assume características próprias (SOUZA; SALVI, 2012). Um distanciamento e uma posterior aproximação entre os movimentos sociais e os movimentos ambientais são, inicialmente, contribuições destas características. Os debates de ambos, ainda na década de 1980 se apresentavam dissociados, uma vez que se compreendia que as questões ambientais eram burguesas e o que importava era a resolução dos problemas sociais que afetavam o povo brasileiro. A percepção de que as questões ambientais não eram antagônicas às questões sociais veio posteriormente, constituindo-se o que alguns preferem chamar de problemática socioambiental.

A intersecção entre os campos ambiental e educativo dão origem a diversas ênfases teórico-metodológicas. Parece ocorrer mais como um movimento da sociedade para a Educação, no qual repercutem no campo educativo os efeitos conquistados pela legitimidade da temática ambiental na sociedade. Há uma incorporação pela Educação, da preocupação ambiental em seu universo propriamente educacional, transformando-a em objetos da teoria e prática educativa (CARVALHO, 2002).

Assim, de acordo com Nieto-Caraveo (2001) o campo se caracteriza como:

1) girando em torno do educativo e do ambiental, na forma que não é possível subtrair dos debates pertencentes a ambos os campos disciplinares;

2) requer aportes de outras disciplinas e formas de conhecimento, no grau de que há um grande acordo de se apelar à sua natureza interdisciplinar;

3) tem construído sua própria especificidade e importância no campo de produção de conhecimento e de práticas sociais concretas (NIETO-CARAVEO, 2001).

Mesmo havendo uma diversidade de experiências e reflexões, de maneira geral, suas modalidades de trabalho, enfoques conceituais e compromissos políticos possuem dois pontos em comum: O primeiro é a expectativa de que a Educação pode colaborar para a transformação da sociedade e da cultura. O segundo é a convicção em supor que as problemáticas ambientais podem ser solucionadas e até mesmo prevenidas (NIETO-CARAVEO, 2001).

Ainda segundo Nieto-Caraveo (2001) os educadores ambientais, em seu conjunto, têm como desafio realizar uma articulação entre três aspectos durante o planejamento e ações educativas:

a) a grandiosidade de certas problemáticas ambientais – gerais ou particulares – incluindo suas causas e consequências;

b) o poder que tem ou podem ter os destinatários ou participantes para modificar tais problemáticas;

c) o tipo de aprendizagens e ferramentas que a EA pode oferecer, incluindo o problema dos conteúdos, os meios pedagógicos e as técnicas.

Já a autora Tozoni-Reis (2007) sistematiza várias abordagens na compreensão da educação ambiental, classificando-as e denominando-as em diferentes categorias que resultam em diferentes práticas educativas ambientais:

> Promotora das mudanças de comportamentos ambientalmente inadequados – de fundo disciplinatório e moralista; Para a sensibilização ambiental – de fundo ingênuo e imobilista; Centrada na ação para a diminuição dos efeitos predatórios das relações dos sujeitos com a natureza – de caráter ativista e imediatista; Centrada na transmissão de conhecimentos técnico-científicos sobre os processos ambientais que teriam como consequência uma relação mais adequada com o ambiente – de caráter racionalista e instrumental; Como um processo político de apropriação crítica e reflexiva de conhecimentos, atitudes, valores e comportamentos que tem como objetivo a construção de uma sociedade sustentável do ponto de vista ambiental e social - a educação ambiental transformadora e emancipatória (TOZONI-REIS, 2007, p. 179).

Neste sentido, Loureiro (2004, p.43) argumenta que tratamos da educação ambiental definida no Brasil a partir de uma matriz teórica que vê a educação como elemento de transformação social inspirada no diálogo, no exercício da cidadania, no fortalecimento dos sujeitos, na superação das formas de dominação capitalista e na compreensão do mundo em sua complexidade e da vida em sua totalidade.

Já para Morin, citado por Oliveira et. al. (2006, p.163):

> A EA deverá possibilitar o desenvolvimento afetivo e humano e a passagem da ética antropocêntrica para a ética biocêntrica para o exercício pleno da solidariedade, da cidadania, incorporando na mente e no coração

> humanos as suas identidades cósmica, terrena, biológica e cultural (OLIVEIRA, et al. 2006).

Segundo Guattari (1990) numa educação para sociedades sustentáveis, o cuidar é referência fundamental porque orienta o trabalho em relação às três ecologias (pessoal, social e ambiental) e nos ajuda a avaliar: I) a qualidade dos espaços/atividades relacionada ao eu (ecologia pessoal); II) a qualidade das interações coletivas, relacionada ao nós (ecologia social); III) e a qualidade das relações com a natureza (ecologia ambiental).

Em consonância com Léa Tiriba:

> Na perspectiva da produção de novas relações dos seres humanos entre si e com a natureza, a educação tem um sentido amplo,extrapola o compromisso com a transmissão de conhecimentos via razão e busca abranger outras dimensões, como a intuição, a emoção. Comprometida com um desejo e uma necessidade de reestruturação da civilização, ela desconfia do poder explicativo do racionalismo científico e valoriza os processos criativos, contribuindo para qualificar a vida nos planos das três ecologias (TIRIBA, 2005).

Assim, podemos perceber que o campo da educação ambiental é diverso e acompanha a evolução dos vários campos do conhecimento humano. Podemos afirmar que a Educação Ambiental é uma concepção mais ampla de educação já que rompe os limites entre as ciências sociais e as da natureza (VASCONCELLOS, 2002).

Ainda em consonância com a autora, a educação ambiental:

> É uma educação, para o reconhecimento de todos os seres da Terra como sujeitos com valor em si, que integra o ser humano na sua dimensão cósmica, rompendo, desta forma, com a dicotomia do sujeito (eu) e do objeto (o que não sou eu) e com o antropocentrismo (o ser humano X a natureza). É educação política com dimensão ecológica (Guattari, 1991). Busca, através da crítica dialética, a conciliação entre os interesses individuais e coletivos (Adorno, 2000), dentro de uma visão complexa do universo (Morin, 1999) (VASCONCELOS, 2002).

1.4 Formação do professor educador ambiental

A educação ambiental, ao longo de sua trajetória, foi constituindo uma narrativa que lhe é própria. Algumas palavras como: natureza, participação, solidariedade,

cooperação, autonomia, interdisciplinaridade e, mais recentemente, sustentabilidade, transdisciplinaridade e transversalidade possuem sentidos conceituais polissêmicos e fundamentam a Educação Ambiental (TRISTÃO, 2005, p.251).

A Educação Ambiental vem ganhando sentidos e representações compartilhadas e divergentes devido à sua complexidade e abrangência. Com base em estudos anteriores, observamos que os professores/as vêm inserindo a Educação Ambiental em suas práticas pedagógicas de forma plural. Dentro de uma estrutura conceitual de currículo disciplinar há uma dificuldade na inserção da Educação Ambiental devido sua abordagem interdisciplinar e transdisciplinar. O trabalho com projetos e/ou atividades extracurriculares revelam sua prática, mas "o contexto espaço/tempo da escola é entrecortado por outros contextos que se articulam ou não nas redes de saberes e fazeres vividas e constituídas por alunos/as e professores/as" (TRISTÃO, 2004, p.1).

Ainda de acordo com a autora Martha Tristão, uma clara divisão entre a evolução cultural humana e os processos naturais e ambientais, pautada na acumulação e na exclusão foi desencadeada pela lógica instrumental clássica. A racionalidade instrumental, reduziu, dissociou e fragmentou o conhecimento prejudicando a capacidade humana de reflexão e de visão em longo prazo foi prejudicada. Assim, "se passarmos a analisar a crise ambiental sob o enfoque da crise do pensamento moderno verificaremos que se trata de uma crítica de como tudo está concentrado na ciência tecnológica e impregna as linguagens de premissas dualistas" (TRISTÃO, 2004, p.3).

Nesse sentido, em meio a este pensamento capitalista moderno, a defesa do meio ambiente emerge como movimento de resistência. A degradação social e ambiental é a mais grave consequência e prejuízo dessa racionalidade irracional. Todos arcarão com as consequências dos danos ambientais, ainda imprevisíveis, mesmo que a natureza seja transformada em recurso/produtos consumidos somente por alguns. Nesse caso, "buscar os sentidos produzidos sobre a educação ambiental no contexto escolar, vivenciar sua dinâmica, mais do que um procedimento metodológico, significa um desejo de conhecer para além da racionalidade científica" (TRISTÃO, 2004, p.3).

A dimensão ambiental configura-se como um fator mobilizador. Não possui territórios demarcados não sendo, portanto, fronteiras tão rígidas, intransponíveis ou

definitivas. Nessa linha de pensamento perguntamos: ‘É possível subverter a racionalidade imposta? Como inserir a Educação Ambiental numa concepção de currículo outra?’A educação é considerada como um processo de elaboração de sentidos, assim, esses e outros questionamentos são importantes para compreendê-la como parte de um longo processo de demanda (TRISTÃO, 2004, p.2).

Além disso, é preciso levar em conta pensamentos, juízos e tomadas de decisão na atuação do professor perante situações complexas de sua prática, construindo saberes através de um fazer, que para Perrenoud (1997):

> (...) não se limita ao emprego de saberes científicos e de métodos racionais. Se também se ensina com as entranhas, intuições, emoções, experiências, crenças, desejos e medos, então tudo isto é matéria ater em conta no esforço de formação (p.180).

Assim, não existe uma teoria geral de aprendizagem da docência que possa orientar de maneira geral a formação de professores. Ela tem se estruturado como linha de investigação, que procura elucidar os diferentes aspectos envolvidos. Um programa de formação de professores deve, pois, favorecer-lhes o processo de construção e reconstrução de saberes e práticas em buscade seu desenvolvimento profissional, o que é complexo (BONOTTO, 2005).

Nesta linha de pensamento podemos refletir a formação de professores que continua, ainda hoje, prisioneira de modelos tradicionais, teóricos formais, que dão pouca importância à prática e à sua reflexão e este é, segundo Nóvoa um desafio para a profissão. O autor afirma que ‘a formação do professor é, por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, mas há um déficit de práticas, de refletir sobre as práticas, de trabalhar sobre as práticas, de saber como fazer’. Assim, para superar esta dificuldade, a formação de professores deve articular os conhecimentos produzidos pelas universidades e as experiências vivenciadas pelos docentes, de modo a contribuir para a reflexão sobre a ação docente (NÓVOA, 2007, p.14).

Neste sentido, as práticas e as reflexões vivenciadas na escola João Pio proporcionaram momentos interessantes aos estudantes os quais puderam experienciar a

prática do tornar-se professor de forma mais autônoma, inventiva e diferente, não ficando presos somente na teoria, mas sim tendo a possibilidade de vivenciar, agir e experimentar a formação na prática com situações, imprevistos, invenções e reinvenções que só podem ser experimentados no fazer pedagógico.

Capítulo 2 - Aproximações com o território da pesquisa: Cartografando processos

Neste capítulo abordamos os caminhos metodológicos percorridos na construção desta pesquisa. No tópico 2.1 ‘Caminhando com a cartografia’ apresentamos a metodologia utilizada para compor esta pesquisa; No tópico 2.2 ‘O pesquisador cartógrafo’ apresentamos um pouco do ‘papel’ do pesquisador no método cartográfico o qual vai seguindo as pistas. No tópico 2.3 ‘Produzindo os dados da pesquisa: As práticas construídas com a escola e os dispositivos lançados’ buscamos descrever as práticas construídas com a escola e os dispositivos lançados para produção dos dados.

Este trabalho é resultado também dos estudos e reflexões desenvolvidos no nosso Grupo de Estudos em Filosofia e Imagem (GEFI) as quais os encontros e reflexões realizados semanalmente contribuíram para o desenvolvimento e concretização deste trabalho. Nossas produções dialoga com a filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari e nossas de reflexões dialoga também com as obras de Silvio Gallo, Virgínia Kastrup, Marlucy Paraiso, entre outros neste campo de investigação. Além disso, o método de investigação estudado no grupo é o Método Cartográfico desenvolvido por Deleuze e Guattari, o qual movimenta atualmente nossas pesquisas.

O GEFI tem possibilitado encontros potentes que contribuem para reflexões e produção do nosso grupo como Dissertações de Mestrado, Trabalhos de Conclusão de Curso, Projetos de Iniciação Científicas, Projetos de Extensão, Apresentação e publicação de trabalhos em eventos e revistas, bem como Organização de Encontros. Neste sentido, o GEFI tem se mostrado um território importante para a produção de conhecimentos que compõem também está dissertação compondo um trabalho coletivo.

2.1 Caminhando com a cartografia

Não há método, não há receita, somente uma grande preparação. Gilles Deleuze

Ao nos lançarmos no território a ser pesquisado nos colocamos atentos à produção/construção de dados, sempre passo a passo. Esta pesquisa se insere no campo de pesquisas pós-críticas em educação. Sobre este tipo de metodologia Paraiso (2014) argumenta que:

> 'Em nossas metodologias temos, por um lado, algumas premissas e alguns pressupostos importantes que nos auxiliam a construir nossos caminhos e, por outro lado, alguns procedimentos gerais que nos possibilitam abertura e coragem necessárias para pesquisar em educação sem um método previamente definido a seguir' (PARAISO, 2014 p. 25).

Neste sentido, esta pesquisa em formação de educadores ambientais enredada com a pesquisa cartográfica (DELEUZE, 1992; GUATTARI e ROLNIK, 2010; PASSOS et al, 2009, PARAISO, 2014) pressupõe o acompanhamento de percursos, conexões de redes e rizomas, com as cartografias das práticas cotidianas de formação de educadores ambienntais com a Escola Municipal João Pio no município de Tiradentes evitando explicar, representar e interpretar. Seria então "não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (méta-hodos), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma uma hódos-meta" (PASSOS e BARROS, 2009, p. 17).

Em consonância com Deleuze (2009) em relação à cartografia, "não há receita, somente uma grande preparação". A noção cartográfica de Deleuze e Guattari encontra inspiração do livro "Pista do método da cartografia" (PASSOS et al. 2009) e na "Introdução de Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia" DELEUZE; GUATARRI (1995). Para os autores, a cartografia surge como princípio de rizoma, são múltiplas as entradas em uma cartografia, é como mapa móvel, numa rede de conexões e experiências. Segundo Deleuze e Guattari:

> Faça rizoma, não faça raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidades! Faça a linha e nunca um ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga. Nunca suscite um General em você! Faça mapas. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.15).

O rizoma não tem centro, não há regras prontas, nem objetivos previamente estabelecidos, de forma que o desafio metodológico está na reversão do sentido tradicional de método - não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas, mas o primado do caminhar que traça no percurso, suas metas (PASSOS et al, 2009 p. 10). Neste contexto, a cartografia, formulada por Deleuze e Guattari (1995), pretende acompanhar processos e não representar um objeto; em linhas gerais, trata-se de investigar processos de produção de conhecimentos e de subjetividades que estão em curso, que estão acontecendo.

Nesta pesquisa, desejamos acompanhar mais os processos de produção de conhecimento do que a descrição de fatos. Assim, esta pesquisa é um movimento de produção de subjetividades e ampliação da concepção de mundos e das formas de se conceber o ato de pesquisar (BARROS; PASSOS, 2009), ou seja, ela é por si só, uma processualidade. Neste sentido ressaltamos que:

> Conhecer a realidade é acompanhar processo de constituição, o que não pode se realizar sem a imersão no plano da experiência. Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa-intervenção (BARROS; PASSOS, 2009 p. 31).

Segundo Barros e Kastrup:

> A processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, a escrita, em nós. A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra, em criação. O acompanhamento de tais processos depende de uma atitude, de um ethos, e não está garantida de antemão. Ela requer aprendizado e atenção permanente, pois sempre podemos ser assaltados pela política cognitiva do pesquisador cognitivista: aquele que se isola do objeto de estudo na busca de soluções, regras, invariantes. O acompanhamento dos processos exige também a produção coletiva do conhecimento. Há um coletivo se fazendo com a pesquisa, há uma pesquisa se fazendo com o coletivo. A produção de dados é processual e a processualidade se prolonga no momento da análise do material que se faz também no tempo, com o tempo, em sintonia com o coletivo. (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 72-73).

Assim, a produção de dados desta pesquisa desejou cartografar e acompanhar processos, problematizando a formação de professores educadoresambientais por meio das redes de ações e conversações com os sujeitos praticantes e os atravessamentos com as redes cotidianas de uma escola municipal, em Tiradentes-MG. Os sujeitos praticantes para Certeau (2008) são "sujeitos que inventam e reinventam os mundos nos cotidianos, nas artes de fazer com os usos de táticas e estratégias de resistências, se reapropriando, a seu jeito, do espaço e do uso do lugar praticado".

Ao iniciar minha caminhada pelas linhas cartográficas, imaginei uma caminhada longa, cheia de buracos, tropeços e pedregulhos, mas também uma caminhada tranquila, serena, produtora de afectos e perceptos. Assim, como dizia um provérbio chinês que outrora ouvi: 'Uma longa caminhada começa com o primeiro passo' e, é assim que me vi, dando este primeiro passo. Este passo foi muito importante, sendo o predecessor de muitos outros que vieram. Mas, como dizia Cora Coralina "o que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher" (Coralina, s/d) e acredito ser assim também na caminhada com a cartografia, pois diferente das práticas da ciência moderna a cartografia constitui-se ao caminhar. E, em consonância com Barros; Kastrup (2009, p.59) 'Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes'. Assim, diferentemente das etapas de pesquisa da ciência moderna, o caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem sem se separar.

A cartografia comporta uma concepção ampliada do conhecimento que vai além da descrição e/ou da classificação dos contornos formais dos objetos do mundo. E, conhecendo a realidades ela traça seu processo constante de produção (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2009 p. 106-107).

De acordo com Passos e Barros (2009, p.17) "a cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos".

Desse modo, a cartografia se faz passo a passo, não tendo um caminho previamente traçado para o desenvolvimento da produção de dados onde cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes. O pesquisador vai conhecendo novas fontes de conhecimento a cada pista que surge no campo de estudo e passa a habitá-la. Neste sentido, 'sempre que o cartógrafo entra em campo há processo em curso' (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 56-59). Interessam-nos os processos em curso e as subjetividades que deles emergem de forma a contemplar as singularidades e diferenças (KASTRUP, 2013).

2.2 O pesquisador cartógrafo

O pesquisador neste campo de pesquisa é denominado cartógrafo. E como ele conduz o caminho da pesquisa? Na verdade não podemos pensar na pesquisa como uma receita, o que nos impossibilita de qualquer tipo de prescrição, já que cada pesquisa e cada território habitado são únicos. Mas, alguns apontamentos são possíveis de serem feitos:

> Informações, saberes e expectativas precisam ser deixados na porta de entrada, e o cartógrafo deve pautar-se, sobretudo numa atenção sensível, para que possa, enfim, encontrar o que não conhecia, embora já estivesse ali, como virtualidade (KASTRUP, 2009, p. 48-49).

Ou ainda,

> A atitude investigativa do cartógrafo seria mais adequadamente formulada como um "vamos ver o que está acontecendo", pois o que está em jogo é acompanhar um processo, e não representar um objeto. É preciso então calibrar novamente o funcionamento da atenção, repetindo mais uma vez o gesto de suspensão (KASTRUP, 2009, p. 45).

Desse modo, onde pousar a atenção é a questão imediata que se coloca em relação a entrada do aprendiz de cartógrafo no campo da pesquisa (KASTRUP, 2009, p. 35).

Dentro do passo-a-passo da cartografia são lançados dispositivos para o acompanhamento do processo de produção de subjetividades. Michel Foucault (1979, *apud* KASTRUP; BARROS, 2009, p. 77) nomeia dispositivo 'um conjunto

decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas'.

Em Deleuze, o dispositivo 'é de início um novelo, um conjunto multilinear. Ele é composto de linhas [visibilidade, enunciação, força, subjetivação] de natureza diferente' (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 77-78). Para as autoras 'os dispositivos são, por um lado, máquinas que fazem ver e falar'. Segundo as autoras, o dispositivo:

> [...] alia-se aos processos de criação e o trabalho do pesquisador, do cartógrafo, se dá no desembaraçamento das linhas que o compõem – linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação. Trabalhar com dispositivos implica-nos, portanto, com um processo de acompanhamento de seus efeitos, não bastando apenas pô-lo a funcionar (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 79).

O modo como a pesquisa será construída, bem como os dispositivos a serem lançados vão depender dos questionamentos que fizermos, das interrogações que irão nos mover e dos problemas que formularmos. Os dispositivos irão 'contribuir para o desembaraçar das linhas' que compõem a pesquisa (KASTRUP e BARROS, 2009). Estes dispositivos, dependendo do território habitado, poderão ser: Entrevistas, Questionários, Grupos de Discussão, Grupo focal, Diário de Campo, Vídeos, Imagens, Músicas, Poemas, textos, entre outros.

Neste contexto, o caráter de uma simples coleta de dados é perdido na cartografia já que a produção de dados ocorre desde a etapa inicial da pesquisa de campo continuando em etapas posteriores, como nas análises subsequentes dos dados, a escrita de textos e ainda a publicação dos resultados (KASTRUP, 2009, p. 48).

Quando adentramos em um campo de pesquisa estamos habitando um território que é único e, é neste território que se dará a produção dos dados. O cartógrafo, nesse processo de construção e aprendizado, é condutor e é conduzido. Essa construção do território não nos coloca de modo hierárquico diante do objeto se tratando, portanto, de uma pesquisa com alguém ou algo e não sobre algo. 'O aprendiz-cartógrafo inicia sua

habitação do território cultivando uma disponibilidade à experiência' (ALVAREZ; PASSOS, 2009, p. 135-136).

Ainda em consonância com os autores, é importante ressaltar que:

> Nesse processo de habitação de um território, o aprendiz-cartógrafo se lança numa dedicação aberta e atenta. Diferente de uma pesquisa fechada, o aprendiz-cartógrafo inicia sua habitação do território cultivando uma disponibilidade à experiência (ALVAREZ; PASSOS 2009, p. 135-136).

Ainda dentro do território habitado, é fundamental a atenção do cartógrafo a cada movimento, bem como relatar os acontecimentos de forma a compor os dados da pesquisa. Nesse sentido, como afirma Barros e Kastrup (2009, p. 69-70), a escrita e/ou desenho se comportam como uma prática preciosa para a cartografia uma vez que 'colaboram na produção de dados de uma pesquisa e transformam tais observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer'. Para elas 'os cadernos são como os *hipomnemata*, uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas".

A cartografia, como método de pesquisa-intervenção, não fornece um modelo de investigação, pois não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos, mas pressupões uma orientação do trabalho do pesquisador (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17).

Segundo Paraiso (2014, p. 25) filósofos como Deleuze, Guattari e Foucault nos oferecem tanto modos específicos de interrogar como estratégias de descrever e analisar, sendo estas fundamentais para construção de 'nossas' metodologias. Usamos estratégias de seus 'métodos' como inspiração para 'nossas' investigações, sabendo de antemão que nenhum desses filósofos quiseram apresentar um método de pesquisa.

2.3 Produzindo os dados da pesquisa: As práticas construídas com a escola e os dispositivos lançados

Neste tópico vamos descrever a maneira com que o território da pesquisa foi sendo habitado, ressaltando as práticas construídas e os dispositivos lançados para compor esta pesquisa.

Nossos primeiros dispositivos utilizados para a produção de dados foram o estar na escola. O estar na escola para fazer falar a prática pedagógica através da observação participante, do diário de campo e do material fotográfico. Ao final da atividade foi produzido pelos estudantes um relato escrito sobre as experiências vivenciadas e, por fim, uma entrevista com os estudantes. Busquei deixá-los bastante a vontade na entrevista e esta teve mais um caráter de conversa do que de entrevista, como pode ser percebido no decorrer do diálogo.

Assim, a observação participante e o Diário de Campo foram as primeiras fontes de produções de dados da pesquisa. Tomo junto estes dois dispositivos pelo fato da importância de ambos terem sido trabalhados de forma conectada nesta construção. A observação participante se deu por meio do engajamento da pesquisadora nas práticas cotidianas desenvolvidas na escola João Pio.

Outro dispositivo utilizado na pesquisa foi um encontro realizado ao final do semestre com três estudantes participantes do projeto da horta. Como, em princípio, o estudo seria realizado com os estudantes do curso de Ciências Biológicas o estudante do curso de Licenciatura em Música não participou deste encontro final. No entanto, a partir de reflexões posteriores, entendemos que seria interessante incluir também o estudante da licenciatura em Música neste estudo.

O relato construído pelos estudantes se deu a partir de suas vivências na escola. Este relato foi construído de forma individual por cada. Ao final, foi pedido que cada um falasse um pouco do que refletiu e escreveu. Esta construção foi gravada por um dispositivo de áudio a fim de compor, juntamente com os textos dos licenciandos, a análise deste trabalho. Com o decorrer da escrita do trabalho percebeu-se a necessidade também de lançar mão de outro dispositivo para continuarmos a tecer esta pesquisa.

Então realizamos uma entrevista individual com cada um dos quatro estudantes participantes. O texto produzido por cada licenciando, bem como a entrevista com os mesmos encontram-se descritos nos apêndices e juntamente com as observações e diário de campo compuseram as análises deste trabalho.

Qual a importância de se registrar o processo? O que fazer com este registro? A quem endereçá-lo? Esse registro interessa porque inclui tanto os pesquisadores quanto os pesquisados. Neste sentido, tal registro se complementa no ato de sua restituição (BARROS; PASSOS, 2009).

Desse modo, minha inserção no contexto investigado deu-se de forma interativa, possibilitando-me estabelecer uma relação de confiança mútua com os estudantes e com a comunidade escolar. Na prática da observação e escrita no diário de campo busquei registrar e mapear, em princípio, as práticas dos estudantes da escola. Meu encantamento com a escola e sua prática foi tanto que por um tempo meu olhar e minhas anotações se voltaram para a prática das crianças. Com o tempo nossa pesquisa foi tomando mais forma e fomos, aos poucos, delimitando-a. Foi doloroso deixar de olhar para as crianças, pois não tinha como não se encantar com elas, pois estas crianças emanavam alegria, estavam sempre sorrindo e abertas ao que estávamos propondo. Elas tinham muita vontade de estar ali naquele lugar e participar conosco de tudo. O sorriso de cada criança ainda guardo na memória e acredito que ficará para sempre, pois cada uma delas contribuiu para que esta vivência se tornasse inesquecível. Cada uma com seu jeito, com suas perguntas, com sua timidez, com seus gestos, com seus abraços ficarão para sempre na memória e no coração.

A partir de então estive mais atenta aos momentos em que a prática e o discurso dos estudantes eram atravessados pelos acontecimentos que experienciavam no contexto escolar.

Segundo Burgess (2001) a observação participante consiste em um importante procedimento para a pesquisa. Além de propiciar que a pesquisadora e o pesquisador penetrem nas situações sociais investigadas também permite a obtenção de informações sobre aspectos relativos às relações sociais e possibilita o acesso a esclarecimentos pormenorizados e sua posterior descrição. Além disso, também favorece o levantamento

de diferentes pontos de vista sobre um mesmo fato ou acontecimento e o registro do que é efetivamente dito, do que é escrito, dos discursos e de seus desdobramentos, dentro do território investigado.

Sobre as notas de campo (Diario de Campo) estas constituem, de acordo com Burguess (2001) num registro de observações e entrevistas que são obtidas pelo investigador que consistem num registro contínuo de situações, acontecimentos e conversas nas quais o investigador participa (p.182).

Em consonância com Spradley (1980) o observador participante deve se comportar como um "insider" e "outsider" simultaneamente (p. 53), buscando entender as situações a partir da visão dos participantes (insider) e também agir com um certo estranhamento diante das situações observadas (outsider).

Capítulo 3. Habitando o território e produzindo dados

Neste capítulo vamos apresentar o território onde a pesquisa foi produzida, as práticas realizadas, as vivências e experiências vivenciadas bem como os dados produzidos durante a pesquisa. Assim, no tópico 3.1 apresentamos o território da Escola Municipal João Pio e sua pedagogia; No tópico 3.2 serão descritas as atividades desenvolvidas com a escola durante 2º o semestre de 2015. No tópico 3.3 vamos refletir sobre os encontros e desencontros na formação dos professores produtores desta pesquisa, os atravessamentos durante a pesquisa, bem como reflexões sobre o tornar-se professor e suas multiplicidades.

3.1 A Escola João Pio e os caminhos de formação

'A escola com que sempre sonhei sem imaginar
que pudesse existir... Rubem Alves'

Durante o período de agosto a dezembro de 2015 estivemos inseridos numa escola municipal no município de Tiradentes, MG, a Escola Municipal João Pio, que tem uma perspectiva diferente e muito interessante a qual proporciona outros tipos de relações e aprendizados.

A escola segue na sua pedagogia o projeto Âncora de São Paulo que é baseado na filosofia da escola da Ponte de Portugal criada por José Pacheco. Neste modelo de escola não tem seriação e as coisas 'fluem' de forma mais fluida na escola, mas claro que enfrenta também dificuldades tanto para manter esta filosofia, principalmente carência de apoio financeiro e de pessoal que possam ofertar atividades no contra turno. A escola fica em um bairro mais afastado e recebe em sua maioria crianças carentes. Minha orientadora, Doutora Priscila Correia Fernandes já desenvolvia oficinas lá há algum tempo e nesse 2º semestre de 2015 ela, os orientandos de extensão e eu trabalhamos com uma Oficina de Educação Ambiental que se propôs a construir uma horta com a escola.

As atividades foram desenvolvidas baseadas nos princípios da permacultura e consistiram em volver a terra, adubar, plantar, regar e colher sempre de forma coletiva, buscando a inserção e envolvimento de todos da escola. Além dessas atividades com a horta foram realizadas atividades de desenhos em sala de aula, construção de mandalas com sementes, construção de murais, painéis que foram expostos na escola, bem como a realização de dinâmicas no pátio da escola que antecediam todas as nossas atividades. Ao lado de onde foi sendo construída a horta havia um parquinho o qual as crianças podiam ficar bem a vontade de brincar. Assim, nossa horta foi sendo construída nesta interface do fazer e do brincar.

Todas as atividades foram construídas com a coordenadora da escola e do projeto, com os bolsistas, com os professores e alunos da escola. Antes de cada oficina nos reuníamos no pátio da escola com os alunos e iniciávamos as atividades com algumas dinâmicas. Os alunos eram sempre muito receptivos e interagiam bastante com os licenciandos e também entre eles como podemos perceber na foto abaixo:

Figura 1: Coletividade

Figura 2: Movimento

Figura 3: Experienciando o aprendizado

Figura 4: Construindo o aprendizado

Porque a escola João Pio?

Escolhemos esta escola porque ela mesma está aberta aos acontecimentos. A pedagogia outra da escola possibilita uma porosidade, uma permeabilidade. Assim, os processos de subjetivação seria muito distinto se estivéssemos em uma escola em que não houvesse essa permeabilidade ou que esta permeabilidade não fosse tão grande quanto é lá. Desse modo, além da nossa vontade em construir atividades e experiências rizomáticas, a própria escola acolhia e proporcionava essa permeabilidade, essa abertura, essa expansão de relações. É uma escola que está com seu tecido cheio de pontas soltas para estabelecer relações.

Além disso, segundo Deleuze (2002):

> Creches e pré-escolas são espaços privilegiados para aprender-ensinar, porque aqui as crianças colhem suas primeiras sensações, suas primeiras impressões do viver. Assim, interessados na produção de potência, podemos pensar as instituições de educação infantil como espaços de vivência do que é bom, do que alegra e, frente aos desafios da vida, nos faz mais potentes (DELEUZE, 2002).

E, neste sentido, pensar também uma formação de professores educadores ambientais mais potentes, pois 'se queremos formar pessoas que respeitem a natureza precisamos, realizar uma aproximação física estabelecendo relações cotidianas com o sol, com a água, com a terra, fazendo com que sejam elementos sempre presentes' (BRASIL, 2007).

3.1.1 A estrutura da escola e sua pedagogia

A Escola Municipal João Pio está lotada no Bairro Alto das Águas, município de Tiradentes - MG numa propriedade pertencente à Rede Municipal de Educação. A escola conta com 5 salas de aulas, 2 banheiros, 1 cozinha, 1 refeitório, 1 sala da coordenação, 1 pátio grande, 1 parquinho na área externa ao ar livre e agora uma horta.

Ela foi criada pelo Decreto n° 007/09 de 15/01/09 publicado em 19/01/09 sendo instituída para ofertar à população que habita em área rural do município, a educação básica do primeiro seguimento do Ensino Fundamental (1º a 5º anos) (Resolução MEC nº. 3/2005 de 03 de agosto 2005, publicada no DOU de 08/08/2005 – que define normas nacionais para ampliação do Ensino Fundamental para 09 anos de duração). Com funcionamento em período integral (das 7 às 16 horas), a escola oferece cinco refeições diárias com o acompanhamento de nutricionista. A escola recebe apoio financeiro da empresa Melt, cujo valor contribui para melhorias tanto da parte física quanto da pedagógica, além de colaborações espontâneas de profissionais como dentistas e médicos (JORNAL DAS LAJES, 2016).

Por iniciativa do prefeito de Tiradentes, Ralph Justino, no início de 2014, uma escola que funcionava nos moldes tradicionais deu lugar ao projeto atual, com as educadoras Ana Lúcia de Santana Almeida, Maria do Carmo da Silva e Marytanya

Barbosa. Para isso, as três participaram, em Cotia (SP), da "Transformação vivencial" do Projeto Âncora, coordenado pelo professor José Pacheco. A Prefeitura de Tiradentes firmou um convênio com o Projeto Âncora para acompanhamento à distância da Escola João Pio (relatórios, vídeos-conferências, visitas etc.). Em 2015, a Escola João Pio - educação infantil e fundamental I - tinha 42 crianças (entre 3 e 12 anos). Para 2016 esperava-se mais de 60 crianças. A escola foi criada para funcionar com orientação metodológica diferenciada. Mais do que metodologia, é uma convergência de princípios (de organização, gestão e aprendizagem) fundamentados em vários pensadores, explica a professora Ana Moreira, coordenadora do projeto Escola da Ponte. A ideia é formar cidadãos responsáveis, ativos, solidários, cooperativos (JORNAL DAS LAGES, 2016).

Esta pedagogia tem como base o Projeto Âncora de São Paulo - SP. Esta filosofia educacional é inspirada na Escola da Ponte em Portugal, trazida pelo professor José Pacheco, para somar esforços às atividades já realizadas. Há uma comunicação constante entre a escola João Pio e a Âncora, visando à discussão de ideias, dúvidas e outras questões.

Por não concordar com os métodos anteriormente utilizados, que não trabalham a individualidade e a autonomia dos alunos, a Escola Municipal João Pio trabalha, desde 2014, com essa nova metodologia. A escola oferece oficinas optativas de variados assuntos, como música, educação ambiental e orientação financeira. Para que o estudo se torne prazeroso e incentivador esta proposta incluiu que o estudante escolha suas áreas de interesse, além de trabalhar constantemente valores, como afetividade, responsabilidade, respeito, honestidade e solidariedade. A avaliação dos alunos ocorre de forma processual e dinâmica, com prevalência dos aspectos da qualidade sobre os de quantidade buscando criar mecanismo de diagnóstico que visa a orientar os próximos passos do processo educativo (BENATTI, 2015).

No início de cada ano letivo as crianças são indagadas sobre que projetos gostariam de desenvolver. As propostas são variadas e vão desde a família até plantas, tipos de energia, fenômenos da natureza, ficção, brinquedos e brincadeiras, artes etc. Cada criança é orientada (ou ajudada) a colocar no papel as questões relacionadas com o tema escolhido. Defini-se o roteiro da pesquisa e ocorre o planejamento diário da pesquisa. A criança deve usar todos os meios disponíveis como biblioteca, internet e

textos específicos do tema. Cada projeto tem um tempo de duração, alguns como o de artes podem durar o ano inteiro. Procura-se abordar no desenvolvimento de cada projeto todas as áreas de aprendizagem (Português, Matemática, Ciência, História e Geografia). Uma atividade complementar é oferecida quando o projeto não comporta todas as áreas.

Além disso, para complementar o planejamento diário dos projetos, são oferecidas durante o ano oficinas por voluntários (esportes, artes, ciência, filosofia etc.) sendo utilizados muitos materiais alternativos. Os professores contam com a assessoria e a capacitação dos educadores do Projeto Âncora (da escola Âncora, filial da Escola da Ponte, criadora do método), mas, segundo acoordenadora Magda, a adaptação deles foi e ainda é difícil e muitas barreiras precisam ser quebradas (BENATTI, 2015).

A Escola Municipal João Pio ainda não possui um Projeto Político Pedagógico definido e aprovado até então e, atualmente, está passando por um período de reformulações na sua estrutura e pedagogia a qual tudo indica que as mudanças irão interferir diretamente neste modo ‘diferente’ e ‘inovador’ de ensino-aprendizagem que a escola propõe. Essas mudanças se deve, principalmente, por questões políticas que passaram a perpassar a escola a partir das eleições de 2016 onde começou-se a ter algumas incertezas referentes ao futuro. Hoje, em 2017, a escola está sendo reformada e já se encontra trabalhando em outros moldes de ensino.

3.2 Cartografando processos de subjetivação na formação de professores educadores ambientais

Neste tópico iremos tratar dos processos de subjetivação na formação dos quatro estudantes participantes da pesquisa a partir de suas experiências na escola durante o desenvolvimento do projeto de construção da horta. No tópico 'Experienciar-se: Vivenciando a formação docente' compondo com o texto de Jorge Larrosa (2002) propomos juntos outra possibilidade de se pensar a formação de professores a partir do par experiência/sentido, com Deleuze e Guattari e Silvio Gallo pensar uma formação rizomática e com Virgínia Kastrup o devir-professor. No tópico 'Atravessamentos durante a formação docente: O caso da Aranha, e de um aluno da escola’ abordamos dois episódios que atravessaram a formação desses estudantes e que de alguma forma

marcaram a vivência dos mesmos. No tópico 'Os compositores da pesquisa e seus processos de ação-(trans)formação' abordaremos os momentos experiênciados pelos estudantes relacionando com a literatura, não para trazer respostas e explicações para as contradições inerentes à formação de professores, mas para suscitar reflexões sobre a formação do professor-educador-ambiental que produza sentido. Trata-se do desafio de pensar outra forma que é capaz de lidar com o múltiplo, com o complexo e com as diversidades.

3.2.1 Experienciar-se: Vivenciando a formação docente

> A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (LARROSA, 2002).

Quando eu olho para os estudantes em formação e a relação deles com a escola, seus alunos, professores e auxiliares eu realmente percebo uma formação outra: algo que os passa, os acontece, os toca. Uma experiência, uma vivência ímpar neste espaço escolar. Estamos ali vivenciando o educador em ação, em ação-formação. Processos de subjetivação do professor acontecendo na prática, na ação pedagógica. Momentos estes experimentados pelos estudantes e por mim também. Uma prática pedagógica repleta de sentidos.

Assim, compondo com o texto de Jorge Larrosa (2002) propomos juntos outra possibilidade de se pensar a formação de professores a partir do par experiência/sentido, com Deleuze e Guattari e Silvio Gallo pensar uma formação rizomática, com Virgínia Kastrup pensar o devir-professor.

Composições de alguns desses momentos vivenciados/sentidos:

Figura 4: Experienciando a formação 1

Figura 5: Experianciando a formação 2

Figura 6: Experienciando a formação3

Figura 7: Experiencianado a formação 4

Assim, podemos nos remeter diretamente aos modos de pensar que predominam no campo educacional/formação de professores e questioná-los. A ação deste pensamento sobre a escola/formação de professores só pode se materializar pela mediação de um modo de pensar conforme o Estado? Em consonância com Schvarsberg, (2012):

> Não é o caso de buscar outros espaços, mas investir em outras possibilidades de investigação dos mesmos espaços, das mesmas dinâmicas, mas com outras lentes, escapando às categorias sedimentadas e recorrendo à construção incessante de novas ferramentas (SCHVARSBERG, 2012).

Mais uma vez retomo aqui a fala do autor Silvio Gallo 'Mas será possível *escapar* à escola? Fará sentido? E mais: será possível resistir à escola? Ou, em outras palavras, criar uma escola outra na escola mesma?' (GALLO, 2015, p.200).

Acreditamos que o processo de formação de professores é sempre um tornar-se, um meio do caminho sempre inacabado que se faz e refaz ao caminhar com a prática

pedagógica, pois a teoria por si só é insuficiente ficando muito difícil o professor ensinar o que ele não vivência (CANDAU, 1996), pois se ensina com as entranhas, intuições, emoções, experiências, crenças desejos e medos, então tudo isto é matéria a ter em conta no esforço de formação (PERRENOUD, 1997, p.180).

Assim, as experiências vivenciadas contribuem para refletirmos sobre o processo sempre inacabado do tornar-se professor a partir do par experiência/sentido. Também podemos pensar outros modos de vivenciar a escola e promover práticas pedagógicas que vão ao encontro de outro modo de pensar e fazer a escola. Uma escola outra na escola mesma.

3.3 Os compositores da pesquisa e seus processos de ação-(trans)formação

Neste tópico abordaremos um pouco sobre os compositores da pesquisa, sua apresentação, um pouco do que os motivou a cursar o curso de Ciências Biológicas e Música, seus caminhos trilhados até então e os processos de ação-(trans)formação vivenciados, experimentados por eles. No primeiro tópico *'Os primeiros encontros com a educação'* iremos apresentar os compositores da pesquisa e seus primeiros contatos com a educação. No segundo tópico '*Prática pedagógica e produção de afetos'* abordaremos alguns momentos, relatados pelos estudantes, em que a prática pedagógica foi permeada por sentimentos e afetos os quais se mostraram fundamentais para formação destes licenciandos. No tópico '*A prática pedagógica como invenção: O diferente na formação de professores'* trataremos dos momentos em que a prática pedagógica caminhou por caminhos diferentes permeados pela invenção. No tópico *'Atravessamentos durante a formação docente'* abordaremos dois momentos em que a prática pedagógica foi atravessada por episódios inesperados que contribuíram para a formação dos mesmos de modo a se inventarem e reinventarem. Os relatos dos estudantes se mostraram bastante significativos sendo todos estes momentos importantes e fundamentais para a formação e transformação destes estudantes como veremos abaixo.

3.3.1 Os primeiros encontros com a educação

- **Isaías**

Isaías tem 25 anos, é estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de São João Del Rei – MG. Ele está matriculado no 4º período, mas já se encontra mais avançado no curso, pois faz matérias de diversos períodos devido sua transferência do curso de Bioprocessos cursado, anteriormente, no Campus da UFSJ em Ouro Branco.

Atualmente ele não tem uma atividade profissional externa à Universidade e está participando do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Segundo ele:

O PIBID proporciona uma vivência na escola muito rica, e é um espaço também que cabe pesquisa e tal, e acabei optando pelo PIBID acho que isto é mais importante e tá sendo muito legal' (ISAÍAS, ENTREVISTA 22/09/16).

Isaías é natural de Passos – MG. Quando questionado sobre suas lembranças do período escolar ele ressalta que se considera uma pessoa muito privilegiada. Sua mãe é formada em Sociologia, fez especializações e trabalha como Orientadora Educacional na rede particular de ensino. Devido ao fato dela sempre trabalhar na rede particular Isaías e seu irmão sempre estudaram com bolsa nestas instituições. Quando se formou em 2008 ele prestou 4 vestibulares para o curso de Biologia e também para o de Engenharia de Bioprocessos, tendo este último resultado positivo. Segundo ele:

O curso de bioprocessos parecia ser bacana parecia ser a união da biologia e da engenharia e também é porque eu tinha essa ideia que Engenharia teria uma estabilidade financeira, essas coisas que a gente sonha assim né. A gente fica com essa ilusão e acabou que eu entrei na engenharia de bioprocessos e eu não fui gostando assim, fui ficando desanimado com o curso por causa... nenhum motivo assim, mas o que principalmente me fez crisar um pouco era a educação que a gente tinha sabe que tipo assim, o curso inteiro era voltado para o mercado de trabalho para área Industrial. Tudo focado ao que você vai usar a indústria vai trabalhar com isso, isso e isso (ISAÍAS, ENTREVISTA 22/09/16).

Nesta fala de Isaías podemos perceber que o fator financeiro foi um dos quesitos que pesou na escolha pelo curso de Engenharia de Bioprocessos. Segundo Diniz-Pereira

(2011) ser educador não se configura para a maior parte dos jovens hoje uma opção para a vida profissional. Encontraremos estudantes que põe em dúvida a opção pelo magistério, devido fundamentalmente à desvalorização social, salarial e acadêmica da profissão. Até mesmo os que se candidatam ao programa de "iniciação à docência" colocam em dúvida esta opção.

No entanto, no decorrer do curso de engenharia Isaías foi vendo que o foco do mesmo, bastante voltado para área industrial, se distanciava de suas vontades e acabou contribuindo para que ele passasse a pensar em outras possibilidades e desistisse do curso.

Isaías cursou quatro anos do curso de bioprocessos e nesse período ele foi abandonando as matérias que eram muito focadas na área industrial e passou a fazer disciplinas mais biológicas, que eram na área de biotecnologia, e ele foi se apaixonando. Neste período, ele se aproximou dos professores da biologia e também do movimento estudantil. E foi quando ele decidiu vir para a biologia, resolveu fazer licenciatura.

Isaías sempre teve vontade de ser biólogo. Ele sempre gostou muito de bichos, e sempre teve bons professores de biologia que faziam experiências e deixavam as aulas mais divertidas, aumentando assim seu gosto pela biologia. Em relação à educação seu interesse se deve à uma visão crítica de tudo, entendendo a importância da educação no seu processo escolar, no movimento estudantil. E foi em um desses encontros que ele ressalta seu encontro também com a educação:

Eu entrei no movimento estudantil tipo eu tive contato com... eu vim num encontro em São João que era o EREBio e aí encontro Regional de estudantes de biologia e esse encontro debateu muita questão de educação sabe que era... eu não lembro o tema mas falar que era preciso transver o mundo o tema era esse assim. E aí era no sentido de que a gente se entender enquanto biólogos assim, e eu nem era biólogo na época eu fiquei muito tocado sabe pelo estudo com processo da educação e responsabilidade de ser professores assim e eu sempre, tipo assim, depois que eu entrei na universidade comecei a pensar no que eu queria ser assim eu sempre treinei que eu queria fazer um mestrado, doutorado né dá aula na universidade que é tipo assim dentro da área de ser professor acho que assim o que mais tem estabilidade pelo fato de ser concurso e tal, e aí eu fiquei atentado assim e achei licenciatura um caminho (ISAÍAS, ENTREVISTA 22/09/16).

Participar do movimento estudantil e, posteriormente, do EREBio (Encontro Regional de Ensino de Biologia) foi um divisor de águas na formação de Isaías. Estar em contato com tais temáticas possibilitou experiências pedagógicas, políticas e sociais

reafirmando como a formação de professores precisa de uma gerência política, pedagógica e social o que também leva a uma formação mais qualificada, uma vez que, permite um contato maior com tais discussões no âmbito educacional, social e político. Segundo Bezerra; Xypas, (2014), o movimento estudantil é um espaço de formação do sujeito que contraria o paradigma puramente transmissor do conhecimento. Para os autores,

> (...) os sujeitos que estão inseridos nos movimentos sociais em especial o estudantil, percebam e compreendam a importância de suas ações e que perpetuem essas experiências em diversos espaços no decorrer da sua vida, que a cidadania se constrói na participação coletiva nas lutas, reconhecendo que militância estudantil tem um papel educativo, e que o movimento estudantil como um espaço formativo contribui na formação profissional, pessoal para democracia e cidadania (BEZERRA;XYPAS, 2014).

Cada vez mais a formação de professoras e professores sofre influência pelas determinações dos organismos internacionais dificultando a organização da resistência ao capitalismo. Neste sentido, uma formação contra hegemônica pode ser permitida pelo movimento estudantil, seu histórico de ação e questionamentos das condições do ensino e da sociedade brasileira (VILHAGRA, 2010).

No entanto, em virtude das deficiências na pesquisas, pouca criatividade dos pesquisadores em explorar os acervos, como também o receio de investigar uma temática que corrobore as relações de poder presente na universidade a academia não vê o Movimento Estudantil (ME) como espaço de formação. Assim, é comum não identificarmos pesquisas a respeito das lutas e contribuições do ME para formação da cidadania, além do esvaziamento e ocrescente desinteresse dos alunos com a política estudantil (BEZERRA; XYPAS, 2014).

Na segunda parte da entrevista foi exibida uma apresentação de slides contendo fotos das atividades desenvolvidas na Escola João Pio. Foi incorporada na apresentação a música Cio da Terra (Interpretes: Milton Nascimento e Pena Branca e Xavantinho), música esta que, por vezes, vinha em minha memória enquanto estávamos realizando as atividades na escola. Assim, ela passou a compor também a pesquisa. Este contato com as imagens e a música contribuiu para que lembranças de algumas partes da vida de Isaías viessem á tona sendo possível perceber que este encantamento de Isaías pela Biologia está ligado ao seu contexto de vida:

É porque tipo assim o meu pai... meu pai e a mãe na verdade nasceram na roça, assim sabe. E o meu pai ele sempre trabalhou na roça até o momento em que ele, até por causa da gente, e da praticidade a gente foi morar na cidade. Assim, quando a mãe me teve, eu comecei a ficar mais velho assim a gente foi morar na cidade e meu pai acabou tendo que trabalhar em açougue e isso meio que desmanchou um pouco você sabe. Foi um pouco sofrido para ele porque ele amava trabalhar na roça e era outra pessoa e o açougue é um processo sempre desgastante. Aí agora ele voltou a trabalhar na roça e ele tá com outras energias, isso é muito bonito e eu vejo o tanto que isso faz bem pra ele. Meu pai é um biólogo formado só não tem o papelzinho entendeu? E nossa ele me ensina todos os dias muitas coisas quanto estou com ele (ISAÍAS, ENTREVISTA 22/09/16).

Interessante notar na fala de Isaías o quanto a identidade de seu pai acaba se perdendo ao deixar o campo e ir para cidade em busca de outras condições de vida. Esse processo de migração quase sempre é muito doloroso e desgastante como percebemos na fala de Isaías. Quando ele diz que o pai voltou a trabalhar na roça e 'está com outras energias' é possível perceber o processo de desconstrução e reconstrução que o compõem. Isaías fala com muita alegria dessa volta de seu pai ao campo. Ele também se diz orgulhoso, pois aprende todos os dias com seu pai, ressaltando que ele é um biólogo formadoe só não tem o papelzinho. Neste instante percebemos a prática de seu pai como 'biólogo', que como muitos outros trabalhadores rurais tem uma vasta experiência no campo das ciências biológicas, mas não tem o diploma. Assim, ao estarem em contato com o meio rural esta experiência os possibilitou um vasto conhecimento prático vivenciado por ele e admirado por Isaías.

Relaciono este processo com o processo de construção, desconstrução, e reconstrução de Isaías e Kalu, que também passou por processos semelhantes, (os quais veremos mais pra frente) ao optarem por fazer o curso de engenharia, depois optarem pela biologia. Pelo que pudemos perceber não foi um processo fácil, mas, de muitos aprendizados. Hoje vemos um Isaías e uma Kalu bem mais satisfeitos com suas escolhas. Para Diniz-Pereira (2011),

> Assumir-se enquanto educador e optar conscientemente por um curso que o credencie para o exercício da profissão é um dos primeiros passos na direção da construção da identidade docente'. Tal reconhecimento e escolha estão hoje comprometidos em função da representação social da profissão, fortemente marcada por um sentimento de inferioridade, mediocridade e incapacidade. As políticas públicas educacionais têm grande responsabilidade na construção e perpetuação desse significado, uma vez que a valorização do profissional da educação não consegue ir além de um discurso demagógico, que não se traduz em melhorias efetivas nas condições salariais e de trabalho dos professores (DINIZ-PEREIRA, 2011).

- **Kalu**

Kaluaná, a qual todos chamam de Kalu, é natural de Passos, tem 25 anos e estudou em várias escolas durante sua vida uma vez que esta sempre esteve atrelada à mudanças. Essas mudanças a impediram de criar vínculos tão intensos com a instituição, colegas e professores. Ela relata que é muito interessante para ela criar vínculos e ressalta que sempre quis criar raízes. No seu 9º ano (antiga 8ª séries) e 1º ano do Ensino Médio ela estudou em escola particular como bolsista parcial devido ao fato de sua mãe trabalhar na escola. Segundo ela esta escola era muito legal, cheia de multiplicidades, no entanto, seus pais não conseguiram mantê-la na escola e ela passou a estudar em uma escola pública o restante do ensino médio. Nesta outra escola ela não teve aulas nem de História nem de Geografia, o que a aproximou da área de exatas e acabou focando mais nesta área. Ao final do 3º ano Kalu, prestou vestibular para o curso de Engenharia de Bioprocessos no Campus da UFSJ em Ouro Branco-MG, também por pressão de familiares e amigos, dentre eles Isaías.

Aí eu vim fazer a matrícula e entrei na Engenharia de Bioprocessos. Não tinha a mínima ideia do que era o curso e fiquei lá dois anos assim (risos), fazendo Engenharia de Bioprocessos. Mas quando eu comecei a compreender melhor o curso, eu também estava num processo de me conhecer, eu tava fazendo 20 anos quando isso aconteceu. Então eu saí do terceiro ano, fiquei 6 meses parada e queria prestar alguma coisa relacionada às artes... e fui fazer engenharia. Ai nesse processo de autoconhecimento, de entender o curso melhor e, como ele era voltado mais para área industrial, para as grandes produções... genética, biotecnologia e tal, e falei assim caramba não é isso que eu quero, não é esse curso que eu quero, nada disso que eu estou fazendo tá certo na minha vida. Larguei tudo e fui voltar a morar com minha mãe e fiquei o resto do ano de 2011 morando com minha mãe (KALU, ENTREVISTA 19/09/16).

A evasão escolar no ensino superior brasileiro é um fenômeno grave que acontece tanto nas instituições públicas quanto nas privadas tornando-se um problema complexo, resultante de uma conjunção de vários fatores que pesam na decisão do aluno de permanecer ou não no curso. A desmotivação é um dos fatores que contribuem para o trancamento e, posterior, abandono ou mudança de curso nas universidades. Segundo Andriola (2003) a mudança de curso nas universidades brasileiras é alarmante e, não só sinaliza os equívocos na orientação profissional, como também, representa um ônus

para a sociedade. Neste sentido, a fala de Kalu descreve um processo vivenciado por grande parte dos jovens que ingressam precocemente nas universidades e escolhem o curso, na maioria das vezes, sem conhecer e devido às pressões familiares. Este amadurecimento, autoconhecimento relatado por Kalu é importante no processo de construção/reconstrução de si o que contribui para pensamentos mais reflexivos e escolhas mais responsáveis sendo fundamental no seu processo de formação.

Kalu deixa o curso de engenharia e volta para Passos, sua cidade natal. Passa um período curto por lá e resolve vir para São João del Rei. E como ainda estava com matrícula na UFSJ passou a puxar matérias na área das artes aplicadas e na área da biologia ao longo de 2012 e, em 2013. Neste período, outras dúvidas passaram a permear seus caminhos:

Aí em 2013 eu decidi que eu queria fazer biologia de fato. Aí entrei num processo: Eu quero fazer biologia bacharelado ou eu quero fazer biologia licenciatura? E eu convivia com pessoas tão leigas quanto eu assim. Muitas delas falavam: 'Pra que que você vai fazer licenciatura? Você vai querer ser professora igual sua mãe?' E porque não ser professora igual minha mãe? Aí eu já comecei questionar: 'Porque ser professora igual minha mãe é um erro né?' Aí eu percebi que meu pai ficou muito puto da vida quando eu larguei a engenharia. E meu argumento foi: 'Você é novo, você pode fazer. Nunca é tarde, eu não quero fazer'. Doido né?(KALU, ENTREVISTA 19/09/16).

Esta realidade apresentada por Kalu é comum de acontecer. Também percebemos este discurso de pré-conceito com a profissão docente nas falas de Isaías e Vinícius os quais também relatam que foram vítimas de rechaços referentes à escolha pela licenciatura. Em consonância com Arroyo, (2000, p.30) ser professor ou professora é carregar uma imagem socialmente construída. Carregar o outro que resultou de tudo.
Em consonância com Maiolini, (2004, p.73) este desprestígio e desvalorização no qual o professor se encontra atualmente se relacionam com problemas diversos que permeiam a prática docente e apontam para a degradação desta ocupação, trazendo consigo uma gama de preocupações pertencentes a diversos ângulos de abordagens do problema:econômicos, sociais, psicológicos, pedagógicos, históricos os quais não devem ser vistos de forma disjuntiva, mas sim com um diálogo constante entre as diversas áreas do conhecimento responsáveis pelos aspectos apontados.

Esse desejo do pai de Kalu, e de muitos outros pais, em vê-la cursando engenharia que é considerado um curso de prestígio, está em consonância com a fala de

Krom (2000), onde, segundo ele desde o nascimento a pessoa já vem encarregada de ocupar determinado lugar, com expectativas e desejos dos pais e de toda a família. As profissões escolhidas e opiniões expressas pelos mesmos podem facilitar as escolhas dos filhos ou fazer com que os mesmos sintam-se forçados a determinadas decisões em seguir carreiras familiares imposta na família.

Ao optar por mudar de curso Kalu não queria tentar transferência de um curso para outro, pois gostaria de ter uma turma dela, uma vez que, segundo ela, isto lhe aproximaria das pessoas e a desenvolveria mais rápido dentro do curso. Então ela continuou puxando matéria ao longo de 2013 e se preparou para prestar o ENEM sendo chamada em 2014 para o curso de Ciências Biológicas Licenciatura que era o que ela passou a querer.

***Laise**: Você então nem sempre quis ser professora, não foi algo sempre determinado, teve um processo, foi isso?*
***Kalu**: Teve um processo. Teve processos assim, por exemplo, a escolha da biologia tem tudo a ver com todo meu processo de infância assim, eu sempre vivi conectada com miudezas assim... e natureza e animais. Então isso está bem vivo, sempre foi. Em relação a educar eu sempre tive um cuidado com tudo assim, eu consigo entender isso hoje com mais facilidade, eu tenho uma tendência a cuidar com muita facilidade. Cuidar de quem aparece doente, de quem aparece com problemas, cuidar de quem está tudo bem, mas só precisa de companhia. E eu acho que o cuidar tem tudo a ver com o educar, porque quando você cuida você também educa. Eu acho que isto tava em mim e eu só não sabia(KALU, ENTREVISTA 19/09/16).*

Percebe-se na fala de Kalu, assim como na de Isaías, que este contato anterior com a natureza, com animais, com as miudezas foi fundamental para uma escolha posterior pelas Ciências Biológicas. Para Jordani et al. (2014) o ambiente familiar no qual a criança está inserida influencia muito em suas decisões, bem como a convivência em grupos e escola desenvolve mecanismos de percepções, os quais também contribuem para suas escolhas. Kalu fala com muito entusiasmo dessa relação do educar e do cuidar e, ainda hoje a profissão docente é atravessada por esse cuidado com o outro o tomando para si.

Além disso, ao optar por fazer novamente o vestibular e não tentar transferência, Kalu ressalta seu anseio por uma vivência de pertencimento no curso, onde ela acredita que tendo uma turma só dela essa sensação de pertencimento irá contribuir para seu melhor desenvolvimento no curso. Isto ressalta a fala de Kalu quando ela diz que sempre buscou criar raízes, criar vínculos em sua vida que as mudanças da vida a

impediram. Portanto este seria um momento de se efetivar tal desejo, contribuindo para uma sensação de bem estar na realização do curso.

Quando pergunto sobre sua experiência profissional Kalu diz que como ela já estava na universidade anteriormente com outra matrícula e ela começou a se aproximar de várias pessoas, tanto amigos que ela já tinha e que também estavam vindo para o curso de biologia, como o caso do Isaías que passou junto com ela em Ouro Branco, fizeram o curso de bioprocessos parcialmente juntos, vieram praticamente juntos para biologia, e outros encontros que também foram acontecendo:

Então a gente tava começando a conhecer o nosso território, reconhecer nosso território assim, mesmo. Aí a gente se encontrou com a Priscila. A gente fez a etnobiologia que hoje é diversidade e cultura e fizemos educação ambiental que hoje nem tá mais na grade. Fizemos eu e Isaias e alguns outros amigos. E na época a gente estava conhecendo a permacultura. Aí mais pela parte do Isaías ele quis desenvolver um projeto. Aí a gente sentou e desenvolvemos juntos. Aí veio o projeto de extensão que a Priscila super colaborou para que ele existisse que é o projeto de extensão de educação comunitária por meio da permacultura(KALU, ENTREVISTA 19/09/16).

Este encontro com as disciplinas de etnobiologia e de educação ambiental, bem como o encontro com a professora Priscila e, posteriormente a criação do grupo de estudos Filhos da Folha foram encontros potentes que estimularam Kalu, Isaías e Guilherme a estarem em contato com as questões ambientais e desenvolverem projetos relacionados com a permacultura. O estudante Vinícius também esteve presente na criação e desenvolvimento do grupo de estudos Filhos da Folha. Neste sentido, acreditamos que ‘o encontro, momento de afetar-se é algo importante para a(des)(re)construção, do devir professor, que, por definição, nunca estará acabado’ (FERNANDES;VIANA;SCARELI, 2016). Estes encontros, estas produções de afetos relatados por Kalu, e pelos outros participantes em outros momentos, são fundamentais para o processo de (des)(re)construção do devir professor.

Em relação as experiências profissionais Kalu ressalta que estas estão mais ligadas a observar outras professoras, como por exemplo, desde pequena observando sua mãe que é educadora física e ela sempre pedia que a levasse com ela para a escola. Sozinha mesmo sua experiência está relacionada ao desenvolvimento de oficinas com os alunos as quais contribuíram para sua experiência profissional. Neste sentido, a

formação de professores carrega e ressignifica sentidos anteriores de prática que se referem às vivências que os licenciandos carregam dos longos anos de escolarização que possuem. Desse modo, essa experiência distingui e influencia de modo significativo a formação de professores de outras formações profissionais (VIANA et al., 2012). No entanto, as longas experiências pré-profissionais dos licenciandos ou as experiências formativas adquiridas em uma formação de caráter bacharelesco, voltada para a atuação como biólogo, não podem ser aceitas como suficientes na formação inicial e exercício da docência. Assim, em consonância com Viana et al., (2012) entendemos que 'caminhar nessas duas direções nos faria resgatar concepções do senso comum de que para ser professor não seria necessária uma formação acadêmica institucionalizada e supervisionada', uma vez que bastaria ter, como ressalta Gauthier et al., (1998): talento, bom senso, saber o conteúdo, ter cultura, seguir a intuição.

Então assim, minhas experiências em escolas elas estão mais relacionadas a... como que eu posso falar... com outras professoras dando aula assim, com eu observando desde muito criança com a minha mãe, desde muito criança que era um interesse meu, deu falar 'mãe, me leva'. E ela me levava, ela é educadora física. Agora eu sozinha, estar a frente de uma sala de aula veio a acontecer comigo por meio do projeto de extensão, que não são aulas propriamente ditas, mas são preparações, eu passei a dar oficinas. E hoje eu me sinto muito mais a vontade de falar assim... se alguém me perguntar 'Kalu, você daria uma oficina?' E eu daria. Provavelmente de um assunto que eu não sei eu ficaria um pouco mais... não sei... receosa mas eu acho que daria conta. Mas se é de permacultura ou algo que eu sei que eu domino eu me sinto muito a vontade, e a minha experiência é mais assim. Em escola mesmo, a primeira vez com os meninos foi na escola João Pio(KALU, ENTREVISTA 19/09/16).

Para Kalu, a participação neste projeto na escola João Pio foi a primeira experiência prática de estar a frente de atividades com alunos. Nesta fala percebemos que esta participação a deixou mais preparada e mais segura de estar a frente de uma sala de aula, oficinas, minicursos etc., principalmente se o tema estiver relacionado à permacultura que foi a maneira escolhida para desenvolvemos as atividades na escola. Em consonância com Guenther (2010), algumas ações que, muitas vezes, não são aprendidas pelos professores na sua formação inicial ou continuada e nem nos currículos impostos pela instituição escolar são exigidas pela prática pedagógica cotidiana do professor. Esses saberes da experiência, como são denominados, 'são produzidos e apropriados ao longo de sua história de vida, no "chão" da escola, em sua

prática pedagógica diária, nas relações entre professores, entre estes e os alunos, entre a escola e sua organização e entre os professores e os seus próprios saberes'. Assim, acreditamos que as práticas vivenciadas por Kalu e pelos demais participantes do projeto contribuíram para uma formação mais completa, que podem reforçar e expandir este contato com os saberes da experiência na prática.

Na experiência acadêmica de Kalu está a organização e participação do grupo de estudos 'Filhos da Folha' que era um grupo para fazer com que a educação comunitária acontecesse. Então o grupo surgiu buscando aprofundamento de tais questões. Várias pessoas do meio acadêmico, do meio não acadêmico e de cursos variados foram reunidas. Os encontros eram no mínimo uma vez na semana e pelo menos 10 pessoas permaneceram do início ao fim, mas variando tinha mais de 30. Esses encontros eram de estudos relativos à permacultura havendo também outros de organização e planejamento. Todas as atividades feitas eram planejadas.

***Kalu**: A gente sempre se reunia antes pra planejar e depois fazer. A gente nunca falou que ia fazer alguma coisa e simplesmente foi, a gente sempre teve planejamento. E aí este grupo foi tomando proporções assim, tanto no meio acadêmico quanto social. A gente intervia em repúblicas que pediam nossa ajuda para ir nos quintais e esclarecer conteúdos relacionados a permacultura que tudo tem a ver com educação ambiental. A gente trabalhou muito no centro comunitário lá do São Dimas. A gente trabalhou junto com outros projetos de extensão. Nossa! Foi tanta coisa (KALU, ENTREVISTA 19/09/16).*
***Laise**: Vejo que foi uma vivência bem significativa.*
***Kalu**: Muito significativa. Foi institucionalizado 2 anos de grupo de estudos e eu tenho certeza que todo mundo que fez parte desse grupo de estudos saiu sabendo muita coisa. E o mais interessante deste grupo de estudos é que ele era auto organizado, nunca existiu um liderança no Filhos da Folha. Então todo tema proposto era conversado, debatido entre o grupo. E aí era bonito, cada um apresentava uma aula sobre um tema. Então em termos de se tornar educador este grupo foi fundamental pra mim. Parecido com uma sala de aula tinha ali pessoas que eu via sempre. Então... cria-se afetos (KALU, ENTREVISTA 19/09/16).*

Esta participação no grupo de estudos Filhos da Folha foi uma experiência compartilhada pelos 4 estudantes que compõe esta pesquisa. Eles se organizaram com outras pessoas, formaram o grupo e desenvolveram diversas atividades. Acreditamos que esta vivência foi fundamental para o bom desenvolvimento do projeto na escola João Pio, uma vez que contribuiu para maiores conhecimentos sobre a permacultura que se mostraram fundamentais na realização das oficinas bem como uma maior

aproximação entre os seus participantes deixando as atividades mais entrosadas. Além disso, Kalu, Vinícius e Isaías são naturais da cidade de Passos e estabeleceram uma amizade que é anterior ao projeto o que acreditamos ter influenciado positivamente no desenvolvimento do mesmo. Eles já se conheciam há muito tempo, compartilharam vivências comuns desde a infância contribuindo assim para o bom andamento das atividades do projeto.

- **Vinicius**

Vinícius também é natural de passos tem 22 anos e estuda música desde muito novo. Começou a estudar com 7 anos de idade sendo que,formalmente, a partir dos 11 anos de idade e, aos 13 anos, começou a dar aulas em uma escola de música. Alí ele já considera que começou esse processo de formação de professor. Ele estudou o Ensino Médio no Colégio de Tiradentes da Polícia Militar em Passos-MG, sua cidade natal. Trabalhou dos 13 aos 18 anos nessa escola e após esses 5 anos ele ingressou na universidade para cursar a Licenciatura em Música.

***Laise**: Então, digamos que ela (licenciatura em música) te escolheu bem antes?*

***Vinicius:** Só que ainda sim eu tive um processo, para escolher isso, vir para a universidade estudar música foi um processo mais lento. Não tinha certeza disso. Fui ter certeza disso quando chegou muito perto de fazer o vestibular e eu decidi: Vou fazer, é isto! Porque a pressão social jogava sempre para o outro lado. Até na escola mesmo os professores não falavam para mim 'Vai estudar música mesmo que é o que você gosta', não, eles falavam assim: 'Oh, isso aí, não dá dinheiro' (risos)(VINICIUS,ENTREVISTA 19-09-16).*

***Laise**: É, essa questão financeira....*

Vinícius: *É o que mais cai em cima.*

Vinícius, assim como Kalu e Isaías, ouviu rechaços de seus colegas referente à profissão docente. A fala 'Isto aí não dá dinheiro' é emblemática no que se refere ao desprestígio da carreira de professor que, segundo Vinícius, é o que mais pesa.

Vinicius ingressou na universidade aos 18 anos. Quando pergunto a ele sobre sua expectativa ao escolher o curso ele diz que não sabia direito o que era a licenciatura.

Vinicius: Ah, *eu, na verdade não sabia direito o que que era a licenciatura assim mesmo, porque, como que eu falo... Não sei... é que eu sempre, eu estudava música, eu*

lidava com o ato de ser professor, mas eu não entendia o que era a licenciatura mesmo. Eu só entendi quando eu entrei mesmo e vi: ahh este é o fundamento do educador, aprender sobre a didática acima do conteúdo que você vai estudar. Não importa se é música, se é geografia, se é ...tem um aparato que trabalha isso. E eu não sabia isso, porque eu não enxergava isso na maioria dos meus professores. Acho até que a maioria dos meus professores não eram licenciandos, eram bacharéis que acabaram caindo em cargo de professor (VINICIUS,ENTREVISTA 19/09/16).

Esta fala de Vinícius demonstra o que acontece com grande parte dos jovens que ingressam no ensino superior em que não conhecem a estrutura do curso o qual estão ingressando e acabam por desistir ou cursar de maneira insatisfeita a graduação o que pode acarretar um baixo desempenho acadêmico dificultando e desmotivando ainda mais a conclusão do mesmo. O mesmo ocorreu com Isaías e Kalu que, ao iniciarem o curso de Engenharia de Bioprocessos em Ouro Branco, o qual acreditavam que se desenvolveria de uma forma, acabaram ficando decepcionados com o curso fazendo-os buscar outras possibilidades.

Esse discurso dos estudantes vão ao encontro ao que é discutido pelo Ministério da Educação em relação à evasão. Segundo o MEC (1996) há três fatores que influenciam a evasão ensino superior: os fatores característicos individuais do estudante, os fatores internos as instituições referentes à evasão e os fatores externos as instituições. Assim, como relatado pelos estudantes, fatores como: escolha precoce da profissão, desencanto com o curso escolhido, a falta de clareza sobre o projeto pedagógico do curso, baixo nível de didática-pedagógica, estão entre alguns dos motivos que levam a evasão dos cursos superiores (MEC, 1996).

Vinicius sempre trabalhou concomitantemente à graduação e ressalta que, na verdade, mais trabalhou do que fez faculdade. Quando pergunto sobre suas experiências mais significativas ele ressalta que, enquanto licenciando, a experiência mais significativa foi na Escola João Pio.

Enquanto licenciando, acho que uma experiência muito massa que eu tive é a do João Pio mesmo que eu acho que eu tive o maior contato com uma escola, escola regular. Hoje atualmente eu dou aula em outro projeto, no projeto 'Mais Educação' lá em Emboabas. Eu sou professor de viola caipira lá.Também uma escola regular só que é um lugar até parecido com o João Pio lá. Só que eles são escola integral. É uma comunidade pequena e todo mundo fica na escola praticamente o dia todo, e durante a tarde é mais aberto cada dia é uma disciplina diferente durante a tarde inteira. Aí no

caso quinta-feira que eu vou eu dou aula de música. Mas no João Pio foi a experiência que eu tive mais tempo e contato assim com as crianças né, de ter um tempo mesmo. E na verdade com a escola, com essa área da licenciatura na escola pública foi a primeira experiência (VINICIUS,ENTREVISTA 19-09-16).

- **Guilherme**

Guilherme tem 21 anos e nasceu no bairro Tejuco em São João del Rei-MG. Foi um aluno que, em sua infância, gostava muito da escola e levava muito a sério a escola. Ele relaciona isto ao fato de que estudou em escolas muito organizadas, com métodos bem rígidos, com disciplinas bem tradicionais, então era uma coisa certa, que ele devia ir e tal. Aí depois a escola ficou outra coisa. No Ensino Médio ele teve várias escolhas de curso e ele acha até meio engraçado, pois queria fazer ou Biologia, porque tem dessas coisas de ir para o Mato e observações, mas o que mais atraía ele era a parte marinha, mergulho etc. e ao mesmo tempo ele queria ser instrutor de esportes radicais, instrutor de paraquedismo. No entanto, ele acabou fazendo o ENEM e conseguiu entrar primeiramente no curso de Zootecnia, pois não havia passado em Biologia. E como o processo seletivo para Biologia era anual ele passou em Zootecnia no meio do ano e depois transferiu para Biologia no próximo semestre, embora tenha achado o primeiro semestre de Zootecnia interessante. Guilherme cursa Biologia na modalidade Bacharelado e nunca tinha pensado em ser professor, pois seu encantamento com a Biologia se deu principalmente pela área da biologia marinha. Já o interesse de Guilherme pela educação se iniciou a partir da curiosidade em saber como é que se aprende. Este é um ótimo questionamento que motiva muitas reflexões e movimenta muitas pesquisas na área da educação.

Estudei um semestre e foi muito interessante assim porque lá eu tive outras visões até biológicas que eu nunca pensaria que eu ia gostar, eu super animei que era microbiologia células e eu achei super interessante e fazendo zootecnia. Eu queria fazer biologia pelo interesse de mergulho de ter essa vivência mais perto esse contato com a natureza com a serra com os animais e aí quando eu entrei aqui foi bem louco porque na escola eu não queria ser professor eu não gostava de nada e aí eu entrei aqui na Biologia tive contatos com amigos que estudavam educação e foi quando eu comecei a falar 'Ah eu queria saber se processo de como é que a gente aprende'. Muita gente até fala né,tem processo que a gente aprende até desigual. Aí comecei a interessar conversar com eles pesquisar (GUILHERME, ENTREVISTA 07/10/16).

É muito interessante ver o quanto a educação pode atravessar caminhos nunca imaginados e você pode, em algum momento,ser surpreendido pelo fazer pedagógico.

No país, muitos bacharéis em Ciências Biológicas possuem um Certificado de Autorização para Lecionar, o chamado (CAT). Assim, ao se formarem, muitos bacharéis encontram na educação uma forma de trabalho e passam a estar a frente da sala de aula. Neste sentido, este contato com as teorias pedagógicas, com a prática pedagógica, através de experiências como esta desenvolvida na escola João Pio se fazem importantes para que um bom profissional se desenvolva, sendo ele licenciando ou bacharel.

No segundo período, Guilherme conhece uma amiga que lecionava em uma escola de tempo integral no bairro Rio Acima e ela o chama para ajudar nas oficinas de uma horta que ela estava desenvolvendo. Guilherme aprendeu bastante coisas nesse período e teve muita vivência boa, muitas trocas.

Guilherme: *Logo no segundo período eu conheci uma amiga minha que que estudava comigo e ela dava aula lá no Rio Acima que é um bairro que tem em cima do Bonfim aqui em São João e lá é bem próximo do lixão e ela dava aula nas oficinas de horta no Programa Mais Educação e ela me chamou para ajudar ela para ser uma coisa melhor pois tinha muitos alunos em média uns 23 que ficavam à tarde às vezes 20, 19 por aí sempre nessa faixa. E aí ficaria mais fácil de 2 e eu tinha começado a interessar aí eu falei para ela quero sim obrigado por ter me chamado e eu vou sim. E ela me ensinou bastante coisa me trouxe muita troca e a vivência lá foi muito fantástica. E por que foi do outro lado da sala, eu estava vendo os alunos, foi muito diferente assim. E ver o quanto é importante aquele lugar ver as crianças pequenos na faixa etária de 6 a 12 (GUILHERME, ENTREVISTA 07/10/16).*

Laise*: E foi a partir daí que despertou a sua vontade em trabalhar com educação?*

Guilherme*: Nossa foi aí que eu vi. Nossa educação é tudo. A educação está em todo momento. Isso influencia todas as nossas atitudes e escolhas e até mesmo caminho das sensações. E aí a gente vê uma realidade muito diferente de São João Del Rei. Éuma outra realidade, eles estão ali meio que abandonados próximo ao lixão (GUILHERME, ENTREVISTA 07/10/16).*

Laise*: Aí os alunos tinham aula de manhã e vocês faziam oficinas à tarde?*

Guilherme*: Isso, essa é a tentativa de escola integral do governo, então eles oferecem diversas oficinas em diversas áreas. Aí o aluno estuda durante a parte da manhã na sua frente e almoça na escola. Aí depois, logo em seguida, ele descansa e as atividades começam lá pela 13:30. Varia de atividades durante a semana capoeira, MuayThai, gente da horta, percussão, teatro etc.É bem interessante (GUILHERME, ENTREVISTA 07/10/16).*

Após esta experiência na escola de Rio Acima Guilherme passou a facilitar oficinas para estudantes mais velhos. Seu contato com as crianças se deu novamente na Escola João Pio. Guilherme fala com muita alegria desse encontro com a educação e se mostra muito contente com as atividades desenvolvidas nesta escola e com as trocas que ocorreram lá.

***Laise**: E você tendo essa experiência anterior, nesta escola mais tradicional, mas que você tinha liberdade de elaborar as atividades, e participando das atividades desenvolvidas na João Pio. Você acredita que foram experiências parecidas?*

***Guilherme**: Olha a escola sendo o tradicional e tendo essas relações que às vezes o diálogo que a gente leva para uma oficina e até mesmo o modo de como dizer isso a eles é importante. Mas tinha uma supervisora que ela era Educadora física e ela era muito legal, muito aberta, muito tranquila de entender, de querer e aí as coisas caminhavam melhor. E aí as únicas falhas assim que eu viria seria só nas estrutura no contato com a prefeitura na necessidade de algum material que a gente fosse utilizar um captador de água por exemplo a gente tinha que pedir ia demorar a semana então essa dificuldade de materiais estrutura e até mesmo a dificuldade de tentar levar a Biologia para fora da sala levar os meninos para fora da sala tinha toda uma precaução e um cuidado (GUILHERME, ENTREVISTA 07/10/16).*

A fala de Guilherme nos mobiliza a pensar o quanto é importante ter na escola aberturas, pessoas abertas que contribuam para a organização de um currículo mais permeável para que as coisas possam acontecer e que contribuam para que experiências outras possam entrar na escola. Em escolas onde encontramos pessoas fechadas, que não estão abertas ao novo, às invenções, dificilmente proporcionam diferentes trocas, diferentes experiências, diferentes vivências.

Assim, em consonância com Romualdo et al. (2013) um dos pontos a serem (re) visitados constantemente é a organização curricular, pois na medida em que o currículo é uma seleção cultural, quer ovacionando quer silenciando as culturas, as implicações desta na vida dos sujeitos carregam em si uma substancialidade. Neste sentido, o currículo pode ora engessar as práticas escolares ora possibilitar os usos do conhecimento com “artes de fazer” (ROMUALDO et al., 2013).

Trata-se de um desafio, pois os conteúdos trabalhados pela escola vêm, historicamente, obedecendo a uma seleção e a um trabalho voltado para poucos, num modelo de escola elitista e centrada na instrução. No entanto, com a democratização do acesso e a entrada de novos contingentes educacionais na escola, emerge a necessidade

de repensarmos os conteúdos, os métodos e as ações pedagógicas concebidas de forma ampla, de maneira que a atuação da escola desenvolva-se a partir de valores desejáveis a uma sociedade democrática visando práticas coerentes que favoreçam o exercício da cidadania ativa.

Neste período de faculdade as experiências de Guilherme estiveram nessas duas escolas, a escola do São Dimas e a escola João Pio, além do preparo de oficinas diversas.

3.3.2 Prática pedagógica e produção de afetos

No decorrer do desenvolvimento da pesquisa fomos percebendo que havia muitos sentimentos envolvidos por parte de todos os participantes, o que também foi ressaltado no texto que eles escreveram ao final do projeto. Esse aspecto passou a nos chamar a atenção e se tornou um ponto importante da entrevista onde pergunto aos entrevistados qual/quais sentimentos foram experienciados, vivenciados, quais sentimentos os invadiram durante este período de atividades.

A escola João Pio foi a primeira experiência de Kalu que se diz muito privilegiada ao ter sua primeira experiência nesta escola e poder educar 'entre amigos'. Os demais participantes do projeto Guilherme, Isaías e Vinícius fazem parte do vínculo de amigos de Kalu, bem como a professora Priscila que já esteve em contato com ela em outros momentos como disciplinas e projetos. Além disso, através das observações no decorrer do semestre podemos dizer que este vínculo passou a se estender a todos os integrantes da escola desde alunos e professores até os funcionários e diretora da escola o que deixava a atividade ainda mais entre amigos e com muitos sentimentos. Neste sentido, esse vínculo de amigos pode ter potencializado esta experiência para ela e me arrisco a dizer, a partir das observações feitas, que para os demais participantes também.

É engraçado assim. A partir do momento que eu fui fazer licenciatura eu ficava pensando nos meninos, no pessoal das escolas e é voltado para o ensino fundamental II e ensino médio. E eu me sinto tão privilegiada, como que eu acabei de falar eu tive meu primeiro acesso ao educar com amigos, com afetos feitos ao longo de dois anos e aí depois a minha primeira experiência em escola foram com crianças, os meninos do fundamental I. Tudo tem tanto sentimento, tudo no qual eu tenho feito parte. É uma relação de tanta intimidade. E, participar lá da escola foi tanto amor mesmo que eu sinto que tudo vem para me dar um pouquinho mais de certeza que eu tô caminhando

no caminho certo que eu escolhi. Que o caminho que eu escolhi é certo e é cheio de sentimentos mesmo....que é sensacional (risos)(ENTREVISTA, KALU 19/09/16).

Os afetos foram tomando conta de Kalu, ela se sentia bem naquele lugar, com aquelas pessoas. A insegurança vai perdendo espaço, o encantamento foi se achegando e Kalu foi se sentindo abraçada, se sentindo amada naquele lugar, por aquelas pessoas.

E aí o cotidiano que não é tão cotidiano porque a gente ia toda semana, mas passava-se passou a ser encontros que sempre aconteciam ne. E isso foi dando lugar assim a sentimentos de afetos mesmo, então... as crianças eram presentes na minha mente assim, o rostinho de cada uma dela, das professoras, da Maria que é da cantina, com Demétrios que cuida do espaço e aí eles passaram a fazer parte da minha vida, então eu não tinha mais como me sentir insegura, porque eu estava lidando com pessoas na qual eu me sentia bem. Então eu comecei a me encantar. E aí foi mais encantamento mesmo, assim. E aí eu não me senti insegura sobre o que eu sabia, ou sobre o que eu iria chegar lá e passar porque eu também estava acompanhada de outros colegas, né. Tanto com as pessoas do espaço da escola quantocom as pessoas queestavam indo lá comigo. Então eu tava me sentindo abraçada mesmo. Quando eu falo abraçada é porque eu tava me sentindo mesmo ...me sentindo amada (KALU, ENTREVISTA 19/09/16).

Figura 8: Vivência

O que dizer desta foto? Ela movimenta muitos pensamentos. Então o que dizer? Uma descrição da foto diria que Kalu está a explicar o esquema padrão das plantas, suas raízes, caule, folhas etc. Também poderíamos reforçar a fala de Kalu quando ela diz que foi envolta por amor, afinal todas as crianças estavam ali, rodeando-a. Mas há algo mais... tem que haver algo mais... E há! Há uma estudante da biologia e do mundo e da vida, se descobrindo, se transformando, agindo, se doando, se formando, se transformando. Uma estudante com desejos, afetos, medos, inseguranças, mas acima de tudo com vontade... Vontade de vivenciar, experimentar, experienciar e se deixar levar.

Estar aberto ao novo, a invenção, ao diferente é fundamental para que as experiências possam fazer sentido e ter intensidade movimentando a formação. Podemos dizer que aí está envolvida uma aprendizagem da sensibilidade, uma aprendizagem que se deixa afetar por ela e acolhe seus efeitos sobre si. Em seu texto, ao final do projeto, Kalu ressalta que:

'E o que mais me marcou foi a liberdade que a escola proporciona a todos que estão envolvidos com ela, e isto faz com que as pessoas se aproximem entre si, se envolvam com os projetos, sonhem juntos. Eu particularmente sonhei, me envolvi e me apaixonei, e restou uma motivação enorme, para dar continuidade a uma proposta educacional que estabeleça relações entre sujeitos, sendo eles, quaisquer pessoas envolvidas na comunidade escolar (Kalu, texto Dezembro de 2015).

O estudante Vinícius quando questionado sobre seus sentimentos neste período ele menciona que se agrada muito em trabalhar com crianças, para ele são elas que terão a oportunidade de fazer algo diferente. Ele tem dificuldades de descrever seus sentimentos e sensações a princípio. Mas depois ele encontra a palavra que descreve seu sentimento que é realizado.

***Vinícius**:Certo. Eu gosto muito de trabalhar com crianças assim, me agrada muito. Eu tenho certeza que é o lugar mais importante de ser atuado é essa galera que vai vim, que tem a oportunidade de fazer algo diferente. Então eu acho que o que eu mais senti é ...não sei uma palavra para definir isso...(VINICIUS, ENTREVISTA 19/09/16).*

***Laise**: Alguma sensação enquanto você estava lá...*

***Vinícius**: Eu tenho a sensação de estar... como falo... impulsionando, mas não é essa palavra. Me sinto ... quando a gente se completa assim... sensação de realizado. Isso! Realizado de estar podendo passar um conhecimento pras crianças (VINICIUS, ENTREVISTA 19/09/16).*

Figura 9: Realização

Estar realizado em uma profissão ou em qualquer coisa que nos disponhamos a fazer não é fácil. A realização é um sentimento prazeroso que por vezes esta muito distante da profissão docente. É comum ouvir dos profissionais da educação lamentações, reclamações, insatisfações devido aos excessos de carga horária, má remuneração, péssimas condições de trabalhos, alunos desinteressados, mal criados, difíceis de lidar. O que vemos, muitas vezes, são professores angustiados, sem vontade e nenhum pouco realizados.

Guilherme ressalta, assim como Kalu, a boa recepção pelos alunos, professores e demais funcionários da escola o que contribuiu para uma melhor empolgação e interação no desenvolvimento da oficina. Para ele muitas sensações e sentimentos foram sendo despertados, dentre eles a sensação de manter os pés no chão, ver que ali pulsa vida e poder estar ali e contribuir neste processo dos alunos e dele foi muito importante:

Então, eu fui bem recebido demais nas duas escolas. Na João Pio foi demais, as professoras eram incríveis mesmo. E como já tem essa recepção esse calor humano a gente fica mais empolgado de interagir melhor, que estar falando bom dia mais animado, de falar 'Olha estamos aqui'. E lá foi para mim um meio de sensações e de vários sentimentos.Eu pude sentir várias coisas lá na escola de todas as suas estruturas assim, desde os alunos até a diretora e ver alguns momentos que, realmente, como que esse contato me põe em pés no chão. Eu acho que essa é a minha maior sensação que eu tenho. Eu posso descrever aqui vários adjetivos muito bons, ficar falando de várias horas, mas uma coisa que me fixou na cabeça foi esse pé no chão. Eu chegava assim, né, graduando a gente tem aquela crise existencial aí vêm as professoras, e você chega lá na escola, e é vida. Então tipo, não tenho problemas, tô reclamando de barriga

cheia. Então eu tenho todo esse tempo que eu tô estudando para chegar né e tentar transformar deixar uma parte minha ali. E esse pé no chão é uma forma muito interessante, é como você conversa com aquelas pessoas com aquelas criança e isso é um desafio porque é como interagir mesmo do quê que eu vou falar como eu vou falar e essa outra sensação foi bem um desafio, um desafio de estar ali e tentar ter outros diálogos escutar mais eu pude escutar mais, e falar também até, contribuir bastante (GUILHERME, ENTREVISTA, 07/10/16).

Figura 10: Mantendo os pés no chão

Ser bem recebido em qualquer lugar que formos é muito importante. Podemos ver na fala de Guilherme que a maneira com que fomos e continuamos sendo recebidos na escola fez toda diferença, pois contribuiu para que a vontade de estar ali permanecesse acesa e deixou aquele lugar mais empolgante e com maior possibilidade de interação como ressalta Guilherme. Além disso, a fala dele 'Olha, estamos aqui' nos mostra a sensação de pertencimento dele com a escola.

Ressalto aqui um trecho retirado do Diário de Campo o qual descrevo a sensação que eu percebia quando chegávamos na escola:

É uma alegria que não consigo descrever, você olha para os alunos e eles estão felizes, alegres... olho para as professoras e funcionários e eles estão também muito alegres e felizes em estar ali. Penso que esta alegria também contagiou nossos licenciandos, pois

percebo claramente a alegria deles em estar ali, sempre sorrindo, e contentes com a recepção de cada dia (DIÁRIO DE CAMPO, 02/09/15).

Essa alegria de estar lá, de ser percebido e fazer parte daquele lugar, essa sensação de pertencimento contribuiu para movimentar nossas atividades.

Guilherme também ressalta a importância da união de todos durante as atividades bem como os valores aprendidos durante este tempo na escola. Estes são pontos importantes para o processo formativo desses professores não só na vida profissional, mas também pessoal.

***Guilherme**: A participação de todos me ensinou muita coisa no decorrer dessa construção da horta. Cada um com suas perguntas engraçadas, seus sotaques e frases abrem em mim uma imagem de um círculo onde juntos, em união, cada um do seu jeito possibilitou grandes trabalhos juntos, que sempre nos soma pessoalmente. Esta vivência só pode me acrescentar, desde os pequenos momentos até os mais marcantes. É ótimo estar aprendendo com uma escola uma oficina de horta e principalmente com as crianças, os valores que nossa sociedade hoje parece que desaprendeu (Texto Dezembro, 2015).*

O estudante Isaías se descreve uma pessoa ansiosa e, segundo ele, em seus primeiros momentos na escola, a ansiedade sempre esteve com ele. Ele também ressalta, assim como Kalu e Guilherme, o amor que os alunos da escola tinham conosco. Para ele a curiosidade e o modo com que as crianças enxergam o mundo foi uma das coisas que mais o marcou que é, segundo ele, algo que '*transborda'*. Além disso, Isaías destaca o modo de trabalho das professoras da escola, para ele esse contato com as professoras, o modo de trabalho delas, o jeito de estar ali na escola e lidar com as coisas lhe trouxe muitas experiências.

***Isaías**: Olha...de sentimento acho que foi uma mistura de tudo assim, de tudo mesmo. Eu sou uma pessoa muito ansiosa, isso nunca sai de mim. Então, tipo assim, nos primeiros momentos eram sempre momentos ansiosos. E era muita chuva de amor dos meninos quando a gente chegava e, aquele processo de saber se a gente estava fazendo certo se estava fazendo errado, se eles estavam aprendendo... Uma coisa que eu acho que transborda foi, como a gente tá trabalhando com criança, é o processo da curiosidade e o modo como eles enxergam o mundo foi uma coisa que me afetou muito assim porque quando a gente tá no meio de criança a gente acaba ficando um pouco criança também. E aí eu acho que isso foi muito legal, sentir a curiosidade deles com o mundo sabe, tudo que eles via na terra eles pegavam e queriam saber o que que era e eles perguntavam e a gente tinha figura meio que de saber todas respostas. Eles perguntam muitas coisa e é como se a gente tivesse que saber todas as respostas. Isso é*

uma coisa assim que eu fiquei pensando também. Mas só fez transbordar de coisas boas, em todos os espaços. Muitas experiências, também com as professoras, ver como elas lidam com essa tarefa, eu acho que me trouxe muita experiência também com contato delas (ISAÍAS, ENTREVISTA 22/09/16).

Figura 11: Ansiedade?

Apesar de Isaías afirmar ser uma pessoa muito ansiosa, percebo que esta ansiedade foi perdendo espaço enquanto ele se inseria nas atividades e se inundava de outros sentimentos. Nesta foto percebemos um Isaías sereno, tranquilo, conectado ao meio ambiente. Isaías, estando a frente das dinâmicas neste dia, está sob o olhar de todos, e ele não mais me parece ansioso. Sim, a ansiedade vai perdendo espaço para a tranquilidade. Neste sentido, as atividades desenvolvidas contribuíram para um tornar-se tranquilo, sereno, paciente características estas importantes para o dia-a-dia não só na sala de aula, mas também pra vida. Segundo Larrosa (2002, p.24), o sujeito da experiência esta sempre receptivo, pára para olhar, pára para escutar, sentir.

Figura 12: Experienciando a formação

O paradigma cartesiano não nos permite o mergulho (ALVES, 2001) e a entrada na escola com olhos de ver-sentir-viver. Há um aprisionamento do olhar que insiste em análises e pré-julgamentos a partir de visões verticalizadas e prescritivas da prática pedagógica. O conhecimento, nesta lógica, é nas palavras de Santos (2000) algo desprovido de paixão, de sentimentos, o que distancia ainda mais o conhecimento do senso comum de uma valorização (ROMUALDO et al, 2013).

Larrosa (2002) se refere à experiência, ao sujeito da experiência como aquele que tem paixão, ele sente, sofre, padece e se transforma. É esta reflexão que faço desses estudantes, percebo que eles sentiram, se apaixonaram, sofreram, mas se transformaram,

experienciaram. Ainda segundo Larrosa (2002, p.26) 'somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação'.

É importante ressaltar que Kalu, Isaías e Vinícius compartilharam juntos momentos anteriores à universidade, alguns deles desde a infância. Além disso, os mesmos juntamente com Guilherme também compartilharam outros momentos e espaços na universidade o que contribui para um melhor entrosamento dos mesmos o que pôde ser percebido durante o desenvolvimento do projeto contribuindo para um bom andamento das atividades e proporcionando momentos de descontração, coletividade e união. Neste sentido, as atividades ganhavam muito em tê-los juntos no desenvolvimento das mesmas, pois é muito bom estar entre amigos. Percebemos, portanto, a dimensão colaborativa da prática pedagógica.

3.3.3 A prática pedagógica como invenção: O diferente na formação de professores

> O que seria uma prática pedagógica capaz de produzir uma política cognitiva da invenção, deslocando o foco da informação para a problematização? Em que consistiria manter viva a atenção ao plano de forças e dos devires, a potência de resistência à recognição? E, ainda, como expressar a potência do abalo, das dissonâncias e da bifurcação que uma certa prática pedagógica pode produzir na subjetividade? Pois para ser mestre não basta transmitir informações novas, que logo serão substituídas por novas informações novas e igualmente descartáveis, mas produzir uma experiência nova, que não envelhece, que conserva sua força disruptiva e se mantém sempre nova (KASTRUP, 2005).

No segundo momento da entrevista pergunto aos estudantes como eles percebiam, avaliavam a importância dessa participação, dessa vivência na Escola João Pio para a sua formação como educador/a, como professor/a, educador/a ambiental.

Isaías é enfático em dizer que o espaço da escola foi um espaço mágico. Ele se diz sensibilizado ao ver o funcionamento da escola, a abertura que ela nos dava para realização das atividades, a relação das professoras, dos alunos, do cuidado com o outro e principalmente o cuidado com um aluno da escola. Para Isaías esta escola possui uma energia muito mais leve que as outras que ele tivera contato enquanto estudante.

Segundo Deleuze (1979, p. 09) apud Rodrigues (2015, p.67)

> […] um novo modo de "ligação entre teoria e prática" está ocorrendo, e permeia a constituição de um intelectual específico. Esse intelectual não mais se baseia no discurso "universal" do "justo-verdadeiro-para-todos". Esse novo modo de ligação busca resolução para os problemas que lhe são específicos: as "lutas reais, materiais e cotidianas". (...) O lugar de pesquisadora não estava

> ocupado por uma verdade científica que julga os comportamentos, indica o que é bom ou ruim, mas se configurava como uma paisagem em constante transformação, de acordo com a criação de novos mundos. Também nesse sentido, Deleuze (1979), ao discutir sobre os revezamentos teoricopráticos, argumenta que a teoria precisa ser entendida como uma caixa de ferramentas que precisa ter serventia para as pessoas, para que, em processos de negociação e de reinvenção, possa fazer revezar outras teorias e práticas.

Uma coisa que eu fico refletindo muito e, ainda mais agora que eu estou tenho contato com outras escolas, é que todo espaço da João Pio ele é mágico. Assim, tudo que a gente viveu....A João Pio foi o primeiro contato depois que eu saí de escola que eu fui com outro personagem assumindo outra postura. E aí eu sempre achei que o espaço da escola, pelo menos a minha vivência esse negócio de ser de classe baixa e estudar nas melhores escolas assim isso sempre foi um choque para mim. Essa questão de realidade até com a minha turma. E sempre foi um espaço que não foi espaço de tanto prazer a escola assim sabe. Aí na João Pio me sensibilizou muito ver como que é a relação das professoras, dos alunos, se lembrar do processo de cuidado um com o outro, lá eles se abraçavam muito, o processo com (aquele aluno em especial) ....de cuidado um com o outro. É um processo, tipo assim, parece que aquela escola tem uma energia muito mais leve que as outras escolas e, essas aberturas que escola João Pio dava pra gente de proporcionar oficinas era um espaço que as crianças sentiam que elas estavam brincando(ISAÍAS, ENTREVISTA 22/09/16).

Isaías também ressalta que a alegria e emoção com que éramos recebidos quando chegávamos na escola mexia muito com ele, sendo este um grande diferencial que ele vê em outras escolas onde os meninos ficam todos sentadinhos observando a professora não havendo todo esse contato e carinho que acontecia na escola João Pio.

***Isaías**:Tipo quando a gente chegava era uma alegria assim né a gente era recebido com muita alegria com muita emoção, aí isso mexia muito comigo de perceber a escola que abriu oportunidade para os alunos estarem vivendo essas coisas, esses sentimento dentro da escola, assim é uma coisa que é super progressista nos dias de hoje. E eu vou em outras escolas e é aquele negócio: os meninos sentadinho observando a professora, uma relação muito autoritária, de menos carinho, menos contato assim que foi uma coisa diferente que eu vi no João Pio. Foi muito legal o nosso trabalho todo, assim a gente recebia um feedback dos alunos e das professoras muito bom, tipo esse contato do que que a gente trabalhava e do que que as professoras trabalhavam e desenvolviam com eles dentro da sala de aula que eram coisas meio relacionada com que a gente tava trabalhando. O contato, o processo das professoras falar como que estava o processo de feedback de dentro de casa, que os meninos estavam se envolvendo com as próprias hortas que tinha em casa, fazendo as coisas, aí isto tudo foi muito importante (ISAÍAS, ENTREVISTA 22/09/16).*

Este espaço mágico e esta energia leve que Isaías menciona acreditamos que se dê devido ao fato desta escola ser bastante permeável á outras possibilidades. A pedagogia da escola contribui muito para que tais práticas aconteçam e possam

possibilitar esta sensação de bem estar relatada por Isaías e demais estudantes. O bem estar, o modo com que os professores desenvolvem as atividades e o modo que todos interagem na escola também é mencionado por todos em vários momentos**.** Além disso, Isaías também ressalta a relação menos autoritária e de mais carinho que acontecia na escola que proporciona uma relação de maior igualdade entre alunos e professores e favorece a interação dos mesmos. Saber que a escola estava abrindo oportunidades para que aqueles alunos pudessem vivenciar outras coisas, outros sentimentos mexeu muito com Isaías.

Outra fala de Isaías nos mostra o quanto esta prática 'diferente' marcou sua formação e o deixou com esta certeza de que é possível sim fazer diferente, é possível ousar, inventar, experimentar e não somente repetir o mesmo.

***Isaías**: Porque é isso assim, o que mais o João Pio me marcou é porque ele mostrou que é diferente, é possível ser diferente do que eu já vi, por mais coisinhas que tinha lá na João Pio dava certo, dava certo ter um monte de meninos de idade diferente na mesma sala, dava certo dar a opção para os meninos brincarem no parquinho e fazer uma atividade, dava certo colocar o menino que tava precisando de muito mais atenção no professor do que os outros e ele se sentir tranquilo em relação a ele sabe, ficar bem. No João Pio deu muita coisa certo. Eu vi muita coisa que todo mundo fala ' Ahh...mas não tem jeito' e lá me mostrou outras possibilidades mesmo, de pensar até o próprio espaço da escola. E eu acho que isso é o que foi legal, de saber que a gente tem que responsabilidade por pensar dar certo. A partir do momento que você tá na escola e você escolhe construir aquela escola tenta fazer dar certo e não deixa apagar aquela chama, que a gente tem muito essa chama, não sei, eu tenho muita vontade de mudar as coisas sabe, a gente tem essa gana assim. E quando as coisas não acontecem a gente realmente vai ficando morno, vai se adaptando a esse modelo e essa é a única coisa que eu não quero, eu só quero ter essa chama de querer mudar, de querer fazer diferente sabe? Eu acho que a João Pio fez isso, ela foi procurar outro modelo, foi pensar outra forma de fazer e, por mais tenha desafios a galera tá até hoje lá tentando o modelo, tão crescendo os menino tão... sabe os meninos não ficam pra trás em nada em relação ao conhecimento que é o que é escola avalia né, que avalia não é prova assim são notas e eles não ficam pra trás desse processo. Então é tentar mesmo fazer diferente tenta sair da caixinha mesmo da escola.*

***Laise**: E isto nos pareceu que eles são bem mais felizes né?*

***Isaías**: Nossaaa... todos eles, as professora eram outras. A gente via as professoras acesas, com vontade e elas iam falar das escolas elas iam falar felizes. Elas não 'haa porque aquela escola é uma escola problema' (risos) gente... é o que eu mais ouço: 'Nossa porque escola pública não sei o que' sabe. E lá o tempo todo eles falavam 'Nossa mas é um amor trabalhar aqui na João Pio'. E era assim, era um ambiente de amor, de carinho, de respeito sabe.*

A fala de Isaías vai ao encontro com as reflexões de Barbosa (2004). Segundo ele:

> Atualmente, debatemo-nos em contradições no fazer pedagógico: entre teoria e prática, entre ciência e poder, entre os discursos dos detentores e dos despossuídos do mesmo. Entre o discurso da mudança e a efetivação das ações existe um grande caminho a percorrer. A coerência do agir com o pensar nos apresenta um compromisso que não é fácil de assumir. A articulação entre teoria e prática é um desafio que exige riscos e, para isso, é preciso quebrar padrões e ir contra corrente que dita e impõe princípios (BARBOSA, 2004).

Neste sentido podemos perceber que nesta escola as práticas desenvolvidas faziam todo um sentido para os alunos e para os estudantes em formação participantes da pesquisa. Podíamos observar uma práxis mais efetiva, uma articulação entre teoria e prática na qual professores e alunos estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Kastrup (2001) o estudo da aprendizagem desvia-se então da perspectiva ambientalista, que se encontra presente, explícita ou implicitamente, nas concepções que restringem a aprendizagem a um processo de solução de problemas. Kastrup (2005, p. 5) traz reflexões interessantes sobre o processo de ensino aprendizagem o qual podemos ampliar também para pensar o processo de formação destes professores. Segundo a autora:

> Perspectivada pela invenção, a aprendizagem surge como processo de invenção de problemas. Aprender é, então, em seu sentido primordial, ser capaz de problematizar a partir do contato com uma matéria fluida, portadora de diferença e que não se confunde com o mundo dos objetos e das formas. A noção de aprendizagem inventiva inclui então a invenção de problemas e revela-se também como invenção de mundo. Trata-se de dotar a aprendizagem da potência de invenção e de novidade (Kastrup, 2005, p.5).

Assim, pensar a formação de professores, a formação de professores educadores ambientais como invenção significa distanciar de uma perspectiva ambientalista que, implicitamente ou explicitamente, restringem a formação destes professores à solução de problemas, mas sim pensar a formação destes por meio da invenção de problemas a partir da problematização. Acreditamos que este diferencial, este estar em contato com algo novo, este tentar fazer diferente e ver que é possível fazer diferente proporcionou

uma invenção e uma reinvenção destes estudantes e sua prática pedagógica. Para Kastrup, este processo começa com esforço, por intermédio de uma atitude consciente e intencional, mas que se torna, com a prática, espontânea e inintencional (KASTRUP, 2005, p.6).

Kalu fica muito feliz e emocionada ao falar da escola, das atividades, dos alunos, dos momentos vividos. Pergunto a ela sobre esses sentimentos e sensações vivenciados, ela pensa um pouco e começa a fazer uma linha do tempo desses sentimentos.

***Kalu**: A princípio eu me senti insegura. Insegurança era o que primeiro batia na portinha do meu coração. Pela liberdade que nós tínhamos para trabalhar na escola. A liberdade ela... igual aquele texto do Eduardo Galeano do porquinho da índia, que fala mais ou menos assim ...que uma criança ganhou um porquinho da índia e abriu a gaiola e saiu de casa. E quando ele voltou pra casa o porquinho estava tal qual ele havia deixado, no canto da gaiola abafado pelo medo da liberdade. Assim... a liberdade nos causa medo. Então a principio eu me sentia insegura porque a liberdade nos causa medo. Eu estava me sentido muito liberta naquele espaço assim. Tanto na forma de eu poder decidir o que eu poderia passar e de como chegar naquela escola que é tão aberta e liberta a ponto de uma criança abrir a porta para me receber. Então a principio eu me senti insegura, mas depois este sentimento foi sendo esquecido (KALU, Entrevista 19/09/16).*

A insegurança é o primeiro sentimento que ela menciona apesar da escola estar bem aberta isto lhe causou insegurança e até um pouco de medo, pois segundo ela, a liberdade causa medo como ilustrado por ela com o conto de Eduardo Galeano sobre o porquinho da Índia que fora criado o tempo todo preso numa gaiola e quando a liberdade vos é dada ele não sai da gaiola. Com o tempo esse sentimento de Kalu foi sendo esquecido e passou a se sentir mais liberta. Podemos perceber que no decorrer do desenvolvimento da prática a segurança e a autonomia foram ganhando lugar na formação de Kalu. Podemos dizer que segurança e autonomia, embora sejam situações muito prezadas nos discursos de formação de professores e também na sua prática, ambos não são simplesmente adquiridos, precisam também de situações que possam ser vivenciados. É interessante notar que Kalu tem consciência de sua transformação e menciona com muita alegria e alívio a libertação de tais sentimentos. Segundo Freire (1979) 'a educação libertadora questiona concretamente a realidade do homem com a natureza e com os outros homens visando uma transformação - daí ser uma educação crítica'.

Outra questão ressaltada por Kalu é a de ter desenvolvido este projeto com crianças do fundamental I. Segundo ela o tempo dos meninos mais novos é outro mais 'arrastadinho' onde eles se entregam e sentem as coisas de um modo diferente. Kalu se diz abraçada neste processo de educar e ser educada e de educar com sentimentos. E, embora o foco da formação do licenciando em Ciências Biológicas não seja o ensino fundamental I, cada vez mais tem-se aberto editais de oficinas na área da educação integral os quais estamos aptos a participar e desenvolver trabalhos com tal faixa de escolarização. Segundo Kalu:

Trabalhar com menino grande, pelas observações que eu tive é outro time né, é outro tempo assim. Os meninos já estão em outro patamar de desenvolvimento, então é tudo mais rápido. Eles já estão num processo de individualização e lidar com criança é um tempo mais arrastadinho, é um tempo da criança. E o tempo das crianças é lindo assim. Eu estava vendo as fotos e pensando. Como que eles se entregam, como que eles sentem as coisas de uma forma diferente. É educar né? Talvez eu acho que eu estava fazendo isso sem perceber, mas o educar com esses sentimentos educa a gente, porque eu parava muitas vezes para observar os meninos assim. E ver como é que eles estavam se envolvendo, e pensava: 'Poxa, se fosse isso acontecendo comigo no meu espaço né?' Provavelmente não daria tanta importância, não me entregaria tanto hoje em dia. Aí a partir do momento que eu levo alguma coisa para conversar com os meninos que vai ser novo pra eles, e eles abraçam....é tão lindo assim. Eu me senti abraçada muitas vezes nesse processo de ser educada e educar (ENTREVISTA, KALU 19/09/16).

***Laise**: Você não estava lá só como educadora para ensinar.... Você aprendeu.*

***Kalu**: Nãooo. Aprendi com toda certeza. Acho que mais aprendi do que eduquei.*

Essa troca mencionada por Kalu se faz fundamental para a formação de professores, uma vez que a ideia do professor detentor do saber e o aluno como uma 'tábula rasa' que não possuiu qualquer conhecimento prévio encontra-se em xeque a algum tempo.

Vinícius começou a participar das oficinas um pouco posteriormente, mas já chegou muito animado e contente de estar ali. Embora ele acredite que seu trabalho ficava restrito com algumas coisas eu observava que ele sempre estava envolvido em tudo. Sempre interagia com as crianças nos espaços das dinâmicas que antecediam nossas atividades e auxiliava no desenvolvimento das demais atividades relacionadas à horta. Vinícius ressalta que o trabalho desenvolvido na escola foi além do que ele 'aprende' na licenciatura em música. Segundo ele, trabalhar as questões ambientais é algo que não acontece no curso de música e que ele, por outras experiências e contatos,

teve o prazer de experimentar. Vinícius ressalta a importância de tais práticas que buscam formar um profissional mais interdisciplinar que não se limitam somente ao conhecimento da música uma vez que as crianças não querem saber só de uma coisa, no entanto é isso que é imposto a elas**.**

***Laise**: Neste caso como que você avalia esta formação que eles estão tendo lá, bem como sua formação que está acontecendo em um espaço bem diferente do espaço que você se formou quando tinha aquela idade (ENTREVISTA, KALU 19/09/16)..*

***Kalu**: Muito diferente .*

***Laise**: Então como que você avalia essa formação de professores, por exemplo, que aconteceu lá?*

***Kalu**: Já de cara eu falo que ter outra organização que não aquela que eu vivi, que eu experienciei enquanto aluna né de fundamental I, já de cara de chegar e ver outra forma de organizar, outra forma de educar, outra assistência, outra relação com os alunos... já torna tudo diferente. Então... igual eu falei, os afetos eles acontecem com mais facilidade. Provavelmente se eu tivesse vivido esta experiência de formação lá na minha escola onde eu fiz o meu fundamental I eu não ia lembrar nem direito dos alunos e os professores e, provavelmente não iam querer saber de mim. Porque eu ia ser só mais uma pessoa que ia estar ali. Só para ocupar um tempo que o professor não precisava mais ficar com os alunos. Então, tipo 'haa fica aí uma meia hora com os alunos que eu vou ali tomar um café'.*

***Laise**: Não haveria muito contato, é isso?*

***Kalu**: É. É outra coisa. Eu estudei numa escola... outra escola municipal, central, lotaaada de alunos assim. É tipo um prédio antigo e muito cheio de alunos. Eu era só mais uma assim. Ninguém sabia de mim, a não ser a minha professora, porque eu era quieta.*

***Laise**: E lá na escola você observa que foi diferente?*

Completamente diferente. Pra relação e pro desenvolvimento de qualquer individuo ele precisa se sentir especial, não especial... se sentir indivíduo assim, precisa se sentir estar. Não sei como traduzir isso.

***Laise**: Entendo. E a escola com seu modelo proporciona isso né, diferente?*

***Kalu**: A escola proporciona isso completamente diferente. E ali naquela escola cada um, desde os alunos até a gente que tava indo de fora tinha um papel importante. ´|E interessante que lá cada um tem um papel, independente de que papel que seja. Ele exerce aquele papel e ele é respeitado por aquele papel que ele exerce, da forma que ele puder. Tem seus pequenos problemas ainda, mas são reflexos de tudo que a gente viveu mas no mais aquela escola é linda e pra mim enquanto professora vivenciar isso... é colorir a minha visão de mundo, sabe? É tipo colorir a visão daquilo que eu quero ser (ENTREVISTA, KALU 19/09/16)..*

***Laise**: isso é muito bom pra gente, pois neste mundo tão preto e branco que a gente vive, experiências assim nos dá cor mesmo.*

Vinicius toca numa questão importante sobre o trabalho interdisciplinar ressaltando a importância de um professor de música (que é o caso dele) conseguir dar conta, ir além do que somente a formação dos alunos enquanto músico. E isso, segundo ele, pode vivenciar na escola João Pio. Ele, assim como Isaías reconhecem que o trabalho desenvolvido foi muito mais do que simplesmente preparar oficinas para ensinar conceitos de educação ambiental. Uma formação cidadã que ultrapassa os muros da escola. Isso sim foi interessante, tanto para os alunos da escola como para os estudantes em formação.

***Vinicius**: Quando eu participei na escola João Pio, eu cheguei até lá a partir do grupo de permacultura que eu participava e foi aí que eu conheci a Priscila, e que os meninos foram inseridos neste programa da escola né. E o trabalho que a gente fez lá, eu enquanto educador musical participei mais em jogos né, na ideia de criar algumas coisas para se trabalhar com as crianças... mas a gente fez um trabalho além disso né, do que o que eu aprendo aqui na licenciatura de música que é nesta parte da educação ambiental que eu tenho esta formação também, que eu vim a ter depois que eu entrei na universidade também com a participação no grupo Filhos da Folha e a gente fez o grupo de estudos, eu cheguei a fazer alguns cursos fora daqui de São João de permacultura e isso me deu esta arquétipo a mais para estar participando disso também. E é uma coisa que acho que dentro do curso de música não acontece, que é um conhecimento que não necessariamente te da, da educação ambiental, mas dessa interdisciplinaridade né. De o professor não ser simplesmente o professor de música, ele estar apto a falar com o aluno de outra coisa que vai ser importante na formação dele e na sua formação enquanto professor também que não é só o músico né, que só sabe a música e que se limita só a isso (ENTREVISTA, VINICIUS 19/09/16).*

***Laise**: Vai além da sua formação como músico.*

***Vinicius**: Isso! Vai além disso. Até porque que as crianças não querem, eu vejo isso, elas não querem saber só de uma coisa. Até porque acho que nem a gente queria na época que a gente era jovem né. Até porque o tempo todo é que nos foi imposto isso (ENTREVISTA, VINICIUS 19/09/16).*

***Laise**: Realmente, essa fragmentação do ensino, das disciplinas...*

***Vinicius**: Isso! Exatamente.*

***Isaías**: E, eu acho que a autonomia e a liberdade que os meninos lá na escola tinham, esse processo 'haa to com sono vou dormir' ou 'quero brincar no parquinho vou brincar no parquinho'. E esse negócio das nossas oficinas paralelas com as*

brincadeiras dava a eles opções, não era uma coisa tipo assim 'vocês vão ficar 50 minutos numa sala ouvindo o professor e vocês tem que absorver isto, isto, e isto, sabe? A gente tava aprendendo fazendo, brincando e, acho que isso era o que mais estimulava eles a aprender, não era uma coisa obrigatória que eles tinham que fazer (ENTREVISTA, ISAÍAS 22/09/16).

Com a fala de Vinícius e Isaías ressaltamos a importância da formação de professores permear as diversas áreas do conhecimento e expandir para pensamentos e ações outras que possibilitem esta interação. Neste sentido, o espaço da escola e das atividades desenvolvidas contribuíram de forma significativa para esta formação múltipla dos estudantes uma vez que uniu a ação, a interação com vários conhecimentos de forma inventiva.

No entanto, em consonância com Kastrup (2005, p.7) 'o novo e o antigo, o que surge e o que já estava lá, não são pares antinômicos, mas se ligam por uma linha de repetição, diferenciação e invenção' e, embora 'a invenção não seja privilégio de grandes artistas ou cientistas, mas seja distribuída por todos e por cada um, ela depende de cultivo. A invenção não vai por si, mas envolve repetição', o que ressalta a necessidade de repetição de tais movimentos, de tais práticas inventivas na formação destes licenciandos. Ainda segundo Kastrup (2005, p. 7-8) o aprendizado assume a forma de um círculo, em que o movimento é o de reincidir, retornar, renovar, reinventar, reiterar, recomeçar. Esta lógica circular aponta para o inacabamento do processo. O aprendizado é, neste sentido, contínuo e permanente precisando sempre ser reativado.

Já Guilherme ressalta que o contato com este modo de fazer diferente na escola o deixou esperançoso e transformou a sua vida, sua visão de educação e o fez ver o quanto a educação é mesmo muito bonita. Para ele é muito animador ver que é possível fazer diferente e ver que realmente funciona, que realmente dá certo. Ele ressalta o interesse, as perguntas, o diálogo que aconteciam sem ter aquela superioridade do professor em relação ao aluno. Com isso Guilherme se sente mais confortável e consegue interagir melhor neste processo de ensino-aprendizagem.

Guilherme: *Nesse contato com essa escola, com essa pedagogia diferente, eu super fiquei esperançoso e isso só transformou a minha, a minha visão da educação enquanto formador, estudante e enquanto pessoa. Nessa relação com a educação e a gente acaba aprendendo a todo tempo. Isso é muito interessante como de um lado eu aprendi e tinha esse contato diferente nessa escola tradicional e na Escola João Pio outra possibilidade também e só chamou com as minhas expectativas de ver como educação é*

realmente uma coisa muito bonita (risos). Se você pensar em estar ali né e ver mesmo assim e ter o tempo de cada um. Basicamente o que eu levei para mim foi o ter contato com uma escola que valoriza isso, e isso é muito legal, é muito animador ver que funciona, ver que dá certo, e de todas as minhas vivências que eu tive na escola eu pude conversar com as crianças, teve momentos de chamar a atenção 'olha aqui galera',mas elas são crianças, é assim mesmo. Eles querem ver, conhecer, então eu pude mais conversar com elas, dialogar de uma forma tranquila sem ser sempre a referência deles, sem ter um degrauzinho a mais...não não eu tô ali também. Eles conversam, vem até a gente para perguntar e não era necessário chamar atenção dele para que eles viessem eles vinham porque queriam, seja para perguntar dúvidas ou outras coisas(ENTREVISTA, GUILHERME 07/10/16).

***Laise**: Eles ficavam bem a vontade né? Uma liberdade mesmo.*

***Guilherme**: Isso. E isso traz um novo diálogo, até pra mim fica mais confortável porque eu consigo interagir melhor e atender melhor ver o que que ele fala o que que ele tá querendo saber(ENTREVISTA, GUILHERME 07/10/16).*

Em consonância com Kastrup (2005, p.9) 'as práticas de aprendizagem inventiva constituem um caminho para expurgar o cognitivista que existe em nós e que nos habita, muitas vezes de maneira clandestina, assombrando-nos com o modelo da representação' uma vez que a política de invenção, a aprendizagem inclui a experiência de problematização e a invenção de problemas. Segundo a autora:

> A política da invenção é, assim, uma política de abertura da atenção às experiências não-recognitivas e ao devir. O desafio da implementação dessa política é conceber práticas que viabilizem o desencadeamento de processos de problematização que não se esgotem ao encontrar uma solução (KASTRUP, 2005, p.10).

O estudante Vinícius também relata as possibilidades que esta experiência lhe proporcionou e ressalta que esta prática realizada lhe deu abertura de acreditar na possibilidade de uma escola diferente que ele antes nunca havia tido contato e que aos poucos vai se moldando. Ele espera que a educação possa se transformar num lugar mais abrangente e que não seja só este padrão que vemos em sua maioria. Reconhecer ao menos que está acontecendo tais práticas 'diferentes'. Além disso, ele ressalta que ao ter contato com a 'didática' ele percebia a existência de algo eficiente na teoria mas que não conseguiu visualizar isto na prática pois em sua idade escolar o que ele presenciou foi um sistema 'horrível', que o fazia se sentir como 'burro e atrasado' e, que não respeitava seu tempo.

Ao chegar em tais reflexões podemos perceber, por parte de Vinícius, uma melhor visualização das questões teóricas por meio das atividades vivenciadas, além de tais atividades contribuir com pensamentos sobre o sistema educacional e sobre as práticas educacionais Vinícius, assim como os demais estudantes, também consegue perceber que é possível pensar e fazer diferente.

***Laise**: Por exemplo, hoje você olhando esse período de vivencia na escola o que isso efetivamente te proporcionou como pessoa, como professor como educador ambiental que outros espaços não lhe proporciona. É um pouco do que a gente já conversou, mas só pra gente finalizar, então, o que de fato é diferente pra você nesta experiência? O que este diferente né, que foi feito possibilitou para sua formação? (ENTREVISTA, VINICIUS 19/09/16).*

***Vinicius**: Eu acho que me deu abertura de acreditar nessa possibilidade de uma escola diferente mesmo né que eu não tinha contato e que por mais que nos solavancos né com um padrão que já existia e que claro que nada é uma ruptura né, aos poucos vai se moldando. Eu acho que é possível né? Que todos os meios de educação venham a se transformar num lugar mais abrangente mesmo a educação, que não seja só este padrão. Eu acho que é uma coisa que me proporcionou depois dessa experiência. Acreditar nisso, nessa possibilidade.*

***Laise**: Reconhecer ao menos que é possível né?*

***Vinicius**: Que está acontecendo, pelo menos ver que de alguma forma está acontecendo, que não está totalmente desembaraçado mesmo. Que foi muito doido pra mim. Como eu falei desde o começo que eu não sabia direito o que era licenciatura, e quando eu fiz minhas matérias principais de didática, eu vi que existia uma didática muito eficiente e lógica assim que funciona, mas que eu estudei o tempo todo num sistema horrível, que me chamava de burro assim, e o tempo todo eu me sentia mais burro e atrasado porque eu não conseguia acompanhar e eu entendia que era eu que era um pouco diferente e era só mudar uma coisinha ali que eu poderia me dar bem.*

***Laise**: Então seria esta possibilidade de enxergar o outro, enxergar a diferença, que elas estão ali e nem todos vão aprender com o mesmo método, com a mesma eficiência e que cada um tem seu tempo.*

***Vinicius**: Isso, e que a gente é assim. Que não tem um padrão de inteligência: 'Esses ali estão no tempo certo e aqueles ali estão atrasando a turma. Na verdade não, esses aqui estão no tempo certo e aqueles ali é que estão atrasando a turma que já sabem e não precisaria estar ali por exemplo. Se ele tem tanta facilidade era pra ele estar fazendo outras coisas e não estar ali.*

***Laise**: No caso da João Pio você considera esta experiência diferente das demais?*

***Vinicius**: Sim, até o momento foi sim. Foi diferente de tudo que eu já tinha feito.*

***Laise**: E até mesmo em relação às escolas que você vivenciou a sua escolarização?*

***Vinicius**: Haa beeem diferente. Muito diferente.*

***Laise**: No caso da escola João Pio, dessa vivência que é diferenciada você saiu de lá com a sensação de que é possível fazer diferente nas suas práticas, no seu cotidiano ou que sensação você teve, que não é funcional...*

***V**: Eu acho que é super possível. Mas é duro, é uma casca dura de roer assim. Ai você vai lidar sempre com isso, de chegar na escola e as vezes o diretor da escola está indo num caminho contrário ao seu mas você tem meio que também cada vez mais trabalhar, saber colocar seu lugar, porque se você enquanto educador tem direito a ter a sua autonomia e forçar ela até onde você puder mesmo, porque é seu direito.*

***Laise**: Não só seguir o fluxo.*

***Vinicius**: Isso, exatamente. Falar sua opinião mesmo, não concordo com isso e tal. Inclusive quando essa professora veio me falar sobre isso (agitação de alguns alunos) eu retruquei com ela e falei isso 'Eu não acredito que essa criança precisa estar tomando remédio. Não concordo com isso. Ou outras coisas, eu lembro da diretora chegar enquanto a gente está fazendo as oficinas, e ela chegar e falar 'para de fazer isto'. Eu to aqui dando a minha aula e não estou me incomodando que ele está falando com a outra criança ali, correndo. Aí você fala... há não deixa, está sob controle. Essa intervenção dela tá tirando o trabalho de educadora ali que não é o trabalho que ela tá exercendo no momento (ENTREVISTA, VINICIUS 19/09/16).*

Assim como no trabalho desenvolvido por Marta Oliveira (2010) nossos encontros potencializaram a criação, inventividade e permitiram adentrar na multiplicidade que envolve esta pesquisa não se restringindo aos encontros com algo, ao contato físico com algum objeto ou com alguma idéia teórica. 'Esses bons encontros potencializaram pensar, produzir, viver outros processos de formação: como aquilo que nos faz ser o que somos'. A proposta é perceber a experiência como um acontecimento, como algo que nos passa, que nos acontece e, portanto, nos atravessa. Em consonância com Larrosa (2007, apud Oliveira, 2010):

> "O chegar a ser o que se é" não está agora do lado da lógica identitária do autodescobrimento, do autoconhecimento ou da auto-realização, mas do lado da lógica desidentificadora da invenção. Uma invenção, não obstante, que não se pensa a partir da liberdade criadora do gênio, da soberania de um sujeito capaz de criar-se a si próprio, mas a partir da perspectiva da experiência, ou melhor, da experimentação (LARROSA, 2007, p. 66 apud OLIVEIRA, 2010).

É nessa perspectiva que o processo de formação salientado por Larrosa se distingue da idéia clássica de formação. Segundo o autor, a idéia clássica teria duas faces: 1- que significa dar uma forma e desenvolver uma série de disposições pré-

existentes; 2- que significa levar o homem a uma conformidade, com base na relação de um modelo ideal já fixado de antemão. Dentro dessa perspectiva de formação, a noção de experiência, no sentido larrosiano, é pensada como algo que nos acontece e, portanto, nos atravessa. Envolvida nesse movimento de pensar formação como experiência (como o que nos afeta), vale destacar:

> [...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos derruba e nos transforma. Quando falamos de fazer uma experiência isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer; fazer significa aqui: sofrer, padecer, tomar aquilo que nos alcança receptivamente, aceitar, na medida em que nos submetemos a isso. Fazer uma experiência quer dizer, portanto: deixar-nos abordar em nós mesmos por aquilo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Nós podemos, assim, ser transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER apud LARROSA, 2007, p.134).

Portanto, buscamos pensar uma formação de professores como um processo de invenção a partir do atravessamento de suas experiências. Pensando a experiência como "algo" que efetivamente toma o professor como um sujeito que tem o seu caminho por inventar. A formação, nesse sentido, não se conclui, é sempre dinâmica, é um processo sempre inacabado (OLIVEIRA, 2010).

3.3.4 Atravessamentos na formação de professores: O caso de um aluno da escola e o caso da aranha

Na última parte da entrevista eu faço algumas perguntas sobre alguns trechos que eles escreveram no texto realizado ao final do semestre sobre suas experiências na escola e acrescento algumas situações/atravessamentos que foram acontecendo durante o tempo que estivemos na escola e estão anotados no Diário de Campo. Dois casos especificamente me chamaram mais atenção e os alunos também destacam no texto: 1- O caso de superação de um aluno da escola ; 2- O aparecimento de uma aranha durante a realização de uma de nossas atividades. Estes momentos foram fundamentais para a constituição desde devir professor como podemos observar nas falas.

Durante o período que passei na escola João Pio dois acontecimentos se destacaram e marcaram a minha vivência e a dos estudantes em formação: O aparecimento de uma aranha na horta da escola durante uma de nossas oficinas e a experiência com um aluno, que sofria com algumas limitações (dificuldade em locomoção, obesidade, dificuldade na fala). Acompanhar seu processo de empoderamento em conjunto com toda a escola foi sem dúvida uma experiência única. Todos os estudantes relataram esse acontecimento em suas falas e afirmaram ser uma das vivências mais marcantes naquele espaço.

- **O caso de um aluno da escola e os processos de (trans)formações**

Um acontecimento relacionado á um aluno da escola presente no Diário de Campo foi quando estávamos sentados ao redor da horta.

Figu

Figura 7: Atravessamentos 1

Estávamos volvendo a terra com as mãos e surge a ideia de volvermos a terra com os pés. A professora Priscila está a cantar uma música que passa a soar como um pano de fundo para um momento mágico que está para acontecer. Aí muitos

rapidamente tiram os sapatos, outros ficaram receosos, e este aluno em especial não quer de jeito nenhum sentar ao redor da horta e muito menos colocar os pés na terra. Ele chora... Mas com jeitinho vamos convencendo ele a experimentar. Depois de muito insistir ele coloca os pés na terra, ainda com receio, no entanto ele ama a experiência e depois não quer mais tirar o pé da terra e colocar de volta os sapatos.

O estudante Isaías ressalta em sua fala que poder presenciar o empoderamento deste aluno foi um dos presentes que ele ganhou. Todos ficávamos sempre muito contentes em conviver com o ele e ver seus avanços. Sem dúvidas esta experiência contribuiu muito para um rico aprendizado e uma rica formação, pois fez vivenciarmos de perto as limitações e superações de um estudante que quando chegamos era uma pessoa e quando saímos da escola era outra completamente diferente. Ele não deixou que suas limitações fossem obstáculos para suas conquistas, e sua vontade de vencer e superação o tornou uma pessoa mais segura, mais dinâmica, mais forte, mais confiante, mais feliz. E, presenciar isto, foi uma situação marcante para todos os envolvidos com a escola.

***Isaías**: Dos presentes que ganhei de participar do projeto foi acompanhar o desenvolvimento e empoderamento do (aluno), da sua autonomia e como era especial a relação dos próprios alunos entre si, com cuidado e amor (ISAÍAS, texto Dezembro 2015).*

Na entrevista Isaías também ressalta este processo de empoderamento deste aluno e quanto estes momentos o fez perceber a responsabilidade que ele tem com esses sujeitos que serão os seus alunos e pensar em como trabalhar a singularidade de cada um, ficar atento em como estão os alunos estão na aula, coisas que vão além de só passar o conteúdo.

***Isaías**: (...) é igual aquele aluno da escola. Eu já tive amigos que tinham obesidade quando era criança e, tipo assim, o distanciamento que era da gente com a responsabilidade da vida deles era muito grande sabe, e tipo assim, não é isso sabe? Eu acho que todo problema que ele é social ele é coletivo sabe. Ele teve aquele problema de obesidade por que culpa da nossa sociedade ou culpa nossa assim. E de que forma que a gente lida com isso? Não só o ele, mas diversos outros problemas que a gente, todo sujeito, ser humano enfrenta. Então são problemas que são coletivos e a gente não discute eles, a gente não conversa com eles e a partir do momento que um sujeito desse é colocado na escola ele é colocado naquele espaço e se ele não se encaixa naqueles espaço ele fica lidando com isso, sozinho, da forma dele. E lá na escola eu via outro*

processo de reflexão onde os alunos todos eram envolvidos com este processo da autonomia dele, tanto que no dia que eu vi ele saindo da sala e dando uma volta no pátio sozinho simplesmente pelo prazer de andar e ir no banheiro eu fiquei com vontade de chorar de alegria sabe, de ver aquele momento dele por que quando a gente chegou lá ele precisava de dar a mão pra ele andar. E a gente ficou pouco tempo lá, foi muito rápido. Uma coisa que, tipo assim, talvez a família, o processo socialização da família não conseguiu avançar tanto e ele com aquele tanto de estímulos, aquele tanto de atenção, tipo o ele era uma atração lá todo mundo falava 'Ai vou lá ajudar ele'Ahh vou lá dar a mão pra ele' e em algum momento ele fala gente... ele só queria ir sozinho, e isso foi muito legal. E é um processo que foi diferente dos que eu já acompanhei nas escolas que eu estudei, e das histórias que eu ouço falar. E me ensinou muito nesse processo da responsabilidade que eu tenho com esses sujeitos que serão os meus alunos e pensar mesmo em como trabalhar essa singularidade como conhecer os alunos, como saber como que eles estão no momento que é da aula, que você é cobrado a passar um monte de coisa de conteúdo e pensar como que a gente faz isto sabe? E é isso assim, o que tem de principal mesmo.

***Laise**: E sem essa experiência talvez se você se deparasse com uma situação dessa em outro momento talvez, imagino que ela seria outra.*

***Isaías**: Seria diferente.*

***Laise**: E você estava lá no dia que o este aluno experimentou sentar na terra? Esse momento você lembra de alguma coisa, algum sentimento?*

***Isaías**: Lembro que ele chorou no começo que não queria por o pé e aí no momento que ele foi vendo todo mundo tirando o tênis, colocando pé, mexendo, cantando ele foi se transformando, ele foi sentindo a terra e no final ele tava chutando a terra e isso foi muito legal (risos). E eu acho que é isso, é proporcionar experiências mesmo assim e isso foi muito legal de ver ele saindo do) a 100 em uma atividade, o tanto que isso é importante.*

O estudante Vinícius também ressalta esta experiência com este aluno em especial que o marcou neste período que esteve na escola.

***Vinícius**: Um caso assim que me marca muito lá no João Pio foi do rapaizinho que você falou, ele, pois ele era assim uma figura atípica né, pelo que acontecia com ele na vida dele, o jeito que ele lidava com aquilo ali. Porque ele, coitado, ele era uma vítima, todo sentimental e foi tão reprimido naquilo de ficar só parado e comer mal, então ficou debilitado né? E a progressão que eu vi acontecer no tempo que eu fiquei lá foi incrível, nem imaginava que ia ser daquela forma né. De no fim ele estar até andando assim. No começo ele ficava só sentado e tudo, precisando de alguém... E de no fim ele tá até andando, com as vontades dele mesmo, não só aquela tristeza, aquele negócio triste que era uma carência já muito grande já mais expondo o que ele era mesmo. Isso foi uma das coisas que mais marcou mesmo.*

***Laise**: E isso reflete também no desenvolvimento que ele teve nas nossas oficinas?*

***Vinícius**: Acho que sim. Acho que sim. Teve uma mudança bem significativa. Esse acontecimento mesmo que você disse (se referindo ao tirar os sapatos e pisar na terra) pra ele você pode ter certeza que é uma coisa que marcou ele imensamente na vida dele, até hoje ele deve lembrar disso. Que pra gente as vezes é até pequeno, o que emociona a gente, pois pra ele foi muito maior.*

O estudante Guilherme também relata sobre o aprendizado experimentado com este aluno e ressalta a importância dessa vivência :

***Laise**: Então a todo momento, e dentre eles aqueles que você relata, foram nesses momentos que você foi se formando professor.*

***Guilherme**: Foi, foi sim. E ter visto o rapazinho.*

***Laise**: Você experienciou na prática, pois a gente vê tanto se falar em inclusão e a gente não está preparado, mas quando você vivencia ...*

***Guilherme**: Aí, aí que você fala ' Nossa se tornar educadores está pra muiiiiiiiiito mais além do que eu só passar a matéria e conteúdo. Eu tenho que aprender a entender ele, ela, todos.*

- **O caso da Aranha**

Outra experiência foi quando surge uma aranha bem no meio da horta durante uma das nossas oficinas e muda completamente a dinâmica da atividade.

Figura 8: Atravessamentos 2

Aí toda a relação com as plantas daquele momento vai para com a aranha, na relação do amor e ódio das crianças com a aranha e nossa também querendo saber o que que a gente faz disso. Como a gente transforma esta ocorrência imponderável no processo de educação para eles, mas que também é um processo nosso. Então vem a coisa de explicar 'mata ou não mata. Existe uma relação ética então não mata, mas cuidado.... tira a mão...'.

Toda esta tomada de decisão faz parte dos processos de subjetivação do tornar-se professor. Então, nestes momentos de atravessamentos percebo o quão o contato com o fora, com o inesperado, com os conflitos da própria existência os constitui professores, nos constitui professores...e é rizomático. Ali vivenciamos a imprevisibilidade da prática docente. Pressupomos assim, formar professores que estejam abertos aos acontecimentos, e que sintam na prática as experiências.

Isaías não fala especificamente da experiência da aranha, mas de todas as 'surpresas' que aconteceram, dentre elas o aparecimento da aranha, durante nossas atividades e que marcaram as vivências destes estudantes:

E a surpresas, essas sim marcaram as nossas vivências. As aranhas, as flores, as comidas da Maria com as produções da horta, a alegria e a leveza das professoras me tocaram muito (TEXTO ISAÍAS, dezembro 2015).

Kalu ressalta a relação das crianças ao encontrarem a aranha e o processo de educação envolvido ali. O acontecimento inesperado foi uma forma de podermos ensinar um pouco mais sobre a aranha e sua relação com o ambiente, bem como refletir sobre o processo de educação que, muitas vezes, foge do que é planejado, do que é esperado. Não podemos simplesmente ignorar tais acontecimentos, pois acreditamos que é também nestes momentos que se forma o professor. Além disso, um dos alunos da escola se mostrou um conhecedor de Aranhas e, ao perceber isso, ele foi estimulado a contar um pouco mais de suas experiências e conhecimentos sobre as aranhas para todos ali presentes. Foi um momento único de muitos aprendizados tanto para as crianças quanto para os educadores que ali estavam sendo formados.

***Kalu**: É muito bonitinho porque quem encontrou foi as crianças. 'Olha, uma aranha'. Aí a primeira reação das crianças foi 'Algum adulto aqui para me ajudar, vem ver'. E aí tipo, quando ele deu o primeiro grito lotou de criança. Aí foi alguém pra ver a*

aranha se ela é perigosa, será que não é. E aí veio todo o processo de educação em respeito aquele bichinho que tava ali e também é um indivíduo. Ohh eu me lembro, não sei se você lembra igual, mas eu me lembro de alguém falar 'Essa é a casinha dele. Não vamos matar. Vamos deixar ele aí, tudo mais....então foi trabalhado ali uma outra relação de respeito à natureza, de uma outra forma que não só com as plantas ENTREVISTA, KALU 19/09/16).

***Laise**: E isso foi bom. Pois aproveitou desse acontecimento que fugiu do previsível, para poder educar também. E a gente como professor precisa de sair dessas situações imprevistas sem ignorá-las.*

***Kalu**: Isso mesmo. Exatamente isso.*

A fala de Kalu vai ao encontro da fala da autora Kastrup (2005, p.15) na qual ela ressalta que:

> Ensinar é, em grande parte, compartilhar experiências de problematização. Estas podem ser fugazes, emergindo no campo da percepção e se dissipando em seguida. Mas é imprescindível a manutenção de sua potência para a invenção de novas subjetividades e de novos mundos. Por isso considero que, no domínio da formação, é preciso encontrar estratégias de constante desmanchamento da tendência a ocupar o lugar do professor que transmite um saber. Penso que não se trata de determinismo nem de livre arbítrio; nem de submissão a um modelo existente, nem de boa vontade. O caminho é de um aprendizado permanente. Trata-se de um processo lento, marcado por idas e vindas, mas só ele possibilita a criação de uma política cognitiva da invenção (KASTRUP, 2005,p.15).

4. Alguns Apontamentos

Estar inserido em um território de pesquisa no qual existem processos em curso exige atenção e respeito às subjetividades e expressões de cada pessoa envolvida na pesquisa. Este território despertou em mim, e acredito que em todos os envolvidos, uma vivência sem igual, como pode ser observado nas falas dos mesmos, nas imagens, nos acontecimentos.

O modo pelo qual este trabalho foi sendo tecido possibilitou aproximações das falas e experiências dos estudantes com os conceitos de rizoma e de devir proposto por Deleuze e Guattari e o conceito de aprendizagem inventiva na perspectiva de Virgínia Kastrup sendo estas aproximações importantes para compreendermos as multiplicidades e a heterogeneidade que perpassam a formação desses educadores ambientais. Não são só experiências profissionais, mais experiências de vida que se misturam e compõem o tornar-se professor. Essas vidas são constituídas 'de emaranhados de fios, fluxos, mãos, forças, corpos e de movimentos que compõem tons, dobras, sons, cores, energias, na provisoriedade, que vibram e nos atravessam' e, como dizia o grande Guimarães Rosa (2001), em Grande Sertão: Veredas, 'o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para gente é no meio da travessia' (RAMOS, 2013 p.21). Assim, o real da formação de professores se constitui nesse meio do caminho, sempre inacabado, pois não existe fim. É sempre um tornar, sempre um vir-a-ser.

As experiências observadas, as falas e os textos dos estudantes nos leva a refletir que foi possível experimentar um encontro dos mesmos com o fazer pedagógico na prática.

Um diferencial neste nosso trabalho é a vontade de vivência e as experiências anteriores desse grupo que compôs este trabalho conosco bem como a permeabilidade, abertura e vontade de vivência de alunos, professores e demais funcionários da Escola Municipal João Pio. Esta permeabilidade para a experiência foi fundamental para os encontros com a prática pedagógica uma vez que a experiência precisa de tempo, precisa de menos informação, precisa de paixão, precisa do inesperado, precisa da invenção, da reinvenção, precisa nos tocar, nos passar, precisa suspender o juízo, estar receptivo, parar para olhar, parar para escutar, sentir, padecer..... e tudo isso a escola nos proporcionou. Em consonância com Oliveira (2008):

> Estar aberto à experiência é estar aberto ao inesperado, ao intempestivo, aos momentos de insegurança e ao aproveitamento do que emerge, seja no dia-a-dia, na sala de aula, em nossos estudos, enfim, na vida... Fazendo transformar o pânico e o medo em ousadia; em um movimento que ainda não está definido e, por isto, é ambíguo, é amorfo. Cada um de nós, em sua particularidade, apresenta-se, frente a cada situação momentânea, com suas histórias, de maneira diferenciadas... Nesse sentido, a experiência é aquilo que nos faz padecer ligado a nossa existência, contingente e pessoal. É, conseqüentemente, algo a que damos sentidos. Sendo, portanto, ir repetível, que não se pode averiguar e nem verificar. Dessa maneira, a experiência abre espaços de formação, possibilidades de de-formação ou de trans-formação. O espaço de formação se configura como "forças" que violentam nossos sentidos. Um espaço "onde/aonde" pode propiciar momentos de escuta, de perceber a importância do silêncio, da suspensão de juízos de valores e, por que não, instantes de riso. Instantes que possibilitem diálogos diferentes, que relativizam as noções de absolutistas e esvaziam qualquer discurso "patetico" que amarram e imobilizam o diálogo (OLIVEIRA, 2008).

Assim, podemos dizer que formar professores a partir do 'novo', do 'inesperado', da 'invenção' se faz necessário estar aberto aos encontros, aos atravessamentos, as invenções e reinvenções do fazer pedagógico. Segundo Kastrup (2005, p.5):

> O encontro entre professor e aluno, a chamada relação ensino/aprendizagem, faz-se no coração das experiências de devir, onde o novo é experimentado. É no encontro no plano das forças, na potência de propagação de experiências não-recognitivas, que pode ser flagrado o devir-mestre. (...) o devir-mestre não consiste num tornar-se mestre. Não há uma forma-mestre, mas momentos em que as subjetividades do professor e do aluno se encontram. Por isso insisto que a discussão sobre a formação do professor não pode abrir mão da questão da política cognitiva que praticamos. Política que implica a ultrapassagem de nossa atitude recognitiva e que exige uma luta permanente contra o cognitivista que insiste em se instalar em nós. No campo da invenção, nada está garantido. Nada é desde sempre nem para sempre. Também não há um método único nem receitas infalíveis (...) O caminho é de um aprendizado permanente. Trata-se de um processo lento, marcado por idas e vindas, mas só ele possibilita a criação de uma política cognitiva da invenção (Kastrup, 2005, p.5).

Já quase finalizando trago um pensamento de Gilles Deleuze que descreve minha sensação e ajuda a dar sentido ao que foi vivenciado, experienciado, inventado nesta pesquisa:

> "Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. (...) É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle " (DELEUZE, 1992, p.218)

Assim, finalizo este trabalho transbordando de alegria pelos encontros possibilitados, pela pesquisa realizada e mais ainda pelas experiências observadas e vivenciadas por mim. Um trabalho que afeta, que apaixona, que transborda e que transforma. Finalizo-o no papel, mas ele viverá eternamente em mim!

'Digo: O real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para gente é no meio da travessia' (ROSA, 1979.)

5. Referências Bibliográficas

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Vírgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia, pesquisa intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009. p.131-149.

ARROYO, Miguel**. Oficio de mestre**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BARBOSA, Márcia Silvana Silveira. **O papel da escola: Obstáculos e desafios para uma educação transformadora.** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FACED - Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio Grande do SUL - RS. 2004.

BARROS; Laura Pozzana; KASTRUP, Vírgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Vírgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009 , p.52-75.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Vírgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009. p.172-200.

BENATTI, Julia. **Método de ensino inovador chega a Tiradentes.** (Notícia) Jornal das Lages. São João Del Rei. 2015 < https://www.jornaldaslajes.com.br/integra/metodo-de-ensino-inovador-chega-a-tiradentes/1676> Acesso em 15/05/2016.

BEZERRA, Maria Raquel; XYPAS,Constantin. **O movimento estudantil como espaço de formação do educando para cidadania: experiências e opiniões de docentes do CAMEAM/UERN.** In: VI Fórum Internacional de pedagogia. Santa Maria-RS, 2014.

BONOTTO, Dalva Maria Bianchini. Formação docente em educação ambientalutilizando técnicas proletivas. **Paidéia**, 2005, 15(32), 433-440.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989. 311p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.html. Acesso 10 Mar. 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Apresentação dos temas transversais, ética** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 146p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica em curso de nível superior**. Brasília, 2000.

Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/basica.pdf> Acesso 15 de Mar. 2016.

BRASIL. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola** / [Coordenação: Soraia Silva de Mello, Rachel Trajber]. – Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2007. 248 p.

BURGESS, Robert. Métodos de pesquisa de terreno II: As entrevistas como conversas. In: **Pesquisa de Terreno. Uma Introdução**. Oeiras: Celta Editora, 2001, p. 111-133.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Formação continuada de professores: tendências atuais. In: A. M. M. R. Reali & M. G. N. Mizukami (orgs.). **Formação de Professores**. (pp.139-152). São Carlos: Editora da UFSCar. 1996.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. O 'ambiental' como valor substantivo: uma reflexão sobre a identidade da educação ambiental. In: SAUVÉ,L.; ORELLANA, I.; SATO, M. **Textos escolhidos em educação ambiental: de uma América à outra**. Montreal: Publications ERE-UQAM, 2002. p. 85-90.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORALINA, Cora. **Estrutura da Língua Iatê** - Página 5, de Geraldo Lapenda. Editora Universitária UFPE, ISBN 8573152818, 9788573152814.

CORDEIRO, Denise; DIAS, Rosimeri de Oliveira. **Formação de professores e como nos diferenciamos do que somos**. In: I Seminário Internacional Sobre Exclusão, Inclusão e Diversidade - GT 04 - Exclusão, inclusão e formação docente - Universidade Federal Da Paraíba. 2009.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter PálPelbart. São Paulo:ED.34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.1. Rio de Janeiro: ED. 34 Letras, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa, filosofia prática**. São Paulo. Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v.3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2ª reimpressão – 2004.

DINIS, Nilson Fernandes. A esquizoanálise: um olhar oblíquo sobre corpos, gêneros e sexualidades. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 355 a 361. 2008.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. O ovo ou a galinha: a crise da profissão docente e a aparente falta de perspectiva para a educação brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. v.92, n.230. 2011.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO; Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da.**Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FERNANDES, Priscila Correia; MUNFORD, Danusa; FERREIRA, Marcia Serra. Sentidos de prática pedagógica na produção brasileira sobre formação inicial de professores de ciências (2000-2010). **Educ. Pesqui.,**São Paulo, v. 40, n. 2, p. 415-434, abr./jun. 2014.

FERNANDES, Priscila; VIANA, Gabriel; SCARELI, Giovana. O espaço sempre inacabado do tornar-se professor: a construção do meio. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 21 n. 1, p. 215-236 mar. 2016 / jun. 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e terra. 1979.

GALLO, Sílvio. Saberes, Transversalidade e Poderes. **Revista de Educação CEAP** , v. 4, n.15, p. 05-18, 1996.

GALLO, Sílvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In:ALVES, N.; GARCIA, R. L. **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

GALLO, Silvio. A escola: lugar de formação? In: **Educação, Cultura, Política e Práticas Educacionais e Suas Relações com a Pesquisa**. Giovana Scareli (org.). Editora Sulina. 2015. p.191-205.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação inicial de professores para a educação básica: pesquisas e políticas educacionais**. Est. Aval. Educ**., São Paulo, v. 25, n. 57, p. 24-54, jan./abr. 2014.

GATTI, Bernadete Angelina. Políticas de Formação de Professores. In: SCARELI, Giovana. (Org.). **Educação, Culturas, Políticas e Práticas Educacionais e suas relações com a Pesquisa.** 1ed. Porto Alegre (RS): Editora Meridional Ltda, 2015, v. 1, p. 206-233.

GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental: A conexão necessária**. 11ª. ed. Campinas: Papirus, 2007.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Ed. Papirus, 1990.

JORDANI, Paulo Sergio; BARICHELLO, Rodrigo; ARTMANN, Clara Rosane; ECKER, Janete Strappazzon. Fatores determinantes na escolha profissional: um estudo

com alunos concluintes do ensino médio da região Oeste de Santa Catarina. **Revista ADMpg Gestão Estratégica**, Ponta Grossa, v. 7, n. 2, p.25-32, 2014.

JORNAL DAS LAGES. **Escola Municipal João Pio, confraternização e exposição de projetos.** (Notícia) Jornal Das Lages. São João Del Rei - MG. 2016. <https://www.jornaldaslajes.com.br/integra/escola-municipal-joao-pio-confraternizacao-e-exposicao-de-projetos-/1796> Acesso em 15/05/16.

KASTRUP, Vírginia. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em Estudo,** Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.

KASTRUP, Vírginia. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. **Educ. Soc**., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1273-1288, Set./Dez. 2005.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. IN: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, p.76-91, 2012.

KROM, Marilene. **Família e mitos, prevenção e terapia: Resgatando histórias**. São Paulo: Summus. 2000.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp.20-28.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. **Caminhos investigativos –novos olhares na pesquisa em educação.** 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, p. 133-160, [original 1996], 2007.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente**. 2004. Disponível em: <http://www.forumeja.org.br/ea/files/Identidades%20da%20 Educa%C3%A7%C3%A3o%20Ambiental%20Brasileira.pdf> Acesso 15 jul. 2016.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **Formação e dinâmica do campo da educação ambiental no Brasil: emergência, identidades, desafios.** 2005. 207f. Tese (Doutorado em Ciências sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

MACHADO, Roberto. **Deleuze e a filosofia**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

MAIOLINI, Edilene Eunice Cavalcanti. **O (Des)prestígio social na profissão docente: O ser professor nas séries iniciais**. 135p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA. 2004.

MARQUES, Davina. **Experimentações :deleu-guatta-roseando a educação.** 92p. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas-SP. 2007.

MEC, Ministério da Educação e Cultura. Diplomação, retenção e evasão nos cursos de graduação em instituições de ensino superior públicas. **Avaliação: Revista de rede de avaliação institucional da educação superior.** Campinas, v. 1, n. 2, p. 55-65, dez. 1996.

MONFREDINI, Ivanise. O deserto da formação inicial de professores e alguns oásis. In: MONFREDINI, I.; MAXIMIANO, G. F.; LOTFI, M. C. **O deserto da formação inicial nas licenciaturas e alguns oásis.** Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2013. p. 13-62.

NIETO-CARAVEO, Luz Maria. Modalidades de Educación Ambiental: diversidad e desafíos. IN: Santos, José; Sato, Michele (Orgs.). **A contribuição da Educação Ambiental à esperança de Pandora.** São Carlos: Rima, 2001.

NÓVOA, António. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. Palestra de António Nóvoa. Sindicato dos Professores de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2016.

OLIVEIRA, Sandra de Fátima. Educação Ambiental: Aspectos históricos e perspectivas. In: **Boletim Goiano de Geografia.**v. 26 n. 2 p. 151-166 jul./dez. Goiânia - Goiás 2006.

OLIVEIRA, Marta Elaine. **Pensar a Formação do Professor de Matemática: discussões teóricas atuais.** In: Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-graduação em Educação Matemática, 2008, Rio Claro. Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-graduação em Educação Matemática, 2008.

OLIVEIRA, Marta Elaine**. Experiência como formação e formação como experiência: a invenção do professor de matemática atravessada pela experiência**, 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

PÁDUA, Suzana Machado. SÁ, Lais Mourão. O Papel da Educação Ambiental nas Mudanças Paradigmáticas daAtualidade. **R. Paran. Desenv.** Curitiba, n. 102, p.71-83, jan./jun. 2002.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de Pesquisas Pós-criticas em Educaçao: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAISO, M. A. (Org). **Metodologias de Pesquisas Pós-criticas em Educaçao**. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2014. p. 23-45.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lilianada.**Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação – perspectivas sociológicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1997.

PERRENOUD, Philippe. **Formando professores profissionais: quais estratégias? quais competências?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**-composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Richard Zenith (Org.) 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RAMOS, Andreia Teixeira. **Educação ambiental entre os Carnavais dos amores com os mascarados do congo de Roda D'Água**.(Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).2013. 142 f.

REALI, Aline Maria Medeiros;MIZUKAMI, Maria da Graca Nicoletti. **Formação de professores: tendências atuais. São Carlos.**Edufscar, 1996.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense. 2006. 62p.

ROLNIK, Suely; GUATARRI, Félix. **Micropolítica - Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2010. 439p.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 13. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007>. Acesso 7 jun. 2016.

SANTOS, Victor Marcondes de Freitas. **Abrindo a caixa-preta de uma sequência didática: uma análise ator-rede da aprendizagem profissional docente de um professor de biologia.** 181p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Belo Horizonte-MG. 2016.

SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, 2009. p.143-155.

SCHVARSBERG, Gabriel. Sujeitos ambulantes: pistas para uma nomadologia urbana. **RUA** [**online**]. no. 18. Volume 1 - ISSN 1413-2109**.** 2012

SOUZA, Daniele Cristina de; SALVI, Rosana Figueiredo. A pesquisa em educação ambiental: um panorama sobre sua construção. **Revista Ensaio.** Belo Horizonte. v.14, n. 03. p. 111-129. set-dez 2012.

SPRADLEY P. James. Participant observation. **Library of Congress**. ISBN 0-03-044501-9, 1980.

TIRIBA, Léa. Educar e cuidar: buscando a teoria para compreender discursos e práticas. IN: **Profissionais de Educação Infantil e(m) Formação.** KRAMER, Sonia (org). São Paulo, Editora Ática. 2005.

TOZONI-REIS, Marilia Freitas de Campos. Contribuições para uma pedagogia crítica na educação ambiental: reflexões teóricas. In: LOUREIRO. C. F. B. **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação.** Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

TRISTÃO, Martha. **Os contextos da educação ambiental no cotidiano: racionalidades na/da escola**. In: 27ª Reunião Anual da ANPED, 2004, Caxambu. Sociedade, democracia e educação: qual universidade?. Rio de Janeiro: ANPED, 2004. p. 1-16.

TRISTÃO, Martha. Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 251-264, maio/ago. 2005.

VALADARES, Valdira; BORGES, Maria Inês. Problemas de formação de professores: Carências e necessidades dos cursos de pedagogia. **Direcional Educador**. Julho/2013. Disponível em <http://www.fortecdigital.com.br/fortec/revistas/pdf/102.pdf> Acesso 06 Abr.2016.

VASCONCELLOS, Hedy Silva Ramos de. **Inovação pedagógica? A educação ambiental e em saúde no currículo da escola pública.** Relatório de pesquisa. CNPq/PUC-RIO, 2002.

VIANA, Gabriel Menezes; MUNFORD, Danusa; FERREIRA, Márcia Serra; MORO, Luciana. Relações entre teoria e prática na formação de professores: investigando práticas sociais em disciplina acadêmica de um curso nas ciências biológicas. **Educ. rev.** vol.28 no.4 Belo Horizonte Dec. 2012

VIANA, Gabriel Menezes; MUNFORD, Danusa; FERREIRA Marcia Serra; FERNANDES, Priscila Correia. Relações Teoria-Prática na Formação de Professores de Ciências: Um Estudo das Interações Discursivas no Interior de uma Disciplina Acadêmica. **Archivos Analíticos de Políticas Educativas / EducationPolicyAnalysisArchives**, v. 23, p. 100, 2015.

VILHAGRA, Gabriela Teixeira de Freitas Ribeiro. O intelectual orgânico e a formação políticado movimento estudantil. **Filosofia e Educação** (Online), v.2, n.1, 2010.

Apêndice1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES

Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado/a como voluntário/a a participar da pesquisa que eu, Laise Vieira Gonçalves, aluna do programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal de São João Del-Rei, orientada pela Professora Doutora Priscila Correia Fernandes, estou desenvolvendo. A pesquisa intitulada "UMA CARTOGRAFIA DE PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EDUCADORES AMBIENTAIS" buscou acompanhar processos de produção de subjetividades com os movimentos da Educação Ambiental nas práticas de formação inicial desses professores/as do Curso de Ciências Biológicas e da Música. As atividades foram desenvolvidas pelos licenciandos com a Escola Municipal João Pio do município de Tiradentes/ MG durante o 2º semestres de 2015. Nessa etapa da pesquisa estou realizando entrevistas individuais com os licenciandos participantes do projeto na escola. As entrevistas serão gravadas e depois transcritas com autorização dos/as entrevistados/as. Todo o material produzido na pesquisa (arquivos de áudios, imagens, transcrições e notas do caderno de campo) será utilizado exclusivamente para fins de divulgação da pesquisa. A fim de minimizar a possibilidade de qualquer risco de desconforto ou constrangimento durante a pesquisa, a pesquisadora agirá de maneira extremamente respeitosa e ética independente das opiniões ou posicionamentos do(a) pesquisado(a). Mas, caso haja danos decorrentes da pesquisa, a pesquisadora assumirá a responsabilidade pelos mesmos. Os encontros com os alunos foram realizados no espaço da própria escola, no período da manhã. As entrevistas acontecerão no período de 20/09/2016 a 06/10/2016. Os licenciandos serão convidados a participar do estudo, sem qualquer obrigatoriedade. Em caso de desistência, o participante apenas deverá informar ao pesquisador sua intenção de se retirar, sem qualquer ônus para alunos, pais e/ou Instituição de ensino. Deve ficar claro que a diretora da Escola Municipal João Pio está ciente e de acordo com a pesquisa desenvolvida.

Em caso de alguma dúvida em relação ao estudo você pode entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (31) 9 9844-7531. Garantimos que as informações fornecidas serão utilizadas neste trabalho, estando garantido o sigilo sobre as identidades dos participantes. "Este termo de consentimento livre e esclarecido encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você."

Eu,_____, portador(a) do documento de Identidade _____, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa "UMA CARTOGRAFIA DE PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EDUCADORES AMBIENTAIS" e declaro que concordo em participar dessa pesquisa e que as informações produzidas sejam utilizadas na realização da mesma.

São João Del Rei, _____ de _____ de_____.

Assinatura do Licenciando: _____

Pesquisador principal _____

Pesquisador responsável_____

Apêndice 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES

Roteiro da entrevista

- **Primeira Parte:**
  Nome:
  Idade:
  Curso:
  Período do Curso:
  Experiência profissional: trabalha como professor ou em projetos de EA? Quanto tempo?

✓ Fale um pouco de sua vida escolar, suas motivações para escolha do curso/ atividades que desenvolveu ou desenvolve relacionadas ao curso. A organização curricular... a relação teoria e prática pedagógica.

- **Segunda Parte**

✓ Qual a importância das atividades vivenciadas/experimentadas na escola para sua formação?

  - Fale de uma ou mais vivências que marcou você neste período? Por que esta vivência foi significativa?
  - Como você poderia nomear as sensações/vivências experiênciadas na escola?

✓ Fale um pouco da sua vivência nos estágios (caso já tenha feito) ou outros projetos que já desenvolveu.
  - Como você avalia a formação de professores que ocorre na universidade (e estágios caso já tenha feito).
  - E como você avalia a formação que acontece (ou sua formação que aconteceu) na Escola João Pio?

✓ A partir da sua experiência como você avalia as práticas de educação ambiental desenvolvidas nas escolas?
  - E a prática da educação ambiental na formação de professores?
  - Você já pensava assim ou as atividades que foram desenvolvidas na escola contribuíram?

  - Ao refletir/olhar para sua prática hoje, em que as atividades desenvolvidas com a escola contribuíram? Você se sente mais preparado? Mais seguro?

- ✓ A proposta do curso de de Ciências Biológicas da UFSJ prevê uma formação crítica da ciência e da sociedade, que promova a reflexão e a ética; que valoriza o trabalho em equipe, e os conhecimento das pesquisas educacionais, Um profissional que tenha interesse no auto-aperfeiçoamento contínuo, curiosidade e investigação, que busque soluções para questões individuais e coletivas relacionadas como ensino de Ciências Biológicas, bem como acompanhe as rápidas mudanças tecnológicas responsáveis por imprimir mudanças na prática pedagógica e nos conteúdos de referência, além de valorizar a interdisciplinaridade. Como isso tem estas questões tem se refletido de forma prática na sua formação no decorrer do curso? (No caso da licenciatura em música a pergunta foi voltada para o curso de música)

- **Terceira Parte: Algumas observações do diário de campo e texto dos estudantes**

  Percebi alguns fatos durante a observação de campo e sobre o relato escrito por você ao final do projeto que gostaria que você comentasse um pouco mais sobre eles.

  - ✓ O momento do aparecimento da aranha durante nossas atividades na horta;
  - ✓ O momento que estávamos sentados ao redor da horta volvendo a terra com as mãos e surge a ideia de volvermos a terra com os pés. Aí muitos rapidamente tiram os sapatos, outros ficam receosos, aquele aluno não quer de jeito nenhum sentar ao redor da horta e muito menos colocar os pés na terra. Ele chora... Mas com jeitinho vamos convencendo ele a experimentar. Ele coloca os pés na terra ainda com receio, ama a experiência e depois não quer mais tirar o pé da terra e colocar os sapatos.
  - ✓ O momento em que chegamos na escola depois de um período de chuvas e e horta estava tomada pelo mato.
  - ✓ O momento em que chegamos na escola e nos deparamos com a belíssima flor de abobrinha.
  - ✓ O momento em que a Maria (cozinheira) está colhendo os frutos da horta.

Apêndice 3

Texto produzido pelos estudantes ao final do desenvolvimento do projeto da horta na Escola Municipal João Pio

Os participantes da pesquisa foram nomeados pelas seus nomes verdadeiros: Kalu (Kaluaná), Vinícius, Isaías e Guilherme.

Texto 1 – Isaías

As experiências da horta

Como minha primeira experiência no espaço escolar interpretando o papel de adulto, mentor, a vivência da escola transcendeu as experiências da horta. A atividade da horta surge como espetáculo principal, mas como todo bom espetáculo a horta é todo um produto final de um processo complexo cheio de momentos, afetos e vivências anteriores.

O momento de conhecer as crianças e a equipe da escola foi tomado por todo o sentimento de insegurança, ansiedade, expectativas, delírios e incertezas, carregado de todos os significados que possam ter essas palavras. Algumas relações, experiências e sentimentos que vivi no espaço escolar, com a idade das crianças que estavam na escola, que eu percebesse, foram regurgitada se compuseram tudo em mim que vivi ali.

Era como se o novo espaço, com toda a sua composição, tivesse que permitir uma nova amizade para que toda a troca acontecesse do mesmo jeito quando fazíamos um novo amigo na infância.

Já no planejamento da horta, fazíamos nossos acordos, o que foi bastante novidade para mim. Poderíamos quando quiséssemos brincar no parquinho e participar das atividades da forma que nos sentíssemos mais à vontade. O estímulo de autonomia dos alunos dentro da escola também me chamou bastante atenção. O interesse dos alunos pelas atividades variava de acordo com diversos fatores, mas a maioria tocava sempre participar inteiramente de todas as propostas.

Do que me tocou durante as experiências da horta foi de como o conhecimento a

partir da vivência coletiva construir novos significados, de como cada indivíduo presente na construção trazia um pouco de experiência pra trocar.

Dos presentes que ganhei de participar do projeto foi acompanhar o desenvolvimento e empoderamento daquele aluno em especial, da sua autonomia e como era especial a relação dos próprios alunos entre si, com cuidado e amor.

Um ponto que mexeu comigo, que me fez questionar e me gerou um desconforto foi o processo de medicalização que começou acontecer na escola, a estrutura da sala de aula e como a escola explorava as práticas de ensino também me surpreendeu em comparação com os espaços escolares que conheci.

E a surpresas, essas sim marcaram as nossas vivências. As aranhas, as flores, as comidas da Maria com as produções da horta, a alegria e a leveza das professoras me tocaram muito.

Texto 2 - Kaluaná

Escola Municipal João Pio – 2015/2

No início do segundo semestre de 2015 comecei a participar das oficinas que abordavam temas sobre a educação ambiental na escola municipal João Pio. As oficinas já estavam acontecendo desde o inicio do ano, pelas ações da professora Priscila, e já era notável o quão os estudantes se sentiam confortáveis nesses momentos de aprendizagem.

Nossos encontros aconteciam uma vez na semana e a cada encontro a minha motivação de estar ali, com as crianças, com os funcionários da escola, naquele espaço de formação, aumentava. Recordo-me da sensação que tive nas primeiras oficinas, era um misto de empolgação, esperança, e um pouquinho de falta de autoconfiança, e que, ao longo do processo os sentimentos se transformaram em esperança, num contexto educacional, e muita gratidão pela experiência vivida.

Alguns momentos me marcaram nesta experiência e gostaria de deixar aqui, registrado, quais foram os sentimentos despertados neste meu processo de formação como educadora.

Uma horta foi construída na escola e quando nós ainda estávamos revirando a terra houve um momento em que todas as crianças tiraram os sapatos e ficaram sentindo a terra com os pés, ao som da voz da Priscila que cantarolava uma música inventada na hora e se existe a possibilidade de descrever o que senti, foi amor.

Figura 1: imagem representativa do envolvimento das crianças com a terra.

Quando a horta já estava pronta e a mudas plantadas, houve um período em que a área da horta não foi trabalhada e quando nós fomos ver como estavam o desenvolvimento das plantas, uma flor alaranjada chamava a atenção de todos que ali chegavam, era a abobrinha mostrando que a vida existe ali. Mais feliz eu fiquei quando eu soube que a Maria, cozinheira da escola, estava utilizando os frutos da horta na merenda dos estudantes.

Figura 2: Maria, cozinheira da escola, colhendo folhas de mostarda para a merenda.

E o que mais me marcou foi a liberdade que a escola proporciona a todos que estão envolvidos com ela, e isto faz com que as pessoas se aproximem entre si, se envolvam com os projetos, sonhem juntos. Eu particularmente sonhei, me envolvi e me apaixonei, e restou uma motivação enorme, para dar continuidade a uma proposta educacional que estabeleça relações entre sujeitos, sendo eles, quaisquer pessoas envolvidas na comunidade escolar.

Figura 3: Roda com as crianças, no início do semestre.

Texto 3 – Guilherme

Os desenhos da horta completa e, ao mesmo tempo, dividida me impressionou, pois pude ver que os meninos visualizavam a horta em início, meio e fim, já com os resultados.

Além disso, alguns escreveram ‘começo, plantando, terminando’, isso me ressaltou uma presença na importância do trabalho e manejo para que haja os resultados esperados.

No decorrer desta caminhada do início da horta até ver a Maria, que cozinha para a escola, colher as verduras me fez sentir que o trabalho junto às crianças traz a perspectiva de união, de respeito e aprendizado a todos os tempo. Os estudantes sempre

me mostraram uma união de suas turmas, pude sentir dentro delas em todas as oficinas como se fizesse parte da sala.

Esta união me confortou e me lembrou de uma criança específica que sofria alguns obstáculos, mas com a ajuda de todos hoje consegue se livrar desses obstáculos sozinho.

É bom saber como as crianças viveram esse sentimento de união nos trabalhos, isso me faz refletir dos momentos tão únicos para que mais tarde com as brincadeiras e trabalhos teremos resultados muito bons como as verduras para Maria e todos da escola colherem.

A participação de todos me ensinou muita coisa no decorrer dessa construção da horta. Cada um com suas perguntas engraçadas, seus sotaques e frases abrem em mim uma imagem de um círculo onde juntos, em União, cada um do seu jeito possibilitou grandes trabalhos juntos, que sempre nos soma pessoalmente.

Esta vivência só pode me acrescentar, desde os pequenos momentos até os mais marcantes. É ótimo estar aprendendo com uma escola uma oficina de horta e principalmente com as crianças, Os valores que nossa sociedade hoje parece que desaprendeu.

Apêndice 4

Transcrição das Entrevistas

Os participantes da pesquisa foram nomeados pelas letras (I), (K), (G), (V) as quais representam as iniciais dos seus nomes.

Entrevista1
Entrevistado: Vinícius
19-09-2016 – Campus Tancredo Neves/CTAN ás 14h

Laise: Boa tarde Vinicius.

Vinicius: Boa tarde.

Laise: Primeiramente gostaria de agradecer sua disponibilidade em participar desta entrevista. Ficamos muito felizes desta possibilidade de diálogo que vai contribuir muito com nosso trabalho. Vai ser fundamental para nossa pesquisa.

Basicamente vamos ter 3 momentos a nossa entrevista. Primeiramente vou abordar um pouco de sua jornada antes de adentrar a universidade, depois falaremos das atividades desenvolvidas na escola e, por fim, falaremos de alguns episódios que observei durante nossa estadia na escola.

Então, pra gente começar gostaria que você falasse um pouco de seus caminhos percorridos anteriormente, sua vivência escolar e o que te levou a fazer o curso de licenciatura em Música, vamos relembrar um pouquinho?

Vinicius: Eu estudo música desde muito novo. Eu comecei a estudar com 7anos de idade. Eu comecei a estudar formalmente mesmo a partir dos 11 anos de idade. E, em sequencia eu fui, aos 13 anos de idade eu comecei a dar aulas em uma escola de música. E ali eu já comecei esse processo de formação de professor né, que na época eu tinha 13 anos de idade. E trabalhei dos 13 aos 18 anos nessa escola. Eu trabalhei 5 anos e ingressei na universidade postumamente isto. Eu estudei o ensino médio no Colégio de Tiradentes da Polícia militar lá em Passos, eu sou de Passos, Minas Gerais. E acho que é isso. Meu processo de formação dentro da área da licenciatura musical foi isso.

Laise: Então, digamos que ela (licenciatura em música) te escolheu bem antes?

Vinicius: Só que ainda sim eu tive um processo, para escolher isso, vir para a universidade estudar música foi um processo mais lento. Não tinha certeza disso. Fui ter certeza disso quando chegou muito perto de fazer o vestibular e eu decidi: Vou fazer é isto! Porque a pressão social jogava sempre para o outro lado. Até na escola mesmo os professores não falavam para mim 'Vai estudar música mesmo que é o que você gosta', não, eles falavam assim: 'Oh, isso aí, não dá dinheiro' (risos)

Laise: É, essa questão financeira....

Vinicius: É o que mais cai em cima.

Laise: Você entrou na universidade em que ano?

Vinicius: 2013, estava com 18 anos.

Laise: Quando você fez o vestibular, foi aprovado. Qual era a sua expectativa para o curso?

Vinicius: Haa, eu, na verdade não sabia direito o que que era a licenciatura assim mesmo, porque, como que eu falo... Não sei... é que eu sempre, eu estudava música, eu lidava com o ato de ser professor, mas eu não entendia o que era a licenciatura mesmo. Eu só entendi quando eu entrei mesmo e vi: haa este é o fundamento do educador, aprender sobre a didática acima do conteúdo que você vai estudar. Não importa se é música, se é geografia, se é ...tem um aparato que trabalha isso. E eu não sabia isso, porque eu não enxergava isso na maioria dos meus professores. Acho até que a maioria dos meus professores não eram licenciandos, eram bacharéis que acabaram caindo em cargo de professor.

Laise: Aproveitando... falando um pouco do curso de Licenciatura em Música da UFSJ, olhei no site o que havia sobre o curso de vocês e lá diz que o curso de licenciatura em música da UFSJ 'visa formar um profissional competente e versátil para atuar como educador musical em escolas do ensino básico (Fundamental e Médio) e como músico educador em agremiações musicais, escolas de música e conservatórios, desenvolvendo atividades diversas e lecionando o canto ou o instrumento musical para o qual foi habilitado. Outro objetivo do curso é propiciar aos alunos o desenvolvimento de habilidades técnicas, musicais e interpretativas para atuarem como instrumentistas, cantores ou regentes em conjuntos diversos e agremiações musicais como orquestras, corais e bandas de música. O curso é oferecido no Campus Tancredo Neves (CTAN), em horário integral. Não vejo uma preocupação inicial do curso em uma formação pedagógica. De fato isso ocorre no decorrer do curso? Como são os estágios? O curso lhe possibilita reflexões críticas durante as aulas, reflexões sobre a educação e/ou reflexões sobre a sociedade?

Vinicius: Bom, eu acho que realmente não está no objetivo como você falou. E quem faz é o professor que faz porque acredita nisso. Tem alguns professores que são bem mais ligados a isso. Mas no geral, no âmbito que forma ali, não é esta a conduta, realmente não. É bem contrário a isto na verdade.

Laise: Realmente momentos de reflexões assim nas universidades são poucos. E dependendo do curso tem mais momentos que outros. Então a gente fica a mercê, muitas vezes, de um pensamento único.

Vinicius: É... eu acho que fica muito mais fechado à formação artística, sem uma preocupação mais social. Mas as questões pedagógicas assim, a gente estuda bastante a pedagogia musical. Eu tenho várias matérias de pedagogia... didática né. Isso tem, tem bastante.

Laise: Durante o curso você teve alguma experiência profissional nesta área musical ou você ficou por conta de fazer o curso?

Vinicius: Não. Eu mais trabalhei do que fiz faculdade (risos).

Laise: E você teve alguma experiência que foi mais significativa neste período?

Vinicius: Enquanto licenciando, acho que uma experiência muito massa que eu tive é a do João Pio mesmo (escola onde o projeto e a pesquisa se desenvolve) que eu acho que eu tive o maior contato com uma escola, escola regular. Hoje atualmente eu dou aula em outro projeto, no projeto 'Mais Educação' lá em Emboabas. Eu sou professor de viola caipira lá, também uma escola regular só que é um lugar até parecido com o João Pio lá. Só que eles são escola integral. É uma comunidade pequena e todo mundo fica na escola praticamente o dia todo, e durante a tarde é mais aberto cada dia é uma disciplina diferente durante a tarde inteira. Aí no caso quinta-feira que eu vou eu dou aula de música. Mas no João Pio foi a experiência que eu tive mais tempo e contato assim com as crianças né, de ter um tempo mesmo. E na verdade com a escola, com essa área da licenciatura na escola pública foi a primeira experiência.

Laise: Com relação às atividades desenvolvidas na escola, eu observei a sua inserção mesmo na escola. Então, eu queria saber qual a importância das atividades desenvolvidas, como você avalia sua participação no projeto para sua formação como professor, como músico, como educador musical?

2ª parte da entrevista – Vivência na escola

(Neste momento eu coloco uma seleção de fotos construídas com a escola durante o desenvolvimento das oficinas de educação ambiental. Como som de fundo temos a música "Cio da Terra" - interpretada pela voz de Milton Nascimento e Pena Branca e Xavantinho – música esta que passou a compor a pesquisa durante as observações feitas pela pesquisadora na escola).

Laise: E aí, a montagem com as fotos ajudou a relembrar um pouquinho do que foi vivenciado na escola?

Vinicius: Hoo sim claro. Ajudou muito.

Laise: Bom, então gostaria que você falasse um pouco mais dessa sua vivência na escola, como você avalia a importância dessas experiências vividas para sua formação como professor, como educador ambiental.

Vinicius: Quando eu participei na escola João Pio, eu cheguei até lá a partir do grupo de permacultura que eu participava e foi aí que eu conheci a Priscila, e que os meninos foram inseridos neste programa da escola né. E o trabalho que a gente fez lá, eu enquanto educador musical participei mais em jogos né, na ideia de criar algumas coisas para se trabalhar com as crianças... mas a gente fez um trabalho além disso né, do que o que eu aprendo aqui na licenciatura de música que é nesta parte da educação ambiental que eu tenho esta formação também, que eu vim a ter depois que eu entrei na universidade também com a participação no grupo Filhos da Folha e a gente fez o grupo de estudos, eu cheguei a fazer alguns cursos fora daqui de São João de permacultura e

isso me deu esta arquétipo a mais para estar participando disso também. E é uma coisa que acho que dentro do curso de música não acontece, que é um conhecimento que não necessariamente te da, da educação ambiental, mas dessa interdisciplinaridade né. De o professor não ser simplesmente o professor de música, ele estar apto a falar com o aluno de outra coisa que vai ser importante na formação dele e na sua formação enquanto professor também que não é só o músico né, que só sabe a música e que se limita só a isso.

Laise: Vai além da sua formação como músico.

Vinicius: Isso! Vai além disso. Até porque que as crianças não querem, eu vejo isso, elas não querem saber só de uma coisa. Até porque acho que nem a gente queria na época que a gente era jovem né. Até porque o tempo todo é que nos foi imposto isso.

Laise: Realmente, essa fragmentação do ensino, das disciplinas...

Vinicius: Isso! Exatamente.

Laise: Bom, então percebo, a partir de sua fala, que sua experiência com a educação ambiental é anterior à escola João Pio.

Vinicius: Sim, sim. É... eu já tenho uma ligação com a educação ambiental de vida assim, não de estudante.

Laise: ok! E você acha que a sua vivência na escola João Pio te deixou mais preparado para você trabalhar tanto as questões ambientais quanto as questões educacionais no geral? O que que contribui?

Vinicius: Acho que sim. Com certeza. A prática leva não necessariamente a perfeição né, mas a melhoria e como eu falei foi o primeiro contato direto com a escola, então foi minha primeira experiência mesmo. Aprendi algumas coisas, outras a gente... primeiro contato né? Hoje, assim, acho que já tenho uma facilidade maior de chegar num lugar com essa função né, de chegar na escola para trabalhar com as crianças ne´... de conseguir... pois já não é uma coisa assim tão simples a princípio.

Laise: No caso da licenciatura em música vocês também têm estágios. E são vocês quem escolhem onde querem desenvolver os estágios?

Vinicius: Sim, inclusive as horas que eu atuei no João Pio foram contabilizadas como estágio, como atuação. 50 horas do meu estágio pode ser abonada de qualquer área educativa que eu esteja participando.

Laise: Sim, e as demais horas seriam de práticas musicais?

Vinicius: Sim, seriam de observação ou prática de aula, só que específico no caso. Aí eu teria que ir mesmo a um conservatório ou em uma escola que tenha aula de música específica assim.

Laise: A partir dessas vivências que você teve, eu gostaria que você nomeasse seus sentimentos enquanto você vivenciava tais momentos na escola, quais eram os pensamentos, os sentimentos que vinham, a vontade de estar ali... o que te motivava?

Vinicius: Certo. Eu gosto muito de trabalhar com crianças assim, me agrada muito. Eu tenho certeza que é o lugar mais importante de ser atuado é essa galera que vai vim, que tem a oportunidade de fazer algo diferente. Então eu acho que o que eu mais senti é ...não sei uma palavra para definir isso...

Laise: Alguma sensação enquanto você estava lá...

Vinicius: Eu tenho a sensação de estar .. como falo... impulsionando, mas não é essa palavra. Me sinto ... quando a gente se completa assim... sensação de realizado. Isso! Realizado de estar podendo passar um conhecimento pras crianças.

Laise: EM relação a receptividade da escola, da pedagogia da escola, o que você tem a nos dizer. O que você achou a partir de suas outras experiências?

Vinicius: Então né, o João Pio tem essa metodologia da escola da ponte e a teoria dela pé muito bonita e acredito que seja bem funcional. Mas acredito que os educadores não estão bem preparados para fazer isso funcionar da forma que é. Eu senti que tinham professores que não sabiam lidar com isso e acabavam indo pelo caminho contrário o que fica muito contraditório ali para os meninos, aí eles não sabem como se portar né. Pois ali tem professor que é mais liberal, tem o professor que já é mais... Isso normal da personalidade da pessoa. Mas dentro da metodologia do ensino da parada não é bem assim que seria profissional.

Laise: Talvez, então pudéssemos dizer que a escola tinha momentos dessa pedagogia funcionar.

Vinicius: Isso. Tinha uma professora... não me lembro o nome que falava muito sobre patologia nas crianças assim. Que elas eram muito nervosas, muito ansiosas, que não ficavam quietas, que não faziam os exercícios mais, ham, que criança que não é assim? Raríssimos, algumas ou outras podem ser um pouco menos, mas é normal. Aqueles que tem mais é porque precisam gastar um pouco mais de energia, precisam correr mais, mas isso é normal. E não é dando remédio que você vai solucionar este problema.

Laise: É até um problema hoje essa medicalização nas escolas.

Vinicius: E acaba deturpando esta patologia mesmo, porque o que que é, tem caso que você pode considerar, não vou falar que é todos. Tem criança que está num estado de coisas que ela passa na vida dela, em casa, fora da escola que ela se afeta mesmo dentro da escola. Só que não pode deturpar até onde isso não é uma... não vou dizer que é uma preguiça do professor mas ele quem está incrustrado numa metodologia de que a criança tem que estar sentada o tempo todo sentado na carteira fazendo aquele exercício que ele acha que é o melhor. Só que as vezes a criança não está interessada e não há o que vá forçar ela a se interessar.

Laise: No caso da João Pio você considera esta experiência diferente das demais?

Vinicius: Sim, até o momento foi sim. Foi diferente de tudo que eu já tinha feito.

Laise: E até mesmo em relação às escolas que você vivenciou a sua escolarização?

Vinicius: Haa beeem diferente. Muito diferente.

Laise: Uma parte foi no colégio Tiradentes da Polícia Militar certo?

Vinicius: Sim. Este foi o período mais devasto da minha vida assim. Porque é muito repressor o sistema deles. Mas no demais também não tinha chegado a presenciar ainda não. Eu estudei no colégio Tiradentes somente o 2º e o 3º colegial. Eu estudei duas vezes o segundo porque eu tive uma repetição. Só que antes eu estudei em um colégio público da cidade mesmo, mas também outra metodologia, essa padrão mesmo. Nesse período do João Pio que é do infantil mesmo eu estudei numa escola que era bem diferente, mesma metodologia, as aulas padrões.

Laise: No caso da escola João Pio, dessa vivência que é diferenciada você saiu de lá com a sensação de que é possível fazer diferente nas suas práticas, no seu cotidiano ou que sensação você teve, que não é funcional...

Vinicius: Eu acho que é super possível. Mas é duro, é uma casca dura de roer assim. Ai você vai lidar sempre com isso, de chegar na escola e as vezes o diretor da escola está indo num caminho contrário ao seu mas você tem meio que também cada vez mais trabalhar, saber colocar seu lugar, porque se você enquanto educador tem direito a ter a sua autonomia e forçar ela até onde você puder mesmo, porque é seu direito.

Laise: Não só seguir o fluxo.

Vinicius: Isso, exatamente. Falar sua opinião mesmo, não concordo com isso e tal. Inclusive quando essa professora veio me falar sobre isso (agitação de alguns alunos) eu retruquei com ela e falei isso 'Eu não acredito que essa criança precisa estar tomando remédio. Não concordo com isso. Ou outras coisas, eu lembro da diretora chegar enquanto a gente está fazendo as oficinas, e ela chegar e falar 'para de fazer isto'. Eu to aqui dando a minha aula e não estou me incomodando que ele está falando com a outra criança ali, correndo. Aí você fala... há não deixa, está sob controle. Essa intervenção dela tá tirando o trabalho de educadora ali que não é o trabalho que ela tá exercendo no momento.

Laise: Realmente tivemos alguns atravessamentos durante o desenvolvimento das nossas atividades. Você gostaria de comentar mais algum episódio que você se lembra?

Vinicius: É, eu lembro mais disso. De 'pito', de pegar o menino e dar um 'pitinho' nele que as vezes ele está fazendo alguma coisa que eu não acho necessário dar um pito. Não que eu me importe que ela dê esse pito, mas enquanto a gente estava fazendo a nossa oficina ali a gente prefere ter a nossa autonomia. Pra tá quebrando isso. Realmente não tem como eu impor, falar pra ela: 'Não, não é desse jeito' porque nem eu sei se é desse jeito, mas eu não acredito que seja dessa maneira e eu quero poder ter autonomia de fazer de outro jeito.

Laise: Teve mais alguns momentos que nossas atividades eram atravessadas, como quando estávamos na oficina e vinham chamar as crianças para o café.

V**inicius**: Exatamente, aí as crianças já escutavam aquilo e já dispersavam.

Laise: Ou quando a gente deixava eles bem livres em relação ao parquinho do lado e as professoras ficavam chamando.

Vinicius: Isso, ela ficavam lá chamando 'Vem pra cá'... Não calma, a gente liberou, a gente deixou. É este tipo de coisa mesmo que acontecia.

Laise: Com relação a prática da educação ambiental voltada para a permacultura, de trazer isto para a escola.... observamos que a educação ambiental pode ser desenvolvida de várias maneiras. Você já observou em outros momentos como que estas práticas se desenvolvem e como que este modo de fazer (permacultura) ela contribui de forma mais significativa ou não...

Vinicius: Como assim, acho que não entendi.

Laise: É uma outra forma de pensar e fazer a educação ambiental com a permacultura, por exemplo. E, geralmente, as escola têm trabalhado uma educação ambiental muito positivista... E aí, a sua formação ela vai ao encontro de outra perspectiva. Aí o que você avalia nesse processo que esta educação ambiental transforma os alunos e inclusive você nesse processo. O que ela tem de diferente?

Vinicius: Eu acho que a filosofia dela mesmo assim. Eu acho que a permacultura ela ...o tema da permacultura tem muito a ver com essa relação com o meio que a gente vive. Na verdade com todas as nossas relações tanto com o espaço quanto com as pessoas. Éee, eu acho que é um contato muito mais forte com o entendimento do ambiente do que do esclarecimento dele ...do explicar ele. Mais de você observar, entender como que as coisas funcionam do que você chegar contando como que ela vai funcionar... tipo, é assim, o ambiente é assim... é muito mais da construção do indivíduo mesmo, da pessoa. E as relações pessoais também, o cuidar do outro, o entender o outro e não só querer explicar o outro, como que fala... definir o outro.

Laise: A partir do momento que você sai da escola e vai para um outro tipo né... volta para a universidade... como você considera este processo: Ao sair lá da escola que era um processo muito aberto, muito diferente do que a gente vivencia na faculdade né? E voltar para esse processo. Como que foi essa relação?

Vinicius: Pra mim já é, acho que, já estou acostumado. Já previa isso enquanto estava lá. Se eu voltar, ou melhor, eu voltando eu ia ver as mesmas coisas: os paradigmas, os mesmos padrões. E eu penso o quanto deve ser difícil para os alunos de lá quando eles tem que sair para ir onde vão ter os próximos níveis, deve ser chocante assim né? Que pá do nada aquele quadradão. Mas pra mim mesmo assim acho que não choca tanto porque eu entendo, eu fico é triste né na verdade, pensando que é essa mesma coisa.

Laise: Em relação aos seus colegas que você vê atuando na educação você percebe que esta formação deles está mais enraizada nessa formação que é da universidade por eles não terem essas possibilidades com as quais você teve e tem, uma vivência totalmente diferente do que é proposto no curso.

Vinicius: Bem, eu acho que ...eles são... muito... bons professores de música assim (risos). Acho que é isso assim. Eles entendem bem a didática do tocar, do ser artístico, mas são em outros quesitos, não tem outros conteúdos assim.

Laise: Bem pragmáticos?

Vinicius: É... exatamente. Ele vai ser um bom cara para te ensinar música. Mas é porque eu acho que acaba sendo o fundamento da universidade. Formar... é... no caso da música mas formar específicos né? Formar as pessoas... o médico que trata do osso do braço direito né. Que ele é específico naquilo ali. E aí ele acaba ficando limitado em outras coisas. Ele enquanto indivíduo mesmo precisa de outras formações. Assim, na visão de sociedade que eu tenho.

3ª parte da entrevista –Conversa sobre algumas anotações do diário de campo

Laise: Eu anotei no meu Diário de Campo alguns episódios que acredito terem sido significativos. Um deles, não sei se este dia você esteva presente, foi quando a horta já estava pronta e a gente chegou e tinha muito mato. Foi um período de chuvas, que a gente ficou sem ir na escola, aí a gente chegou e a horta toda estava coberta de mato. Qual a sua sensação naquele momento?

Vinicius: Eu lembro. Na verdade eu acho até meio normal isso porque eu lido muito com horta e é bem normal na verdade crescer o mato, ainda mais em período de chuva assim. Mas é... acho que .. acabava que ficava na nossa responsabilidade né? O pessoal tinha a relação deles com aquilo mas eles não tavam realmente preocupados com aquilo, de manter as crianças ali, ou as vezes lembar... 'haa vai lá aguar, ta precisando de fazer isto e isto'. E acaba... mas eu acho que acabava praticando mesmo. Na prática deles acontecia aquilo.

Laise: Certo. Outro episódio que anotei foi quando as crianças todas tiraram os sapatos para mexerem na terra, você estava nesse dia?

Vinicius: Não, não. Mas eu me lembro de comentários. E aí, eles pediram para que colocassem os sapatos?

Laise: É que eles estavam mexendo na terra com as mãos, e de repente surgiu a possibilidade de experimentarmos volver a terra com os pés. A maioria achou a ideia ótima, outros ficaram receosos e aquele estudante que tinha uma acompanhamento especial na escola não queria tirar o sapato de jeito nenhum. Na verdade ele não queria nem sentar próximo a horta. Mas com jeitinho nós conseguimos estimular ele a sentar e a colocar o pé na terra. E aí ele não quer mais por o sapato, de tanto que ele se encontrou ali com aquele ambiente. Aí eu observei que todos ali presentes foram tocados por aquele momento. Foi muito bonito. Como você não vivenciou, achei bacana te contar, pois foi muito emocionante.

Vinicius: A sim... mas não teve nenhuma intervenção não né?

Laise: Não, não. Dessa vez não. Foi muito boa a experiência. A **K** (designação a outra participante do projeto), ficou muito vislumbrada e curtiu muito o momento.

Vinicius: Sim sim, eu me lembro dela me contar.

Laise: Outro momento que observei foi quando a aranha aparece. Nesse dia você estava?

Vinicius: A quem?

Laise: A aranha.

Vinicius: Quem é aranha?

Laise: A aranha que apareceu no meio da horta.

Vinicius: Ahh sim... aranha. Haa mas eu acho que isso foi tudo no mesmo dia e que eu não sei se presenciei.

Laise: Haa sim. Era momentos de medo, ao mesmo tempo de querer chegar perto... e aí fiquei pensando. Como será que o professor, ele... é um atravessamento que não estávamos esperando. Aí você estava com toda atenção para sua prática, ao mesmo tempo você não pode deixar passar o acontecimento.

Vinicius: Sim, mas você acha o que que ... que eu acho desse acontecimento?

Laise: É... como que se forma professores nesses momentos?

Vinicius: Nesses momentos... acho que a maioria das pessoas não compreendem a aranha. Porque a aranha é um ser muito... de certa forma até dócil. Ele não é um ser que vem pra cima de você e quer te morder. Ele só vai te morder se você mexer nele mesmo, se sem querer você colocar a mão nele. É, assim, como que eu falo... uma irregularidade da vida, isso pode acontecer com qualquer um, você colocar a mão lá e infelizmente a aranha te picar. Só que também é tudo tratável assim, se você for no hospital a tempo. Acho que a gente devia educar as crianças mesmo para saber reconhecer esse ser que vive com a gente assim.

Laise: Aproveitaria então esse momento...

Vinicius: Para explicar. Hoo não pode por a mão no bichinho, porque o bichinho morde. Mas se você deixar o bichinho ali ó, ele vai embora. E ele tem a função dele de comer o insetinho que pica você também, os mosquitos.

Laise: Então você utilizaria desse momento para incorporar à sua prática.

Vinicius: Isso, pra incorporar. Que é dessa relação do educador mais amplo né? Que as vezes se fosse um professor só de música ele ia ficar morrendo de medo da aranha e ia colocar mais pânico na criançada (risos). E às vezes até influenciar as crianças a matar a aranha. E acho que não é por aí.

Laise: É que as vezes o professor perde várias oportunidades de ensinar. E aí simplesmente fala ‘deixa ir embora, cuidado... e alimenta aquela tensão né, de medo’.

Vinicius: É isso mesmo.

Laise: E aí um dos últimos episódios que a gente teve foi o florescimento da flor de abobrinha.

Vinicius: Este dia eu tava.

Laise: Talvez pra você seja mais comum do que foi pra mim e pra outros que observei, eu fiquei encantada com a flor de abobrinha. (risos). Mas mesmo não sendo algo novo pra você, qual foi a sensação de ver um fruto do seu, do nosso trabalho?

Vinicius: Haa eu fico muito feliz assim por eles terem dado esta continuidade né? Por mais que daquela outra vez aconteceu de estar o mato, aquilo ali funcionou de alguma forma. Eles chegaram a comer do produto da horta que a cantineira colhia lá eles faziam a comida. Eu fico bem satisfeito de ter tido pelo menos um... porque pra se tornar alguma coisa... eles estão lá diariamente com certeza, mas cria uma relação de apropriamento deles. Porque é a horta deles, que eles fizeram, que estão colhendo e comendo. Dá uma apropriação maior pra eles da escola ser deles também né.

Laise: E teve algum evento que te marcou muito nessa experiência com a escola que contribuiu mesmo para você se formar professor?

Vinicius: Um caso assim que me marca muito lá no João Pio foi do rapaizinho em especial, pois ele era assim uma figura atípica né, pelo que acontecia com ele na vida dele, o jeito que ele lidava com aquilo ali. Porque ele, coitado, ele era uma vítima, todo todo sentimental e foi tão reprimido naquilo de ficar só parado e comer mal, então ficou debilitado né? E a progressão que eu vi acontecer no tempo que eu fiquei lá foi incrível, nem imaginava que ia ser daquela forma né. De no fim ele estar até andando assim. No começo ele ficava só sentado e tudo, precisando de alguém... E de no fim ele tá até andando, com as vontades dele mesmo, não só aquela tristeza, aquele negócio triste que era uma carência já muito grande já mais expondo o que ele era mesmo. Isso foi uma das coisas que mais marcou mesmo.

Laise: E isso reflete também no desenvolvimento que ele teve nas nossas oficinas?

Vinicius: Acho que sim. Acho que sim. Teve uma mudança bem significativa. Esse acontecimento mesmo que você disse (se referindo ao tirar os sapatos e pisar na terra) pra ele você pode ter certeza que é uma coisa que marcou ele imensamente na vida dele, até hoje ele deve lembrar disso. Que pra gente as vezes é até pequeno, o que emociona a gente, pois pra ele foi muito maior.

Laise: Só pra gente fechar mesmo, nesse processo de estar na escola, como que você vê na sua formação como pessoa como professor, educador, musico, como você avalia sua formação, ou melhor, o que foi mais produtivo nesse período que você poderia dizer 'Isso me formou, me ajudou a compreender melhor os processos educativos'. Teve algum episódio assim? (silêncio)

L: Que a educação ela vai além do estar em uma sala de aula

Vinicius: Acho que eu perdi a pergunta.

Laise: Por exemplo, hoje você olhando esse período de vivencia na escola o que isso efetivamente te proporcionou como pessoa, como professor como educador ambiental que outros espaços não lhe proporciona. É um pouco do que a gente já conversou, mas só pra gente finalizar, então, o que de fato é diferente pra você nesta experiência? O que este diferente né, que foi feito possibilitou para sua formação?

Vinicius: Eu acho que me deu abertura de acreditar nessa possibilidade de uma escola diferente mesmo né que eu não tinha contato e que por mais que nos solavancos né com um padrão que já existia e que claro que nada é uma ruptura né, aos poucos vai se moldando. Eu acho que é possível né? Que todos os meios de educação venham a se transformar num lugar mais abrangente mesmo a educação, que não seja só este padrão. Eu acho que é uma coisa que me proporcionou depois dessa experiência. Acreditar nisso, nessa possibilidade.

Laise: Reconhecer ao menos que é possível né?

Vinicius: Que está acontecendo, pelo menos ver que de alguma forma está acontecendo, que não está totalmente desembarcado mesmo. Que foi muito doido pra mim. Como eu falei desde o começo que eu não sabia direito o que era licenciatura, e quando eu fiz minhas matérias principais de didática, eu vi que existia uma didática muito eficiente e lógica assim que funciona, mas que eu estudei o tempo todo num sistema horrível, que me chamava de burro assim, e o tempo todo eu me sentia mais burro e atrasado porque eu não conseguia acompanhar e eu entendia que era eu que era um pouco diferente e era só mudar uma coisinha ali que eu poderia me dar bem.

L: Então seria esta possibilidade de enxergar o outro, enxergar a diferença, que elas estão ali e nem todos vão aprender co o mesmo método, com a mesma eficiência e que cada um tem seu tempo.

Vinicius: Isso, e que a gente é assim. Que não tem um padrão de inteligência: 'Esses ali estão no tempo certo e aqueles ali estão atrasando a turma. Na verdade não, esses aqui estão no tempo certo e aqueles ali é que estão atrasando a turma que já sabem e não precisaria estar ali por exemplo. Se ele tem tanta facilidade era pra ele estar fazendo outras coisas e não estar ali.

Laise: Bom, o que eu tinha programado pra gente conversar era isso. Tem alguma outra coisa que você acha relevante de mencionar e que eu não abordei durante a conversa? Alguma situação, episódio, algum sentimento que você gostaria de retomar neste período.

V: Eu acho que não, pelo menos não me vem nada na cabeça não. Lembrei até de bastante coisa, falamos agora foi na verdade um super feedback pois fazia muito tempo que eu não parava para pensar lá no que que aconteceu lá na João Pio.

Laise: E esse período que você se afastou você sentiu falta?

Vinicius: Haa senti. Eu queria até ter voltado no semestre seguinte. Só que aí foi muitas outras coisas e eu não tive a possibilidade de fazer o estágio no semestre passado aí eu fiquei parado mesmo e tive que fazer outras coisas.

Laise: Mas que bom. Fico feliz que esta oportunidade tenha lhe proporcionando essa vivência, na verdade nos proporcionado. Pra mim também foi fundamental e inesquecível. Só da minha vivência acho que dava uma dissertação porque foi tantaa coisa. E eu, na maioria das vezes, nesse pragmatismo. A permacultura eu nem sabia o que era. Então trabalhar esta outra educação ambiental, sair da superficialidade....e lá tinha um movimento diferente. Isso é muito bom.

Vinicius: Foi ótimo relembrar

L: Agora em relação a metodologia utilizada, as perguntas, as fotos e música exibidos o que você poderia dizer? Acha que ajudou?

Vinicius: Sim nossa. Depois que eu vi as imagens eu relembrei muuuitas coisas, e a música (Cio da Terra) eu gosto da música.

Laise: A música (Cio da Terra) sempre vinha na minha memória enquanto participava e observava as atividades, por isso a escolha.

Vinicius: Muito bom, então ela tem uma ligação.

Laise: Isso.

Laise: Então eu fico pensando em outras formas de educação, de educação ambiental, de formação de professores. Você acredita nisso?

Vinicius: Sim. Com certeza, sem dúvida nenhuma.

Laise: Bom, mais uma vez agradeço sua disponibilidade em participar desta conversa.

Vinicius: Eu quem agradeço.

Entrevista 2

Entrevistada: Kaluana (Kalu)

19-09-2016 – UFSJ Campus Tancredo Neves/CTAN ás 15:30

Laise: Kalu, Boa tarde.

Kalu: Boa tarde Laise.

Laise: Desde já agradeço muito sua disponibilidade em participar desta nossa pesquisa, acredito que será uma contribuição muito significativa pra gente. Esta conversa que nós marcamos ela vai compor um trabalho, que vamos transcrever posteriormente. Ela está dividida em 3 partes. Na primeira parte dessa entrevista queria que você falasse um pouquinho de sua vivência antes de entrar na universidade, seu período escolar. Puxar da sua memória algumas coisas que possam até ter contribuído para que você fizesse o curso de Ciências Biológicas, né. Fique a vontade.

Kalu: Eu me mudei muito ao longo da minha vida assim... então eu estudei em várias escolas. De modo que eu não consegui criar vínculos tão intensos com a instituição ou com os colegas ou com os professores assim. Por mais que isso sempre foi muito interessante pra mim. Talvez isso tenha me machucado um pouco porque eu sempre quis criar vínculos, né, raízes assim. Essa é um pouco da minha busca na minha vida sempre assim, criar raízes. Eu estudei em escola particular dois anos, que foi no meu 9º ano né, 8ª série e o 1º ano, e era uma escola muito legal assim, ela era de multiplicidades. Ela ensinava instrumentos musicais, tinha todo um aparato de desenvolvimento, mas eu era tipo bolsista parcial, meus pais não tinham grana para

pagar e eu acabei terminando meu ensino médio em uma escola pública central de Passos. E lá, eu até comentei com você na semana passada, que eu não tive aulas nem de história nem de geografia e isso me deixou bem desfalcada no sentido dessas matérias, mas também me deixou com um interesse muito grande de buscar saber sobre elas. Mas também por causa disso eu acabei focando nas exatas e acabei ficando melhor nas exatas assim, mas porque eu tive acesso. E por incrível que pareça eu bombei no 3º ano em matemática e aí eu prestei um vestibular só, também meio que por pressão dos familiares, dos amigos... Isaías é um deles. A gente é colega desde a escola particular, ele também era bolsista. E aí prestei, passei e este curso é Engenharia de Bioprocessos na UFSJ lá em Ouro Branco. Aí eu passei em Julho e eu tava devendo matemática. Então eu precisava fazer minha matrícula em Julho e tava devendo uma matéria. Então eu corri para uma escola tipo EJA, se chama CESEC lá em Passos, seria Centro de Educação para Jovens e Adultos, alguma coisa assim. Aí eu fiz matemática em uma semana, fiquei uma semana na escola sem minha mãe saber e acho que ela não sabe até hoje (risos). Aí eu vim fazer a matrícula e entrei na Engenharia de Bioprocessos. Não tinha a mínima ideia do que era o curso e fiquei lá dois anos assim (risos), fazendo Engenharia de Bioprocessos. Mas quando eu comecei a compreender melhor o curso, eu também estava num processo de me conhecer, eu tava fazendo 20 anos quando isso aconteceu. Então eu saí do terceiro ano, fiquei 6 meses parada e queria prestar alguma coisa relacionada às artes... e fui fazer engenharia. Ai nesse processo de autoconhecimento, de entender o curso melhor e, como ele era voltado mais para área industrial, para as grandes produções... genética, biotecnologia e tal, e falei assim caramba não é isso que eu quero, não é esse curso que eu quero, nada disso que eu estou fazendo tá certo na minha vida. Larguei tudo e fui voltar a morar com minha mãe assim, e fiquei o resto do ano de 2011 morando com minha mãe. Eu não tinha maturidade para voltar a morar com minha mãe e minha mãe não me compreendia como um ser individual. Então a gente teve muito atrito, eu saí falando que nunca mais voltaria morar perto dela assim... (risos) E, é claro que não né? Foi só o momento. E vim pra cá. Ainda matriculada na UFSJ porque eu só tinha trancado a matrícula e vim puxar matéria nas artes aplicadas e na biologia que eram duas áreas que me interessavam bastante assim. E fiquei fazendo essas matérias ao longo de 2012 no primeiro semestre. Já no segundo semestre me identifiquei mais com a biologia e puxei matéria só na biologia. Aí em 2013 eu decidi que eu queria fazer biologia de fato. Aí entrei num processo: Eu quero fazer biologia bacharelado ou eu quero fazer biologia licenciatura? E eu convivia com pessoas tão leigas quanto eu assim. Muitas delas falavam: 'Pra que que você vai fazer licenciatura? Você vai querer ser professora igual sua mãe?' E porque não ser professora igual minha mãe? Aí eu já comecei questionar: 'Porque ser professora igual minha mãe é um erro né?' Aí eu percebi que meu pai ficou muito puto da vida quando eu larguei a engenharia. E meu argumento foi: 'Você é novo, você pode fazer. Nunca é tarde, eu não quero fazer'. Doido né? E aí nesse processo eu pensei: 'Não quero tentar transferência, eu quero uma turma minha". Eu quero ter uma turma minha porque eu compreendo que ter uma turma minha me aproxima das pessoas e também faz com que eu desenvolva mais rápido dentro do curso do que se eu chegasse sozinha assim. Então continuei puxando matéria ao longo de 2013 e me preparei para prestar ENEM. Prestei ENEM e fui chamada em 2014 para o curso de biologia licenciatura que era o que eu queria. Coloquei licenciatura em primeiro e bacharelado em segundo e consegui licenciatura. E desde então começou, assim, todo meu trajeto.

Laise: Você então nem sempre quis ser professora, não foi algo sempre determinado, teve um processo, foi isso?

Kalu: Teve um processo. Teve processos assim, por exemplo, a escolha da biologia tem tudo a ver com todo meu processo de infância assim, eu sempre vivi conectada com miudezas assim... e natureza e animais. Então isso está bem vivo, sempre foi. Em relação a educar eu sempre tive um cuidado com tudo assim, eu consigo entender isso hoje com mais facilidade, eu tenho uma tendência a cuidar com muita facilidade. Cuidar de quem aparece doente, de quem aparece com problemas, cuidar de quem está tudo bem mas só precisa de companhia. E eu acho que o cuidar tem tudo a ver com o educar, porque quando você cuida você também educa. Eu acho que isto tava em mim e eu só não sabia.

Laise: E no caso desse seu período na universidade você teve alguma experiência profissional? Ou você está por conta de fazer o curso? Como é a sua vivência na universidade em relação a trabalho, o que você desenvolve?

Kalu: Então. Como eu já estava na universidade antes com outra matrícula eu comecei me aproximar de várias pessoas, tanto amigos que eu já tinha e que também estavam vindo para o curso de biologia, que é o caso do Isaías que passou junto comigo, fizemos juntos e viemos juntos. Eu vim um ano antes e ele um ano depois. Então a gente tava começando a conhecer o nosso território, reconhecer nosso território assim, mesmo. Aí a gente se encontrou com a Priscila. A gente fez a etnobiologia que hoje é diversidade e cultura e fizemos educação ambiental que hoje nem tá mais na grade. Fizemos eu e Isaias e alguns outros amigos. E na época a gente estava conhecendo a permacultura. Aí mais pela parte do Isaías ele quis desenvolver um projeto. Aí a gente sentou e desenvolvemos juntos. Aí veio o projeto de extensão que a Priscila super colaborou para que ele existisse que é o projeto de extensão de educação comunitária por meio da permacultura. Então assim, minhas experiências em escolas elas estão mais relacionadas a... como que eu posso falar... com outras professoras dando aula assim, com eu observando desde muito criança com a minha mãe, desde muito criança que era um interesse meu, deu falar 'mãe, me leva'. E ela me levava, ela é educadora física. Agora eu sozinha, estar a frente de uma sala de aula veio a acontecer comigo por meio do projeto de extensão, que não são aulas propriamente ditas, mas são preparações, eu passei a dar oficinas. E hoje eu me sinto muito mais a vontade de falar assim... se alguém me perguntar 'Kalu, você daria uma oficina?' E eu daria. Provavelmente de um assunto que eu não sei eu ficaria um pouco mais... não sei... receosa mas eu acho que daria conta. Mas se é de permacultura ou algo que eu sei que eu domino eu me sinto muito a vontade, e a minha experiência é mais assim. Em escola mesmo, a primeira vez com os meninos foi na escola João Pio.

Laise: Esse projeto de extensão inicial é o mesmo que foi para a escola João Pio ou são desdobramentos? Pois você chegou a comentar comigo sobre aquele chamado 'Filhos da Folha' ou era um grupo de estudos?

Kalu: Era um grupo pra fazer com que a educação comunitária acontecesse a gente pensou 'a gente não pode educar comunitariamente, a gente não pode chegar a várias diversidades, várias multiplicidades de pessoas sociais se a gente não souber o assunto que a gente está abordando. E a gente sabia de permacultura, mas sabia pouco. Então a gente conseguiu reunir várias pessoas, umas do meio acadêmico e outras do meio não

acadêmico, de cursos variados, enfim, variedades, bem diverso. Eram sempre 10 pessoas que iam do início ao fim, mas variando tinha mais de 30, e a gente consolidou um grupo de estudos e no mínimo uma vez na semana a gente se encontrava ou para estudar os temas relacionados a permacultura ou pra se organizar, pois a gente também planejava. O semestre era planejado. Todas as nossas atitudes feitas era planejada. A gente sempre se reunia antes pra planejar e depois fazer. A gente nunca falou que ia fazer alguma coisa e simplesmente foi, a gente sempre teve planejamento. E aí este grupo foi tomando proporções assim, tanto no meio acadêmico quanto social. A gente intervia em repúblicas que pediam nossa ajuda para ir nos quintais e esclarecer conteúdos relacionados a permacultura que tudo tem a ver com educação ambiental. A gente trabalhou muito no centro comunitário lá do São Dimas. A gente trabalhou junto com outros projetos de extensão. Nossa! Foi tanta coisa.

Laise: Vejo que foi uma vivência bem significativa.

Kalu: Muito significativa. Foi institucionalizado 2 anos de grupo de estudos e eu tenho certeza que todo mundo que fez parte desse grupo de estudos saiu sabendo muita coisa. E o mais interessante deste grupo de estudos é que ele era auto organizado, nunca existiu um liderança nos Filhos da Folha. Então todo tema proposto era conversado, debatido entre o grupo. E aí era bonito, cada um apresentava uma aula sobre um tema. Então em termos de se tornar educador este grupo foi fundamental pra mim. Parecido com uma sala de aula tinha ali pessoas que eu via sempre. Então... cria-se afetos.

Laise: Ok, muito bom!

2ª parte da entrevista – Vivência na escola

(Neste momento eu coloco uma seleção de fotos construídas com a escola durante o desenvolvimento das oficinas de educação ambiental. Como som de fundo temos a música "Cio da Terra" - interpretada pela voz de Milton Nascimento e Pena Branca e Xavantinho – música esta que passou a compor a pesquisa durante as observações feitas pela pesquisadora na escola).

Laise: Agora, nós vamos para a segunda parte da entrevista, onde a gente vai partir para o nosso território que vivenciamos na escola. E aí gostaríamos de saber como que você avalia, como que você percebe a importância dessa participação, dessa vivência na Escola João Pio para a sua formação como educadora, como professora, educadora ambiental. Fale um pouquinho dessa experiência.

Kalu: Como eu percebo?

Laise: Isso, como você avalia a importância dessas atividades vivenciadas para a sua formação. Você falou que foi seu primeiro contato direto né, com a escola.

Kalu: É engraçado assim. A partir do momento que eu fui fazer licenciatura eu ficava pensando nos meninos, no pessoal das escolas e é voltado para o ensino fundamental II e ensino médio. E eu me sinto tão privilegiada, como que eu acabei de falar eu tive meu

primeiro acesso ao educar com amigos, com afetos feitos ao longo de dois anos e aí depois a minha primeira experiência em escola foram com crianças, os meninos do fundamental I. Tudo tem tanto sentimento, tudo no qual eu tenho feito parte. É uma relação de tanta intimidade. E, participar lá da escola foi tanto amor mesmo que eu sinto que tudo vem para me dar um pouquinho mais de certeza que eu tô caminhando no caminho certo que eu escolhi. Que o caminho que eu escolhi é certo e é cheio de sentimentos mesmo....que é sensacional (risos). Trabalhar com menino grande, pelas observações que eu tive é outro time né, é outro tempo assim. Os meninos já estão em outro patamar de desenvolvimento, então é tudo mais rápido. Eles já estão num processo de individualização e lidar com criança é um tempo mais arrastadinho, é um tempo da criança. E o tempo das crianças é lindo assim. Eu estava vendo as fotos e pensando. Como que eles se entregam, como que eles sentem as coisas de uma forma diferente. E educar né? Talvez eu acho que eu estava fazendo isso sem perceber, mas o educar com esses sentimentos educa a gente, porque eu parava muitas vezes para observar os meninos assim. E ver como é que eles estavam se envolvendo, e pensava: 'Poxa, se fosse isso acontecendo comigo no meu espaço né? Provavelmente não daria tanta importância, não me entregaria tanto hoje em dia. Aí a partir do momento que eu levo alguma coisa para conversar com os meninos que vai ser novo pra eles, e eles abraçam....é tão lindo assim. Eu me senti abraçada muitas vezes nesse processo de ser educada e educar.

Laise: Você não estava lá só como educadora para ensinar.... Você aprendeu.

Kalu: Nãooo. Aprendi com toda certeza. Acho que mais aprendi do que eduquei.

Laise: Tô vendo que você fica bem emocionada né ao falar. Como que você poderia tentar nomear essas sensações, vivências, experiências na escola.

Kalu: Nomear?

Laise: Isso, traduzir em palavras, sentimentos esses momentos. Sensações que você tinha.

Kalu: Eu posso fazer tipo, uma linha do tempo?

Laise: Pode, claro.

Kalu: A princípio eu me senti insegura. Insegurança era o que primeiro batia na portinha do meu coração. Pela liberdade que nós tínhamos para trabalhar na escola, A liberdade ela... igual aquele texto do Eduardo Galeano do porquinho da índia, que fala mais ou menos assim ...que uma criança ganhou um porquinho da índia e abriu a gaiola e saiu de casa. E quando ele voltou pra casa o porquinho estava tal qual ele havia deixado, no canto da gaiola abafado pelo medo da liberdade. Assim... a liberdade nos causa medo. Então a principio eu me sentia insegura porque a liberdade nos causa medo. Eu estava me sentido muito liberta naquele espaço assim. Tanto na forma de eu poder decidir o que eu poderia passar e de como chegar naquela escola que é tão aberta e liberta a ponto de uma criança abrir a porta para me receber. Então a principio eu me senti insegura, mas depois este sentimento foi sendo esquecido.

Kalu: E aí o cotidiano que não é tão cotidiano porque a gente ia toda semana, mas passava-se passou a ser encontros que sempre aconteciam ne. E isso foi dando lugar

assim a sentimentos de afetos mesmo, então... as crianças eram presentes na minha mente assim, o rostinho de cada uma dela, das professoras, da Maria que é da cantina, com Demétrios que cuida do espaço e aí eles passaram a fazer parte da minha vida, então eu não tinha mais como me sentir insegura, porque eu estava lidando com pessoas na qual eu me sentia bem. Então eu comecei a me encantar. E aí foi mais encantamento mesmo, assim. E aí eu não me senti insegura sobre o que eu sabia, ou sobre o que eu iria chegar lá e passar porque eu também estava acompanhada de outros colegas, né. Tanto com as pessoas do espaço da escola quanto com as pessoas que estavam indo lá comigo. Então eu tava me sentindo abraçada mesmo. Quando eu falo abraçada é porque eu tava me sentindo mesmo ...me sentindo amada.

Laise: ok. Você então não chegou a fazer nenhum estágio antes, e depois você teve oportunidade de ter outros contatos, outras vivências ou ainda não?

Kalu: Ainda não. Meu último semestre foi um pouco difícil pra mim, pessoalmente falando. E aí agora estou retornando e aí eu decidi que eu não vou voltar com força total porque eu não dou conta. A engrenagem precisa ser lubrificada assim. E aí é meu intuito estagiar na APAE. Então eu já fui lá na APAE, já conversei lá. E ainda estou providenciando os documentos. E aí eu tô ainda nos tramites dos documentose aí depende da burocracia da universidade, de encontrar professor e tudo mais. E também do meu tempo que também está assim... mas meu intuito ainda esse semestre estar lá. Mas por enquanto não. Mas eu também não gosto de nada muito convencional, ao invés de ir pro Garcia eu quero ir para APAE (risos).

Laise: E como que você avalia a formação que acontece nesse espaço da escola João Pio. Que é um espaço diferente né? Então o que vocêvê de diferente neste processo que aconteceu lá? Coisa que não aconteceu na sua vivência escolar, embora você tenha dito que durante dois anos você esteve numa escola bem bacana.

Kalu: No meu fundamental I, eu estudei numa escola municipal 4anos. Então eu fiz o fundamental em uma escola só. Então mais ou menos o que a experiência dos meninos lá. Eu experienciei de outra forma, mas numa escola só.

Laise: Neste caso como que você avalia esta formação que eles estão tendo lá, bem como sua formação que está acontecendo em um espaço bem diferente do espaço que você se formou quando tinha aquela idade.

Kalu: Muito diferente.

Laise: Então como que você avalia essa formação de professores, por exemplo, que aconteceu lá?

Kalu: Já de cara eu falo que ter outra organização que não aquela que eu vivi, que eu experienciei enquanto aluna né de fundamental I, já de cara de chegar e ver outra forma de organizar, outra forma de educar, outra assistência, outra relação com os alunos... já torna tudo diferente. Então... igual eu falei, os afetos eles acontecem com mais facilidade. Provavelmente se eu tivesse vivido esta experiência de formação lá na minha escola onde eu fiz o meu fundamental I eu não ia lembrar nem direito dos alunos e os professores e, provavelmente não iam querer saber de mim. Porque eu ia ser só mais uma pessoa que ia estar ali. Só para ocupar um tempo que o professor não precisava

mais ficar com os alunos. Então, tipo ‘haa fica aí uma meia hora com os alunos que eu vou ali tomar um café’.

Laise: Não haveria muito contato, é isso?

Kalu: É. É outra coisa. Eu estudei numa escola... outra escola municipal, central, lotaaada de alunos assim. É tipo um prédio antigo e muito cheio de alunos. Eu era só mais uma assim. Ninguém sabia de mim, a não ser a minha professora, porque eu era quieta.

Laise: E lá na escola você observa que foi diferente?

Completamente diferente. Pra relação e pro desenvolvimento de qualquer individuo ele precisa se sentir especial, não especial... se sentir indivíduo assim, precisa se sentir estar. Não sei como traduzir isso.

Laise: Entendo. E a escola com seu modelo proporciona isso né, diferente?

Kalu: A escola proporciona isso completamente diferente. E ali naquela escola cada um, desde os alunos até a gente que tava indo de fora tinha um papel importante. ´|E interessante que lá cada um tem um papel, independente de que papel que seja. Ele exerce aquele papel e ele é respeitado por aquele papel que ele exerce,daforma que ele puder. Tem seus pequenos problemas ainda, mas são reflexos de tudo que a gente viveu mas no mais aquela escola é linda e pra mim enquanto professora vivenciar isso... é colorir a minha visão de mundo, sabe? É tipo colorir a visão daquilo que eu quero ser.

Laise: isso é muito bom pra gente, pois neste mundo tão preto e branco que a gente vive, experiências assim nos dá cor mesmo.

Kalu: Eu consegui responder? Não sei se eu fiquei mirabolando.

Laise: Imagina, não se preocupe em responder tudo ou não. O interessante é o diálogo. O que a gente mais quer é que, independente da pergunta, você se expresse o que você sentiu na verdade, o que foi vivenciado... E as vezes não pra gente traduzir em palavras. Mas o mais próximo que a gente conseguir chegar é isto mesmo.

Laise: E em relação a educação ambiental quando que ela começa a fazer parte da sua vida. Você falou que desde de criança gosta do contato com o micro. Na universidade tiveram outros espaços que te proporcionou esse contato? Foi mais o grupo Filhos da Folha que te possibilitou trabalhar com a permacultura? Que foi o que a gente fez lá na escola.

Kalu: A questão da educação ambiental sim. Até pra mim vislumbrar um futuro quando eu comecei eu pensei ‘Haa será que eu quero ser educadora ambiental?’ mas foi sim. Foi com o grupo Filhos da folha. Mas desde criança, desde o meu processo de formação eu venho de um, de um lugar com o mínimo de criticidade, ser crítico. Então meus pais eram críticos de alguma forma. Eles também estudaram em universidades federais então provavelmente eu sou reflexo do que eles vivenciaram. Eu nasci no meio acadêmico. Eles eram estudantes. Mas o que mais implica em ser, em querer educar ambientalmente pessoas, que eu acho que também não goso muito desse termo ‘educar ambientalmente’ alguém não faz muito sentido porque a pessoa ela já faz parte daquele ambiente. Então

ela não está fora do ambiente e, não tem como educar uma pessoa que já está adulto formado e falar, ‘ vem cá, você precisa aprender’. Então é mais fazer , colocar cores nos olhos das pessoas que as vezes elas ainda não enxergam. Eu acho que é mais ou menos isso. E aí a permacultura ela veio nesse viés assim pra mim. Coisas que eu já criticava, coisas que eu já achava estranhas, coisa que eu já não concordava ficaram claras porque eu passei a entender. A questão de compreender o mundo como um todo e começar a agir localmente. E a permacultura é isso. Compreenda o todo mas aja... compreenda o macro mas aja no micro. Porque você não pode fazer muito mais do que isso. E quando você toma essa consciência e você fica indignado com várias coisas assim, você quer mudar as pessoas que estão a sua volta, então ...pra além dos espaços de formação de educação ambiental entre aspas, eu passei educar as pessoas na qual eu convivia primeiro. Eu passei a trazer críticas que elas nunca tiveram dentro do espaço..porexemplo, eu morava em república com mais duas meninas e eu passei a questionar hábitos que nós tínhamos, depois eu a questionei hábitos que a minha família tinha. Depois eu questionei hábitos que os meus amigos tinham... e aos poucos eu fui mudando hábitos de várias pessoas. Então hoje eu entendo que a partir desse momento eu passei a transformar o ambiente. E aí depois de todo esse processo com a permacultura, onde eu aprendia num espaço curto de tempo o que o grupo proporcionava pra gente eu passei a entender que eu sou mais capas ainda ne´? De transformar hábitos. Pra mim a educação ambiental é mais ou menos isso, é transformar hábitos que a gente acha comum e questionar se eles estão certos ou não. E aí educar ambientalmente é todo dia, toda hora, todo momento em qualquer circunstância. Se eu vir a me tornar professora de ensino médio de física, o que pode vir a acontecer, eu quero educar ambientalmente todos os dias da minha vida.

Laise: No caso a educação ambiental tem várias correntes de se trabalhar e no nosso caso, mais uma vez, a gente está lidando com o diferente, a permacultura. E o que que trabalhar neste sentido, o que te engrandece, o que esse tipo de prática contribui para sua formação? O que ela diferente de um prática tradicional? Aquela que fala não desperdice, não faça isso, tome um banho mais rápido, vamos ouvir a música planeta água e cuidar do planeta. São ações bem pontuais. Então o que diferencia para sua formação esta prática?

Kalu: A criticidade. O ser crítico. Porque a partir do momento que eu passei a estudar a permacultura, não só eu, mas todas as pessoas que faziam parte do grupo, eu acho que posso afirmar isso, que tanto a minha vida quanto a vida de todas as outras pessoas que estavam estudando a permacultura mudaram com certeza assim. Pelo menos 5% mudou. A minha mudou por volta dos 70% porque não tem como você colocar a música do planeta água e falar sobre bicho e você fazer isso com os alunos e você ser o exemplo deles pra isso. A gente não educa pelo que a gente fala e sim pelo nosso exemplo, essa é a minha visão. Então eu mudei todos os meus hábitos. Eu já não comia carne e eu passei a ser mais crítica em outro sentido em relação a minha alimentação. Então... eu leio rótulos, eu vejo a marca a qual aquele produto está atrelado antes de comprar. Eu procuro comprar produtos cuja embalagem não seja feita de plástico porque eu sei como afeta. E não que eu seja uma pessoa super consciente ou super ambientalista e tal eu só sou um pouco consciente de como eu contribuo para produção de lixo. E eu acho que ta aí toda a diferença. Eu não posso falar de ser ambientalmente legal, gostar de natureza e querer ter a água e tudo mais se eu não pratico no meu cotidiano tudo que eu preciso fazer para ele se manter, e é simples pra mim isso. E o exemplo de que eu com certeza

educo com isso é o exemplo de que muitos amigos meus que nem faziam parte do grupo de permacultura passaram a aderir hábitos. Muitos amigos que consumiam, o que é pra mim um excesso de carne, passaram a se conscientizar sobre a ingestão da carne quanto pra saúde deles como para o meio ambiente, a produção de lixo. Olha só, fica mais fácil a vida , cosmético natural enfim, eu tento aplicar de várias formas e eu vou atingindo pequeno. E provavelmente se eu convivesse com 30 alunos todos os dias ou 2 vezes por semana, provavelmente alguma diferença eu faria, eu tenho certeza.

L: E essa maneira de pensar juntamente com a pedagogia da escola você acha que foi fundamental? Elas casaram muito bem? Porque lá eles permitemgente trabalhar de forma mais independente, mais autônomos.

Kalu: Então. Como era um território que eu ainda não conhecia, e como também a gente não sabia como agir lá, permaculturalmente falando, o ensinamento eu acredito que o que foi abordado e tudo mais que aconteceu dança, dança entre esses dois tipos de educação ambiental. Numa corda bamba que vai lá pela permacultura e depois volta assim, para a educação ambiental convencional se é que a gente pode chamar assim. Então existem dois lados eu acho da nossa atuação lá. Mas que é muito legal, talvez se eu soubesse antes ou se eu continuasse esse trabalho ao longo desse tempo, eu talvez daria um jeito de mudar alguns hábitos lá. Em relação a alimentação, a limpeza, questões do cotidiano, que educação pra mim é sobre o cotidiano, tanto a educação mesmo quanto a educação ambiental.

Laise: E a partir das suas experiências como que você ...é... pelo que eu percebi você já pensava assim antes de entrar na escola, uma educação ambiental com o cotidiano, uma educação mais diferenciada.]Mas ao estar na escola algo contribuiu ainda mais para sua formação? Embora você já tenha outras experiências com a permacultura esta experiência contribuiu de alguma forma na sua formação?

Kalu: Com certeza! Justamente por talvez eu ser a pessoa que estava na corda bamba eu consegui ter uma visão de como isso acontece na prática. E aí fez toda a diferença né? Isso não é uma certeza que da próxima vez eu venha acertar, agir exatamente da forma como eu gostaria, mas isso já me trouxe outra visão para eu trabalhar de forma diferente naquilo que talvez eu tenha enxergado como uma educação ambiental crítica.

Laise: Então por exemplo, com o grupo você tinha os seus estudos, um aperfeiçoamento, e a escola possibilitou a você, mesmo que um pouco enxergar isso na prática e por a mão na massa? É isso que você esta ressaltando?

Kalu: Sim. Essa questão da experimentação. A teoria preenche a gente com muitas informaçõesmas a gente só sabe elas quando a gente faz. Ta aí todos os significados dos dicionários para falar. Teoria é só teoria e a prática ela soma com outras, outros caracteres subjetivos assim. Então foi sensacional.

Laise: Então você acredita que a prática experimentada foi fundamental para sua formação como educadora ambiental e como professora?

Kalu: Foi fundamental com certeza. Como educadora ambiental e como professora também.

Laise: Ao refletir sua prática hoje você acha que estas atividades então te fizeram ficar mais preparada, contribuíram mesmo para você ver como isso acontece?

Kalu: Sim, sim. Mas também me traz uma noção de que... até uma certa tristeza assim... de que... eu não vou encontrar outros espaços como aquele né? Então assim, às vezes eu fico pensando que talvez essa experiência seja uma experiência impar.

Laise: E você acredita que... bom, o espaço realmente é fundamental pra gente trabalhar e as burocracias sempre existem nas escolas, mas você acredita que é possível fazer diferente mesmo com essas normas? Talvez não igualzinho lá né? Mas que pelo menos você experimentou que é possível. Você acredita que sim? Ou você acha assim que em outras escolas não tem mesmo jeito de fazer diferente. Tipo 'Eu vivenciei aquilo mas não vou ter jeito de fazer em outros espaços, a escola vai me encaixar numa forma'.

Kalu: Não, ninguém nunca vai me botar numa forma (risos). Aqui eu tava pensando, você acredita que eu esqueci. Depois dessa experiência na João Pio eu estive no CAIC também durante, se eu não me engano, uns 3 meses que aí já eram os meninos do fundamental... não também era os pequenos, ou meio a meio, não sei. Mas a gente também chegou a fazer alguns espaços com os meninos.

Laise: O CAIC, como poderíamos dizer, se encaixaria neste modelo de escola que estamos chamando de tradicional?

Kalu: Sim, acredito que sim.

Laise: E lá foi possível trabalhar de outra forma?

Kalu: Foi, foi sim.

Laise: Isto nos mostra que é possível fazer diferente mesmo em outros modelos, precisamos confiar mais na nossa autonomia.

Kalu: Mesmo que algumas pessoas não gostem da maneira que você está agindo a gente tem que saber se colocar. Eu acredito assim. Mas sabe, eu estava pensando... grande parte do meu processo de formação até então e de tornar tudo tão bonito, de tornar tudo tão poético, poético mesmo essa é a palavra, foi a convivência com a Priscila. Ela esteve presente no CAIC, ela esteve presente no desenvolvimento lá no João Pio. E querendo ou não ela é uma referência porque ela é minha professora. E vê-la atuando e com toda poesia que ela também expira né, e inspira também... me torna mais poética sabe? Então, faz parte também do meu ser ainda, tô me tornando professora em todos esses encontros, encontros com os amigos também. Eu gosto muito do diferente, sempre gostei muito do diferente. E convivo com pessoas que gostam do diferente. Não que sejam absurdamente diferente, é só um diferente que as vezes não tem vez e não tem voz. Por isso me interessa trabalhar na APAE. Eu tenho amigas que trabalham na... na... esqueci o nome da escola, uma escola rural a Lívia que trabalha em outra metodologia que também me encanta. João pio também me encanta. E são estes encantamento que vão me tornando com que eu me poesie mais pra profissional que eu venha a ser. Eu não acredito na dureza do ser, nem do trabalho, nem de nada. Eu acredito que as relações estabelecidas tanto no campo profissional quanto no campo pessoal elas precisam ser macias, elas não precisam perder a rigidez, mas elas precisam ser macias ao toque, ao olhar, aos sentimentos, ás sensações, porque quando elas são

macias as coisas fluem com mais facilidade, então as pessoas aprendem com mais facilidade e também transmitem com mais facilidades. E estas convivências todas me somam o quem eu sou hoje.

Laise: Uma multiplicidade.

Kalu: Sou uma multiplicidade de outros seres também (risos)

Laise: Agora falando um pouquinho do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, olhando a proposta do curso no site da coordenadoria percebemos que o curso prevê uma formação crítica da ciência e da sociedade, que promova a reflexão e a ética; que valoriza o trabalho em equipe, e os conhecimento das pesquisas educacionais, Um profissional que tenha interesse no auto-aperfeiçoamento contínuo, curiosidade e investigação, que busque soluções para questões individuais e coletivas relacionadas como ensino de Ciências Biológicas, bem acompanhe as rápidas mudanças tecnológicas responsáveis por imprimir mudanças na prática pedagógica e nos conteúdos de referência, além de valorizar a interdisciplinaridade. Como isso tem estas questões tem se refletido de forma prática na sua formação no decorrer do curso?

Kalu: Laise, eu acredito que um dos maiores problemas nas instituições, seja ela universidade, se ela é escola, é que a gente vive uma cultura hoje do individualismo. As pessoas se preocupam, claro, com assuntos relacionados ao mundo, ao meio ambiente, a politica e tudo mais. Mas de uma forma geral elas estão muito voltadas para elas mesmas. Mesmo que o discurso delas não sejam este. Então o que eu vejo dentro do meu curso é que existem dois professores sensacionais lá dentro tentando de fato trazer tudo isso que está falando aí no texto. Eles tentam trazer... eles são pessoas que falam dessas coisas, que tentam trazer questões que trazem um pouco de crítica também questões reflexivas e tudo mais e... alguns discursos estão implícitos aí numa criticidade até em relação a algumas coisas, de como os alunos são. Mas o maior problema que eu vejo lá não são os professores ou a grade, porque se o que está no papel acontecesse de fato com certeza nós nos formaríamos muito melhor do que estamos nos formando, mas não depende só dos professores ou do que está escrito. Depende daqueles que compõem também as salas que são os alunos. E eles estão bastante voltados para eles mesmos. Então muitas vezes eu vejo os alunos fazendo, dizendo ‘haa isso aqui é de licenciatura vou fazer aqui na hora mesmo porque haaa o professor é de boa’, e assim tipo esse deboísmo... não é que o professor é de boa é que ele está te dando abertura pra você fazer outras coisas, pra você se conhecer, pra você ser mais crítico, se formar.... e eles não querem, eles não querem porque estão voltados para a vida deles.

Laise: Ou até mesmo porque eles foram treinados a isto.

Kalu: Doutrinados a ser uma caixinha de conhecimento, onde se o conhecimento não chega daquela forma e eles não vão conseguir absorver porque não tem capacidade. Não culpo também essas pessoas, pois eles precisam passar por um processo de desconstrução e eles precisam querer se desconstruir. É difícil, ninguém quer se desconstruir porque ninguém quer sair da zona de conforto. E trabalhar coletivamente que está falando aí no texto, com todas essas pessoas de culturas variadas, interesses variados tanto de ciências quanto de saberes, ser ciente é complicado. A gente acaba criando grupos, então tipo a minha formação ela está carimbada por algumas figuras porque elas se interessam, porque elas gostam de debater talvez como eu, talvez eu não

compreenda o outro porque o outro não da abertura, e talvez eu não dê e eu nem saiba. Então a coletividade é pouco visível eu acho.

Laise: Então esse dois professores eles fazem diferente certo? E os demais já vão seguindo o fluxo.

Kalu: isso, alguns poucos salvam.

Laise: Então há momentos de se fazer diferente mesmo na universidade, mesmo que com poucos professores.

Kalu: Eu tenho percebido também com a nossa atual conjuntura política, ele... que alguns professores tão saindo do outro ar que eles respiram aqui nesta zona de cima e estão passando a abaixar o nariz e respirar aqui em baixo. Porque a gente tem precisado muito de conforto. Quando a gente ideologicamente acredita em coisas , e as coisas não estão acontecendo como a gente gostaria ou como a gente concorda, a gente procura por apoio. Eu tenho visto alguns professores saindo de um ar superior que eles respiravam e vindo conversar mais com os alunos. Acho isso muito bom. Acho muito bom mesmo porque eu sei que são muitos alunos, várias pessoas de muitos tipos e que é complicado muita gente julgando... então tem esse problema. O professor que tá ali na frente não gosta de ser julgado, mesmo que isso seja um absurdo pois você como professor vai ser julgado o tempo todo. E aí se fecham sabe? Tipo 'Olha, eu sou o professor e não estou aberto pra nada e tal'. Enquanto nós temos outros professores que são tão abertos, tão deliciosos que dá vontade de ficar tendo aula com eles o tempo todo. E também agora estou convivendo com um professor que ...vou usar a palavra coxinha, pois ele é um coxinha mor assim, mas ele dá um certo grau de abertura para dialogar algumas coisas. Então de uma certa forma eu tiro o chapéu. Então eu acho que de alguma forma falta contato. Eu não estou convivendo com um professor durante 4 anos, pelo menos uma vez no semestre, pra esse professor simplesmente ignorar que eu existo. Poxa, vamos ser mais humanos nas nossas relações, eu acho que falta isso.

Laise: O contato então seria fundamental para essa formação então?

Kalu: Com certeza! Com certeza!

Laise: E você acha que teve isso na escola João pio diferente na universidade?

Kalu: Tive nessa escola particular que eu convivi 2 anos, mas nas outras não.

Laise: E você acha que na escola João pio a formação que aconteceu lá foi interessante também por causa disso? Por causa que lá você teve esse contato, você vivenciou na pratica, então proporcionou experiências outras? Fez a diferença?

Kalu: Com toda certeza. Todo o meu discurso fica em torno disso. Eu acho que as pessoas precisavam se acariciar mais.

3ª parte da entrevista – Conversa sobre algumas anotações do diário de campo e alguns trechos que foram destacados por eles no texto produzidos ao final do projeto.

Laise: Eu vou falar agora algumas coisas que eu percebi e anotei no diário de campo sobre sua prática na escola e um pouco de alguns trechos que destaquei daquele texto que vocês fizeram no último encontro nosso do semestre que fomos relatar as atividades da escola. Em um trecho você diz: 'Nossos encontros aconteceram uma vez na semana e a cada encontro minha motivação de estar ali com as crianças, funcionários, naquele espaço de formação aumentava. Recordo-me das sensações que tive no inicio das oficinas, era um misto de empolgação, esperança, um pouquinho de falta de auto confiança. Ao mesmo tempo muita gratidão pela experiência vivida. Queria que você falasse mais um pouquinho dessa vivência sua lá, desses sentimentos aqui.

Kalu: Éééé... coisas muito lindas aconteceram naquela escola né? A princípio a gente era recebido com muitos sorrisos assim, tanto das carinhas curiosas das crianças como toda uma receptividade da equipe que trabalha lá e, com o tempo as pessoas que lá trabalhavam falavam né, sinta-se a vontade para fazer as oficinas e se você conhecer mais alguém que queira desenvolver oficinas traga para cá. E aí me pareceu mais uma casa, uma casa cheia de crianças onde a educação acontecia, o fomento aos conhecimentos e, eu fui me sentindo em casa. E muitas coisas muito lindas aconteceram lá. Muiiiitasss... muiiiitas... Não sei nem dizer.

Laise: Realmente as vezes é difícil expressar. As palavras as vezes não sai.

Laise: Outro trecho que você destaca se refere a construção da horta e 'teve um momento que estávamos volvendo a terra e as crianças tiraram o sapato e ficaram sentindo a terra com os pés ao som da Priscila que cantarolava uma música inventada'. Você se lembra desse momento?

Kalu: Muito!

Laise: Descreva então mais um pouquinho dessas sensações que você teve, do que você vivenciou neste momento.

Kalu: Engraçado assim, quando isso aconteceu, a principio foi 'haaa vamos sentar....háaa vamos tirar o sapato... haaa vamos por o pé na terra. Na hora do sapato eu já tava tipo assim 'gente! Será que pode?' Aí depois que todos colocaram o pé na terra e começaram a mexer a terra e sujar o pé eu pensei 'Gente, será que pode?' porque eu estou tão acostumada com tudo que não pode que eu fiquei questionando os não poderes, e quando eu vi todas aquelas crianças em circulo nomeio daquilo que viria ser uma horta, enfiando o pé na terra quietos e a Priscila cantarolando qualquer coisa assim... falei gente, eu to vendo uma coisa que poucas pessoas vão ver ao longo da vida. Tomara que não, tomara que vejam. Mas dentro do que a gente está acostumado é tão raro. Isso é tão lindo! Quisera eu ter vivido uma situação dessa, ter vivido situações assim ao longo da minha formação. Por isso que eu fiquei até meio sem saber o que falar agora, porque firam tantas coisinhas assim tão pequenininhas que foram me causando choque, espanto, amor e deliciações.

Laise: Ao mesmo tempo apareciam coisas imprevisíveis, mas é no imprevisível que muitas coisas acontecem.

Kalu: Sim, claro.

L: Neste sentido, outro trecho que você destaca e que eu percebi claramente sua reação de felicidade foi com relação ao desenvolvimento das plantas no final, principalmente quando você vê aquela linda flor da abobrinha. Neste trecho você ressalta que 'era uma flor alaranjada que chamava a atenção de todos que ali chegavam, era a abobrinha mostrando que a vida existe ali. Outro acontecimento feliz foi quando vi a Maria, a cozinheira da escola, que ali estava utilizando os frutos da horta para merenda'. Então são dois episódios que você demostra muita felicidade quando viu a flor da abobrinha e quando viu a Maria colhendo os frutos do nosso trabalho né?

Kalu: Isso tem uma significância outra pra mim. Além de ser talvez um resultado da horta que a gente tenha feito lá, a outra significância é minha relação com alimentação. Eu questiono muito a produção de alimentos, eu questiono muito o uso de agrotóxico, eu questiono muito esta relação com a terra,. E quando eu vi que este resultado tava servindo de alimento para as crianças isso foi muito bom pra mim. Porque eu tava vendo uma coisa que a gente ajudou a construir que foi construído por muitas mãos alimentando crianças. E essas crianças com certeza não tinham essa noção que eu tenho em relação aos agrotóxicos, em relação a produção, consumo e devastação e thá e thá... mas eles estavam comendo uma comida produzida no quintal, sem nenhum tipo de adubo químico. Pronto! Tá lindo sabe. Maravilhoso assim. E eu planto pra mim, eu planto na minha casa então essa relação com a terra é linda.

Kalu: No caso pra mim foi um espanto ver ali a flor de abobrinha, porque eu nunca tinha visto e não sabia que era tão linda. Você já tem um maior contato com esse meio, mas mesmo assim ficou maravilhada.

Kalu: Eu nunca tinha visto a flor de abobrinha. E quando eu vi eu falei 'Nossa, mas a gente não plantou abobrinha', mas aí o Vinicius disse 'abobrinha é uma abóbora verde'. Aí eu falei que não. E ele falava que é. E eu falava que não (risos). E aí me eduquei e aprendi que a abobrinha é uma abóbora verde, outra espécie que cresce compridinha e tal. Aí eu também aprendi que não se pode apontar para uma flor de abobrinha senão cai.

Laise: Mesmo? Essa eu não sabia não (risos).

Kalu: Então nesse meio da gente fazer e conversar as coisas acontecem e nos ensinam.

Laise: Outro trecho que você destaca 'O que mais me marcou foi a liberdade que a escola proporciona a todos que estão envolvidos com ela'. Essa liberdade que você destaca também foi fundamental para sua formação como professora?

Kalu: Com certeza foi, porque ... a gente já até conversou que a liberdade era tamanha que quando eu cheguei eu não sabia o que fazer com ela. E os meninos ali tão habituados com ela. Eles tem um número de tarefas a cumprir mas eles tem um liberdade de ir e vir na escola, de tirar o sapato, tem os momentos e tal. E quando eles estavam com a gente muitas vezes eles tinham a liberdade de estar com a gente ou não. E eles queriam estar com a gente.

Laise: Outro episódio foi a questão de ter um parquinho bem do lado onde estávamos construindo horta. E as vezes parecia que nem tinha parquinho.

Kalu: isso. Porque eles queriam ficar com a gente. Tipo eles vinham e perguntavam ‘o que vocês estão fazendo aí?’ E aí isso tudo dialoga com tudo isso que eu acredito. Eu só educo se eu faço. E se eu faço eu vou estar educando, pois sempre haverá algum curiosa que vai estar querendo ver o que eu estou fazendo.

Kalu: Com a construção das mandalas foi assim também, você se lembra? As crianças tendem a ir no parquinho e algumas ficam. Aí quando algumas ficam e começam a montar as mandalas as outras crianças vêm depressa e querem fazer também. E aí não queriam parar de fazer, fizeram 1, 2, 3...

Kalu: É justamente isso! Quando alguém vira para nós mesmos, nós já mulheres e adultas e fala ‘Olha (**L**) ’ ou ‘Olha (**K**)’ vocês vão ter que fazer assim, vão ter que ficar aqui nessa sala até e sei lá que horas e vão ter que ficar. A gente vai se sentir absurdamente incomodada. Porque é nosso, é intrínseco nosso querer ter a liberdade. Então porque a gente restringe um grupo de indivíduos só porque eles são crianças para não fazer diversas coisas. Claro que cabe a orientação, mas não a restrição. E é justamente isso, você dá a liberdade e ele faz se ele quiser. E pra ele é mais interessante fazer algo que ele nunca fez do que ir pro parquinho que é uma coisa que ele faz todo dia. É mais ou menos essa lógica.

Laise: Se nossas atividades tivessem sido impostas seria outra coisa, diferente do que foi.

Kalu: Sim, seria outra história.

Laise: Um episódio que eu observei e anotei no diário de campo foi sua reação quando a gente volta na escola após um período de chuvas sem poder ir lá e a nossa horta, que já havia sido plantada, estava tomada pelo mato. Via a sua reação e pude perceber um sentimento de decepção foi isso mesmo? Queria que você comentasseum pouco disso, seus sentimentos.

Kalu: (risos) Haa... eu acho que eu fiquei triste por ver o mato. Mas eu fiquei feliz porque as plantas estavam vivas lá. Por mais que o mato estava ocupando espaço de planta o que tinha de planta estava ocupando muito espaço. Então se for parar para pensar não é tão prejudicial, era só arrancar o mato (risos).

Laise: Outro episódio que atravessou nossas atividades foi quando a aranha aparece de forma imprevista e aí fica aquele alvoroço todo né. Você estava nesse dia, então o que você percebeu das relações estabelecidas, dos sentimentos, o que poderia falar do que aconteceu ali.

Kalu; É muito bonitinho porque quem encontrou foi as crianças. ‘Olha, uma aranha’. Aí a primeira reação das crianças foi ‘Algum adulto aqui para me ajudar, vem ver’. E aí tipo, quando ele deu o primeiro grito lotou de criança. Aí foi alguém pra ver a aranha se ela é perigosa, será que não é. E aí veio todo o processo de educação em respeito aquele bichinho que tava ali e também é um indivíduo. Ohh eu me lembro, não sei se você lembra igual, mas eu me lembro de alguém falar ‘Essa é a casinha dele. Não vamos matar. Vamos deixar ele aí, tudo mais....então foi trabalhado ali uma outra relação de respeito à natureza, de uma outra forma que não só com as plantas.

Laise: E isso foi bom. Pois aproveitou desse acontecimento que fugiu do previsível, para poder educar também. E a gente como professor precisa de sair dessas situações imprevistas sem ignorá-las.

Kalu: isso mesmo. Exatamente isso.

Laise: E tiveram algum (s) momento (s) de estranhamento? Algum que você queira relatar. Ou sentimentos não tão positivos do que foi vivenciado?

Kalu: Não, não teve assim. Teve ...do que foi vivenciado eu gostei de tudo. O que era as oficinas, o que era a interação com as crianças, o que era a nossa relação ali semanalmente, mas as minhas críticas elas são mais voltadas a alguns problemas tipo a medicação de crianças que estavam tendo lá e eu nem sei como esta a situação hoje em dia, mas tipo assim, conviver com isso. Estar dentro de um ambiente, dentro de uma escolha que fala que pode acontecer de outra forma, que propõe toda aquela outra metodologia, outra escola e aí vê um professora se incomodando porque um aluno é mais agitado e querer medicá-lo. Na minha visão de mundo, até do que é ambiente quem está doente é ela (risos). Bom, não sei. Mas em relação ás oficinas e a forma com que tudo acontecia, a liberdade das crianças virem e gritarem ou de ficarem sentadas ou de tudo. Cada um sendo seu eu assim, me deixava muito feliz.

Laise: Você sentiu falta de alguma organização maior, algum preparo maior necessário para realizar ou não? Um planejamento que fosse ou alguma coisa?

Kalu: eu sou um pessoa que gosta muito de planejar. Eu gosto. Provavelmente se eu estivesse sozinha ou se eu estivesse com um outro grupo menor onde eu pudesse planejar assim... se bem que eu podia, mas eu não sabia muito bem como que é que estava acontecendo tudo isso pois eram muitas pessoas envolvidas e eu não sabia muito bem qual era o caráter daquilo. Aí eu não tomei frente de nada porque estando trabalhando coletivamente eu não gosto de tomar a frente de nada. E aí... mas faltou planejamento. Eu gostaria de ter planejado mais. Mas eu não gostaria de ter planejado sozinha. Então por isso eu não fiz nada. Mas se tivesse eu ia gostar sim. Eu gosto de chegar sabendo mais ou menos... Mas também se eu estivesse planejado não teria acontecido da forma como aconteceu.

Laise: Também. Têm essas duas possibilidades.

Kalu: Talvez essas coisas lindas que a gente vivenciou não teriam sido vivenciadas se houvesse tido um planejamento, um controle do que vai acontecer aqui, agora, exatamente, são 10:30 não sei.... Acho que são os dois lados. Eu acho que isto também é responsável pela corda que vai da educação ambiental crítica a uma educação ambiental tradicional. Talvez a gente seria mais crítico, mas talvez a gente seria mais duro.

Laise: E aí poderia deixar de vivenciar algumas coisas que o descontrole proporciona.

Kalu: Isso mesmo.

Laise: Bom, estamos finalizando e só pra gente retomar essa vivência sua na escola você como professora, como se tornando professora, reforçando mesmo o que a gente conversou, fale mais um pouquinho da importância dessas vivências para sua formação como pessoa, como professora, como educadora ambiental. O que efetivamente esse

espaço lhe proporcionou, o que ele teve de diferente? Mesmo que possa parecer repetitivo, pode ser que outras coisas surjam na nossa memória em diferentes momentos.

Kalu: Eu sempre gostei muito de ler. E aí eu fiquei um pouco sem ler muito. Não parei de ler mas parei de ler coisas relacionadas a universidade nesses últimos meses, mas quando eu tava lá na escola fizeram muito mais sentido, tipo Paulo Freire, tipo o método do José Pacheco, essas coisas assim que eram teorias lindas, formas lindas de se falar sobre educação... mas tá, como que isso acontece? Então o estar lá na escola tornou tudo mais possível assim. Então vivenciar, experienciar, experimentar aquela escola contribuiu pra mim como professora e como indivíduo do que eu euro vir a ser. Então, provavelmente eu quero estar na APAE agora por causa dessa experiência porque eu gosto do que é diferente. Talvez o meu gostar do que é diferente vem como uma forma de escapar do que é tradicional, pode ser. E o que é tradicional é tudo aquilo que eu já estou habituada em minha vida inteira. Claro que eu vou aprender se eu passar meu estágio supervisionado inteiro em uma escola tipo o Garcia ou uma escola lá do centro, claro que vou aprender, pois eu vou estar lá observando a professora. Mas aconatece que isso eu já experienciei a minha vida inteira, e se eu não puder contar com experiências outras dentro de tudo que eu já experienciei eu não vou me tornar além do que eu quero ser. Eu não vou ser além, eu vou ser ainda aquilo que eu sou com um pouquinho mais de diferença. E eu quero mudar muito mais. E é isso que essa escola foi pra mim, tornou o mundo mais possível, a ser visto com outras cores, com outros olhos. E pra mim fazer diferente mesmo.

Laise: Então a partir dessa experiência na escola João Pio onde você viu e vivenciou de forma prática muitas coisas você acha que isto foi fundamental para sua formação?

Kalu: Achei fundamental.

Laise:Formação esta que talvez os estágios supervisionados não proporcionem de forma rica como esta né? Então eu percebo na sua fala que essa relação teoria e prática juntas é o que contribui para se tornar professor. Pelo menos é o que precisaria acontecer de fato. Estar em contato mesmo a teoria e a prática.

Kalu: E também a vontade.

Laise: Poderia falar um pouco mais?

Kalu: A gente precisa muito da teoria. Ela é muito boa no campo das ideias. Mas a gente precisa da prática no campo da vida, de qualquer coisa que você queira ser na sua vida. Se você quiser fazer um bolo, Você pode começar151a fazer um bolo hoje e eu tenho certeza que você poderá fazer um bolo bom. Mas o seu décimo bolo vai ficar melhor. E a gente se torna melhor quanto mais a gente faz. A leitura esta dentro disso também, mas o fazer manualmente, estar fisicamente... eu gosto de ser orgânica. E isto tem a ver com o meu gostar também, aí tem a ver com a vontade. Se eu não quisesse, se eu não tivesse vontade de ir, se eu não tivesse a vontade de participar, de me envolver, de me sentir amada, abraçada, de acolher e ser acolhida podemos resumir assim. Eu não teria... Isso teria sido bem superficial, eu não me deixaria envolver. Então antes de teoria, antes até que prática ou mesmo tendo prática a gente precisa ter vontade.

Laise: Então mesmo que você estivesse nesse ambiente, mas sem a vontade teria sido outra experiência então?

Kalu: Talvez seria.

Laise: Você gostaria de comentar algum episódio que eu não abordei, algum sentimento, outras experiências deste período na escola. Pode pensar um pouquinho.

Kalu: Foi bom esse processo também e principalmente lidando com crianças pequenas. Eu acredito que elas sejam mais dependentes mas muito mais fáceis de lidar. Que eu erro muito ainda. Talvez na forma de me expressar, talvez na forma de colocação de palavras que entra também na questão de expressar mesmo, ou na questão da paciência. Não que eu ache que eu seja horrível e que eu não tenha jeito, mas que eu posso melhorar muito em relação a isso porque se convivendo com crianças que são ao meu ver um pouco mais dependentes mas também mais abertas, imagina eu lidando com adolescentes que estão vivendo e experienciando milhões de experiências na vida deles, modificações físicas acontecendo a transição para a vida adulta não é fácil. Então para trabalhar com esses indivíduos em desenvolvimento eu preciso trabalhar melhor a minha forma de me mostrar no mundo. Acho que é isso. Acho que na cabeça as coisas acontecem mais na ação... é porque o cérebro é muito perto da boca, então é tudo muito rápido. A gente fez e vem reflexo ai se falou puts... não precisava ser assim.

Laise: Mas acho que este é o verdadeiro processor. O tornar-se humano é assim e o tornar-se professor é assim também. É essa a conjuntura. O vir a ser é uma dor, uma lenta dor como dizia Clarice Lispector. E nós somos uma reconstrução sempre.

Kalu: Minha mãe sempre falava pensa duas vezes antes de falar ou antes de fazer, ou até mais... mas no mínimo duas. Mas o que eu ia falara é que tipo assim ao mesmo tempo me causa tristeza não ser ainda do jeito que eu gostaria de ser mas me acalenta saber que eu consigo visualizar meus erros. Me deixa mais tranquila saber que eu consigo enxergar oi meu erro. Que eu condigo me moldar. E pra mim isso é em relação a tudo na minha vida. Eu sei que eu sou assim, mas que estou mudando e eu sempre procuro melhorar. Por mais triste que eu fique em relação a forma que eu sou ou que já fui, me deixa feliz saber daquilo que eu vou vir a ser.

Laise: E esse período de vivência na escola contribuiu para essa transformação?

Kalu: Muiiiito. Muiiiito, como não? Dialogar diretamente com as crianças, com as professoras, com eles falando com você de uma forma tão tranquila, sem repressão mesmo.

Laise: Sem ter um tempo limitado e delimitado para tudo. Era tudo ao mesmo tempo.

Kalu: Tudo ao mesmo tempo. É exatamente isso que falta em todos os lugares de educação, inclusive na universidade. A gente é acostumado ao longo da nossa vida inteira a ver os professores ali, eles são tipo um grupo a parte. Um ser de outro planeta, Por que gente? 'Só porque eu tenho 12 anos você quer dizer que eu sou inferior a você? As vezes eu sei coisas que você nem sabe'. E com outros professores que eu convivi ao longo da minha vida e que davam essa abertura pra mim era tão bommmm. Sabe, você se sentir reconhecida por alguém próximo.

Laise: Novamente a gente vê essa aproximação que você fala, o estar próximo, o contato.

Kalu: Eu lembro de uma vez, primeira vez que eu fui fazer prova com um professor que ele já é até falecido. Ele dava aula no ensino médio e eu não tive aula com ele. Na oitava série eu não tive aula com ele e eu sempre via falar que ele era muito carrasco. E eu fui ter aula com ele no 1º ano de geografia. E aí eu fiquei muito nervosa antes de fazer aprova dele e ele era um cara muito simpático e tranquilo, bem politizado mas também num se fechava mas não se abria tanto. Mas se quisesse conversar com ele, ele ficava. E ele me percebeu nervosa durante a prova dele. E logo depois da prova quando ele veio com a correção ele ficou com a minha prova e pediu para ir buscar a prova com ele. E eu falei 'ai meu Deusss, ta tudo errado, o que é que eu fiz?' E ele falou assim 'Toma' Ai eu tinha tirado 8,5 em 10 uma nota boa. Aí ele disse 'não precisa ficar nervosa você é excelente em todos os momentos na minha aula. Você participa, você entende, questiona, não existe motivo para você ficar nervosa'. E a partir de então ele passou a me tratar com mais afeto dentro de sala. Viu que talvez eu era uma pessoa que precisasse de ter afeto. E desde então fez toda diferença só aquele momento que ele chegou pra mim e falou isso. O contato novamente. E aconteceu um situação parecida que foi no semestre passado que eu estava muito mal psicologicamente, estava bem triste e tal. E ainda estava fazendo algumas disciplinas mas não queria decidir largar tudo para cuidar da minha vida e tudo mais. Aí conversei com um professor que questionou porque que é que eu estava tão ausente. E perguntou se estava tudo bem, o que estava acontecendo de uma forma bem amigável. E eu expus um pouco da minha condição. Estou muito triste, estou ruim de grana, estou pensando em dar uma desistida aqui. Aí ele disse' puxe um banco, eu já passei por isso eu já passei por aquilo. Esses momentos são passageiros. Se você precisar de qualquer ajuda você pode me procurar,. Eu falei 'o que que é isso? professor universitário falando assim comigo? E ele disse 'Não desista, não desista.' A única coisa que eu sei foi que eu saí de lá chorando muito, tipo 'Hooo meu deus... alguém reparou que eu estou mal'. É tão importante as pessoas repararem uma nas outras.

Laise: É muito importante. Reparar que eu não sou tão insignificante.

Kalu: Éééé....a gente se sentir insignificante é a pior coisa que existe., e no processo de aprendizagem você precisa significar. Principalmente quando você se torna professor,se você não significa quem mais vai significar?

Laise: É o caso que você falou quando a gente chegava na escola e éramos muito bem recebidos por todos, todos sorrindo. E muitas vezes vamos dar aulas e você vê o desafeto dos alunos 'Ai já vem aula daquele professor'... um desafeto que impossibilita qualquer aprendizado. E isso pode ser despercebido pelo professor, pelo aluno e você não ter o contato, não estar preocupada. Você vê um aluno indo mal na prova e o vê como incompetente, burro, e é incapaz de tentar saber o que se passa com ele. Não para ter esse contato, esse momento pois o problema é dele, deixa ele resolver sozinho.

Kalu: Chega a ser um pouco compreensível dentro da universidade. A gente está lidando com pessoas que já tem a maioridade, então são pessoas independentes, 'adultas', até que é compreensível. Tem muita gente que não quer que ninguém se meta na sua vida. Mas quando a gente está lidando com crianças, adolescentes. Como que você deixa esse detalhe passar despercebido? O aluno passa ali horas e horas do dia dele

todos os dias. Como você deixa um aluno triste ficar trise? Como você deixa um aluno que foi mal na prova e nem procura saber de nada? As vezes ele não é bom pra uma redação mas as vezes ele é muito bom para outras coisas que não são exploradas.

Laise: É, aí você bate sempre naquela tecla que ele tem que melhorar 9e praticamente sozinho0 e ser bom naquilo.

Kalu: As vezes não sabe escrever um texto mas sabe discursar como ninguém. E quem somos nós para qualificar ou desqualificar qualquer pessoa?

Laise: é isto mesmo.

Laise; vamos finalizando... mais alguma coisa que gostaria de comentar?

Kalu: Não. Mas quando eu digo que foi muita emoção é porque foi muita emoção mesmo.

Laise: mas a gente percebe. NO seu modo de falar, de se expressar. Eu vejo o quanto esta vivência foi significativa mesmo para sua formação e de todos os envolvidos, inclusive a minha. Foi muito amor como você mesma disse e foi muito bonito. Que bom que foi possível experienciar esta vivencia tão afetuosa e tão rica. Mesmo que ainda em poucos lugares, mas que a gente possa levar que é possível sim fazer diferente. É o que fica.

Kalu: É isso mesmo. 'É possível uma escola outra em uma mesma' (risos).

Laise: Realmente. Mais uma vez te agradeço pela oportunidade desta conversa.

Kalu: Eu quem agradeço, foi muito bom. A gente tem que viver de entrevistas como esta (risos).

Entrevista3
Entrevistado: Isaías
22/09/2016 ás 13h – UFSJ – Campus Dom Bosco - DCNat

Laise: Boa tarde Isaías.
Isaías: Boa tarde.
Laise: Primeiramente queria agradecer a sua disponibilidade de estar aqui, E falar um pouquinho desse nosso trabalho que foi desenvolvido, queria primeiro que você se apresentar se falasse sua idade o curso que você está fazendo e o período rapidamente.
Isaías: Eu sou Isaías Eu tenho 25 anos faço biologia estou teoricamente no quarto período de matrícula porque eu vim de um outro curso Bioprocessos, e aí quando eu vi já tinha passado Enem. Aí eu prestei o Enem só em 2014 e entrei em 2015 mas eu já, como eu te falei, já estou um pouco avançado no curso com outras matérias.
Laise: E a tua área atualmente você tem desenvolvido algum outro trabalho em Universidade profissionalmente ou você tá estudando dedicando aos estudos.
Isaías: Então eu tô no PIBID agora estava começando as pesquisas mas acabou que eu tá tipo assim no mesmo momento que tinha sido cortada a bolsa, teve edital de seleção do PIBID até que tive conversando com você, lembra. E aí eu acabei passando no

PIBID e a universidade resolveu bancar as bolsas que foram cortadas aí eu fiquei na dúvida com este processo porque acho que o PIBID proporciona uma vivência na escola muito rica, e é um espaço também que cabe pesquisa e tal, e acabei optando pelo PIBID acho que isto é mais importante tá sendo muito legal.

Laise: Que bom, e em relação ao trabalho na escola diretamente ou fora da Universidade,o que você faz? Da aula alguma coisa?

Isaías: Não, só PIBID.

Laise: E no caso para a gente começar queria que você falasse um pouquinho da sua vida escolar, rapidamente o que te motivou também a fazer Ciências Biológicas Licenciatura né, até chegar aqui na universidade.

Isaías:Então eu sou uma pessoa muito privilegiada assim porquê a minha mãe é orientadora Educacional, ela formou em sociologia, eu acho que era uns curso que na época dava oportunidade para fazer ser, sei que ela fez umas especializações e ela trabalha como orientador educacional atualmente, assim, e durante a nossa vida eu e meu irmão que era sempre nós dois, ela sempre trabalhou escola particular e agente trocava em tipo assim em concessão com bolsas escolar. E aí estudei até a sétima série no colégio Objetivo que é uma escola particular e depois eu passei para o Pitágoras que era o colégio .... lá em Passos. E biologia sempre foi um curso que eu gostei e sempre quis fazer biologia. Era uma coisa focada na minha vida, mas acabou que quando eu formei em 2008 eu prestei assim o vestibular na época não tinha ENEM e aí eu prestei quatro universidades prestei biologia e aí prestei também Bioprocessos que é um curso que eu estava vendo assim, é um curso que parecia ser bacana parecia ser a união da biologia e da engenharia e também é porque eu tinha essa ideia que Engenharia teria uma estabilidade financeira, essas coisas que a gente sonha assim né. A gente fica com essa ilusão e acabou que eu entrei na engenharia de bioprocessos e eu não fui gostando assim, fui ficando desanimado com o curso por causa...de nenhum motivo assim, mas o que principalmente me fez crisar um pouco era a educação que a gente tinha sabe que tipo assim, o curso inteiro era voltado para o mercado de trabalho para área Industrial. Tudo focado ao que você vai usar a indústria vai trabalhar com isso, isso e isso. E minha família tem muitos professores,muitos. Minhas tias são professoras e eu ficava crisando muito esse processo, tipo assim, como a gente como que a educação ela consegue caminhar na formação do indivíduo assim, e tipo assim, o curso foi me desanimando porque eu nunca quis trabalhar em uma empresa assim sabe, aí eu conversei comigo tipo estou no lugar errado, e tipo assim eu fui...eu fiz 4 anos de bioprocessos aí nesses 4 anos eu fui meio que desistindo da parte que era aquelas matérias que era muito focada na área industrial e fui fazendo as matérias biológicas que era matéria mais nas áreas de biotecnologias. E foi uma coisa que eu fui apaixonado e nessa área assim eu só tinha contato com os professores que eram formados em biologia e aí eu tinha muitas conversas com eles. Aí acabou que eu conheci o movimento estudantil e o movimento estudantil de lá era bem fraco e acabou sendo assim uma possibilidade atuação mais na educação do que numa empresa. Assim foi quando eu resolvi vir pra biologia, resolvi fazer licenciatura.

Laise: Entendi. E desde criança você já tinha algum encantamento com a área da biologia?

Isaías: Sim, eu sempre falavaque tinha vontade de ser biólogo.Assim, sempre gostei muito de bichos, tipo assim,biologia na escola sempre tive bons professores assim nunca teve um professor de biologia que eu não gostasse e em outras matérias assim tive muitos bons professores, mas tive os professores que não me dava bem e biologia entendeu sempre eram bons, e ter bons professores...eu acho que as aulas eram divertidas, com experiências e aí eu gostei mais assim. Me deu mais vontade de fazer biologia.

Laise:E no caso da educação foi mais a partir da Universidade, do curso que você fez de bioprocessos que te motivou?

Isaías: É eu acho que foi uma visão critica sobre tudo, tipo assim, entendendo a importância da educação no meu processo escolar assim né, é depois que eu entrei no movimento estudantil tipo eu tive contato com... eu vim num encontro em São Joãoque era o EREB e aí encontro Regional de estudantes de biologia e esse encontro debateu muita questão de educação sabe que era... eu não lembro o tema mas falar que era preciso transver o mundo o tema era esse assim. E aí era no sentido de que a gente se entender enquanto biólogos assim, e eu nem era biólogo na época eu fiquei muito tocado sabe pelo estudo com processo da educação e responsabilidade de ser professores assim e eu sempre, tipo assim, depois que eu entrei na universidade comecei a pensar no que eu queria ser assim eu sempre treinei que eu queria fazer um mestrado, doutorado né dá aula na universidade que é tipo assim dentro da área de ser professor acho que assim o que mais tem estabilidade pelo fato de ser concurso e tal, e aí eu fiquei atentado assim e achei licenciatura um caminho.

Laise: OK muito bem.Bom a gente vai caminhar para segunda parte da entrevista (exibição de slides contendo imagens das atividades desenvolvidas ao som da música Cio da Terra – Milton Nascimento e Pena Branca e Xavantinho).

Então Isaías parece que o contato com as imagens com a música te fez lembrar de alguma parte da sua vida.

Isaías: Sim.

Laise:Seu contato com agricultura.

I: É porque tipo assim o meu pai...meu pai e a mãe na verdade nasceram na roça, assim sabe. E o meu pai ele sempre trabalhou na roça até o momento em que ele, até por causa da gente, e da praticidade a gente foi morar na cidade. Assim, quando a mãe me teve, eu comecei a ficar mais velho assim a gente foi morar na cidade e meu pai acabou tendo que trabalhar em açougue e isso meio que desmanchou um pouco você sabe. Foi um pouco sofrido para ele porque ele amava trabalhar na roça e era outra pessoa e o açougue é um processo sempre desgastante. Aí agora ele voltou a trabalhar na roça e ele tá com outras energias, isso é muito bonito e eu vejo o tanto que isso faz bem pra ele. Meu pai é um biólogo formado só não tem o papelzinho entendeu? E nossa ele me ensina todos os dias muitas coisas quanto estou com ele.

Laise: Então ajudou nesse encantamento.

Isaías: Então, eu acho que é sim.

Laise: Bom a partir das atividades que você, que nós desenvolvemos na escola e hoje você pode olhar para este processo né, como que você avalia...como você percebe a importância das atividades desenvolvidas lá para sua formação.

Isaías: Uma coisa que eu fico refletindo muito e, ainda mais agora que eu estou tenho contato com outras escolas,é que todo espaço da João Pio ele é mágico. Assim, tudo que a gente viveu....A João Pio foi o primeiro contato depois que eu saí de escola que eu fui com outro personagem assumindo outra postura.E aí eu sempre achei que o espaço da escola, pelo menos a minha vivência esse negócio de ser de classe baixa e estudar as melhores escolas assim isso sempre foi um choque para mim. Essa questão de realidade até com a minha turma. E sempre foi um espaço que não foi espaço de tanto prazer a escola assim sabe. Aí na João Pio me sensibilizou muito ver como que é a relação das professora, dos alunos, se lembrar o processo de cuidado um com o outro, lá eles se abraçavam muito, o processo com aquele aluno em especial.... de cuidado um com o outro. É um processo, tipo assim, parece que aquela escola tem uma energia muito mais leve que as outras escolas e, essas aberturas que escola João Pio dava pra gente de proporcionar oficinas era um espaço que as crianças sentiam que elas estavam brincando, tipo quando a gente chegava era uma alegria assim né a gente era recebido com muita alegria com muita emoção, aí isso mexia muito comigo de perceber a escola que abriu oportunidade para os alunos da vivendo essas coisas, esses sentimento dentro da escola, assim é uma coisa que é super progressista nos dias de hoje e eu vou em outras escolas e é aquele negócio: os meninos sentadinho observando a professora, uma relação muito autoritária, de menos carinho, menos contato assim que foi uma coisa diferente que eu vi no João Pio. Foi muito legal o nosso trabalho todo, assim a gente recebia um feedback dos alunos e das professoras muito bom, tipo esse contato do que que a gente trabalhava e do que queas professoras trabalhavam e desenvolviam com eles dentro da sala de aula que eram coisas meio relacionada com que a gente tava trabalhando. O contato, o processo das professoras falar como que estava o processo de feedback de dentro de casa que os meninos estavam se envolvendo com as próprias hortas que tinha em casa, fazendo as coisas, aí isto tudo foi muito importante. Para mim acho que foi esse o primeiro cenário né de estar em contato com os alunos aí eu fui um pouco acuado nesse processo e acho que é super normal tipo um espaço novo... esão crianças assim... então é muita responsabilidade tudo que você fala da forma que você age...tipo assim eu achei muito bonito assim muito bonito também porque a gente é um grupo de trabalho mas eu não sei eu tenho sensação na minha vida que tudo que a gente faz coletivamente a gente faz melhor. Isso me dava muito conforto assim,de tipo assim a Priscila ia em algumas oficinas com a gente e esse acompanhamento que ela fazia a gente ver a relação dela com os meninos, você estando lá e tendo outras pessoas. Todo o processo foi aprendizado.

Laise: Esse coletivo então contribuiu para a sua formação?

Isaías: Sim, sem dúvida, sem dúvida.

Laise: Bom então você tocou um pouquinho em alguns aspectos que eu queria saber mais um pouco... Quais são assim, ou como você poderia definir ou pensar um sentimento que te vinha durante esse processo, quais foram os sentimentos que te invadiram do início ao final,como que foi esse processo?

Isaías: Olha...de sentimento acho que foi uma mistura de tudo assim, de tudo mesmo. Eu sou uma pessoa muito ansiosa, isso nunca sai de mim. Então, tipo assim, nos primeiros momentos eramsempre momentos ansiosos. E era muita chuva de amor dos meninos quando a gente chegava e, aquele processo saber se a gente estava fazendo certo se estava fazendo errado, se eles estavam aprendendo...Uma coisa que eu acho que transborda foi,como a gente tá trabalhando com criança, é o processo da curiosidade. E como eles enxergam o mundofoi uma coisa que me afetou muito assim porque quando a gente tá no meio de criança a gente acaba ficando um pouco criança também. E aí eu acho que isso foi muito legal, sentir a curiosidade deles com o mundo sabe, tudo que eles via na terra eles pegavame queriam saber o que que era e eles perguntavam e a gente tinha figura meio que de saber todas respostas.Eles perguntam muitas coisa e é como se a gente tivesse que saber todas as respostas. Isso é uma coisa assim que eu fiquei pensando também. Mas só fez transbordar de coisas boas, em todos os espaços.Muitas experiências, também com as professoras, ver como elas lidam com essa tarefa, eu acho que me trouxe muita experiência também com contato delas.

Laise: Nesses processos lá das crianças serem mais livres né, podemos dizer, você acha que isso contribui de alguma forma você pensar em outras possibilidades de ensinar?

Isaías: Sem dúvida. Tipo assim eu sempre me questionei muito sobre a escola. Eu não sei quem me falou isso ou se eu ouvi em algum documentário que fala assim se você pega um cientista do século diz de 100 anos atrás e joga laboratório hoje ele não vai saber mexer em nada ou no médico masse eu pego um professor e coloco ele na escola hoje ele vai super se sentir em casa porque parece que a instituição da escola pouco muda ao longo do tempo. E, eu acho que a autonomia e a liberdade que os meninos lá na escola tinham, esse processo 'haa to com sono vou dormir' ou 'quero brincar no parquinho vou brincar no parquinho'. E esse negócio das nossas oficinas paralelas com as brincadeiras dava a eles opções, não era uma coisa tipo assim 'vocês vão ficar 50 minutos numa sala ouvindo o professor e vocês tem que absorver isto, isto, e isto, sabe? A gente tava aprendendo fazendo, brincando e, acho que isso era o que mais estimulava eles a aprender, não era uma coisa obrigatória que eles tinham que fazer.

Laise: E pra você?

Isaías: Para mim também, pois eu acho que tira um pouco dessas responsabilidades que a gente tem. Assim...é um embate, a gente tá lidando com um monte de crianças e a gente quer pegar essas crianças e colocar sentada numa sala para ficar ouvindo. E é obvio que isso não dá certo e aí as crianças não colaboram e tipo assim o que eu vejo, dos contatos eu tenho com os professores, é que eles vão se frustrando ao longo do tempo, porque é uma receita que nunca vai dar certo. E acho que a gente tem criar uma criança muito mais ativa,elas tem muito mais acesso ao conhecimento hoje em dia e a gente precisa ensinar a fazer essa leitura de mundo mesmo. E eu acho que a João Pio dava essa abertura até pra gente assim. A gente preparava nossas oficinas no sentido do que poderia ser trabalhado e no momento a gente deixava as coisas acontecerem. A gente não falava 'agora é a hora de falar sobre ecologia. E ecologia é...' sabe? A ecologia acontecia ali. A aranha aparecia e tudo era a aranha. E eu acho que isto era o mais bonito de tudo, e os meninos não deixam de aprender nada nesse processo de autonomia mesmo.

Laise: Neste caso, a gente tem poucas oportunidades de escolas como essa, dessa abertura. E a gente pensa que a grande chance da gente trabalhar numa escola dessa é um pouco difícil só se a gente buscar mesmo isso. E você a partir desse processo que você vivenciou o que que você acha assim possível dentro do modelo de escola que a gente tem e a partir desse processo que você vivenciou, esse embate...

Isaías: Então, eu acho que se a gente viver esse modelo a gente já vai existir diferente eu tenho que certeza que Eu, o Gui, Kalu, Vinícius, Você, a Priscila por ter passado por essa experiência que a gente passou a gente já não é a mesmas pessoas. Aí, eu não sei, eu acho muito difícil agora eu Isaías ir pra uma sala de aula e tentar fazer desse modelo assim por mais que a gente tenha uma caixinha da escola tradicional e gente tem diversas formas de fazer com que a nossa atuação como professor seja diferente do que a gente viu sabe. E eu acho que tem diversas estratégias para a gente repensar a escola,por que eu não acho tipo assim vai ter um estralo e tudo vai ser João Pio, até porque tenho diversas críticas a João Pio, ao modelo eeu acho que a gente vai superando isso aos poucos. E eu acho que isso é um ponto de luz mesmo onde a gente tá, pensar diferente, onde a gente está, pensar nesse modelo de escola que a gente tem, pensar em outras formas de aulas tal, tal, tal. De uma forma que não seja mais do mesmo.

Laise: Digamos que esta experiência contribuiu para que você visse, pelo menos, a possibilidade do novo no caso?

Isaías: Sim, possibilidade de outras coisas, coisas diferentes. E de não querer fazer dessa forma tradicional.

Laise: Você tocou em outro assunto que eu gostaria de abordar que está relacionado ás críticas á escola, ou a este modelo de escola. Teria algum episódio, alguma coisa que você poderia comentar? Eu vi no seu relato escrito que você ressalta a questão da medicalização, seria relacionado a estes pontos que você fala?

Isaías: Sim, sim. Eu não pensei elaboradamente, mas assim eu vejo que muito das minhas críticas é que depois que eu comecei a trabalhar lá eu pesquisei mais sobre a Escola da Ponte e conversando muito com a Priscila nas aulaseu percebi que não existe uma receita de uma escola maravilhosa. Então acho que tudo que é copiado e colado ele nunca vai ser funcional da mesma forma, pois as realidades são diferentes, os contextos são diferentes. Teoricamente a nossa escola tem um PPP o plano político pedagógico a pensar o contexto das escolas e tal. E eu vejo muito que falha um pouco no acompanhamento das professoras com esse modelo e a forma que, tipo assim, eu acho que existe essa autonomia e mas pelo que a gente acompanhou lá E

elas tiveram um ou dois processos formação ao longo do tempo e aí já se coloca uma responsabilidade a ser uma escola da ponte com modelo lado do... como que chama? Lá de São Paulo, o projeto Âncora. Então acho queé muito responsabilidades nesse processo. Outro fato também seria a medicalização que eu também sou totalmente contra evai muito de encontro da ideia de projeto da escola e aí eu acho que isso vai muito do processo do professor. Então se a pessoa tem uma vida que ela acha que a c medicalização trouxe bons resultados ela vai ser aquela pessoa dentro da sala de aula dentro da possibilidade da escola e ela vai achar aquele menino que é difícil um remédio resolve. Então eu acho que é isso, a construção do professor é uma mistura de tudo e a

gente nunca deixa de ser a gente e eu acho que são essas coisinhas assim, mas são poucas as críticas.

Laise: E fica esse meio caminho, do processo novo que está chegando, de um pedagogia diferente para as professoras que também estavam acostumadas com o tradicional...

Isaías: E que ao mesmo tempo elas trabalham o modelo tradicional e que é difícil fazer essa mistura das coisas e essa separação também das coisas e fica um pouco complicado. Uma coisa também que eu fico pensando e que a gente até refletiu junto sobre isso é como que funciona a saída dos meninos depois como que é, se é um choque ou se é normal eu queria saber como que funciona isso como é que para eles.Tipo assim, porque lá é até o sexto ano né. E aí eles saem daquele modelo de escola e vai para o modelo tradicional, muitas vezes com muito mais alunos muito mais informação e eu queria saber como é que é esse acompanhamento, se existe esse acompanhamento.

Laise: Bom, então no caso esta foi sua primeira experiência e desde então você teve algum estágio?

Isaías: Ainda não tive. O estágio que eu tô fazendo é no PIBID que é no Caic.

Laise: E lá, sua experiência tá indo em qual caminho? Tá bem neste sentido?

Isaías: Então, eu acho que tá muito no que eu já vivi assim sabe porque a gente tá trabalhando com... nós somos um grupo de 5 pessoas também e acho que é uma coisa que eu reafirmo que trabalhar em coletivo é uma coisa que me deixa muito mais tranquilo, discutir com outras pessoas o que eu tô pensando fazer com os meninos, Aí eu e mais duas amigas estamos trabalhando nos sextos anos, são dois sextos anos. E a gente tá trabalhando com a educação ambiental também lá e está sendo ótimo porque a gente está pensando realmente em não fazer aquela aula expositiva, a gente está pensando em outras metodologias para que nosso espaço de aula seja diferente da aula convencional.

Laise: E a escola é aberta?

Isaías: É sim. Bem, como é o PIBID ele é um programa que já está institucionalizado, já está a um tempo na escola. Aí é muito mais uma relação nossa com a professora responsável pela disciplina de Ciências do que nós e a escola como era na João Pio.

Laise: Geralmente os espaços utilizados são dentro da sala de aula ou fora?

Isaías: Sim, então, a gente tem ousado de tudo assim sabe, a gente tá falando sobre voçoroca basicamente porque São João é região que tem mais de 300 voçorocas, é uma região crítica em relação a esse acidente geográfico, acidente ambiental.Aí a gente visitou foi com os meninos visitar, a gente começou agora então até agora a gente tentou conversar com os meninos para ver os conhecimentos prévios aí a gente fez uma visita e a partir de agora que a gente vai começar a trabalhar mesmo com eles, aí a gente tá pensando em desenvolver maquetes com eles, maquetes de restauração. E aí a ideia de não não ser aula nesse espaço mesmo pensar em oficinas em outras coisas, outros lugares.

Laise: Então talvez você não tenha tido aquele choque de entrar na sala de aula com função de estagiar e observar você vai ainda não teve?

Isaías: Não, não eu vou ainda acompanhar a Dorinha (professora) em outras aulas. De fato não, assim,eu já fui em outras disciplinas, eu fiz o trabalho tive que acompanhar o professor de ensino religioso assim sabe.

Laise: E essas experiências você acha que possa te auxiliar de alguma forma nesses estágios que muitas vezes é só de observação?

Isaías: Eu não sei. Como eu não vivi isso ainda eu não sei se eu vou ter esse momento de observar. É que no PIBID a gente tem que contribuir com basicamente os mesmos pontos.Aqui o PIBID é o Gabriel que coordena e ele coordena também os estágios, ele e a Priscila, aí eles resolveram que seria o mesmo modelo, então se faz dois anos de PIBID e conta como estágio da escola. E aí a gente tem esse momento de ministrar aula, o momento de pensar formas de intervir na aula com a ferramenta pedagógica e tal, tem o momento de observar e o momento da gente conhecer a escola conversar com o diretor com pessoal que trabalha. Mas essa minha vivência de trabalho no ensino religioso só me ensinou a como não ser professor (risos).É porque foi bem triste. A gente acompanhou algumas aulas e todas as aulas o professor pegar um texto e passava no quadro e os meninos ficavam tendo que copiar o texto nos 50 minutos, o professor não tinha nenhum diálogo com eles. Isso foi no semestre passado quando eu estava fazendo a disciplina estrutura do ensino. Aí a gente tinha que fazer um trabalho, e o tema que eu escolhi foi ensino religioso pra falar sobre a laicidade nas escolas e aí o que a gente encontra é totalmente diferente: crucifixos nas salas de aula, a professora ensinando criacionismo, assim, tudo o contrário e eu fiquei bem frustrado, pois ensino religioso é uma matéria que você pode falar diversas coisas e é super importante nesse contexto de falta de sensibilidade com o outro, de não entender a religião do outro, de falta de intolerância religiosa com o outro. Seria um momento de você mostrar as histórias das religiões, tentar neutralizar esse processo, mas não foi isso que a gente viu, então foi bem frustrante.

Laise: E a partir das suas experiências com a educação ambiental, as práticas de educação ambiental que você trabalhou antes ou depois da atividade lá na João Pio, elas seguem assim nesse mesmo modo de se trabalhar, como vocês têm trabalhado... a gente percebe que se têm várias perspectivas de educação ambiental e vocês estão bem próximo da permacultura que é uma outra forma de trabalhar, de pensar né?Você poderia falar dessa sua vivência?

Isaías: Então, é assim. Eu vejo, fazendo uma análise minha assim, eu li muito sobre um texto do Guimarães que ele separa a educação ambiental em educação ambiental crítica e conservadora e, foi um texto que a Priscila trabalhou com agente em educação ambiental, uma disciplina que tinha na biologia e não tem mais. Aí eu vejo assim né que a gente já fez, enquanto o grupo que a gente tem os Filhos da Folha, a gente já fez muitas atividades que se aproxima muito mais da Educação Ambiental conservadora e já fizemos muitas atividades que se aproximam muito mais daquela educação ambiental crítica. E eu acho que não existe um modelo assim de como fazer uma educação ambiental crítica, eexiste muitas críticas sobre a educação ambiental conservadora. E aí a gente acaba tipo assim igual lá na João Pio, se a gente fosse fazer uma analise a gente sabe? eu não sei que ponto que a gente ficaria assim porque a gente acaba fazendo uma

horta com os meninos o que entra muito dentroda educação ambiental conservadora. E aí a gente não sei assim porque eu acho que é o ápice da educação ambiental critica é a gente conseguiu sensibilizar os alunos para fazer uma leitura crítica do mundo e eu acho que a gente consegue isso de diversas formas.Mas nas minhas experiências assim, eu... repete a pergunta...

Laise: É se você, a partir dessas suas experiências antes, durante ou depois quais foram seus contatos mesmo com a educação ambiental, quais educações ambientais, o que você tem desenvolvido nesse campo de educação ambiental.

Isaías: Foi isso mesmo então, que tipo o que eu percebo, a permacultura é uma opção de enxergar o mundo mesmo, então acho que ela transcende um pouco daeducação ambiental, ela fala muito sobre educação ambiental, mas ela vai muito pela questão social também que não deixa de ser educação ambiental né? E ela vem muito sobre perceber a forma com que a gente lida como o mundo mesmo, de uma forma que é crítica. Pensar o nosso lixo, pensar da onde a gente compra, porque não é só, é toda uma cadeia de transformações. E...eu acho que esse trabalho que agente está desenvolvendo com os meninos de sensibilizar eles em relação a degradação ambiental suas causas e efeitos desse processo de erosão eu acho que também está dentro da educação ambiental crítica, e a nossa ideia principal é essa. E acho que com os meninas lá na João Pio foi muito disso a gente querendo ou não conversar com produção do próprio alimento, do lixo, o que que é o lixo e o que que é adubo, e isso é entra muito nessa perspectiva crítica.

Laise: E qual foi o diferencial por exemplo de você estar lá pelo que percebi sua primeira experiência prática né? E isso fez alguma diferença? Antes talvez você tenha tido mais contato com a teoria.

Isaías: Assim, fazer eu acho que é muito diferente. Tipo, você pode ler tudo de como ser um bom nadador, mas se você não cai na água e não nada não adianta. Eu acho que tipo assim tudo na universidade é muito no processo teórico. A gente precisa muito mais sair, de enxergar o mundo assim, de fazer, acho que a educação ambiental ela é muito fazer mesmo por isso que a gente acaba criticando uma coisa e quando você vai fazer você acaba fazendo aquilo que você tava criticando porque a dificuldade né de fazer as coisas elas existem, elas aparecem a cada vez elasaparecem de uma forma. E eu acho que é só neste processo que a gente consegue superar, desconstruir algumas coisas que a gente tem por que a nossa própria educação ela vai muito desse processo do vamos reciclar, vamos reutilizar, porque a gente é culpado pelo lixo que a gente produz. Assim, na verdade não é isso, é todo um sistema mesmo que a gente precisa de superar.

Laise: Então podemos dizer que esta questão de estar lá, vivenciando a prática ela faz toda diferença nesse processo?

Isaías: Sem dúvida fez sim. Eu acho que a gente só aprende fazendo mesmo, e a prática ela ensina outras coisas que a gente não pensa na teoria mesmo. As experiências, elas surgem da prática pelo menos na minha visão, igual dentro grupo permacultura gente tem uma experiência muito grande com isso, que a gente a gente está junto faz uns três dois anos estudando e teve um semestre que a gente fez grupos de estudos semanais que a gente ia estudar Bioconstrução e aí a gente estudava várias coisas, as técnicas e práticas da permacultura e a gente não se sentia seguro para fazer nada. A gente sabia

todos os passos para fazer um forno, por exemplo, e a gente não se sentir seguro aténo momento que a gente construiu um forno e assou uma pizza, assou um pão e a gente comeu a gente se sentia seguro para fazer várias coisas. Mas, tipo assim, eu acho com os meninos é a mesma coisa, eu acho que Paulo Freire me ensina muito isso do contexto. Não tem como ler sobre sendo que a gente não tá fazendo, o que a gente não põe a mão na massa. Eu acho que é fundamental fazer as coisas até mais que a teoria só sabe?

Laise: Bom, então ao refletir sua prática hoje nessa outra escola, reforçando mais uma vez essas atividades né? O que basicamente elas contribuíram para esse estar nesse outro espaço que você está trabalhando, ajudou em alguma coisa para você estar nesse outro espaço hoje?

Isaías: Eu acho que fundamentalmente me ajudou, porque como eu não tinha tido nenhum contato com a escola, porque a gente tem muito contato né?na família com a criança né mas estar no espaço escolar a gente tá lidando com criança isso já exige várias ferramentas suas né enquanto sujeito que está nessa posição de mediador. E eu acho que tudo que eu vivi na João Piome ajudou, me construiu de fato tipo assim, o que que eu quero que os meninos de fato aprendam, o que quer proporcionar para aqueles meninos para aquelas crianças que estão na escola, que sentimento que a gente quer causar ? A gente quer dá um conteúdo que não mexa com a realidade deles, como contexto deles, a gente quer fazer alguma coisa que é ali, é um problema, uma informação que que eles vão utilizar no cotidiano, que eles vão tá aprendendo que vão ter contato é o processo de seu útil na vida mesmo em saber coisas que... E aí eu acho que tipo assim tudo isso me influencia até o próprio processo de pensar onde eu vou trabalhar assim sabe? só não faria alguma coisa na outra escola que eu não concordasse com tudo aquilo que me construiu tipo igual a horta, a horta lá na João Pio foi fazer uma coisa que tipo quando a gente conversou com os meninos sobre a horta eles desenharam a horta, eles tinham o desejo de ter aquilo plantado, de ver o desenvolvimento daquilo. Eles conversaram com a gente quem tinha horta em casa então todo mundo tem contato com horta, então tudo que eles aprenderam com a gente ali, o processo e cuidar da terra que a gente dividiu experiência não foi o processo da gente ensinar eles, foi uma troca. E tudo que a gente trocou de experiência ali eu acho que cresceu tanto todo mundo que tava junto ali tanto as crianças que elas tiveram, aprenderam várias coisas e a gente aprendeu várias coisas com eles e, aí era uma coisa que era contextual pra eles, que tava dentro do cotidiano deles e que tinha tudo a ver com que eles estavam trabalhando.Eu por exemplo não entraria num projeto que eu achasse que seria uma coisa que não dialoga com a realidade dos alunos. Acho que todo o processo que elas me ensinaram do como falar com preparar as coisas como pensar os espaços assim, esse processo de aprender brincando mesmo assim sabe,de aprender com diversão, com sentimentos bons, como que isso faz diferença.

Laise: E você se sente então mais preparado agora que você está nessa outra escola, ou em outras que virão?

Isaías: Haaa muito, muito. Eu acho que eu me sinto com mais responsabilidades em pensar formas diferentes de fazer porque é muito tranquilo pra gente dentro da academia enquanto a gente não está dando aula e criticar os professores que estão naquela rotina e fazer críticas ao modelo deles, mas quando você está na escola seguindo um modelo que a própria instituição escola te coloca. É um processo que você vai desgastando mesmo.

Eu acho que, tipo assim, a gente teve muito privilégio de cair na João Pio, eu você... Este é meu primeiro contato com a escola e ele me fez realmente abrir a cabeça e pensar que a gente tem que fazer diferente mesmo assim, a gente tem que proporcionar outras coisas para a gente se agente quiser que os meninos aprendam mesmo aquilo que a gente quer colocar e, eu acho que isso é uma oportunidade mesmo detoda vez que eu for preparar uma aula eu falar assim 'E aí que que a gente vai fazer aqui que eu vou pensar como como que eu vou fazer como que eu vou ficar e afetar aquelas crianças'.

Laise: E você cita né um caso da aranha né que apareceu lá na horta. Alguns atravessamentos permearam nossa estadia na escola e eu queria que você comentasse alguns deles e pensasse como que esses momentos te preparam para ser professor ou se não preparam.

Isaías: Você fala da aranha do que?

Laise: É o caso, por exemplo, uma vez que apareceu aranha na horta, teve outrosmomentos que a gente eu tava fazendo as atividades né aí passava o boi não sei se chegou a ver. E ao mesmo tempo pensar esses momentos e ter o parquinho bem do lado e eles estarem entusiasmados com a horta. Acontecia sempre algo inesperado, por exemplo, quando eles tiram o sapato, episódio que você menciona também no seu texto, são coisas que não estavam programadas né. Então como que esses acontecimentos que surgem de forma inesperada, o que eles contribuem para sua formação, se contribuem né?

Isaías: Eu acho que tipo assim que o que tem mais de especial em você trabalhar nisto tudo é bem isso. A gente se forma para ser professor de biologia. Aí a gente fica se perguntando 'Nossa o que que é Biologia' E aí a gente vê a sociedade e a sociedade espera tudo da gente, que a gente saiba 'que planta é essa''que bicho é esse''que estrela é essa' tipo assim né kkkk as perguntas para um biólogo são infinitas kkkk tipo assim 'to com dor aqui, o que que é?' kkkkk E a criança ela é assim também mas ela não te vê como um biólogo como a sociedade ela te vê como se você fosse um livro de respostas. E eu acho que esse inesperadoé o que mais ensina, tipo assim me marcou tanto o dia que a aranha apareceu,foi uma mistura de medo todo mundo saiu correndo e gritando e quando voltou não voltou correndo queria ver a aranha e ela estava cheia de filhotinho em cima dela. A possibilidade de aprender juntos sobre aquilo sabe? É imensa. Igual o dia que a gente fez uma roda em volta da horta que a gente foi pisar na horta, aquilo é muito mágico. E muitas vezes a criança não tem esse contato com a terra ou às vezes cria um sentimento de nojo um sentimento de bagunça sabe... tinha gente que pegava a terra e jogava pra cima e tinha gente que você via que estava com nojo de por o pé ali, que ia ficar sujo, e o que que é ser sujo?E esses momentos eles acontecem o tempo todo e acho que na vida do professor se ele não tiver preparado para lidar com o inesperado não tem como ser professor. São 40 alunos numa sala vivendo coisas diferentes, temos sentimentos diferentes e com perguntas diferentes.

Laise: Bom,então nesses momentos você acredita que foram eles também te formaram professor?

Isaías: Eu acho que acho que é porque a gente precisa ter algumas respostas. A gente não precisa saber de tudo masprecisa saber conduzir esses momentos pro processo de aprendizado também. Se todo mundo falasse na hora 'Oh meu Deus uma aranha, vamos

sair todo mundo correndo' aí iria acabar com toda atividade naquele momento, porque podia ser um aranha venenosa, mas o que que a gente pode aprender com isso e surgem outras coisas, o Caetano mesmo ficou apaixonado em aranhas e ele sabia de todas aranhas então era uma oportunidade para ele se colocar, e eu acho que a escola é muito isso. É o inesperado mesmo né?As crianças fazem muito isso elas fazem perguntas aleatórias do Universo para agente, e a gente precisa dar as respostas porque isso pode levar milhões de lugares abrir milhões de portas.

Laise: Faz a gente sair da nossa zona de conforto né?

Laise: Você falou assim bem rapidamente sobre o seu processo de sair do curso de bioprocessos e vir pra cá e, assim, eu pesquisando algumas coisas do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFSJ né, basicamente no site, ele se propõem a formação de um profissional crítico, reflexivo, criativo, curioso pautado em questões éticas igual tá aqui 'um profissional que tem interesse em um auto aperfeiçoamentocontínuo, curiosidade e investigação, que busque soluções para questões individuais e coletivas para ensino das ciências biológicas que acompanha as mudanças tecnológicas e que prevê uma formação crítica da Ciência da sociedade e promove uma reflexão. Você tá no meio do caminho do curso né, pelo que você já vivenciou como você percebe, enxerga que acontece esses momentos no curso, nas disciplinas, na organização curricular delas.

Isaías: Então aqui na UFSJ eu não sei por que tipo assim, também nesse processo de mudar de curso,de imaginar um curso melhor que o outro eu comecei a perceber que as coisas e a nossa formação ela parte muito mais dá gente sabe, do nosso processo, do nosso momento, da forma com que a gente vê o mundo assim, eu acho que aqui na UFSJ a gente tem sujeitos muito importantes para fazer, que fazem parte da construção dessa visão. A gente tem professores que tem realmente uma leitura mais crítica sobre o mundo e que ele te coloca nesse patamar durante as aulas deles assim e não somente são aulas pensadas com este propósito são professores, por exemplo, que dão aulas aleatórias, mas que na postura deles dentro de sala de aula, a postura dele com o mundo ele fala de tudo assim né? Igual essa escola sem partido, isso é uma coisa louca, insana, (risos) que tipo assim 'não acredito que eu tô vivendo isso esse momento' sabe tipo assim bizarro. E aí a gente vê professores que nesse sentido fazem esse papel mesmo de te trazer reflexões sobre tudo então, por exemplo, a gente tá fazendo aula de biologia do desenvolvimento que é a embriologia aí o professor vai tocar nos assuntos que são relacionados à bioética agente vai falar de aborto a gente vai falar de tudo que pode fazer com um embrião no laboratório, são infinitas coisas, infinitas loucuras e possibilidades e aí há momentos que a gente discute isso. Mas se a turma não se propõe a pensar sobre, isso não acontece e a gente tem matéria de fato que estimula a gente pensar, o curso tem professoras da filosofia tem a Priscila e o Gabriel são focados, são estudiosos da educação e eles trazem essa leitura para a gente e aí tem esses outros professores que são da biologia que tem essa visão crítica a partir da construção deles.

Laise: Então há momentos de se pensar tais questões.

Isaías: Eu acho que quando o professor se propõe existem, por exemplo, se o professor é aquele sujeito que se propõe a pensar ele cria esses momentos em todos os momentos da aula dele sabe.Por exemplo, na aula do Gabriel e na aula da Priscila a gente tá discutindo todas as aulas, por mais que eles coincidem de dar aula somente nas matérias

da licenciatura e todas as aulas delessão momentos pra gente refletir sobre isso sobre a educação, conversar, a gente ter contato com diversas teorias que dizer sobre a educação de forma diferente. Mas isso não deixa de acontecer nas aulas da biologia mesmo como te falei na aula de biologia do desenvolvimento, a gente tem outra professora de entomologia, uma de formação do profissional biólogo que ela discute muito isso com a gente e por que as coisas são conectadas assim então, tipo assim, da mesma forma que a gente tem professores que se prezam a não discutir o momento político que a gente tá hoje é só falar da matéria como se isso fosse mais importante e como se aquele método dele fosse entrar na cabeça de todo mundo. Então há também esses outros momentos.

Laise: Uns mais que os outros?

Isaías: Assim, eu nunca estudei em outra instituição que não fosse a UFSJ, mas o que eu tenho que conversado com pessoas que estudam eu acho que quanto menor a universidade é mais contato a gente tem, mais liberdade a gente temcom esse processo humano. Eu vejo curso da Medicina aqui o curso da medicina ela é muito mais voltado para essa construção social do sujeito a médico do que outros cursos.Eles discutem muitas coisas e não só para formar pesquisador médico para fazer série. Por exemplo, a universidade tem uma característica de ser de ter muito estudante filho de trabalhador que vem de um novo ciclo do governo do Lula e aí eu acho que o sujeito que entra na universidade também ele se propõe a pensar o chão que ele pisa, então eu sou assim eu não sou da classe média nem sou da classe rica assim né, meus pais são sujeitos trabalhadores e isso me faz pensar tudo que eu faço do meu chão assim né. Eu acho que por ter essa característica do sujeito estudante aqui e também diversas pessoas de diversas classes sociais aqui, então existe muito esse embate, essa conversa, esse diálogo, essa disputa de ideias dentro do curso.

Laise: Entendi. Então reforçando não só a estrutura do cursomas alunos, professores e o corpo discente fazem essa diferença?

Isaías: Total.

Laise: Talvez com alguma turma o professor consiga fazer desenvolver discussões brilhantes, no sentindo de promover a criticidadee reflexividade, mas com outra turma talvez nãoseja assim.

Isaías: Eu acho que é todo um coletivo. Não adianta só o professor senão fica parecendo um professor, um sujeito dogmático que fica falando sozinho para uma plateia que não quer ouvir e eu percebo muito dossujeitos assim, eu, por exemplo, não tenho uma sala fixa devidoessa mistura de disciplina então eu estudo em várias salas, várias disciplinas e eu vejo muito isso, essa diferença que existe da postura dos alunos. Quando uma turma ela é mais enturmada, apesar da universidade não proporcionar muito isso esse avanço coletivo dos estudantes, então fica muito aleatório, mas quando uma turma consegue avançar junto o processo, o nível de discussão das coisas, os sujeitos que aparecem nessas turmas eu acho que eles se sentem mais a vontade para discutir essas coisas.

Laise: Ao ler seu texto sobre a escola elaborado no nosso último encontro eu percebi alguns apontamentos que você faz. Um deles que você vê relata é assim ‘já no planejamento da horta fazíamos nossos acordos que foi bastante novidade para mim,

poderíamos quando quiséssemos brincar no parquinho participar das atividades da forma que nos sentíssemos mais à vontade'. Então queria assim, ao você veressa novidade dessa proposta da Priscila e que nós acordamos e vivenciamos, e ver que era uma outra estrutura. Como que se deu essa relação sua com este momento diferente de ter essa autonomia.

Isaías: Eu venho de escolas que isso não existia. A gente é cobrado e agente é avaliado por participar das atividades que são propostas então a gente tem autonomia até certo ponto. A partir do momento que você escolhe não participar você já não tem essa autonomia e foi muito legal ver. Quando a Priscila falou a gente ficou 'nossa, mas será que eles vão querer brincar na horta' eu fiquei 'gente, mas é muito mais legal brincar no parquinho' e aí a Priscila, com a Priscila eu não sei, ela já tinha contato com a escola e eu fui com toda aquela minha construção e bagagem e pensei: 'Não vai dar certo, não vai dar certo'. Aí eu falei beleza vamos que vai, vamos ver o que acontece. Aí foi muito legal porque a primeira experiência que a gente teve de separar 'hoo quem quiser ir no parquinho vai quem quiser ficar aqui com a gente a gente vai ficar fazendo as coisas' e foi muito legal porque todo mundo foi para o parquinho igual eu imaginei, só que assim 3... 5 minutos depois eles foram ficando curiosos e aparecendo assim. E aí criança é muito dispersa e é muito rápida a informação na cabeça deles e era muito legal que a gente acompanhava essa agilidade e ao mesmo tempo aqueles estavam super interessados, perguntando e fazendo eles cansavam e iam para o parquinhobrincava e voltava, e participava e ao mesmo tempo que tinha sujeitos que adoravam ficar o tempo todo com a gente perguntando aprendendo e conversando. E tinha gente que não queria,não tava disposto e ficava só brincando no parquinho sabe acho que isso foi o bonito dessa proposta.

Laise: De não ter o controle?

Isaías: E de respeitar mesmo. Porque acho que todo mundo tem seu tempo, tem dia que eu vou na sala de aula exatamente porque o professor vai passar uma lista e vai perguntar meu nome e eu tô lá eu não vou aprender nada mas eu tô cumprindo o papel social que eu tenho que cumprir que a escola me cobra sabe. Eu acho que os meninos não são diferentes da gente,tem dia que eles estão super interessados mas vai saber o que que ele viveu se ele dormiu bem se você comeu bem se ele está com dor de cabeça, mas a gente não pergunta isso para eles então a gente precisa de criar estratégias de respeitar isso. Se você quer só brincar hoje, precisa de gastar energia vai brincar e a gente vai ficar aqui. E se você quiser em algum momento compartilhar com a gente você vem, e isso aconteceu naturalmente com todas atividades e isso era legal, porque os meninos já sabia que eles poderiam essa liberdade e em nenhum momento eu não via ninguém não participando das atividades que a gente fazia, por mais que fosse pouco assim eles sempre participavam.

Laise: Outra questão que você já comentou um pouco é quando você fala 'o que me tocou durante as experiências da horta foi como conhecimento a partir da vivência coletiva construía novos significados, de como cada indivíduo presente na construção trazia um pouco de experiência para trocar'. Essa troca que você comentou, você poderia falar um pouquinho mais?

Isaías: Era muito bonito isso. Vygotsky que dizia muito isso você pode fala muito isso que os meninos não vem cru de nada, eles já vem, já tem um significado e

conhecimento então a partir do momento que a gente estava na horta e uma criança via uma Raiz e aí ela sabia que aquilo lá era uma raiz e ela perguntavapra gente o que é que era. Quando a gente se propõe aprofundar uma coisa que ele já sabemeles já estão ali esperando aquilo e era um processo de conhecimento que vinha a partir da vontade deles, tudo aparecia assim. Essa curiosidade e eu acho que isso era muito bonito. Qual foi a segunda parte? Queria comentar mais esqueci.

Laise: A segunda...o conhecimento a partir da vivência coletiva e a troca de experiência mesmo que você ressaltou, era basicamente isso mesmo.

Isaías: E era muito legal também porque tipo assim esse processo deles se colocaram com que eles já sabiam, então não era só a gente que ensinava você via que tinhamomentos que eles estavam conversando ensinando pra eles o que eles sabiam sobre aquilo.Era mesmo uma troca de todo mundo que tava vivendo ali e, isso era muito legal!

Laise: Bom, um ponto que você coloca aqui no texto e que mexeu com você e te fez a questionar foi questão do processo de medicalização que a gente conversou né. Mas em especial você relata o caso daquele aluno em especial, citando que foi ‘um dos presentes’ que você ganhou ao participar deste projeto. Que possibilidades essa situação, não só o caso específico em si, mas esse seu contexto mesmo dele na escola contribuiu para seu processo formativo?

Laise: Sim, é muito isso. A responsabilidade que a gente tem com o sujeito né que tá partilhando deste momento da aula com a gente ela é muito grande e eu vi que lá na João Pio as professoras tinham maior espaço pra estar agindo com essa singularidade dos alunos.Tipo assim,exigiam um carinho maior assim, tipo se você tivesse um carinho maior por exemplo se você não tivesse contato com este modelo e fosse uma professora daquelas mais frias, daquelas mais distante não sei se conseguiria lidar muito bem com aquele espaço porque os alunos por estar vivendo com aquilo já exigiam um pouco mais de carinho você lembra?Eles abraçavam a gente muito,eles gostavam de contar quem que era a família, o que eles faziam... é igual aquele aluno, eu já tive amigos que tinham obesidade quando era criança e, tipo assim, o distanciamento que era da gente com a responsabilidade da vida deles era muito grande sabe, e tipo assim, não é isso sabe? Eu acho que todo problema que ele é social ele é coletivo sabe. Ele teve aquele problema de obesidade por que culpa da nossa sociedade ou culpa nossa assim. E de que forma que a gente lida com isso? Não só o ele, mas diversos outros problemas que a gente, todo sujeito, ser humano enfrenta. Então são problemas que são coletivos e a gente não discute eles, a gente não conversa com eles e a partir do momento que um sujeito desse é colocado na escola ele é colocado naquele espaço e se ele não se encaixa naqueles espaçoele fica lidando com isso, sozinho,daforma dele. E lá na escola eu via outro processo de reflexão onde os alunos todos eram envolvidos com este processo da autonomia dele, tanto que no dia que eu vi ele saindo da sala e dando uma volta no pátio sozinho simplesmente pelo prazer de andar e ir no banheiro eu fiquei com vontade de chorar de alegria sabe, de ver aquele momento dele por que quando a gente chegou lá eleprecisava de dar a mão pra ele andar. E a gente ficou pouco tempo lá, foi muito rápido. Uma coisa que, tipo assim, talvez a família, o processo socialização da família não conseguiu avançar tanto e aquele aluno com aquele tanto de estímulos, aquele tanto de atenção, tipo o ele era uma atração lá todo mundo falava ‘Ai vou lá ajudar o ele ‘Ahh

vou lá dar a mão pra ele' e em algum momento ele fala gente... ele só queria ir sozinho, e isso foi muito legal.E é um processo que foi diferente dos que eu já acompanhei nas escolas que eu estudei,e das histórias que eu ouço falar. E me ensinou muito nesse processo da responsabilidade que eu tenho com esses sujeitos que serão os meus alunos e pensar mesmo em como trabalhar essa singularidade como conhecer os alunos, como saber como que eles estão no momento que é daaula, que você é cobrado a passar um monte de coisa de conteúdo e pensar como que a gente faz isto sabe? E é isso assim, o que tem de principal mesmo.

Laise: E sem essa experiência talvez se você se deparasse com uma situação dessaem outro momento talvez, imagino que ela seria outra.

Isaías: Seria diferente. Porque é isso assim, o que mais o João Pio me marcou é porque ele mostrou que é diferente, é possível ser diferente do que eu já vi, por mais coisinhas que tinha lá na João Pio dava certo, dava certo ter um monte de meninos de idade diferente na mesma sala, dava certo dar a opção para os meninos brincarem no parquinho e fazer uma atividade, dava certo colocar o menino que tava precisando de muito mais atenção no professor do que os outros e ele se sentir tranquilo em relação a ele sabe, ficar bem.No João Pio deu muita coisa certo.Eu vi muita coisa que todo mundo fala ' Haa..mas não tem jeito' e lá me mostrou ou trás possibilidades mesmo, de pensar até o próprio espaço da escola. Eeu acho que isso é o que foi legal, de saber que a gente tem que responsabilidade por pensar dar certo. A partir do momento que você tá na escola e você escolhe construir aquela escola tenta fazer dar certo enão deixa apagar aquela chama, que a gente tem muito essa chama, não sei, eu tenho muita vontade de mudar as coisas sabe, a gente tem essa gana assim. E quando as coisas não acontecema gente realmente vai ficando morno, vai se adaptando a esse modelo e essa é a única coisa que eu não quero, eu só quero ter essa chama de querer mudar, de querer fazer diferente sabe? Eu acho que a João Pio fez isso, ela foi procurar outro modelo, foi pensar outra forma de fazer e, por mais tenha desafios a galera tá até hoje lá tentando o modelo, tão crescendo os menino tão... sabe os meninosnão ficampra trás em nada em relação ao conhecimento que é o que é escola avalia né, que avalia não é prova assim são notas e eles não ficam pra trás desse processo. Então é tentar mesmo fazer diferente tenta sair da caixinha mesmo da escola.

Laise: E isto nos pareceu que eles são bem mais feliz né?

Isaías: Nossaaa...todos eles, as professora eram outras. A gente via as professoras acesas, com vontade e elas iam falar das escolas elas iam falar felizes. Elas não 'haa porque aquela escola é uma escola problema' (risos) gente... é o que eu mais ouço:'Nossa porque escola pública não sei o que' sabe. E lá o tempo todo eles falavam 'Nossamas é um amor trabalhar aqui na João Pio'.E era assim, era um ambiente de amor, de carinho, de respeito sabe.

Laise: E você estava lá no dia que aquele aluno em especial experimentou sentar na terra? Esse momento você lembra de alguma coisa,algum sentimento?

Laise: Lembro que ele chorou no começo que não queria por o pé e aí no momento que ele foi vendo todo mundo tirando o tênis, colocando pé, mexendo, cantando ele foi se transformando, ele foi sentindo a terra e no final ele tava chutando a terra e isso foi muito legal (risos). E eu acho que é isso, é proporcionar experiências mesmo assim e

isso foi muito legal de ver elesaindo do) a 100 em uma atividade, o tanto que isso é importante.

Laise: Bom, para finalizar você também se surpreendeu com essa estrutura que você acabou de mencionar da sala de aula, do modo de fazer das professoras e você viu que é possível né? E aí só pra reforçar você finaliza seu texto dizendo: 'E as surpresas essas sim marcam as nossas vivências: as aranhas, as flores, as comidas da Maria com as produções da horta, a alegria, a leveza dos professores me tocaram muito'. Então pra gente finalizar o que que tudo isto possibilitou para você para te transformar reforçando pra gente finalizar.

Isaías: Eu acho que foi tudo isso porque é muito difícil a gente, por exemplo, que está na universidade viver o espaço da escola. A gente normalmente vive, por exemplo, a gente que é da biologia vai fazer uma atividade na escola enquanto formação né. E aí a gente vive aquela aula. No João Pio parece que a gente viveu a escola sabe. A gente tinha uma relação com o Demétrio,a gente tinha uma relação com a Maria, a gente tinha uma relação com as nossas atividades, a gente tinha uma relação com as professoras, a gente ficava sabendo das picuinhas das professoras (risos) era tipo assim. Tudo a gente via, já conhecia que não podia colar umas coisas na parede aí outras coisas podia. Tinha lugar que podia fazer as coisas e tinha lugar que não podia. Eu acho que espaço da escola por ser uma escola pequena, com poucos alunos, uma escola que tenta pensar num projeto diferente, que as salas de aulas não são aquelas salas de aulas são salas diferentes, onde as carteiras são dispostas de forma diferente, tem multimídia, tem lugar para os meninos dormir, tem biblioteca na hora que eles quiserem. Então tipo, toda essa vivência todo esse coletivo sabe, a gente almoçar com os meninos, a Maria naquela empolgaçãocom a horta, de colher as coisas, defalar o quê que ela fez.Eu acho que toda essa vivência ela foi muito rica pra mim também no sentido de entender que é um coletivo, que é um conjunto. E tudo precisa de estar funcionando na harmonia mesmo né?tudo precisa de ser pensado com carinho sabe? O trabalho da Maria, o trabalho Demétrio a função deles sabe, tipo o processo das professoras. E é isso assim, me ensinar que pode ser diferente mesmo. Porque é muito triste quando você vai numa escola e, tipo assim,igual nessa que eu te falei que a gente foi fazer o trabalho sobre ensino religioso, a professora me sentou numa sala e eu fui fazer uma entrevista com a ela, gente, ela só falou assim 'Porque que você tá fazendo licenciatura?Se eu tivesse a experiência que eu tenho no começo nunca mais seria professor' E aí passou um professora de geografia que ela era nova, devia ter a minha idade, aí ela diz 'Essa aqui eu não sei que que ela tá fazendo aqui dando aula'. Sabe, é um processoonde você muita mágoa. Você vê muito desgaste nesse processo de ser professor e, tipo assim, não é porque é ela, é porque é desgastante mesmo. E aí é pensar como não ser desgastante não só pros alunos, não ser frustrante como pensar pra gente também. Como pensar um ambiente escolar que seja bom para todo mundo?Porque parece que no João Pio eles eram felizes. Aquelas coisas né?A Maria parecia muito que gostava do que estava fazendo, o Demétrio também, todo mundo parecia que tava gostando que tava feliz com aquele momento. E, tipo assim, como pensar essa escola? Como pensar essa educação que não seja ruim para as pessoas, que não seja de exploração para quem tá limpando, não seja ruim para quem tá trabalhando no fogão sabe? Pensar em todos esses sujeitos que compõem a escola, que eu acho que é uma coletividade que quando ela funciona ela funciona inteira assim né, e quando alguma coisa não funciona eee...ousar mesmo, eu acho que a ousadia foi alguma das coisas que eu aprendi ali com as professoras. Que é

isso mesmo assim, como que a gente vai pensar assim né. Como fazer diferente já que já que existe.Não deve só que ela maneira ali,deve existir outras maneiras que funcionem para as escolas grandes, e como pensar isso?

Laise: Pelo menos ver que existem outras possibilidade né?

Isaías: Aham.

Laise: Então o que que você poderia dizer sobre o que fica? Muita coisa né?

Isaías: Muita coisa.

Laise: Principalmente, isso que eu vejo na sua fala, que você ressalta é essa questão de ser possível fazer diferente ao mesmo tempo se formar de forma diferente.

Isaías: Eu acho que é entender o que a gente sente mesmo sabe, tipo assim, é igual essa professora ela só fala de coisas ruins, mas tipo assim, quando ela falar de coisa boa ela tá falando de outra escola que é uma escola particular e é boa porque os meninos tão disposto a viver aquele modelo, estão ali ouvindo sem brigas, sem sabe? Então eu acho que é prestar atenção no que a gente está sentindo. Se tá ruim então vamos pensar de outra forma sabe. É tipo, se existe a possibilidade fazer o diferente né vamos fazer sim, vamos fazer as coisas com tesão mesmo,fazer as coisas com alegria mesmo. Que aí eu acho que partir do momento que você consegue achar esse sentimento dentrodaquilo que você faz é o que faz tudo ficar bonito assim.

Laise: Podemos dizer que foi um período de formação bonito que você vivenciou?

Isaías: Foi, foi lindo assim.

Laise: E você se sente mais preparado?

Isaías: Sim, nossa! Me sinto com muito mais experiência, com muito mais chama mesmo dentro coração.

Laise: Bom, a gente tá encerrando então Isaías tem alguma coisa que eu não abordei, algum momento que você gostaria de relatar,algum sentimento que você acha importante que marcou mesmo sua formação como professor, como pessoa.

Isaías: Ah eu acho que a gente já falou um pouquinho de tudo sim.

Laise: Então é isso mesmo?

Isaías: Eu acho que sim.

Laise: Agora uma questão nossa da pesquisa, o que você achou da metodologia utilizada nessa nossa conversa? Te ajudou um pouco ver as imagens, trazer essas questões fizeram vivenciar um pouquinho?

Isaías: Acho que imagem é uma coisa muito doida assim, ela consegue te trazer várias informações, cheiros, sentimentos daquilo que você viveu. Eu achei ótima a entrevista, a forma com que você colocou, que você desenvolveu, foi bem, bem aconchegante também.

Laise: Que bom então! Você quer falar mais alguma coisa?

Isaías: Acho que não, tranquilo. Só quero agradecer também você acompanhar a gente nesse processo lá.

Laise: Ahh o prazer foi todo meu, adorei.

Isaías: A gente aprendeu junto.

Laise: Mais uma vez obrigado Isaías pelasua disponibilidade viu.

Isaías: Obrigado você.

Laise: E vamos fazer um bom uso desse material.

Isaías: Boa sorte na pesquisa lá.

Laise:Obrigada viu.

Isaías: Obrigada você.

Entrevista 4
Entrevistado Guilherme
LEBio – Laboratório de Ensino de Biologia – Campus Dom Bosco/UFSJ - 07/10/16 ás 18h

Laise: Boa noite Guilherme. Primeiramente queria te agradecer por poder participar da nossa entrevista. Ao falar dessa sua experiência na escola você vai contribuir bastante com o nosso trabalho.

Laise: Gostaria que você iniciasse se apresentando, falando um pouquinho da sua vivência antes de entrar na universidade, o que te motivou a fazer o curso de bacharelado em Ciências Biológicas.

Guilherme: Boa noite. Eu é que tenho que agradecer por poder participar dessa entrevista, ajudar essa pesquisa. E para já começar assim,eu comecei na escola, eu gostava muita de ir na escola até. E para mim era uma coisa muito séria até. porque eu estudei em escolas muito organizadas,Com métodos bem rígidos, com disciplinas bem tradicionais. Aí era uma coisa certa, que eu devia ir e tal. Aí depois para mim ficou uma outra coisa assim. Aí depois no ensino médio eu tive várias escolhas de curso. Engraçado assim,pois minhas escolhas de cursos quando eu cheguei ao terceiro ano foi engraçada, pois eu queria fazer ou biologia, porque tem dessas coisas de ir para o Mato e observações…. mas o que me atrai a mais era a marinha, mergulho... E ao mesmo tempo eu queria ser instrutor de esportes radicais, instrutor de paraquedista e tudo mais. Paraquedismo na verdade. e era engraçada assim. e eu acabei fazendo Enem e consegui entrar primeiramente na zootecnia, Porque como aqui o vestibular era anualmente eu não consegui passar, o que eu me lembre eu tinha feito e não me

inscrevi. E aí depois eu me inscrevi no meio do ano em zootecnia,e depois consegui passar na Biologia.

Laise: Você chegou estudar zootecnia?

Guilherme: Sim estudei um semestre e foi muito interessante assim porque lá eu tive outras visões até biológicas. que eu nunca pensaria que eu ia gostar eu super animei que era microbiologia células e eu achei super interessante e fazendo zootecnia eu queria fazer biologia pelo interesse de mergulho de ter essa vivência mais perto esse contato com a natureza com a serra com os animais e aí quando eu entrei aqui foi bem louco porque na escola eu não queria ser professor eu não gostava de nada e aí eu entrei aqui na Biologia tive contatos com amigos que estudavam educação e foi quando eu comecei a falar Ah eu queria saber se processo de como é que a gente aprende. Muita gente até fala né Tem processo que a gente aprende até desigual. Aí comecei a interessar conversar com eles pesquisar e logo no segundo período eu conheci uma amiga minha que que estudava comigo e ela dava aula lá no Rio Acima que é um bairro que tem em cima do Bonfim aqui em São João e lá é bem próximo do lixão e ela dava aula nas oficinas de horta no Programa Mais Educação e ela me chamou para ajudar ela para ser uma coisa melhor pois tinha muitos alunos em média uns 23 que ficavam à tarde às vezes 20 19 por aí sempre nessa faixa. E aí ficaria mais fácil de 2 e eu tinha começado a interessar aí eu falei para ela quero sim obrigado por ter me chamado e eu vou sim. E ela me ensinou bastante coisa me trouxe muita troca e a vivência lá foi muito fantástica. E por que foi do outro lado da sala. eu estava vendo os alunos, foi muito diferente assim, e ver o quanto é importante aquele lugar ver as crianças pequenos na faixa etária de 6 a 12.

Laise: E foi a partir daí que despertou a sua vontade em trabalhar com educação?

Guilherme: Nossa foi aí que eu vi. Nossa educação é tudo. A educação está em todo momento. Isso influencia todas as nossas atitudes e escolhas e até mesmo Caminho das Sensações E aí a gente vê uma realidade muito diferente de São João Del Rei. é uma outra realidade eles estão ele meio que abandonados próximo ao lixão.

Laise: Aí os alunos tinham aula de manhã e vocês fazem oficinas à tarde?

Guilherme: Isso essa tentativa de escola integral do governo então eles oferecem diversas oficinas em diversas áreas. aí O aluno estuda durante a parte da manhã na sua frente e almoça na escola. aí depois logo em seguida ele descansa e as atividades começam lá pela 13:30.Varia de atividades durante a semana capoeira MuayThai, gente da horta percussão, teatro .É bem interessante.

Laise: E a partir dessa experiência você teve outras?

Guilherme: Depois dessa eu simplesmente facilitei oficina E aí foram para pessoas maiores e foi bem interessante mas eu nunca tive contato em outra escola sem ser criança depois eu participei na João Pio.

Laise: E você tendo essa experiência anterior, Meta escola mais tradicional,mas que você tinha liberdade de elaborar as atividades, e participando das atividades desenvolvidas na João Pio. Você acredita que foram experiências parecidas?

Guilherme: Olha a escola sendo o tradicional e tendo essas relações que às vezes o diálogo que a gente leva para uma oficina e até mesmo o modo de como dizer isso a eles é importante. Mas tinha uma supervisora que ela era Educadora física e ela era muito legal. Muito aberta, muito tranquila de entender, de querer e aí as coisas caminhavam melhor E aí as únicas falhas assim que eu viria seria só nas estruturas, no contato com a prefeitura Na necessidade de algum material que a gente fosse utilizar um captador de água, por exemplo, a gente tinha que pedir ia demorar a semana então essa dificuldade de materiais estrutura e até mesmo a dificuldade de tentar levar a Biologia para fora da sala levar os meninos para fora da sala tinha toda uma precaução e um cuidado.

Laise: E durante o curso você trabalhou em outros lugares ou suas experiências estiveram ligadas à Universidade?

Guilherme: No mais foi isso assim porque foi bem em seguida assim. Eu fiquei 2 anos no Rio Acima depois eu fiquei nesses dois anos, um ano eu fiquei no Rio Acima e na João Pio. e aí durante o curso eu facilitava oficinas. E aí teve esses contatos de outro ambiente sem ser com criança e nesse meio mais fundamental .

2ª parte–Vivência na escola

Laise: Conseguiu relembrar um pouquinho das vivências na escola?

Guilherme: Consegui.. consegui demais

Laise: É sempre bom reviver, foram momentos bons na escola.

Guilherme: Sim, sim

Laise: Então, a partir dessas vivências que você teve na escola João Pio, como você avalia a importância delas para a sua formação como professor, como educador ambiental? Queria entender um pouquinho mais da contribuição dessas atividades para sua formação?

Guilherme: Nesse contato com essa escola, com essa pedagogia diferente, eu super fiquei esperançoso e isso só transformou a minha, a minha visão da educação enquanto formador, estudantes e enquanto pessoa. Nessa relação com a educação e a gente acaba aprendendo a todo tempo. Isso é muito interessante como de um lado eu aprendi e tinha esse contato diferente nessa escola tradicional e na Escola João Pio outra possibilidade também e só chamou com as minhas expectativas de ver como educação é realmente uma coisa muito bonita (risos). Se você pensar em estar ali né e ver mesmo assim e ter o tempo de cada um. Basicamente o que eu levei para mim foi o ter contato com uma escola que valoriza isso, e isso é muito legal, é muito animador ver que funciona, ver que dá certo, e de todas as minhas vivências que eu tive na escola eu pude conversar com as crianças, teve momentos de chamar a atenção ‘olha aqui galera’, mas elas são crianças, é assim mesmo. Eles querem ver, conhecer, então eu pude mais conversar com elas, dialogar de uma forma tranquila sem ser sempre a referência deles, sem ter um degrauzinho a mais...não não eu tô ali também. Eles conversam, vem até a gente para

perguntar e não era necessário chamar atenção dele para que eles viessem eles vinham porque queriam, seja para perguntar dúvidas ou outras coisas.

Laise: Eles ficavam bem a vontade né? Uma liberdade mesmo.

Guilherme: Isso. E isso traz um novo diálogo, até pra mim fica mais confortável porque eu consigo interagir melhor e atender melhor ver o que que ele fala o que que ele tá querendo saber.

Laise: Então você estar ali realizando as atividades na prática bem próximo deles fez a diferença? Do que só ficar na sala de aula aprendendo as teorias?

Guilherme: Eu achei que foi muito importante, tanto que eu usei algumas coisas na outra escola (risos). Algumas vezes. Lá eu tinha possibilidade de levar eles no lugar onde tinha amoras. Eu entrava na sala Bom dia continuava,e depois a gente ia pegar amora. Era muito legal. Igual quando a gente tinha aquele Pátio enorme na João Pio. a gente podia correr pular brincar. e na horta sem o momento das crianças irem ao parquinho depois voltar essa mobilidade eu vi que realmente é importante.

Laise: Então você conseguiu levar uma atividade mais descontraída mesmo para essa escola dita tradicional?

Guilherme:Consegui sim. na verdade, consegui até um tempo. pois com o tempo eu fui barrado, quero dizer, não barrado mas eles alegaram uma preocupação com essa mobilidade. a escola ela fica numa comunidade bem pequena no bairro bem pequeno então essa mobilidade ela fica mais fácil é complicado você olhar ao mesmo tempo uma pessoa e várias crianças. se eu realmente entende a preocupação e vi que tinha que ter um tempo, ou às vezes pedir ajuda alguém para acompanhar comigo. que aí fica melhor até.

Laise: Mas, mesmo esse pequeno períodoque você teve a oportunidade de fazer diferente as atividades, você acha que foi bem receptivo pelos alunos?

Guilherme: demais demais, tinha dias que depois que a gente parou que eles cobravam: " a gente não vai comer Amora mais não?"

Laise: Eles experimentaram e não queriam parar mais.

G: É. E lá eu pude ver que estando naquele lugar, que eu conseguia falar diversas coisas do Rio que passava ali perto, do lixão, até mesmo lado biológico e eles estavam ali, para eles fazia mais sentido,porque estava próximo da realidade deles. Bem melhor do que se eu ficasse só falando falando e eles me escutando.

Laise: Um movimento parecido de vivenciar a realidade foi quando a aranha apareceu na horta durante uma de nossas oficinas e deslocou todas as crianças que passaram a querer saber só da aranha. Uns com medo, outros muito curiosos, você se lembra?

Guilherme: Lembro sim.

Laise: Que sensação você teve, o que você pensou na hora? Como foi vivenciar aquela experiência?

Guilherme: Quando a aranha apareceu, as crianças sempre … a aranha já é bicho bem diferente então já dá um impacto né, até na gente. Um impacto né, mas gente assim a gente fica um pouco preocupado de ter alguém que quer muito conhecer a aranha e meter a mão nela (risos). Então, Eu já fiquei bem atento, mas ao mesmo tempo vamos pensar que a aranha é um bicho muito pequeno e vocês são gigante sim né. Então vamos Tentar interagir de outra forma com aranha e tentar respeitar o espaço dela. E essas horas que eu vejo que é bom para a gente tentar mostrar outra, outras observações.

Laise: Desmistificar muitas coisas né

Guilherme: Isso. E deixar tudo mais tranquilo sem apavoramento. Senão acaba piorando até.

Laise:Usar esse espaço, esse acontecimento para uma possibilidade de ensino né?

Guilherme:Isso, exatamente.

Laise: No princípio eles ficaram com medo, esse momento acho que foi uma misturade várias coisas até mesmo nossa. E Isso é ótimo!

Laise: E com relação a momento que a gente chega na escola os momentos que você passou lá, Quais as Sensações quais os sentimentos que você experienciou lá?

Guilherme:Então, eu fui bem recebido demais nas duas escolas no João Pio.Foi demais as professoras eram incríveis mesmo. E como já tem essa recepção esse calor humano a gente fica mais empolgado de interagir melhor, que está falando bom dia mais animado de falar 'Olha estamos aqui', e lá foi para mim um meio de sensações e de vários sentimentos. Eu pude sentir várias coisas Lá na escola de todas as suas estruturas assim,desde os alunos até a diretora e ver alguns momentos que realmente como que esse contato me põe em pés no chão. Eu acho que essa é a minha maior sensaçãoque eu tenho. Eu posso descrever aqui vários adjetivos muito bons,ficar falando de várias horas, masuma coisa que me fixou na cabeça foi esse pé no chão. Eu chegava assim né graduando a gente tem aquela Crise existencial aí vêm as professoras, e você chega lá na escola, e é vida. Então, tipo não tenho problemas,tô reclamando de barriga cheia. Então eu tenho todo esse tempo que eu tô estudando para chegar né e tentar transformar deixar uma parte minha ali. E esse pé no chão é uma forma muito interessante, é como você conversa com aquelas pessoas com aquelas criança e isso é um desafio porque é como interagir mesmo do quê que eu vou falar como eu vou falar e essa outra sensação foi bem um desafio, um desafio de estar ali e tentar ter outros diálogos escutar mais eu pude escutar mais,e falar também até, contribuir bastante.

Laise: E a sua experiência com o tempo foi melhorando? Por exemplo, apesar de você ter uma experiência anteriorvocê tinha alguma insegurança que depois com a prática foi melhorando?

Guilherme: Eu me via muitas vezes numa escola tradicional, e são crianças né,muito movimento e eu subia com eles eu começava a tentar falar mais alto do que eles e a gente começava disputar . E aí com o tempo fui vendo que não precisa disso. E essa outra escola me pôs isso, esse pé no chão de saber que eles estão crescendo, então tem que ter paciência e tem que compreender e viver aquilo também.

Laise: Realmente, a gente como educador estando passando por este processo a gente fica nesse meio lugar: ainda não somos professores e estamos tentando ser e também não somos alunos, estamos nos tornando professores. É uma mistura de sentimentos.

Laise: Nesse tempo que você passou na escola o que mais mudou, o que mais você vê de diferente na sua formação? Principalmente pelo fato de você ter vivenciado uma prática diferente;

Guilherme: Eu pude crescer e ainda acha que essa é uma grande caminhada das relações. Por que as gerações mudam e a gente vai mudando e tudo é um ciclo e vai vai vai. E eu pude perceber que nessa escola pelo fato de ter essa liberdade dos alunos ter todo esse contexto e a gente poder ter a educação ambiental naquela relação tirando da reciclagem, não só ficando nela e ressignificando, então isso para mim só acrescentou de ter uma real paciência em como ter a didática e como estar ali e ser professor. Todo dia era uma coisa. Sempre tem alguma coisa,com a moça que nos sede alimentação sempre havia uma história,sempre tinha alguma coisa que você leva e fala ‘ Olha, tenho que prestar atenção nisso ou naquilo’. Tudo isso só me cresceu enquanto eu tentar né ser um educador. Essa era a expectativa.

Laise: Qual foi a vivência que foi mais significativa, que mais marcou você neste período? Tem alguma ou algumas?

Guilherme: Tenho váriassss. Tenho váriasss na verdade (Risos)

Guilherme: Não sei uma especificadamente, mas ver a transformação do aluno obeso, o Guilherme, que não conseguia andar, a transformação dele para mim foi impressionante. Eu me senti super humano de ver o crescimento dele e ver ele depois super tranquilo aí eu pensei ‘ meu Deus! Que coisa mais louca’. E ver que como é incentivo, a presença e todo mundo que estava lá para ele fez diferença.

Laise: Realmente, a superação dele foi demais.

Guilherme: Para mim isso foi mais uma resistência, que eu tenho mais em mimque quando fala João Pio eu lembro logo em seguida. Mas os outros assim todos são pérolas. Super. Engraçadas as falasdas crianças,perguntas muito engraçadas, espontâneas.

Laise: Um dos acontecimentos que a gente presenciou e eu destaquei do seu texto foi quando a Maria ela vai à horta e colhe os nossos vegetais Se você estava lá queria que você escrevesse a suasensação.

Guilherme: Ver a Maria colhendo e poder participar do que a gente fez foi muito gratificante.Porque isso não dá uma segurança me deu uma segurança até mesmo em nós, eu fiquei super feliz com nós,(risos). E eu pensei ‘caramba gente conseguiu!’ E todo mundo ajudou. Foi bem,bem, bem interessante. E ela ter resgatado essa participação da horta, ter visto essa relação dela já sabendo que ela conhecia e tudo mais, eu vi que, realmente, como é que acontece uma educação ambiental. Foi até um produto bem fora dessa prova científica até. Uma coisa que minha, que eu senti mesmo de ter visto lá e que funcionou. Se tá ali direitinho a horta, descobrindo esse jeito diferente de produzir, com folhas, serapilheira e tudo mais. Essa troca de conhecimentos

dela ali tentando aprender e a gente trocando. Eu acredito que a gente contribuiu com essa oficina, uma facilitação, possibilidades pra ela indiretamente.

Laise: Não foi aquela coisa prescritiva né? A construção foi vivenciada por todos.

Guilherme: E é muito bonito, você ver uma coisa que você ajudou a construir, e está rolando de boa, está funcionando, e ela está interagindo. Nooossa! Aí falei ‘ Olha, eu fiz’. Fiquei muito empolgado (risos).

Laise: E mais uma vez a gente vê o quanto este trabalho prático engrandece tanto quem constrói quanto quem participa do processoquanto quem pode usufruir disso.

Guilherme: Realmente. Foi pra além da nossa ‘turma’ que estava ali. E isso foi bom, ver assim.

Laise: Muito bom. Você falou um pouquinho da educação ambiental, qual foi sua primeira experiência em educação ambiental? Você sempre quis trabalhar com estas questões ambientais?

Guilherme: Então, essas questões ambientais sempre me pressionavam um pouco. Eu venho de um bairro que teve uma relação ambiental e eu cresci numa bem diferente, o bairro Tejuco. E lá o córrego passa e tem muitos acessos ao rio. O rio era coberto de lixo, todo coberto, era um manto, várias sacolinhas. E a galera, e a gente não pode culpabilizar, então eu sempre tive essa vista ruim, tipo eu jogo ali fora mesmo. Eu não estou participando ali do córrego. Ele passa lá embaixo e a gente não tem interação nenhuma com o córrego, que antigamente tinha. Minha mãe nadava no rio que passava atrás da casa do meu avô e tinha peixe lá, lavava roupa. Então tipo foi ontem, minha mãe era um pouco mais nova. E aí tipo saber disso e ver que foi daquele jeito que eu cresci foi bem estranho pra mim. Eu sempre preocupei mas não foi aquela forma de entender e preocupar porque eu jogava também, porque eu não sabia como era. E o primeiro contato que eu tive foi com uma professora de ciências muito brava que super estimulou um trabalho bem alternativo que estimulou a gente a pesquisar coisas do nosso bairro sobre o lixo. E tinha até perguntas norteadoras que falava sobre coleta seletiva. E aí foi quando eu gostei daquela área, empolguei e falei nossa que legal e tudo mais. Mas aí com o tempo eu sempre interagi, preocupei, aí fui ficando mais velho fui entendendo melhor e depois eu consegui fazer ela aqui no curso.

Laise: E como foi essa experiência?

Guilherme: E essa experiência foi muito impressionante, foi bem crescimento pra mim e me fez entender que não é só árvores que é o meio ambiente e que eu sou a natureza, que a minha sociedade também é a natureza e que a gente só tá fazendo as possibilidades um pouco meio erradas, acelerando os processos meio ruins (risos), estamos meios perdidos.

Laise: E você participou do grupo de estudos Filhos da Folha?

Guilherme: Participei, participei do grupo que só me cresceu também. Das minhas relações desde comigo mesmo até o meio social e a natureza que tudo lá em cima também, contribuiu demais a permacultura e conhecer outras correntes também e varias outras coisas.

Laise: Justamente. O fazer educação ambiental tem várias formas né? E o que você acha dessa maneira de se utilizar a permacultura lá na escola, como que isso contribuiu para você como formador porque é prática outra que foge do tradicional também.

Guilherme: Eu acredito que só facilitou esse método da permacultura porque ela trata de princípios que nos interagem de uma forma harmônica, de uma forma compreensiva e paciente das coisas com nós mesmos e com todo mundo. Então se isso já é uma base que facilita para nós mesmos que é tão difícil nos entender e interagir com os outros então só facilitou mesmo. Foi um deslanche para as oficinas e para compreender como que dialoga com a perspectiva da educação ambiental que realmente o sujeito também faz parte e que esse meu diálogo do cotidiano também é uma educação ambiental. E a permacultura com os princípios de cuidar da terra, cuidar das pessoas, compartilhar os descendentes, como eu significo as demandas e como eu entendo as demandas, o que que eu fiz de errado, vamos melhorar e transformar, isso só cresce a prática de educação ambiental, as oficinas, isso só tende a somar sempre. As correntes que hoje em dia tem esse respeito maior com a relação da natureza e a permacultura tem todo esse viés, ela tem toda essa expectativa e essa vontade de interagir melhor.

Laise: Uma coisa que você destacou também em seu texto foi a união de todo mundo, de trabalhar junto, que você gostou de ver como que isso foi acontecendo. Assim acredito que a permacultura possibilitou isso, pois a gente poderia ter ido lá, desenvolvido uma horta excelente e sem a participação de ninguém e eles iriam observar. Mas a gente preferiu fazer de outra forma com todo mundo junto.

Guilherme: Eu acredito que é isso! E eu sempre não gostava de ter essa autoridade de ter ...haa ô 'professor'. Não, o Guilherme né, mesmo... E isso participando todo mundo da construção, além de facilitar todo o trabalho, além de só integrar ao invés de segregar que é até mesmo o princípio da permacultura eu acredito que é necessária esta participação de todos. É importante você sempre estar atuando nos seus objetivos, em conjunto e estar ali, porque isso te faz crescer enquanto coletivo de saber que tem um mundão e que eu faço parte, que eu tô dentro e você acaba significando você mesmo, a sua participação e isso é importante.

Laise: Poderíamos dizer então que seria um diferencial para sua formação, que foi um diferencial participar desse modo que foi feito.

Guilherme: Foi demais pra mim, foi demais. Foi um diferencial que... que eu só me apaixonei mesmo assim pra poder tentar e descobrir mais e ir testando, ir aplicando em mim, no meu cotidiano, na minha profissão, na minha vida.

Laise: E essa prática te ajudou a perceber, ou não, que é possível fazer diferente, que é possível ter uma prática diferente?

Guilherme: É possível. E o mais interessante disso é que a permacultura não vai apagar pra criar de novo as coisas. Não tem o de novo, o recomeço. Haa se tá tudo ruim a gente tira e faz de novo. Não, vamos ser realistas, olhar e ver 'haa não, não dá assim' porque que não pode ser assim? A gente sabe que é melhor também, vamos tentar escutar esse lado. Então isso é bem legal e bacana pra ver que funciona mesmo e funciona mesmo. Tem as suas dinâmicas e particularidades porque é um contexto diferente. Mas assim, nada tão impressionante, nem longe. Ficou sabe... um diálogo normal, ficou, sabe,

aquela coisa de profissão e tal. Não precisou disso, a gente fazia, mexia na horta, tinha as oficinas, então foi legal.

Laise: Não precisava se preocupar com a formação, as coisas aconteciam, seria isso?

Guilherme: Isso, isso. E vinha as percepções de uma clareza dos objetivos, que acaba você não saindo mesmo do meio teórico, então tinha momentos que eu falava 'Olha, lembrei disso assim, ou fiz analogia com esse momento então entendi agora'. Então isso me ajudou sem eu precisar ter que ler todos os capítulos, todas as páginas, uma coisa bem metódica, extrema.

Laise: Então é como se, por exemplo, te ajudou compreender o que na teoria muitas vezes esteve incompreensível, seria isso?

Guilherme: Eu particularmente sou uma pessoa que precisa de movimento, então eu aprendo um pouco mais até no movimento. A aula, pra mim, teórica eu perco o foco um pouco grandemente, fico disperso ás vezes.

Laise: E essa prática te ajuda?

Guilherme: Sim, porque eu preciso estar, estar ali então eu tô movimentando, então não tem onde fugir, não tem o que eu desfocar, porque está ali acontecendo, tô focado, tá ali e tá acontecendo, tô aproximando. E eu agrado muito disso.

Laise: E ao continuar e ver a sua prática hoje, e outras que você possa ter desenvolvido, contribuiu de alguma forma para sua formação?

Guilherme: Sim, sim, Contribuiu bastante. Que na verdade eu não estou trabalhando mais com educação. Mas acaba que, teoricamente né, acaba que agora eu tenho mais contato com a comunidade então também estou fazendo a mesma coisa. Eu trabalho numa horta comunitária então eu tenho contato diário com várias pessoas.

Laise: Uma educação não formal. Então ainda continua num outro tipo de educação. O que essa prática contribuiu também, você se sente mais preparado?

Guilherme: Sim, e logo abaixo de onde eu trabalho tem uma horta. Tem uma horta não, tem uma escola e aí a gente tem contatos, os meninos já foram lá. E aí eu já dei várias oficinas, para várias escolas que foram lá visitar a horta. Então o que eu vivenciei super não abandonei assim. Eu distanciei um pouco mais voltou, então acabou sendo só melhor pra mim ter vivenciado, experienciando isso.

Laise: De outras formas.

G: É. E tem outra coisa super interessante, que é incrível até. Tinha uma menina que eu dei aula no Rio acima e ela mudou e estuda perto de onde eu trabalho. Aí ela e o irmão dela e mais uma colega as vezes vão direto na horta e eu super troco ideias com eles, falo das formigas, das azedinhas, das plantas... E foi muito legal assim.

Laise: Bom, voltando um pouquinho para o curso de ciências biológicas no geral aqui da universidade, no seu caso em especial o bacharelado, ele não tem contato com as disciplinas pedagógicas, e você acha que esta atividade, ela de alguma forma, mesmo sem você ter tanto contato com a teoria te proporcionou vivenciar esta educação na

prática? Porque você neste caso no bacharelado não tem esse foco da sala de aula, então a partir dessa vivência, o que você pode falar dela que contribuiu muito pra você querer estar nesse meio.

Guilherme: Eu acho que a licenciatura, ela é fundamental e não nos deixa bobos competidores, não é preciso. Tem tantos problemas na situação real que não há tempo de competir. E o mercado e todo esse contexto do bacharelado impede de, teoricamente, eles alcançarem se só tem a teoria em alguns campus então você acaba transformando seu estudo e sua profissão só naquele momento 'Eu vou para faculdade' ' Eu vou para aula de tal', então só fica ali, naquele quadrado porque eu estou pesquisando só ali. Ou se não eu vou até lá e não tem esse cotidiano cara, que é você com sua família, seus amigos e com quem você vive, seus colegas, cachorro e etc. E eu acho que eu não pude... eu fiz algumas matérias opcionais da licenciatura, optativas na realidade e eu acredito que querendo ou não, a parte teórica com a gente destaca e vamos precisar formar e certificar isso eu acredito que deveria acabar essa divisão deveria ser Ciências Biológicas. Se você estuda Ciências Biológicas se você precisa divulgar o seu conhecimento, você precisa falar pra pessoa 'Eu trabalho com isso'. Isso só vai te formar enquanto individuo assim para ter uma paciência, ter todas as características melhores que a vivência te dá também na licenciatura. Sei lá como dizer, essa preocupação até de se entender e entender como você aprende, 'Como eu me interesso mais por conhecer? Haa será que eu gosto de desenhos? Será que eu gosto de escutar alguma coisa ou eu realmente consigo focar ou eu preciso ler num lugar super silencioso assim? Ou num lugar que eu preciso de música?' sei lá. Então eu acho que é simplesmente facilitar as coisas enquanto nós formadores e biólogos e pesquisadores até. Então não sei porque tem essa divisão né, assim, entre aspas (risos).

Laise: Então essa vivência que talvez você não teria a oportunidade de ter no seu curso foi uma coisa outra que você procurou ou te encontrou e que te diferencia de seus colegas no caso?

Guilherme: Sim, do bacharelado sim. Porque acaba que realmente eles querem especificidades maiores, particularidades maiores de contato de pesquisa então eles acabam,,, é nada impede de estar nesse lugar mas eu acredito que a licenciatura e todo esses conteúdos eles iam nos melhorar, nos compreender e estar nessa pesquisa e a troca inteira que vai rolar.

Laise: Essa relação teoria e prática você vê no seu curso de bacharelado como você pode ver e experimentar lá, de outras formas outras disciplinas ou não é uma parte bem tradicional?

Guilherme: Não, é bem tradicional. Assim, essa aproximação com o bacharelado tentar, tentar não passar a teoria ele cria outra expectativa de olhar. Então você tem todo um contexto de ser pesquisador na nossa sociedade atual em todas as realidades então você vai ser pesquisador para alguma coisa e alguém vai te financiar, alguém vai te dar esse privilégio pra você pesquisar. Então convenhamos entender todas as minhas participações onde eu interajo e acaba que a licenciatura te dá uma possibilidade melhor de avaliar e de aceitar o feedback né? Tem essa importância. E eu vejo que o curso acaba precisando muito da teoria porque realmente são muitas coisas e muitos caminhos. Então é necessário estudar precisa ter esse tempo, mas a prática é um pouco

falha pelas questão de disponibilidade de ônibus, estrutura, mas existe algumas e são muito legais também, não são ruins.

Laise: Quando essa prática ocorre então tem todo um diferencial?

Guilherme: Tem, todo um diferencial. Até mesmo o próprio professor pesquisador eu acredito que se ele desse mais aulas na pratica ele conseguiria descobrir a licenciatura como real método cotidiano e ver que nossa como que a psicologia da educação...

Laise: É muito mais do que isso que acontece né na universidade que é um acúmulo de conhecimentos e as experiências são muito raras.

Guilherme: E elas são muito importantes, a gente tem que nos valorizar os nossos olhares, porque a gente acaba assim ‘ Segundo fulano...’.

Laise: E te deu vontade de posteriormente cursas a licenciatura pra você voltar para a sala de aula?

Guilherme: Simm. Sim eu quero me formar nos dois e ter a possibilidade de talvez exercer a licenciatura mesmo.

Laise: E essa experiência na escola ajudou nesta decisão ou você sempre teve em mente isso?

Guilherme: Nãoo, ajudou nessa decisão, a vivência super ajudou porque quando a gente não vive a gente expectativa demais e exige demais e a gente esquece de sofrer um pouquinho, de entender o que é que está acontecendo neste momento. Então me deu essa possibilidade de enxergar realmente esse outro lado. Eu, realmente, estou ali facilitando o momento. Então olha como realmente isto é desse jeito agora. Então eu vejo, hoje em dia, a educação e educadores como resistência cara. Como resistência de mudança de possibilidades.

Laise: Você consegue perceber que a partir dessa experiência é possível fazer uma educação diferente, é possível formar professores de forma diferente, contribui?

G: Sim, sim. Eu acho que super contribui porque já que você consegue compreender o tempo de cada um e isso enquanto formadores e graduandos para licenciar isto vai só acrescentar nesse autoconhecimento deles e dessa relação que vai ser, e vai ser diferente porque pessoas são diferentes e isto é muito legal.

Laise: A tendência nosso quando vai ser professor é levar a imagem de quem já foi nossos professores, então isso a gente carrega muito na experiência nossa. Aí eu acredito que seus professores...você teve mais contato com professores mais tradicionais na sua época escolar?

Guilherme: Sim, sim. Alguns professores eram bem dinâmicos, tinha uns que eram bem engraçados e deixava a matéria bem mais tranquila e outros mais exigentes etc. E eu pude fazer várias oficinas, eu fiz oficinas de vários... teatros, assim sempre gostei da arte do desenho, sempre gostei muito do desenho mas não sei desenhar (risos).

Laise: Não (risos).

Guilherme: Sei desenhar o meu desenho (risos). Mas uma coisa realista... ainda não, eu espero conseguir. Mas foi bem... só por isso assim. Eu tive uma professora de português bem legal, ela deixava a aula pra mim bem mais confortável.

Laise: E mesmo com essa dificuldade que a gente tem com outros órgãos dentro da escola: direção, supervisão, você acha que mesmo estando numa outra escola, dita tradicional, você acha que vai ser possível fazer diferente? Você vai querer? Te ajudou nesse pensamento?

Guilherme: Sim, sim. Me ajudou a ver que é nesse lugar, é nesse lugar que a mudança tem que começar e, é em todo lugar também. Mas, assim, aí que vai ser o desafio, porque tem dois grupos os adultos e os crescidos, os crescentes, os indivíduos menores, os adolescentes. Então dois grupos que eu vou tentar entender a demanda deles e saber as realidades e não ficar nessa bolha mas ir entendendo como eu vou trabalhar e poder somar e as vezes deixar alguma possibilidade que eu possa mostrar.

Laise: Não só ensinar por ensinar.

Guilherme: No diálogo mesmo, não só com a direção e ir entendendo as vivências de cada um e sendo paciente, paciente. Porque cada uma tem seu tempo de todas as coisas.

Laise: Bom, a gente já está finalizando, e só pra gente refletir mais um pouquinho, o que mais ficou nessa escola que te marcou e que te fez formar professor? Quais momentos que foram fundamentais.

Guilherme: Acho que o momento de construção da horta que foi um momento bem rico. A aranha que era uma tarantulazinha, a Maria, a diretora conhecer ela, as professoras também de lá, este contato, todos os alunos de lá cada um com suas pérolas e perguntas engraçadas, os desenhos que a gente podia ver ali, as perguntas, os jogos, as rodas, então em vários momentos eu pude tentar entender ali o que que eu ia tirar dali assim. Até mesmo no resultado diário foi uma atividade, não só como autoconhecimento, mas as vezes... a gente não reflete todo dia também não né? (risos).

Laise: Então a todo momento, e dentre eles aqueles que você relata, foram nesses momentos que você foi se formando professor.

Guilherme: Foi, foi sim. E ter visto o rapazinho.

Laise: Você experienciou na prática, pois a gente vê tanto se falar em inclusão e a gente não está preparado, mas quando você vivencia ...

Guilherme: Aí, aí que você fala ‘ Nossa se tornar educadores está pra muiiiiiiiiito mais além do que eu só passar a matéria e conteúdo. Eu tenho que aprender a entender ele, ela, todos.

Laise: Então você acha que esta vivência, o diferencial mesmo foi vivenciar na prática tudo isso.

Guilherme: Foi, foi vivenciar na prática mesmo tudo isso. E até mesmo a construção da hortinha foi uma, uma... Eu me senti realmente ali numa pedagogia e etc. porque eu

gosto de estar na horta e tudo mais. E eu fazendo uma coisa que eu gosto, estando ali no campo que eu gosto, podendo ensinar pros moleques é muito legal (risos).

Laise: E você viu o momento em que ele não quer tirar os sapatos enquanto a gente estava mexendo na terra aí a Priscila começa a cantar e todo mundo começa tirar os sapatos para mexer com os pés na terra e ele não quer tirar o sapato e com muito custo a gente consegue convencer ele e aí depois ele não quer mais por os sapatos.Você presenciou esta situação?

Guilherme: (risos). Eu lembro, eu lembro. Eu tirei até os sapatos. Eu lembro. E aí que... Nossa! Isso aí você me lembrou agora na verdade, que ele não queria mais por os sapatos (risos). Nós somos uma espécie da experiência acredito. Eu acredito que estudando Biologia e pelas matérias da licenciatura eu vi que somos culturais e isso nos forma enquanto um ser animal do cladograma, da espécie homo sapiens. Então isso me clareou muito essa observação.

Laise: E em relação as imagens que eu trouxe, te ajudou um pouco a relembrar?

Guilherme: Ajudou... e tocou também. Eu... a hora que eu vi o rapazinho e vi outras crianças, vi a Maria e todo mundo.

Laise: Foi bom relembrar?

Guilherme: Foi muito bom.

Laise: Foi um período então gratificante pra você.

Guilherme: Foi. Eu só tenho a agradecer, só tenho a agradecer mesmo assim. É a única que eu acredito.

Laise: Teria alguma crítica ou algum momento que pensou que poderia ser diferente.

(Neste momento há uma pequena pausa na entrevista, pois somos atravessados pela passagem de um animal no muro de frente a Janela do LEBIO. Ele para, nos olha por alguns segundos e segue a diante. Pergunto ao Guilherme qual animal era e ele responde que é um gambá. Eu e Guilherme ficamos observando sem fazer nenhum movimento brusco. Fiquei maravilhada com a ilustre presença, pois nunca havia visto um tão de perto. E esse episódio me retoma outro episódio que ocorreu na escola:

Laise: Me lembrei de um episódio que aconteceu na escola e, assim como este, fiquei maravilhada. Foi quando vi a flor de abobrinha a qual nunca tinha visto e, quando eu cheguei e vi aquela enorme e belíssima flor amarela. E o Vinícius nos disse que era uma flor de abobrinha e eu falei 'Nossa! Que linda esta flor de abobrinha!'. Um sentimento gostoso e a escola nos proporcionou vários sentimentos.

Laise: Então, teria alguma coisa que eu não abordei que você queria falar que você acha importante nessa vivência na escola ou algum outro momento?

Guilherme: Haa eu acho que não. Eu acho que as vezes a gente tenha, mas de agora eu não consigo recordar. Eu tô lembrando só dos momentos bons. Mas a gente sabe que existem outros lados, mas acho que negativar e julgar não é necessário e sim aponta-los de uma maneira de tentar crescer mesmo. Mas eu não consigo ver um ponto que

realmente eu podia... Porque são vivências, rotinas, acontecem tudo, as coisas acontecem e a gente tem que saber lidar igual ao rio, o rio caminha e nada impede ele de parar, ele simplesmente passa por cima porque as coisas são diluídas.

Laise: E nesses acontecimentos você acredita que são eles quem possibilita essa experiência? Que é neles que a coisa acontece? Pode ser bom ou ruim, mas acontecem. Porque te movimenta, faz você sair de um lugar confortável e pensar, por exemplo, quando aparece a aranha você estava confortável com a sua oficina e quando vê aparece uma aranha ou algo inesperado e aí como é que você vai fazer.

Guilherme: Aí eu acho que é isto que é bom também pois eu acredito que as coisas, até mesmo isso, que as coisas ditas ruins elas tem todos seus contextos mas são um alerta, atenção, a vida não é só esse mar de belas coisas boas. Volta, não sonha muito não, sonha mas... realidade. Tem milhões de seres, 'olha a aranha aqui', não tá só nós naquele espaço. E isso é até uma estratégia, o momento aconteceu e aí? E agora?

Laise: É isso mesmo. Aí a pessoa vai ter vários desses momentosinesperados. Eu já tive vários deles (risos). Você está ensinando uma coisa aí o aluno te pergunta outra completamente diferente e você não pode deixar passar.

Guilherme: Tem que tentar entender aquele momento e enfrentar mesmo.

Laise: Bom, então era isso Guilherme. Muito obrigada mais uma vez pela sua disponibilidade.

Guilherme: Agradeço demais.

Laise: Vai contribuir muito com a nossa pesquisa. Muito obrigada Guilherme!

Guilherme: Que bom. Obrigado Demais.